

CES | Revista

ISSN 1983-1625

Administração **Arquitetura e Urbanismo** Ciências Biológicas **Engenharia Elétrica** Engenharia de Software **Engenharia de Telecomunicações**
Design de Moda **Design de Interiores** Filosofia **Gastronomia** Gestão de Recursos Humanos **Jornalismo** Marketing
Mestrado em Letras Psicologia **Publicidade e Propaganda** Sistemas de Informação **Teologia**

PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

33

v. 33 n. 2 ago./dez. 2019



ENTRE DESCOBERTAS E RELEITURAS, A PESQUISA

Mariana Aparecida VENÂNCIO¹
Juliana Gervason DEFILIPPO²

Tudo está dito, e viemos tarde demais, há mais de sete mil anos que há homens que pensam: é assim que é preciso começar o primeiro capítulo, sobre os livros.

Jean Luc Nancy

O filósofo francês Jean-Luc Nancy, no ensaio intitulado **As razões para escrever** (1977)³, disserta sobre o desafio e a necessidade de se escrever sobre o

¹ Mestra em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: <marianaavenancio@gmail.com>.

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2011). Pós-graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), sob a supervisão do Prof. Dr. Karl Erik Scholhammer. Coordenadora Adjunta e Professora Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Editora-gerente da CES Revista. E-mail: <julianagervason@cesjf.br>.

³ NANCY, Jean-Luc. As razões para escrever. In: _____. **Demanda: Literatura e Filosofia**. Tradução João Camillo Penna, Eclair Antônio Almeida Filho e Dirlenvalder do Nascimento Loyolla. Florianópolis: Editora UFSC; Chapecó: Argos, 2016. p. 21-30.

livro. O desafio impõe-se pelo fato de que grandes discursos já estão produzidos e estabelecidos, de um modo praticamente inquestionável. A barreira do desafio é transposta, no entanto, pela necessidade de se discutir as infindáveis possibilidades abertas pelos referidos discursos clássicos, por meio de releituras, questionamentos, verificações e desdobramentos.

Os movimentos intrínsecos à pesquisa podem ser descritos de maneira semelhante em todas as áreas, para além da Filosofia e da Literatura. Grandes teorias estão estabelecidas, mas novas discussões se originam da audácia de seu confronto, nas releituras possíveis, nas recombinações de diferentes discursos teóricos, nos questionamentos de pressupostos já consolidados ou mesmo na criatividade da apresentação de novos objetos. Por isso, a pesquisa jamais será um trabalho esgotado. Suas possibilidades são, realmente, infindáveis e instigantes.

Um periódico científico encontra razão de ser não somente na divulgação de resultados já alcançados ou na constituição de um repositório de parágrafos já escritos e citações lembradas. Antes disso, o periódico científico tem o valor de constituir-se em um lugar no qual se podem abrigar os novos pensamentos – que se fazem novos pela releitura de antigos, se mostram instigantes pela proposta de objetos antes nunca investigados, provam seu valor por meio da exposição de reflexões diferenciadas.

Em um contexto como o da sociedade atual – em que o velho tem sido sinônimo de descartável e substituível – é primordial refletir sobre o valor das antigas teorias e das velhas referências como bases para as novas propostas e os novos discursos. A apresentação de novos olhares não inutiliza a pesquisa precedente: antes, eterniza seu valor precursor que a faz tornar-se verdadeira tradição. A descoberta, assim, não inutiliza a releitura, nem a faz menor – mesmo porque a releitura é a descoberta de um novo olhar sobre a obra já produzida.

Nessa perspectiva é que a **CES Revista** deseja estar inserida no campo da pesquisa interdisciplinar. Acolhendo trabalhos nas diferentes áreas do conhecimento, ela deseja reunir as pesquisas por seu caráter **inovador** que, ainda

assim, não tenha perdido de vista seus aspectos de **continuidade** com relação aos importantes discursos já produzidos e consolidados. Assim, nosso processo editorial tem valorizado, ao longo dos últimos períodos, tanto a ousadia e a criatividade das propostas, quanto a relevância das referências apresentadas como bases para as pesquisas que em nosso espaço desejam ser divulgadas. Acreditamos que a excelência do trabalho editorial que aqui se registra tem sido reconhecida por âmbitos importantes da pesquisa brasileira e do exterior justamente porque, mais que escolher e publicar artigos, nossa dedicação está sobre a pesquisa em sua essência, na ousadia de sua resistência frente aos desafios e à desvalorização contemporâneos. Assim, nos honramos em apresentar um número que contém artigos que consideramos verdadeira pesquisa, alinhados aos critérios de excelência que adotamos em nossas avaliações, fazendo com que os originais aqui veiculados alcancem a preponderância nos âmbitos acadêmicos.

Nesta edição da **CES Revista, v. 33, n. 2 (2019)**, apresentamos um total de onze artigos, agrupados segundo suas áreas do conhecimento. Todos eles têm uma linha metodológica comum: apresentam novidades na pesquisa a partir de eixos teóricos clássicos e consolidados. Assim, o leitor que dedicar-se ao exame deste periódico deparar-se-á com discussões que focalizam desde autores de Literatura contemporânea – que ainda produzem conteúdo – até conflitos psicológicos que atualmente têm sido discutidos e apresentados sob nomenclaturas teóricas novas. Fica evidente, no entanto, que nenhuma dessas discussões está desamparada no que se refere a referências de clássicos estudos.

Abrimos a edição com a **área-mãe, Letras**. Nela, figuram cinco originais dedicados ao estudo da Literatura. **O booktube e a formação de sujeitos-leitores**, de autoria de Dayse Rodrigues dos Santos e Anair Valênia, analisa como o conteúdo digital disponibilizado pelos *booktubers* tem alcance e protagonismo cada vez mais crescentes e significativos na formação dos leitores contemporâneos. **Lúcio Cardoso no contexto do romance de 30: um intimista**, de Renato de Souza Alvim, analisa a presença da obra de Lúcio Cardoso no segundo momento do

Modernismo, apresentando seu caráter intimista. De Alex Martoni e Maria da Aparecida Pires, publicamos **Cantos do mundo: o peso e a leveza na prosa de Conceição Evaristo**. Os autores apresentam um olhar sobre a obra de Conceição Evaristo, importante voz brasileira contemporânea, especialmente a partir das obras *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Olhos d'Água* (2014). Seu retrato da população negra e feminina levanta questões que serão comuns ao artigo seguinte, **O protagonismo negro na poesia e na cultura afro-brasileira**, das autoras Patrícia de Paula Aniceto e Nícea Helena de Almeida Nogueira. Além de discutir as obras de Conceição Evaristo, o artigo retoma também a literatura de Elisa Lucinda, analisando seus discursos – tão contemporâneos – à luz de antigas e consolidadas teorias literárias.

Na seção dedicada à **Publicidade e Propaganda**, a contribuição é de Alyssa Helena de Oliveira Piazzzi e Letícia de Sá Nogueira, com o artigo **Identidade sonora das marcas: no ritmo da Delivery Much**. Nele, as autoras analisam como o som estabelece um vínculo afetivo entre uma determinada marca e seus consumidores, com a relevância de investigar as inovações que a contemporaneidade tem oferecido às relações de consumo e de mercado.

Em seguida, apresentamos a seção dedicada às **Ciências Biológicas**, também sempre presente nas edições da **CES Revista**. Caroline Almeida do Vale e Fábio Prezoto publicam **Fauna urbana: quem vive aqui?** Os autores discutem o impacto da destruição e exploração dos espaços naturais por meio da análise de como determinadas espécies passam a ocupar o espaço urbano porque perderam seus locais de origem. Sua relevância está no apontamento da necessidade urgente de um planejamento urbano que não impeça o avanço das cidades, mas esteja atento à preservação estratégica dos espaços naturais.

Encerramos a edição com a seção dedicada à **Psicologia**. **Reflexões sobre os benefícios da tristeza segundo a neurociência e a arte fílmica Divertidamente**, de autoria de Eliane Ferreira Carvalho Banhato, ressignifica a percepção atual sobre a tristeza mostrando que, apesar de o discurso corrente associar o sentimento ao que é negativo e relacioná-lo ao fracasso humano, a neurociência

vem mostrando o aspecto positivo da tristeza sobre a existência. O exemplo utilizado para ilustrar as discussões científicas do texto é a animação **Divertida mente**, na qual alguns sentimentos humanos figuram como personagens peculiares. Em seguida, apresentamos o artigo de Marisy de Souza Alves e Andreia Monteiro Felipe, intitulado **A implantação de falsas memórias na Síndrome da Alienação Parental**. Nele, as autoras discutem os conflitos que se associam à Síndrome da Alienação Parental, especialmente o movimento de criação de falsas memórias, utilizadas por um dos genitores para promover o afastamento afetivo de uma criança em relação a seu outro genitor. O artigo é de base bibliográfica e discute importantes teorias associadas a este campo do estudo psicológico. **Psicologia e Direitos Humanos no sistema prisional feminino: um olhar sobre a maternidade**, dos autores Juliana Pereira de Oliveira Tostes e Conrado Pável de Oliveira, reúne ao menos duas discussões totalmente contemporâneas: a primeira delas é a questão da desigualdade de gênero, agravada por diversas instituições sociais e a segunda é a urgência da discussão sobre o sistema prisional, sobretudo no âmbito brasileiro. O foco do artigo é discutir as privações relacionadas ao exercício do que é próprio da maternidade em relação às mulheres que encontram-se detidas em prisões no Brasil. Também relacionado às questões da maternidade está o último artigo, que encerra esta edição. De autoria de Adriana Sperandio Ventura Pereira de Castro, Isabela de Lima Germano e Thais Helena Ferreira, publicamos **Os aspectos psicológicos da mulher: da gravidez ao puerpério**. Nele, as autoras discutem idealização, exposições e transtornos associados ao período da gestação e ao tempo que a sucede, conhecido como puerpério, por meio do levantamento bibliográfico acerca do tema.

Como temos feitos em correspondência com nossos autores, no início deste volume, agradecemos a cada autor e a cada autora por considerar a **CES Revista** como um meio para a publicação de seus resultados e discussões. Se hoje o nosso periódico alcançou um lugar de destaque entre os pares, isso se deve muito à excelência dos autores veiculados nesta e em outras edições, que fizeram com que

a **CES Revista** fosse se tornando, aos poucos, um lugar seguro no qual abrigar a pesquisa recente. Não se pode deixar de registrar um agradecimento também aos leitores que têm considerado este espaço como uma referência confiável e de credibilidade.

Certas de que este volume é coerente com o esforço de excelência que temos empreendido, convidamos cada um à leitura frutuosa destes trabalhos.



Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Dezembro de 2019

O BOOKTUBE E A FORMAÇÃO DE SUJEITOS-LEITORES ✓

8

Dayse Rodrigues dos SANTOS¹
Anair VALÊNIA²

✓ Artigo recebido em 06/09/2019 e aprovado em 28/10/2019.

¹ Docente do Instituto Federal do Pará - IFPA/Santarém. Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás - UFG/Regional Catalão. E-mail: <dayse.rodrigues@ifpa.edu.br>.

² Doutora pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, no programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, área de concentração em Linguagem e Tecnologias, com linha de pesquisa em Linguagem, Ensino e Mediação Tecnológica (2013). Docente no Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Mestrado em Estudos da Linguagem. E-mail: <anair_valenia@hotmail.com>.

**O BOOKTUBE E A FORMAÇÃO DE
SUJEITOS-LEITORES****RESUMO**

A exigência por leitores cada vez mais aptos às leituras nas mais diversas plataformas, formatos, suportes e atentos aos conteúdos aos quais estão expostos, confere aos contextos hipermediáticos presentes na web relevância para o estudo acadêmico. Como as barreiras, aparentemente, são pequenas para o acesso às comunidades de leitura, expressão, engajamento, produção, o consumo de resenhas literárias na web parece promissor para os participantes que desejam se conectar com novos amigos, colegas, fãs, mentores e conteúdos relevantes que vão além das frivolidades que comumente são disponibilizadas na rede de internet. No intuito de fomentar a discussão sobre essas questões, a comunidade Booktube, o sujeito Booktuber e a formação de sujeitos-leitores, esse estudo se propõe a investigar alguns aspectos do canal Fantasticursos – que está no ar desde 2016 e que explora a fantasia, o gótico e a ficção científica na Literatura e no Cinema, debatendo questões abordadas pelo canal para a promoção da leitura. Em nossas conclusões é possível afirmar que, em se tratando de ambientes virtuais, o surgimento de novos conteúdos digitais pode potencializar a formação de sujeitos-leitores, pois mudam-se os textos, mudam-se os sujeitos, mudam-se as formas de produção de sentidos, porém os livros literários sempre entrarão no jogo de constituição dos sujeitos.

Palavras-chave: *Booktube*. Comunidade de leitura. Promoção da leitura.

**BOOKTUBE AND READERS
FORMATION****ABSTRACT**

The requirement for readers who are increasingly able to read in the most diverse platforms, formats, supports and attentive to the contents to which they are exposed, confers to the hypermedia contexts present in the web relevance for the academic study. This study proposes to investigate some aspects of Fantasticursos channel - that has been on the air since 2016 and that explores the fantasy, the gothic and the science fiction in Literature and Cinema, debating issues about reading promotion. In order to promote the discussion about the Booktube community, the Booktuber bloke and the formation of subject-readers. In addition, we did an interview with the teacher responsible for the channel to improve the argumentation, looking for clarify his understanding of the role played by the content made available by him and the formation of the subject-reader. As the barriers are apparently small for access to reading, expression, engagement, production communities, consumption of literary reviews on the web seems powerful for participants wishing to connect with new friends, colleagues, fans, mentors, and relevant content that go beyond the frivolities that are commonly made available on the Internet. In our conclusions, it is possible to affirm that, in virtual environments, the emergence of new digital contents can potentiate the formation of subject-readers, since the texts are changed, the subjects are changed, the forms of production of meaning are changed, but literary books will always enter into the subjects' constitution.

Keywords: *Booktube*. Reading community. Reading promotion.

1 INTRODUÇÃO

A atual sociedade em rede exige que os sujeitos contemporâneos estejam cada vez mais aptos às leituras nas mais diversas plataformas, suportes, bem como atentos às formas, conteúdos e multissêmioses constituintes dos textos aos quais estão expostos. Esses textos e contextos hipermediáticos presentes na *web* oferecem uma gama de possibilidades de constituição em que o próprio leitor se vê participe do texto lido. Nesse sentido, o objetivo principal desse artigo é fomentar a discussão acerca de um possível diálogo existente entre a leitura de livros literários, a formação do sujeito-leitor e o que hoje se convencionou chamar de comunidade *Booktube*.

Para corroborar a nossa investigação, algumas discussões teóricas se fazem relevantes e trilhamos o seguinte percurso. Para iniciar, refletimos sobre o conceito de letramentos digitais que nos auxilia a compreender os letramentos requeridos pelas práticas de leitura contemporâneas, bem como o processo de alternância do leitor da mídia impressa para a mídia digital; em seguida, apresentamos uma breve discussão acerca da comunidade *Booktube* e do sujeito *Booktuber*; logo após, apresentamos alguns aspectos do canal *Fantasticursos*¹, disponível na plataforma *YouTube*, para, a seguir, iniciarmos as nossas análises e ponderações sobre os processos de leitura e a comunidade *Booktube*.

Em se tratando da análise empreendida sobre a comunidade *Booktube*, selecionamos o vídeo: *Fica a dica: Por que O Conto da Aia é uma Distopia diferente?*, do canal *Fantasticursos*, publicado em 2018. O canal está no ar desde 2016 e aborda a fantasia, o gótico e a ficção científica na literatura e no cinema. Acreditamos que com esse percurso teórico-metodológico conseguiremos entender melhor esse universo, bem como a formação do sujeito-leitor e os processos de leitura literária proporcionados por essa comunidade e seus produtores.

2 LETRAMENTOS DIGITAIS

Novas práticas sociais dão espaço aos discursos polifônicos com interlocutores provenientes de diversos contextos culturais, aí incluído o virtual. É na

relação com o meio em que vive que o jovem constrói seu pensamento, desenvolve-se, inclusive, a partir da sua interação com outras pessoas. Outrossim, essa nova mentalidade exige dos docentes da área de Linguagens postura ativa na reformulação de suas práticas, voltando seus olhares para situações de aprendizagem exigentes de múltiplas habilidades de leitura e escrita, de maneira que contribuam para o desenvolvimento de competências cada vez mais amplas.

Nesse contexto, surge a discussão sobre os multiletramentos, que diz respeito, dentre outras questões, às várias habilidades necessárias para que se promovam a recepção e a produção dos textos multissemióticos que circulam na contemporaneidade. Nas palavras de Rojo (2012), texto multissemiótico

é o que tem sido chamado de multimodalidade [...] dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar (ROJO, 2012, p. 19).

As novas formas de expressão linguística requerem o uso dos mais diversos signos, que hibridizam elementos visuais e sonoros e que, por sua vez, exigem sujeitos-leitores cada vez mais multiletrados, aptos a interagir e produzir sentidos sobre os conteúdos com os quais se deparam no seu cotidiano. Além disso, os elementos semióticos interpelados para a produção do conteúdo disponibilizado nas comunidades *Booktubes* são múltiplos, pois os *Booktubers* se utilizam de diversas ferramentas, além da escrita manual ou impressa, inserindo-se aí os recursos audiovisuais e a diagramação.

Considerando as demandas de leitura requeridas por essas novas produções multissemióticas, que exigem interação com textos que conjugam diferentes linguagens e que requerem novos letramentos, torna-se relevante abordarmos algumas discussões sobre os letramentos digitais. Para esta investigação em específico, trazemos as propostas de Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, P. 17), que defendem, dentre outros certames, que a aprendizagem de línguas deve estar imbricada aos micro e macroletramentos, que contribuem para o desenvolvimento da “criatividade e inovação, pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas, colaboração e trabalho em equipe, autonomia e flexibilidade, aprendizagem permanente”. Segundo os pesquisadores, letramentos digitais seriam

então as “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital”.

As demandas da utilização das tecnologias digitais (doravante TD) em sala de aula estão relacionadas aos imperativos internos, que se conectam aos benefícios de seu uso em sala de aula e aos imperativos externos, que são pertinentes ao preparo para a vida (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 25). Conforme os estudiosos, as TD podem promover “efemeridade, fragmentariedade, quantidade e rapidez da escrita”, modificando práticas de leitura e produções textuais mais convencionais. Os seus usos também dizem respeito à contemporaneidade dos sujeitos e podem ser compreendidos, no escopo de uma sociedade com mudanças cada vez mais rápidas e constantes, como uma necessidade de os indivíduos se reconstruírem permanentemente. Mudam-se os textos, mudam-se os sujeitos e mudam-se as formas de produção de sentidos.

A participação em comunidades *Booktube* é uma das formas de constituir identidades multifacetadas e plurais dos sujeitos modernos. Isso requer do sujeito autonomia de leitura que os letramentos digitais podem permitir. Urge ultrapassar barreiras que o texto impresso impôs ao contexto de ensino-aprendizagem nas aulas de línguas ao longo de décadas. Além disso, a multimodalidade dos textos contemporâneos nos diversos ambientes em que circulam exige leitores, incluídos alunos e docentes, não apenas com competências linguísticas, mas também tecnológicas, o que implica albergar em sala de aula uma “variedade de linguagens e discursos: interagir com outras línguas e linguagens, interpretando ou traduzindo, usando interlínguas específicas de certos contextos” (ROJO, 2013, p. 17).

Além de compreender as relações estabelecidas entre as TD e os contextos acadêmicos e sociais nos quais os sujeitos estão inseridos, é relevante citar que o próprio avanço tecnológico requer a potencialização dos letramentos digitais. Afinal, os sujeitos não podem mais se limitar à execução de tarefas em ambiente digital. É necessário que ele passe a se constituir, por meio do desenvolvimento de sua competência linguística e tecnológica, em um espaço mais protagonista.

Retomando as reflexões acerca do *Booktube*, analisaremos como alguns letramentos são exigidos para que a recepção, apreciação e produção de conteúdos

disponibilizados em ambientes virtuais se materializem satisfatoriamente. Os focos dos letramentos digitais são divididos em quatro eixos, sendo Linguagem, Informação, Conexões e (Re)desenho. Cada foco exige micro ou macroletramentos que perpassam pelas três etapas do estudo do gênero digital e da comunidade virtual. Organizamos as habilidades e letramentos para compreensão exitosa do nosso objeto de estudo, como se pode observar na tabela adaptada de Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 21). Excluimos da tabela alguns letramentos propostos pelos teóricos e deixamos apenas aqueles que julgamos relevantes, e que são interpelados pelos sujeitos-leitores, para a leitura e produção de sentidos na comunidade *Booktube*.

Booktube			
Linguagem	Informação	Conexões	(Re)desenho
Letramento impresso	Letramento Classificatório	Letramento Participativo	Letramento Remix
Letramento em Hipertexto	Letramento em Pesquisa	Letramento Pessoal	
Letramento em Multimídia	Letramento em Informação	Letramento em Rede	
Letramento Móvel	Letramento em Filtragem	Letramento Intercultural	

Fonte: Tabela adaptada de DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 21.

Na coluna **Linguagem**, elencamos os letramentos: impresso, que se refere às ações de ler e escrever, uma vez que a linguagem digital ainda depende da escrita; em SMS, que diz respeito aos registros de internetês; em hipertextos, que é a habilidade de utilizar *hiperlinks*; em multimídia, que utiliza sons, imagens e vídeo. A coluna **Informação** traz os letramentos: classificatório, que é conexas à habilidade de administrar as informações; pesquisa, para buscá-las; Informação, para acessá-las; e o de Filtragem para avaliá-las. O uso proficiente da informação requer que o usuário as pesquise, verifique a veracidade de suas fontes e as filtre. Inclui o uso

das redes sociais para filtrar o volume de informação e as classifique. A terceira coluna, **Conexões**, diz respeito à projeção da identidade *online*, considerando segurança e privacidade; o de rede diz respeito às redes sociais e profissionais. Por fim, o último foco é o letramento em **(Re)desenho**, que tem um grau de complexidade muito maior em relação aos demais, uma vez que mobiliza todos os outros letramentos no acesso ao gênero digital.

Ao circularem textos multissemióticos baseados em conteúdos temáticos oriundos da Literatura em ambientes virtuais, a comunidade *Booktube* potencializa, em nosso entendimento, os letramentos digitais elencados na tabela, especialmente se considerarmos que cada sujeito-leitor pode transgredir as relações de poder, uma vez que lhe é permitido comentar, curtir e compartilhar, além de criar o próprio canal numa nova comunidade de leitura.

Considerando os letramentos digitais na perspectiva do produtor de conteúdo para a comunidade, é possível afirmar que o *Booktuber* tem liberdade de escolha dos livros sobre os quais deseja falar, permitindo que a polifonia de uma gama de obras ganhe espaço entre as consideradas clássicas pelo meio acadêmico e escolar. Ao condensarem as múltiplas semioses, a comunidade, que já é híbrida por natureza, transita na fronteira entre o novo e a releitura, fazendo emergir uma característica que lhe é inerente, a interatividade.

3 A COMUNIDADE *BOOKTUBE* E O SUJEITO *BOOKTUBER*

Mudanças repentinas e intensas na forma com que os jovens acessam e interagem com o conhecimento abrem espaço para que toda uma diversidade de gêneros discursivos – cânones ou virtuais – ganhem evidência no contexto escolar. Essa diversidade textual ocasionada, inclusive, pela hibridização cultural, promove “a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros” (CANCLINI, 1997, p. 283). Nesse sentido, podemos observar que alguns jovens já estão trazendo para as suas coleções – aqui entendidas, conforme Canclini (1997), como o conjunto de bens culturais já apropriados e comuns ao sujeito – os conteúdos disponibilizados nas comunidades *Booktubes*.

Produção e compartilhamento de informações são geralmente objetivos primordiais de quem produz conteúdo a ser publicado *Youtube*. Entretanto, antes de falarmos sobre o *Booktube* e os *Booktubers*, discutiremos brevemente sobre o gênero discursivo digital *vlog*. Essa reflexão se faz relevante por percebermos que há ainda alguns conflitos no entendimento desse gênero e as atividades desenvolvidas pelo *Booktuber* na comunidade *Booktube*.

Luna e Branco (2013) discutem o conceito de *vlog* como gênero digital multissemiótico já disponível na plataforma desde 2003. Como o estudo delas é anterior ao conceito de *Booktube*, convém ressaltar que, já nessa época, as estudiosas haviam percebido uma diferença entre o *vlog* de assuntos diversos e o novo formato de vídeo que surgia. Luna e Branco (2013) afirmam que o vídeo de cunho literário seria uma nova tendência e seria a transposição intermediária de obras literárias.

Segundo Valênia e Amorim (2018, p. 691, grifos dos autores), ao estabelecerem o *vlog* como um gênero discursivo digital, há na contemporaneidade produções “cada vez mais recorrentes - já que muitas pessoas espelham-se nos famosos *youtubers* e acabam criando seus próprios *vlogs*, utilizando principalmente a câmera do celular -, sendo de fácil acesso e disponibilizados para todos que tenham interesse e uma conexão à internet”. Ou seja, o gênero se constitui e se inscreve na ebulição das mídias sociais e possui o poder de retirar o sujeito de uma situação de mero receptor de conteúdo e alçá-lo para o de produtor e de emancipá-lo de leitor para escritor.

Dornelles (2015) considera que esse formato também pode ser visto como formador de subjetividades, em que o *vlogger* expõe suas percepções ao público. Dessa forma, a escolha do produtor pela linguagem corporal, verbal, tecnológica - edição, elementos audiovisuais etc. -, bem como a temática, assemelham-se aos antigos diários pessoais. Nas palavras do pesquisador:

Todo este processo é uma evolução dos meios de comunicação mais antigos. Os *blogs* e *vlogs* são uma evolução dos antigos diários pessoais. Os vídeos do *YouTube* são uma evolução da produção da televisão aberta. Em que o público se mostra extremamente interessado na transparência das identidades como no caso dos *reality shows*. Quando a vida privada se torna pública, e as intimidades são expostas. O fato de estar visível torna-se tão relevante quanto o próprio posicionamento dos atores sociais frente a

determinados temas [...] O *vlogger* é uma espécie de evolução dos bloggers. Sendo que se diferem destes por produzirem material audiovisual. Enquanto os blogueiros compartilham postagens múltiplas de textos, fotos e vídeos, os *vloggers* são produtores de vídeo. Um *vlog* é uma espécie de canal de vídeo em que os *vloggers* compartilham suas respectivas produções audiovisuais. A grande maioria dos *vlogs* tem um formato de “diário pessoal em vídeo” (DORNELLES, 2015, p. 10-12, grifo do autor).

Nessa perspectiva, entende-se que os *vloggers* produzem conteúdos diversos que são disponibilizados na plataforma *Youtube*. Já o *Booktube* aborda conteúdo literário e promove uma transposição de determinada obra para o contexto midiático.

Para Albrecht (2017), *Booktube* é o termo utilizado para definir uma comunidade de pessoas no *Youtube* que faz vídeos sobre livros e leitura e *Booktuber* é o criador do conteúdo, focado em vídeos que abordam essas duas temáticas: livros e leitura literária. Os sujeitos-leitores reagem aos vídeos na forma de participação na seção de comentários ou criando vídeos de resposta. Esse espaço virtual é constituído por interesses mútuos em livros. É uma extensão do comportamento dos jovens, pois eles compartilham aspectos de suas vidas nas mídias sociais - *Facebook*, *Instagram*, grupos de *WhatsApp* etc., e compartilham nas comunidades *Booktube* hábitos de leitura e paixão por livros.

Para Oliveira (2018), o leitor do *Booktube*, ao participar de uma comunidade, pode ser definido como um leitor em rede ou um sujeito participante de um grupo de leitura. Segundo a autora, isso se explica pelo sentimento que o sujeito-leitor desenvolve por ter algo em comum com outros leitores e argumenta que “comunidade é aquilo no qual o indivíduo desenvolve a sensação de pertencimento. Seja uma situação familiar, amorosa, social, profissional, geográfica. As comunidades virtuais são baseadas no mesmo conceito” (OLIVEIRA, 2018, p. 30). Nesse sentido, conforme a pesquisadora:

o *Booktube* é uma comunidade criada por pessoas que gostam de ler para pessoas que possuem os mesmos interesses. O termo remete a palavra livro em inglês “Book” e “Tube” da plataforma em que se encontra, *Youtube*, e se apresenta como uma ótima denominação para os canais literários. Os usuários que possuem esses canais são chamados de *Booktubers* (OLIVEIRA, 2018, p. 31, grifos da autora).

Balverdu (2014), em estudo pioneiro no Brasil, faz um breve histórico da internet, mencionando as ferramentas e plataformas que proporcionam o surgimento

da comunidade *Booktube*. A estudiosa explora os conceitos de leitura e leitor em ambientes virtuais e possíveis estratégias de leitura. Se, outrora, os sujeitos-leitores recorriam a resumos escritos de livros literários, nos dias atuais é mais comum o acesso às resenhas que estão disponíveis nas plataformas virtuais em vídeo.

É uma cultura jovem *online* construída e mantida por meio das produções de mídia motivadas em se conectar com outras pessoas por meio do compartilhamento de suas experiências de leitura. Ehret, Boegel e Manuel-Nekouei (2018) entendem que esse é um exemplo das forças transindividual e transtextual do afeto que, por meio do sentido de conectar e diferenciar, os sujeitos criam um sentimento contínuo de participação em uma cultura de compartilhamento.

Como cultura emergente, há interesse por parte dos sujeitos-leitores em saber quais recursos a plataforma *Booktube* hibridiza, quais regras internas utiliza, com quais redes sociais dialoga, quais livros são lidos e de que forma a comunidade se agrupa. Sued (2016) afirma que se pressupõe que tecnologia e sociedade têm uma imbricação mútua e intensa: não há tecnologia sem um processo de construção social, assim como as sociedades são profundamente moldadas pela tecnologia em quase todas as suas práticas sociais.

Além do conteúdo veiculado nessa mídia, o comportamento do *Booktuber* é uma forma eficaz de expressar aspectos de sua identidade, como idade, ocupação, cultura e personalidade, e, conseqüentemente, esses aspectos são usados para inferências dos sujeitos-leitores sobre eles. Para Biel, Aran e Gatica-Perez (2011), além do conteúdo, a performance do *Booktuber* desempenha um papel importante nessa comunidade digital que, em algumas situações, pode ter semelhanças com as interações que ocorrem pessoalmente. Em particular, há evidências de que algumas características auditivas, visuais e multimodais presentes no *Booktube* estão significativamente correlacionados com o nível de atenção que os vídeos recebem. Claramente, essa comunidade é uma maneira de auto apresentação e “percepção interpessoal nas mídias sociais, indo além do uso de textos e fotos, o que pode explicar em parte a popularidade desse formato entre usuários de vídeos *online*” (BIEL; ARAN; GATICA-PEREZ, 2011, p. 446).

Pensar no envolvimento de quem produz o vídeo e de quem consome pode ser uma primeira etapa para a compreensão da apologia à leitura que é feita em

comunidades *Booktube*. À medida em que se interage com as produções disponibilizadas nos canais, é possível perceber maior criticidade do usuário, que, constantemente, acessa as plataformas em busca de mais informações. Essa percepção de criticidade dos sujeitos-leitores pode ser observada por meio dos comentários e de interações presentificadas nas ações de acionar as *tags* “Gostei”, “Não Gostei”, “Compartilhar”, “Salvar”. A “capacidade inventiva e a originalidade como valor supremo” (CANCLINI, 2008, p. 35) são características primordiais para a recepção.

Ehret, Boegel e Manuel-Nekouei (2018) vão além e dissertam que a participação em comunidades como essa promove, inclusive, o afeto. Esse sentimento não seria inerentemente positivo ou negativo, mas sim mobilizado para atividades mais ou menos positivas ou negativas. A compreensão do afeto como existente fora do indivíduo é essencial para superar a problemática suposição de que a experiência emocional é de alguma forma diferente ou diminuída nos domínios digital ou tecnológico, como o *Youtube* e outras plataformas de mídia social. Essa situação pode se revelar também fora dos contextos escolares, nos quais os jovens se tornam responsáveis pela manutenção de sua prática como sujeito-leitor. Esse fato é relevante para os educadores que desejam fomentar identidades de estudantes como leitores não só enquanto eles estão na escola. Nos estudos de Débora Damasceno Silva (2016, p. 26, grifo nosso):

O protagonismo do leitor é evidenciado quando ele tem voz em um contexto como o da comunidade *Booktube*, onde a produção de relações é mais importante do que as relações de produção. A ligação entre os livros e os leitores é mediada por um agente de uma rede social, um *Booktuber*.

Silva (2016) complementa que a identificação é o fator principal que une essa comunidade, pois “Ao redor da figura simbólica do livro, diversas pessoas se encontram na rede. Nessa espécie de clube do livro cibernético, o ambiente real é reproduzido no ambiente virtual, algo característico do mundo multifacetado” (p. 26), permitindo que o mero consumismo de mídia seja ultrapassado e que haja instrumentalização para a atuação nas mais diversas culturas locais e globais. Em nosso entendimento, esse processo de identificação pode ocorrer entre o leitor e a obra, entre o leitor e o canal e ainda entre o leitor e o próprio *Booktuber*.

Estes são espaços em que não só os jovens estão realizando trabalho livre, mas também onde os editores também se manifestam, ansiosos por terem seus livros revisados e endossados pelos *Booktubers*. Para Albrecht (2016), há uma tendência mercadológica para a produção desse formato de vídeo, uma vez que o *Booktube* atrai os jovens. Editores estão interessados em leitores e clientes ávidos e, como os vídeos são publicados regularmente e frequentemente em uma plataforma que os jovens visitam, eles costumam investir em mídias como essas.

As mudanças repentinas nos processos de interação entre os jovens fazem com que, no intuito de expandir e ampliar o seu próprio repertório cultural e acadêmico, eles recorrem às múltiplas plataformas disponíveis. Nesse sentido, é preciso refletir sobre a possibilidade de uso desses recursos híbridos como elementos pedagógicos para o ensino de Literatura e a promoção do sujeito-leitor.

4 FANTASTICURSOS

O canal intitulado *Fantasticursos* está disponível na plataforma *Youtube* desde 2016 e conta com aproximadamente 4.200² inscritos. O professor Dr. Alexander Meireles da Silva, Universidade Federal de Goiás, é quem cria, desenvolve e distribui o conteúdo dos vídeos do canal, que possui links no *Instagram*, *Facebook*, *website*, *Twitter* e *Soundcloud*.

Os vídeos disponibilizados no canal possuem uma macroestrutura, comum a todos os outros presentes na plataforma *Youtube*, que é assim organizada: título; *hashtag* (#) - adicionada à palavra-chave do assunto; *tags* - usadas como diretório de tópico ou discussão; botão de informação - indicando outros conteúdos. Na seção **Sobre**, *link* no qual o canal é apresentado aos leitores, o idealizador do canal *Fantasticursos* afirma que fantasia, gótico e ficção científica são coisas sérias, mas tratadas, muitas vezes, superficialmente ou até com informações erradas e incompletas. O canal oferece consultoria e cursos sobre esse universo “com conteúdo confiável e longe do óbvio tanto para o grande público em geral quanto para empresas, instituições públicas e privadas e veículos de comunicação na mídia escrita, visual e digital” (SILVA, 2018). Pode-se notar a preocupação em

compartilhar conteúdo que circula também na academia, perfilando o formato do que consideramos aqui como *Booktube* teórico.

Muitos canais fazem isso hoje em dia, como o TLT, da Tatiana Feltrin, Literature-se, da Mel Ferraz, por exemplo, também possuem essa preocupação atingindo, inclusive, um público muito maior do que 4 mil inscritos. Ainda assim, ratificamos o motivo que leva a estudar especificamente este canal em detrimento dos outros, que é o fato de expandir o conteúdo para além da literatura, incluindo cinema, jogos e outras produções da vertente da Fantasia.

Porquanto seja essa a vertente desse canal, cabe ressaltar o que Jeffman (2017), em sua tese de doutoramento, investigou sobre as relações constituídas entre os leitores a partir da performance dos *Booktubers*, chegando à conclusão de que alguns canais promovem, sim, a leitura literária. Segundo a pesquisadora, os conceitos de leitura e escrita também são explorados sob a perspectiva da cultura da internet, cada vez mais abrangente e amplificada na sociedade hipermoderna. Nesse sentido, Jeffman (2017) define leitor como aquele sujeito:

presente na comunidade *Booktube* enquanto leitor em rede que, por vivenciar experiências em uma plataforma guiada essencialmente através da cultura da participação, também atua na constituição desta, construindo comunidade ao estabelecer relações por meio das diversas formas que o livro e a leitura são degustados. (JEFFMAN, 2017, p. 10, grifo nosso).

O diálogo e a interação estabelecidos com o leitor no canal Fantasticursos está na premissa de sua intenção em compartilhar conteúdos com embasamento teórico. Na página inicial, já é possível saber sobre a frequência da criação dos tópicos e as demais mídias às quais está relacionado. Ainda na página inicial, há uma série de vídeos correlatos ao tema central do *Booktube* com a quantidade de visualizações e organizados por data. Informações como o número de inscritos, canais recomendados e conteúdos alocados nas abas.

Fantasticursos se dispõe a celebrar ou discutir livros e temas, geralmente dedicados ao público amante da Literatura, especialmente os da Literatura Fantástica. A seção “Fica a dica” é destinada à resenha crítica de obras que o autor julga relevantes. Juntamente com o vídeo, o *Booktuber* acrescenta uma descrição acerca do conteúdo e outros suportes em que o material está disponibilizado.

Justificando a característica do canal de apologia à Literatura, há vídeos também de natureza teórico-literária.

Ponto comum desse tipo de produção, o interlocutor se posiciona de maneira central diante da câmera, com uma estante de livros ao fundo, revelando ao usuário seu ambiente de leitura. Ao internauta cabe lançar mão dos letramentos da Conexão, Informação e Linguagem. Primeiro, ele acessa ao *Booktube* por meio de conexão com alguma rede social ou até mesmo pelo seu histórico de navegação. Segundo, ele pesquisa e classifica conforme seus padrões de filtragem da informação verdadeira. Terceiro, ele realiza leitura multimodal e multissemiótica do vídeo. Se for do seu desejo, ele poderá compartilhar o material, o que retornaria ao letramento de Conexão.

Embora não apresente *tags* e *hashtags*, que permitiriam maior interatividade e visibilidade do público, o canal possui um diferencial marcante entre os demais: um olhar crítico fundamentado em teorias literárias e históricas, além de estabelecer relações com demais obras do gênero produzidas mundo a fora. Como exemplo, tomemos a análise realizada sobre o romance **O conto da Aia**, de Margareth Atwood. Publicado em 07 de fevereiro de 2018, o vídeo tem duração de aproximadamente 13 minutos, contando com 19 comentários, 113 *likes* e 5 *dislikes* até o início mês de maio do corrente ano. Já no início do vídeo, o professor esclarece que a temática faz parte dos estudos do seu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro-UERJ, e chama a atenção do leitor para a importância da obra, inclusive no meio acadêmico.

Segundo o criador do canal, o romance **O conto da Aia** permanece cada vez mais atual no século XX, mesmo após 30 anos de sua publicação. Silva explica como o romance de Margaret Atwood dialoga tanto com a tradição da Literatura de Distopia moderna quanto com as utopias feministas radicais dos anos 1970 propondo, nesse processo, uma renovação da Distopia literária ao trazer um sopro de esperança às convenções dessa expressão da ficção científica (SILVA, 2018).

Na estrutura composicional (BAKHTIN, 2003) do canal são hibridizadas cenas do próprio livro com outros, como por exemplo, cenas da série da **Hulu** baseada nesse romance, reafirmando sua importância e o diálogo multimidiático que ela estabelece. A sua estrutura conta ainda com, no canto direito superior do vídeo, um

link que direciona o internauta a outra guia, com material textual e audiovisual que complementa o assunto desenvolvido.

A primeira referência à intertextualidade é realizada com citação do livro bíblico Gênesis, seguido pelo contexto histórico da produção da obra. Ao citar as obras literárias da distopia moderna, o *Booktuber* divide a tela com a capa do livro em questão. São elas: **We**, de Yevgeny Zamyatin, **Admirável mundo novo**, de Aldous Huxley, **1984**, de George Orwell. As referências aos contos de fadas são também apresentadas, provocando a criticidade do leitor e requerendo um suposto repertório de leitura. O professor ainda desafia seus leitores a associarem elementos tanto da narrativa como da série às ideias veiculadas nos contos de fada citados. Ao final do vídeo, são retomadas ideias iniciais e convite para participar das redes do *Fantasticursos*. Mensagens como “Gostou do vídeo?”, “Conheça nosso grupo de discussão do fantástico no *whatsapp*”, “*Link* na descrição” e “Inscreva-se no canal”, bem como o convite à leitura marcam o canal. Ao ler os comentários, percebe-se que a intenção do *Booktuber* é também ampliar a discussão por meio do diálogo com os seus leitores, evidenciado pelo fato de ele ter respondido a todos os comentários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas ferramentas digitais estão presentes e acessíveis a qualquer pessoa que tenha um aparelho ligado à rede mundial de computadores. Nesse contexto, a comunidade *Booktube*, disponível na plataforma *Youtube*, tem ganhado espaço entre os interessados na leitura literária. A reflexão sobre os letramentos digitais, necessários à leitura profícua do gênero e interação com a comunidade, subsidiam possibilidade de incentivo à leitura literária. A apresentação do canal *Fantasticursos* e breve discussão sobre uma de suas postagens – Por que O Conto da Aia é uma Distopia diferente? constituem etapas necessárias para uma maior compreensão do universo da comunidade *Booktube* e do *Booktuber* presentes na cultural digital.

A comunidade *Booktube* disponibiliza para os seus interlocutores diferentes possibilidades de interação com o universo literário. Em nossa investigação foi possível perceber a relevância dessa ação para incentivo das práticas leitoras

contemporâneas. Percebemos também que o ato de ler ultrapassa limites e transforma esse ato numa interação entre o leitor e o texto, compreendendo relações existentes entre sujeito-leitor e mundo.

Multimodal e multissemiótico, o vídeo *Por que O Conto da Aia é uma Distopia diferente?*, além de expor as impressões de leitura do *Booktuber*, também se sobressai ao dialogar com outras produções contemporâneas e trazer teorias literárias em sua composição. Ou seja, aborda não apenas a resenha do livro escolhido, mas também apresenta fundamentação teórico-literária, além de evidenciar o diálogo da obra com outras do gênero e como elas se inserem na sociedade. Por outro lado, mesmo com o uso de diferentes linguagens e diferentes níveis de complexidade acerca do tema, a produção é acessível ao leitor, que pode usar o recurso “comentários” para participar e fazer parte da comunidade.

Relacionado ao público consumidor desse tipo de conteúdo, é relevante evidenciar que a participação social que os jovens efetuam nos ambientes digitais urge estar na escola, uma vez que se pode correr o risco de manter o contexto escolar alheio aos potenciais interesses dos jovens. É vital para os professores e pesquisadores conhecerem as diversas produções digitais, principalmente por fortalecerem as leituras literárias. Depreende-se então das discussões aqui apresentadas que os objetivos almejados pelos *Booktubers* em relação ao seu canal estão ligados principalmente à divulgação de obras literárias, à interação com os interlocutores e ao incentivo à leitura. Outro aspecto relevante é que os sujeitos-leitores estão produzindo novos padrões e promovendo suas coleções dos bens culturais que julga relevantes para a sua constituição.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Katharina. **Positioning *Booktube* in the publishing world**: An examination of online book reviewing through the field theory. Master Thesis Book & Digital Media Studies Leiden University Date of Completion: 19 July 2017.

BALVERDU, Andressa Machado. **Comunidade *Booktube* como alternativa de incentivo à leitura**. 2014. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia). Departamento de Ciências da informação, Universidade Federal

do Rio Grande do Sul – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, 2014.

BIEL, Joan-Isaac; ARAN, Oya; GATICA-PEREZ, Daniel. **You are known by how you vlog**: personality impressions and nonverbal behavior in *youtube*. Proceedings of the Fifth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media. Copyright, 2011, Association for the Advancement of Artificial Intelligence (www.aaai.org). Acesso 07 dez. 2018.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. In: CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350.

DORNELLES, Juliano Paz. **O fenômeno vlog no youtube**: Análise de conteúdo de vloggers brasileiros de sucesso. Dissertação de mestrado em Comunicação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial, 2016.

EHRET, Christian; BOEGEL, Jacy; MANUEL-NEKOUËI, Roya. **The role of affect in adolescents'online literacies**: participatory pressures in *Booktube* culture. Journal of Adolescent & Adult Literacy Vol. 62 No. 2 September/October 2018. Disponível em: literacyworldwide.org. Acesso em: 27 nov. 2018.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg; **Booktubers**: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade *Booktube*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciência da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

LUNA, Rossana Paulino de; BRANCO, Sinara de Oliveira. **O vlog como gênero textual aplicado a questões de ensino de Literatura**. Revista Letras Raras. Vol 2, Nº 1, 2013.

OLIVEIRA, Maria Beatriz Izidia Baracho de. **Comunidade Booktube e o leitor contemporâneo**. 2018. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia), Departamento de Ciência da informação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (orgs.). **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013, p. 13-36.

_____. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

SILVA, Alexander Meireles da. Fica a dica: Por que O CONTO DA AIA é uma Distopia diferente? In: **Fantasticursos**. 2018. (13m46s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Aa96Sha4TE0> >. Acesso em: 6 out. 2018.

SILVA, Débora Damasceno. **Booktube**: o livro e a leitura na cultura da convergência. 2016. 76 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SUED, Gabriela. **Formas distantes de ver youtube**: una exploración por la comunidad *Booktube*. *Virtualis: Revista de cultura digital*. v. 7, n. 14, 2016.

LÚCIO CARDOSO NO CONTEXTO DO ROMANCE DE 30: UM INTIMISTA ✓

26

Renato de Souza ALVIM¹

✓ Artigo recebido em 15/08/2019 e aprovado em 26/10/2019.

¹ Ph.D. em Português e Estudos lusófonos pela Indiana University (E.U.A.). Mestrado em Português e Estudos lusófonos pela Indiana University (E.U.A.). Mestrado em Educação pela Ball State University (E.U.A.). Docente de Português e Espanhol no Department of Philosophy and Modern Languages na California State University_Stanislaus. E-mail: ralvim@csustan.edu.

**LÚCIO CARDOSO NO CONTEXTO DO
ROMANCE DE 30:**

UM INTIMISTA

RESUMO

O alinhamento de Lúcio Cardoso (1912-1968) com a literatura intimista de Cornélio Penna e Octavio de Faria marca o segundo momento do Modernismo de 1922. Sua trajetória literária é acompanhada no presente artigo utilizando-se da comparação entre alguns de seus escritos mais significativos com os dois mais importantes romances de Cornélio Penna e Octavio de Faria, *Fronteira* (1933) e *Mundos mortos* (1937), respectivamente. O trabalho de Lúcio se estabeleceu a partir de crescente distanciamento da tendência social do romance de 30 para um volumoso romance psicológico, e se deu principalmente pelo mergulho no caráter introspectivo e na subjetividade das personagens, culminando em um novo rumo em termos temáticos e estruturais. A boa repercussão crítica e de público do romance inaugural, *Maleita*, (1934) do jovem escritor, ainda aos 22 anos, apontava para uma promessa de sucesso como engajado nas questões do romance social. Tal promessa, porém, se viu frustrada quando Lúcio apresentou, um ano depois, *Salgueiro*, romance com processo de individuação de personagens e sua consequente tomada de rumo como resultantes de escolhas pessoais, e não de um grupo que reivindica justiça social ou denuncia exploração classes. Importantes nomes de uma escritura já intimista, Cornélio Penna e Octavio de Faria são aqui aproximados a Lúcio Cardoso no que diz respeito a temática e estrutura de algumas de suas obras. Tais aspectos, além da relação pessoal de amizade entre esses escritores, fizeram da produção cardosiana singular e, ao mesmo tempo, identificada com um seleto grupo de autores brasileiros do romance de 30.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso. Romance de 30. Escritores intimistas. Cornélio Penna. Octavio de Faria.

**LÚCIO CARDOSO IN THE CONTEXT OF
1930'S NOVEL:**

AN INTIMIST AUTHOR

ABSTRACT

Brazilian writer Lúcio Cardoso's (1912-1968) literary trajectory was marked by a progressive distancing from the so-called 1930's novels, which had a strong commitment to portray Brazilian economic and political contexts. His literary production became rather identified with a psychologically oriented set of works like the ones by Cornélio Penna and Octavio de Faria. After the good repercussion of Cardoso's inaugural novel *Maleita* (1934), which was associated with the social interests of the social novel, the 22-year-old writer took a different path, creating works increasingly delved towards introspective characters in short stories and novels. It is such a writing trajectory that is analyzed in this article through comparisons established with two important literary pieces by significant writers from the second moment of the 1922's Modernist movement: Cornélio Penna's *Mundos mortos* (1937) and Octavio de Faria's *Fronteira* (1933), two of the most important Brazilian intimist authors. Besides Cardoso's close friendship to Penna and Faria, there is more to the relationship among their literary pieces, which compound a select group of Brazilian writers at the time.

Keywords: Lúcio Cardoso. Romance de 30. Escritores intimistas. Cornélio Penna. Octavio de Faria.

1 INTRODUÇÃO

Lúcio Cardoso (1912-1968), mineiro de Curvelo, é autor cujo trabalho tem sido foco de interesse crescente, porém ainda muito tímido no meio acadêmico caso se leve em consideração a relevância de sua obra no contexto literário nacional. Muito do que produziu permanece pouco explorado pela maioria dos especialistas em estudos lusófonos e latino-americanos. Além do terreno literário, o autor incurvou pelo cinema no então nascente Cinema Novo, sendo também pioneiro no Teatro Experimental do Negro, e durante os últimos anos de sua vida produziu o que hoje é um acervo de pinturas com cerca de quinhentas telas. Lúcio dizia-se portador de um “mal de proporções catastróficas--uma imaginação que nunca permanece em repouso” (CARDOSO, 1960, p. 18), o que lhe permitiu uma produção em grande parte ainda desconhecida e constituinte de desafio para estudiosos de diversas áreas.

Observa-se já no seu segundo romance publicado, *Salgueiro*, o movimento que vai culminar décadas mais tarde em textos de elaboração bastante mais complexa. Ao lado de escritores como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Octavio de Faria e Cornélio Penna, Lúcio Cardoso figura como um dos nomes mais importantes dessa fase do romance iniciado na década de 30--segundo momento do Modernismo, movimento lançado na Semana de Arte Moderna de 22--e sua obra *Crônica da casa assassinada* (1959) é considerada uma das mais representativas inovações da prosa brasileira do século XX.

A partir dos anos 30, quando se é possível identificar dois distintos grupos--o do romance social e o do romance intimista--, percebe-se o caminho tomado pelo texto cardosiano em direção ao segundo grupo; mas isso se dá não sem controvérsia. (N)ela (se) envolveram Lúcio Cardoso e a crítica e a produção literária da época. Dos anos 40, anotamos a definição do traço intimista já amplamente adotado como inerente à obra do autor, para, nos anos 50, coroar a prosa cardosiana com sua obra-prima, *Crônica da casa assassinada* (1959), produção mais madura que revela um autor bem mais elaborado quanto à estruturação de texto, ao trato do conteúdo e ao delineamento de suas personagens.

Dois outros autores, Cornélio Penna e Octavio de Faria, reconhecidamente intimistas na sua literatura, têm aqui seus romances *Fronteira* (1933) e *Mundos mortos* (1937), respectivamente, aproximados aos textos do autor mineiro em função de sua afinidade tanto na literatura quanto na vida pessoal. Alfredo Bosi aproxima a ficção de Lúcio Cardoso à de Cornélio Penna, reconhecendo-os como “talvez os únicos narradores brasileiros da década de 30 capazes de aproveitar sugestões do surrealismo sem perder de vista a paisagem moral da província que entra como *clima* nos seus romances” (BOSI, 1994, p. 414). Além do caráter sombrio dos ambientes e da nebulosidade das personagens desses dois autores ligados a Minas Gerais (Lúcio, por nascimento, e Cornélio, por admiração), seus caminhos artísticos coincidem também via Belas Artes, mais especificamente pela pintura. Cornélio Penna iniciou sua carreira como pintor para, em seguida, trocar o pincel pela pena. Lúcio, por sua vez, em consequência de um acidente vascular cerebral em 1962, tomou o caminho inverso, produzindo cerca de quinhentas telas, uma vez impossibilitado de escrever e de se comunicar oralmente.

2 METODOLOGIA

Como forma de se justapor parte da obra de Lúcio e Cornélio artistas no campo literário, juntamente à do escritor Octavio de Faria, outro integrante do grupo romance introspectivo, apresentaremos análises estruturais e textuais de romances de Cornélio Penna (1933), de Octavio de Faria (1937) e de Lúcio Cardoso (1959), além de sua novela *Inácio* (1944).

2. 1 ASPECTOS ESTRUTURAIS E TEXTUAIS

O aspecto estrutural das quatro obras apresenta semelhanças, principalmente se se comparam as obras de Lúcio Cardoso e de Cornélio Penna, ambas com **foco narrativo** em primeira pessoa; já no romance de Octavio de Faria, o narrador é em terceira pessoa, onisciente, porém, bastante complexo, uma vez que lança mão do fluxo de consciência de alguns dos protagonistas para relatar sua percepção dos acontecimentos. Daí, exprime com maior intensidade seu ponto de vista, diminuindo

as fronteiras entre papéis definidos de narrador-protagonista e narrador-observador, mesclando, assim, esses espaços.

Se em Lúcio há multiplicidade de vozes (ainda que todas em primeira pessoa), em Cornélio há uma única. Pelo menos é o que se imagina até o penúltimo capítulo, pois, aí, denominado *Epílogo*, uma outra narrativa aparece, revelando que o que se apresentou foram transcrições de um diário de alguém que não se conhece, mas que teria acompanhado os acontecimentos bastante de perto. Não há, nesse diário, sugestão de novas interpretações, mas lança-se a dúvida quanto à autoria do texto que, dessa forma, ganha status de **transcrição**. Uma leitura mais cuidadosa anotará títulos no primeiro e no último capítulos apenas. O primeiro apresenta logo no início as palavras *Do Diário*--não sendo verdadeiramente um título, senão uma pista de sua origem. Há essa surpresa, por assim dizer, quanto ao uso dos capítulos, o que também se encontra na citada novela de Lúcio, ainda que de forma um pouco diferente, mas com semelhante efeito. Após toda narrativa em primeira pessoa--apresentada pelo personagem Rogério--no último parágrafo da novela, esse protagonista revela que há três anos encontrava-se em processo de convalescência em um sanatório.

Aqui a questão que se levanta não é a da autoria do texto, mas a da veracidade do que se narrou, oferecendo ao leitor a possibilidade de questionar se tudo acontecera realmente como o narrador havia apresentado, se fora completamente adulterado, ou mesmo se tudo não passara de delírio seu. Mas o efeito da técnica sobre o leitor é muito mais importante quanto ao seu aspecto inusitado do que quanto à veracidade ou não do narrado, pois sabe-se tratar de um romance de ficção.

Talvez possa-se pensar em **metanarrativa**, uma vez que a primeira pessoa que apresenta os fatos distancia-se do texto, chamando, dessa forma, atenção para os desdobramentos que o narrador (re)criou. Assim posto, a semelhança da narrativa em primeira pessoa aparece aliada à técnica de um desdobramento da narração tanto na novela de Lúcio Cardoso quanto no romance de Cornélio Penna. Vale lembrar que no citado romance cardosiano essa voz em primeira pessoa é utilizada por, no mínimo, uma dezena de personagens, aspecto que torna a narrativa bastante mais complexa quando comparada às outras obras mencionadas.

Também em *Mundos mortos*--como em *Fronteira*--Octavio de Faria se vale do subgênero **diário**, porém não como técnica narrativa, senão como um momento da narração. Há um episódio na segunda parte do romance, denominado *A sombra de Deus*, em que uma página do diário de um dos adolescentes é esquecida na sala de aula, o que abre espaço para o autor incluir a questão da homossexualidade. Em Lúcio, tal questão aparece no romance como denúncia do preconceito e como forma de se questionar seu caráter de patologia segundo a percepção dos moradores da Chácara dos Menezes--à exceção de Nina. Tanto em Lúcio como em Octavio, percebe-se a moral conservadora do Brasil dos anos 30-50 que caracteriza um sistema fechado ao qual determinados assuntos ou são simplesmente calados, ou são apresentados sob forma de desvio e patologia.

Quanto ao **foco narrativo**, Octavio utiliza um narrador onisciente para contextualizar a opinião de um narrador-observador que relata os fatos, porém sem interferir neles. Por outro lado, o autor estabelece um equilíbrio na condução dos acontecimentos ao usar o monólogo interior, acrescentando a percepção dos protagonistas e flexibilizando o papel do narrador. Assim, fica estabelecida uma alternância na apresentação das versões e impressões do que se narra. É com bastante esmero que se o faz nesse romance, muitas vezes conduzindo o leitor de volta ao início do texto para diferenciar de quem é a voz, se do narrador-observador, se do narrador-personagem. Além dessa alternância, há momentos em que o narrador-observador utiliza verbos na primeira pessoa do plural, incluindo o leitor e dividindo com ele a experiência, enfim, aproximando-se esses dois:

Custamos a compreender esse gênero de sentimentos e em geral são necessários vários acontecimentos imprevistos para que tomemos consciência desse fundo sensível que não morreu em nós e vibrará sempre que for tocado (FARIA, 1969, p. 82).

Dessa maneira, se em Lúcio Cardoso e em Cornélio Penna a voz narrativa em primeira pessoa fornece o ponto de vista das personagens, em Octavio de Faria, este aparece por duas vias: através do fluxo de consciência das personagens e do uso de verbos na primeira pessoa do plural, indicando que o narrador em primeira pessoa e o leitor se constituem como um só a compartilhar seu ponto de vista.

Outro aspecto estrutural que aproxima a obra de Lúcio Cardoso à de Cornélio Penna é seu **caráter gótico**, presente seja nos motivos e nas imagens sombrias, no cadavérico, nas referências à morte que rói ou ronda, no aspecto funesto de ambientes e personagens e no fantasmagórico que compõe cenas e gestos, seja através de percepções por meio de vários sentidos, como aquelas despertadas pelas menções do odor de incenso das igrejas e dos porões mofados, do ruído dos sinos que agonizam ou choram, ou mesmo da experiência extra-sensorial no sonambulismo, ou do **déjà vu** que acompanham os personagens. A tais experiências pode-se aliar um outro fator de extrema relevância nessas obras: a questão do tempo. Sendo as referidas obras apresentadas **in media res**, a posição do leitor é de espectador que de repente se depara com acontecimentos que envolvem personagens e lugares desconhecidos e aparentemente sem sentido, mas que podem (ou não) vir a ser explicados ao longo do texto.

Na observação de Bosi, tais aspectos têm lugar e são coerentes com o conjunto da obra de Lúcio Cardoso e de Cornélio Penna:

A decadência das velhas fazendas e a modorra dos burgos interioranos compõem atmosferas imóveis e pesadas onde se moverão aquelas suas criaturas insólitas, oprimidas por angústias e fixações que o destino afinal consumará em atos imediatamente gratuitos, mas necessários dentro da lógica poética da trama (BOSI, 1995, p. 414).

Bosi aponta não somente para o estranhamento que as criações desses autores podem gerar, mas também para um avanço por elas proposto: a distância de um **relato psicológico** mencionada é o diferencial que essa geração apresenta quando comparada à primeira geração de 22, em que a influência freudiana e da Psicanálise havia sido claramente assumida. Um bom exemplo é a apropriação que dadaístas e cubistas fazem das sugestões do inconsciente, preferindo-as aos apelos da razão e do cotidiano.

Ainda quanto ao **tempo**, é característico das obras dos três autores o uso de um tempo particular que se desenvolve dentro dos ambientes onde se deslocam as famílias, em comparação com o tempo que existe fora dos mesmos. Na novela *Inácio*, por exemplo, esse tempo é percebido como uma prostração sonolenta e febril que acompanha Rogério todo o tempo em que está no quarto de pensão onde

reside. A respeito de *Crônica da casa assassinada*, conforme observa o crítico Louzada Filho (1959), a chegada de Nina, recém-casada, personagem estranha à Chácara onde vivia a família do marido, modificara a dinâmica dos acontecimentos naquele lugar. Ao tempo da Chácara, por si mesmo diferente daquele de Vila Velha (aldeia próxima), Nina acrescenta um tempo outro, quebrando o ritmo e o estado de coisas. Tal se percebe também na chegada da personagem Tia Emiliana, em *Fronteira*, e seu tremendo impacto sobre as vidas de Maria Santa, dos empregados, do narrador e dos inúmeros visitantes do casarão: anônimos, conhecidos, familiares ao leitor ou apenas surgidos aparentemente do nada. O narrador relata: “Tia Emiliana dera uma vida nova e misteriosa à casa, adormecida, que passou logo a ser o centro íntimo da cidade” (PENNA, 1991, p. 35).

Já em Octavio de Faria, o leitor depara-se com um tempo linear com todos os fatos narrados no pretérito por um narrador onisciente, que se permite, inclusive, fazer malabarismos com a sequência temporal e antecipar alguns fatos futuros, como em: “Muitos anos mais tarde, ainda se lembraria dessa noite de luar que se seguira a um dia de uma beleza tão grande--e tão decisivo para ele” (FARIA, 1969, p. 67).

Aliado ao tempo, deve-se considerar o **espaço** por onde se deslocam as personagens, em geral um espaço doméstico. Tanto em Lúcio em Cornélio, o espaço doméstico é privilegiado, apresentando a dinâmica familiar em separado da do espaço externo à casa; casa que, em nenhuma dessas obras, será sinônimo de aconchego e de lar; pelo contrário, será identificada como lugar claustrofóbico e de confinamento, que impele as personagens a fugirem do mesmo, a abandoná-lo. O narrador não-identificado de *Fronteira*, por exemplo, esclarece sua impressão sobre tal ambiente:

E foi então que eu quis fugir, afastar de mim aquele ambiente que me pesava, sufocante, como um grande véu. Quis saltar por sobre o círculo mágico que me cingia, cada vez mais apertado; quis ver lá fora o mundo cotidiano, os dias que passam sem análise... (PENNA, 2001, p. 91).

Assim também o é em *Crônica da casa assassinada*, onde a Chácara dos Meneses se contrapõe à Vila Velha do povo, dos curiosos, do cotidiano, que em nada parece ter a ver com o lado de dentro da casa. Também na casa da

protagonista de *Fronteira*, Maria Santa, um ritmo peculiar se diferencia daquele do espaço exterior ao do casarão: “Era esse o contacto, direto e vivo, de toda aquela casa enorme e fechada como um cofre, com a pequena cidade, que se aborrecia, espalhada em torno dela” (PENNA, 2001, p. 73). Essa divisão de espaços delimita dois mundos bastante distintos, que parecem nunca poder se comunicar ratificando-se, desta forma, o hiato entre ambos.

É esse espaço de **fronteira** (fronteira da insanidade, da obscuridade, do fantasmático, do fantasmagórico, do desejo versus o real, do consciente, do são, do racional etc.) pelo qual perambulam tanto os que estão do lado de lá (da narrativa) quanto os que estão do de cá (da leitura) sem jamais se tocarem, a não ser no plano das ideias, do simbólico e da interpretação. Em outras palavras, o limite sugerido pela fronteira (linha imaginária que separa ou que, dialeticamente, também interliga) coloca em contato dois espaços distintos: o das personagens que vivem seus conflitos beirando o irreal, o sonho, o delírio, e o dos leitores que acompanham, sem poder interferir, o desenlace da narrativa. Contudo, na medida em que o texto vai-se desvelando pelos olhos interpretativos do leitor, esses dois mundos têm a possibilidade de se vislumbrar, colocando-se frente a frente. Ambos servem de referência um para o outro, como espelho que ocupam realidades bastante distintas.

Nas referidas obras dos três autores, podem-se encontrar registros fortes desse espaço transitório. Em *Inácio*, por exemplo, Rogério Palma se pergunta se seria possível escapar daquela *prisão*. Em *Crônica da casa assassinada*, é Nina quem admite:

Ah, foi sempre este o mal daqui: fazer-me sentir prisioneira, sozinha e sem possibilidades. (...) E no entanto vim--e no entanto transpus as portas do meu cárcere, porque há uma força superior que me impele, e eu vim ao encontro do meu destino, como quem abre espontaneamente as portas de sua prisão (CARDOSO, 1991, p. 237).

Em *Fronteira*, esse espaço é percebido como estranhamento que se manifesta quando o narrador, logo no início, retorna à sua casa e não reconhece a si mesmo:

E não posso conter um movimento de recuo medroso. Está alguém ali. O seu olhar baço encontrou-se com o meu e vi sua face manchada e lívida...Volto, trêmulo, e fito com esforço aquele vulto, e ele surge, lentamente, de entre as manchas, e forma-se, toma corpo, vindo parar

diante de mim. E me reconheço, por entre o mareado do espelho...
(PENNA, 2001, p. 23).

Esse lugar assombrado pelas memórias por onde as personagens vagueiam traz marcas que ou não se podem apagar, ou não podem ser alteradas com a passagem do tempo, pois elas estão presentes nas paredes, nos cômodos, nos objetos, enfim, em tudo o que faz parte do cotidiano das protagonistas.

Nas obras de Cornélio Penna e de Lúcio Cardoso, **tempo** e **espaço** se entrecruzam, traduzidos em móveis, roupas, utensílios e cômodos inteiros que se encontram incrustados como uma chaga viva a lembrar a todos que o passado está ali, marcando presença e interferindo no cotidiano. Como um texto em palimpsesto, sobre as paredes das habitações podem-se ler imagens, contornos e histórias inteiras que acompanham as diferentes gerações de personagens. Encontramos na Chácara dos Meneses, espaço principal desse romance cardosiano, inúmeros sinais dessas memórias sob diferentes formas: no papel de guardião dos valores e memórias da família que Demétrio, o irmão mais velho, assume (ainda que precária e hipocritamente); na incorporação que Timóteo, irmão mais novo, faz da mãe e da tia-avó, Maria Sinhá, usando vestidos e joias daquela e se inspirando nesta ao recontar com grande admiração e orgulho os seus feitos; e, quanto ao espaço, na descrição da decadência do prédio da Chácara como metonímia da destruição da própria família, no quarto sempre fechado de Timóteo que guarda a memória pulsante e patológica de um passado cada vez mais distante da realidade, e no Pavilhão abandonado, primeira sede da propriedade.

Um recurso, porém, chama-nos a atenção em particular, pois é usado de maneira semelhante nos romances de Cornélio e de Lúcio: o impacto do **recurso visual** através da pintura/iconografia. Na Chácara, um quadro de Maria Sinhá, que antes se encontrava pendurado em uma das paredes de sala de estar, fora retirado depois de muitos anos, deixando ali sua marca, imediatamente percebida pelo médico (como um sintoma?) de Vila Velha: “Por cima, destacando-se nitidamente da parede, havia a marca de um lugar outrora ocupado por um quadro” (CARDOSO, 1991, p. 170). Este mesmo quadro havia sido descrito com grande riqueza de detalhes por Nina em sua primeira visita ao porão da Chácara, na companhia de duas criadas da casa:

E finalmente, um pouco ao lado, a face voltada para o muro, um retrato -- poderia ter mais ou menos um metro de altura—ainda perfeito em seus caixilhos. Anastácia arrastou o quadro para debaixo da luz e esfregou um pano sobre sua superfície-- devagar, como se emergisse do fundo parado de uma lagoa, a fisionomia foi surgindo, e à medida que os traços iam se revelando, mais fortemente batiam nossos corações, como se violássemos um segredo que para sempre devesse dormir na escuridão do passado (CARDOSO, 1991, p. 161).

A impressão que o quadro causa em Nina é tão intensa que faz com que ela e as outras duas mulheres presentes no porão sintam-se como um único indivíduo. De acordo com Nina, então assumindo a voz narrativa, a reação das personagens diante da tela fora idêntica. Daí o impacto da imagem de Maria Sinhá ser tão mais forte que a presença viva das três mulheres, a ponto de submetê-las à sua imponência. Igual mestria Lúcio Cardoso pintor revelaria alguns anos mais tarde nas telas que produziu após seu primeiro acidente vascular cerebral.

Em Cornélio Penna, há semelhante importância no casarão e nos objetos que abriga, e pode-se notá-lo no subjugo dos seres humanos à força das coisas de dentro daquele ambiente. Assim refere-se o narrador ao casarão:

Suas salas gigantescas e toscamente construídas eram mobiliadas com raros móveis muito grandes, de pau-santo, rígidos e ásperos, e davam a impressão de que os avós de Maria, seus antigos possuidores, levavam uma vida de fantasmas, em pé diante da vida, só se sentando ou recostando, quando doentes, para morrer (PENNA, 2001, p. 29).

Como em Lúcio Cardoso, neste romance, a pintura na parede torna-se tão viva quanto os seres que com ela dividem espaço:

Só então surgiram a meus olhos os retratos que pendiam das paredes, de longos cordões vermelhos, presos a ganchos profundamente enterrados na cimalha. No maior deles, Dona Maria Rosa, de vestido preto de pregas [...]. A cabeça pendia para a frente, num esforço para escutar bem, não perder uma só palavra, nem qualquer intenção oculta de quem falasse. E sua imagem, rudemente emoldurada, era o único ouvinte atento que tinha o Juiz (PENNA, 2001, p. 42).

Há todo um movimento, ou seja, um dinamismo, associado à pintura emoldurada na parede traduzido no uso do verbo **surgir**. Tem-se a impressão de que não são os olhos que se movem em direção ao quadro, que veem os retratos ou vão ao seu

encontro, mas, pelo contrário, são os retratos que surgem aos olhos do narrador, avançando em direção a estes. Também se nota que os ganchos estão enterrados (como que se tivessem morrido) e que a projeção do corpo da figura de Dona Maria Rosa precipita-se da tela para o espaço onde se encontram o narrador e o Juiz. É a figura do quadro a que parece estar viva, contrastando-se com as duas figuras humanas, sujeitos passivos perante a tela dependurada na parede.

Em Octavio Faria, o ambiente religioso do Colégio São Luis de Gonzaga torna-se lugar da convivência diária dos protagonistas masculinos, espaço ao qual a mulher só tem acesso bastante restrito. Mesmo não sendo internos, passam ali grande parte do dia e aprendem, com os relatos dos colegas, sobre o mundo para além dos muros daquela instituição e da cartilha de ideologia religiosa a que ouvem pela boca dos professores padres, retornando às suas casas somente ao fim do dia. Sendo também um dos narradores, Padre Luis aparece como intermediário entre o discurso científico do mundo da descoberta dos adolescentes (seu desenvolvimento físico e biológico) e o discurso religioso. Por mais que tente convencer os alunos a reprimirem seus pensamentos e desejos sexuais, reforçando a ideia das virtudes religiosas--mais especificamente o ideal de preservação da virgindade até o casamento--, o padre sabe ser essa uma batalha praticamente perdida, sem nunca, porém, abandonar suas esperanças. O ambiente religioso não apresenta nada do aspecto gótico da prosa de Cornélio e Lúcio. O colégio religioso se reduz praticamente à sala de aula e ao confessionário, locais por onde transitam os jovens protagonistas sem qualquer aspecto sombrio.

Outro diferencial entre essa obra e as de Cornélio e Lúcio é o fato de ela privilegiar a perspectiva do jovem pré-adolescente do sexo masculino. Na verdade, esse romance abre espaço para se levantarem questões morais apenas a partir da visão masculina, uma vez que a voz feminina ou é a da prostituta (aliás, termo jamais utilizado na narrativa, optando o autor pelo eufemismo *habitante da casa de pensão*) ou a da mulher que é mãe de família e salvaguarda os valores do casamento e da castidade. O sistema familiar e os subsistemas aos quais os protagonistas pertencem são pouco aprofundados no texto, que privilegia o conflito psicológico e moral, sem muito desenvolver ou detalhar a atuação das famílias na decisão de alguns jovens. Sabe-se que a influência da família é forte e definitiva

pois, ainda que seu sistema de valores seja questionado por alguns dos adolescentes, ela é o esteio que sustenta as noções de certo e errado, e de verdade e de mentira que os jovens levam consigo. O texto parece espelhar esse caráter de negação de questionamentos por parte das famílias, pois sabe-se que os jovens estão na puberdade e se veem diante de questões bastante profundas, e é por essa via que se pode perceber um espaço para se questionarem muitos dos valores da sociedade brasileira--mais especificamente os daquelas famílias que vivem no espaço urbano--através do discurso religioso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber, a aproximação entre Lúcio Cardoso, Cornélio Penna e Octavio de Faria pousa bastante na individualidade de cada sujeito da narrativa, nas peculiaridades de cada personagem, enfim, no intimismo que une a produção dos referidos autores.

Em Lúcio e em Cornélio, a aproximação se dá fortemente também através dos ambientes que esses autores criam e que são habitados por personagens que vagam quase que sob um automatismo, aparentemente sufocados pelo espaço em que vivem e pelos objetos que o ocupam--espaço este que nada mais é senão projeção de suas almas sombrias. À vivacidade desses ambientes--e a seus objetos, imagens, mobiliário etc.--contrastam-se personagens que por entre eles vagueiam, qual zumbis.

Um forte caráter visual singulariza também as obras de Lúcio Cardoso e Cornélio Penna e sublinha, por contraste, a incomunicabilidade oral entre suas personagens. Tanto em um quanto no outro, a dificuldade de comunicação espontânea entre os personagens expõe sua capacidade precária de saírem de si mesmos voluntariamente para estabelecer uma relação saudável com quem quer que seja; o que se capta como informação é o que se expele por meio do suor, o que se lê nos olhares, o que se interpreta a partir de seus gestos. A palavra nunca pareceu tão incompetente para comunicar.

Já em Octavio Faria, o espaço apresentado não possui a mesma expressão ou não aparece como lugar privilegiado.

Seja por meio da ideologia religiosa ou dos valores da família conservadora do Brasil de sua época, na leitura das obras desses três escritores, ainda que não pertencentes à corrente do romance social, transparecem os valores da sociedade como um todo e, mais especificamente, das relações familiares em tal contexto; mas é na intimidade de cada personagem, no vaguear de suas mentes e no devaneio de seus pensamentos que vamos encontrar a força de maior magnitude dos autores. Em outras obras dos referidos autores, fica a possibilidade de estabelecerem mais correlações.

A constante exposição a que os personagens ficam sujeitos a cada capítulo nos fornece um quadro daquilo que vai pela sua mente, controlando, descontrolando, ou sendo controlada por fatores diversos e tomando de cada uma dessas personagens uma contribuição para a totalidade da obra. O intimismo nos convida a todos a um percurso pelo interior dessas personagens, o que, de forma alguma, nos prepara para umas tantas surpresas pelas quais os referidos textos também se primam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Opiniões Críticas sobre a Obra de Lúcio Cardoso*. **Minas Gerais Suplemento Literário**. 30 nov. 1968.

ATAÍDE, Tristão de. *O antideletante*. **Minas Gerais Suplemento Literário**. 6 jan. 1961.

ATHAYDE, J. C. Austregésilo de. *Crônica da casa assassinada*. **Jornal do Comércio**. 29 mai. 1959.

AYALA, Walmir. *Crônica da Casa Assassinada – um romance imoral? (I e II)*. **Correio da Manhã**. 6 e 20 jun. 1959.

AYALA, Walmir. *Lúcio Cardoso – Crônica da Casa Assassinada – Personagens*. **Jornal do Comércio**. 11 set. 1960.

AYALA, Walmir. *Lúcio Cardoso: O Corcel de Fogo*. **Minas Gerais Suplemento Literário**. 5 nov. 1988.

BANDEIRA, Manuel. *Lúcio Cardoso*. **Folha de São Paulo**. 3 dez. 1960.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. 910 p.

BRANDÃO, Ruth S. *Uma escrita de beira abismo*. **Hoje em Dia**. 11 ago. 1996.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP, 2006. 712 p.

CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite: e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. 264 p.

CARDOSO, Lúcio. **Crônica da casa assassinada**. Ed. Mário Carelli. Madri: Arquivos, 1991. 810 p.

CARDOSO, Lúcio. **Diário completo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. 756 p.

CARDOSO, Lúcio. **Inácio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 380 p.

CARDOSO, Lúcio. **Maleita**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1953. 252 p.

CARDOSO, Lúcio. **Salgueiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007. 253 p.

CARELLI, Mario. **Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso**. (1912 – 1968). Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. 250 p.

BRANCO, Lúcia C. **Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro**. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

DORR, Jöel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 204 p.

FILHO, Adonias. **O romance brasileiro de 30**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

FARIA, Octavio de. **Mundos mortos**. Rio de Janeiro: Gráfica Record, 1969.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Inventário do arquivo de Lúcio Cardoso.** Rio de Janeiro. Rosângela Florido Rangel e Eliane Vasconcellos Leitão (org.). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

HERMAN, Arthur. **A ideia de decadência na história ocidental.** Trad. de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MARTINS, Wilson. **Pontos de vista.** (crítica literária). 1958/1959. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

PENNA, Cornélio. **Fronteira.** Rio de Janeiro: Artium, 2001. 183 p.

CANTOS DO MUNDO: O PESO E A LEVEZA NA PROSA DE CONCEIÇÃO EVARISTO ✓

42

Alex MARTONI¹
Maria da Aparecida PIRES²

✓ Artigo recebido em 30/09/2019 e aprovado em 20/10/2019.

¹ Professor do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF), é Doutor em Estudos de Literatura pela UFF, com doutorado-sanduíche/Capes pela *Stanford University* (EUA) e pós-doutorado PNP/Capes pela UFF. Líder do Grupo de Pesquisa *Ressonâncias: música, mídia e literatura*, é também membro da *Red Latinoamericana de Investigaciones en Prácticas y Medios de la Imagen* e do GT Anpoll **Intermedialidade: Literatura, Artes e Mídias**. Músico, DJ e realizador audiovisual, é organizador do livro **Rituais da Percepção** (2018) e, atualmente, desenvolve pesquisas nas áreas da Teoria da Literatura, Literatura Contemporânea Brasileira, *Sound Studies*, Filosofia da Técnica e Intermedialidade. E-mail: <alexmartoni@cesjf.br>.

² Mestranda em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: <madapires@terra.com.br>.

CANTOS DO MUNDO:**O PESO E A LEVEZA NA PROSA DE
CONCEIÇÃO EVARISTO****RESUMO**

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as implicações estéticas e políticas da articulação entre diferentes dimensões da voz na prosa de Conceição Evaristo. A emergência da voz como uma categoria de análise, na contemporaneidade, deriva da irrupção de seu protagonismo na vida política, seja na sua dimensão discursiva, como lugar de fala; seja na sua dimensão material, por meio das performances poéticas. É nesse sentido que buscaremos pensar o romance *Ponciá Vicêncio* (2003) e os contos coligidos em *Olhos d'Água* (2014). Ambas as obras são marcadas pela presença de vozes que expõem as consequências da condição histórica de submissão socioeconômica e cultural às quais a população negra e feminina fora relegada no Brasil; vozes enunciadas pelas narradoras, pelas instâncias discursivas (direto, indireto e indireto-livre), pelos cantos das personagens lançadas para os cantos do mundo. No entanto, a escrita de Evaristo parece temperar o peso da realidade com a transfiguração por meio da metáfora, a aspereza do discurso com a suavidade da prosódia textual. É dentro dessa perspectiva que nos perguntamos: que sentidos são produzidos por essa escrita que parece estar no limiar entre o peso e a leveza?

Palavras-chave: Conceição Evaristo. *Ponciá Vicêncio*. *Olhos d'Água*. Retórica. Política da voz.

CORNERS OF THE WORLD:**WEIGHT AND LIGHTNESS IN THE PROSE
OF CONCEIÇÃO EVARISTO****ABSTRACT**

This article aims at reflecting on the aesthetic and political implications of the articulation between different dimensions of voice in the prose of Conceição Evaristo. The emergency of the voice as a category of analysis, in contemporary times, derives from the irruption of its leading role in political life, whether to its discursive dimension, as a place of speak, or in its material dimension, by means of poetic performances. It is in this sense that we will seek to think about the novel *Ponciá Vicêncio* (2003) and the short stories collected in *Olhos d'Água* (2014). Both works are marked by the presence of voices that expose the consequences of the historical condition of socioeconomic and cultural submission to which the black and female population had been relegated to Brazil; voices uttered by the narrators, by the discursive instances, by the songs of the characters launched to the corners of the world. However, Evaristo's writing seems to temper the weight of reality with transfiguration through metaphor, the harshness of discourse with the softness of textual prosody. It is within this perspective that we ask ourselves: what meanings are produced by this writing that seems to be on the threshold between weight and lightness?

Keywords: Conceição Evaristo. *Ponciá Vicêncio*. *Olhos d'Água*. Rhetoric. Voice politics.

1 INTRODUÇÃO

Como narrar o horror? A pergunta que fica subentendida nas palavras finais do enlouquecido Kurtz, protagonista de **O coração das trevas** (2008), romance de Joseph Conrad, nos serve de ponto de partida para pensarmos a escrita de Conceição Evaristo: como narrar a violência, o preconceito, a miséria, o ódio? Se, por um lado, a escritora busca assumir um lugar de fala e denunciar a condição de subalternidade na qual a mulher negra é relegada, por outro, a escrita de Evaristo parece temperar o peso da realidade com a transfiguração por meio da metáfora; a aspereza do discurso de ódio e preconceito com a suavidade da prosódia textual. Dentro dessa perspectiva, este artigo tem por objetivo pensar, justamente, essas questões a partir justamente da dinâmica entre o peso da condição existencial e a leveza da retórica a partir de algumas passagens do romance **Ponciá Vicêncio** (2017) e de alguns dos contos coligidos no livro **Olhos d'Água** (2016).

Olhos d'Água (2016) coloca em relevo as problemáticas enfrentadas pela mulher negra. A temática central que atravessa os seus 15 contos é as agruras diárias enfrentadas pelas mulheres afro-brasileiras, em especial, as diversas formas de violência que impõem peso à sua existência. Para tal, Evaristo perfila, conto a conto, as angústias sociais e existenciais vividas por um grupo de personagens femininas: as da mulher de um traficante (Ana Davenga), as de uma mendiga (Duzu-Querença), as da vítima do preconceito racial (Maria), dentre muitas outras. **Ponciá Vicêncio** (2017), por sua vez, nos apresenta a trajetória da protagonista homônima, desde sua infância até a idade adulta, mostrando seu processo de migração do campo para a cidade e de retorno à terra de origem. Ponciá é uma mulher negra, descendente de escravos, que enfrenta inúmeras perdas durante sua vida: pai e avô falecidos, mãe e irmão desaparecidos, sete filhos perdidos. Ao decidir buscar uma vida melhor na cidade, a protagonista vive as agruras do trabalho como doméstica, do casamento frustrado com um homem violento, das condições degradantes da vida na periferia, e sonha voltar ao seu povoado de origem em busca da mãe e do irmão.

Indubitavelmente, o que salta aos olhos, na leitura dos contos e do romance de Conceição Evaristo aqui em questão é o modo como sua prosa se oferece como um *locus* para se pensar a condição da mulher negra no mundo contemporâneo. Em uma busca realizada no **Catálogo de Teses e Dissertações da Capes**, encontramos aproximadamente 70 trabalhos envolvendo a autora mineira. Em sua ampla maioria, esses trabalhos oferecem visadas muito produtivas alicerçadas em uma leitura dos textos de Evaristo modulada por categorias sociológicas. Nesse sentido, discute-se tanto sobre a construção da figura feminina negra no romance de estreia da autora, a partir da relação dialógica entre o texto evaristiano e os de outras escritoras negras da literatura brasileira (ARAÚJO, 2007), como acerca da representatividade do sujeito autoral negro comprometido com a denúncia do preconceito racial (LIMA, 2009). Não obstante a riqueza e a produtividade dessas visadas sobre a obra da escritora mineira, ocorreu-nos perguntar sobre o modo bastante singular como essa realidade social é apresentada em sua prosa, isto é, que configurações retóricas são empregadas na articulação entre o peso que se impõe à existência da mulher negra e sua transfiguração literária por meio da linguagem figurada.

2 VOZ E POLÍTICA: LUGAR DE FALA NA LITERATURA

Sob o ponto de vista estritamente material, a voz é uma forma de produção de ondas acústicas realizadas pelo corpo humano. Não por acaso, ao ser inquirido a respeito da natureza da voz, o medievalista Paul Zumthor afirmou que era “razoável dizer que a voz é uma coisa, isto é, que ela possui, além das qualidades simbólicas, que todo mundo reconhece, qualidades materiais não menos significantes” (ZUMTHOR, 2005, p. 62).

Os estudos de literatura ampliaram significativamente as acepções do termo. No âmbito da poesia, por exemplo, perguntamo-nos sobre a **voz** do eu lírico tentando identificar não somente o gênero ou o conteúdo sobre o qual se fala, mas também a tonalidade afetiva na qual algo é expressado. Já no campo da prosa, a palavra **voz** comparece como referência ao complexo fenômeno da interrelação entre a enunciação do prosador e os diversos discursos socialmente instituídos com

os quais ele lida. O filósofo da linguagem e pensador da cultura Mikhail Bakhtin buscou, nesse sentido, conceber conceitos – como **dialogismo** e **polifonia** – que dessem conta desse complexo fenômeno. Desse modo, segundo Bakhtin, “O objeto é para o prosador a concentração de vozes multidiscursivas, dentre as quais deve ressoar a sua voz; essas vozes criam o fundo necessário para a sua voz, fora do qual são imperceptíveis” (BAKHTIN, 2010, p. 88).

Para além de suas acepções materialistas e linguísticas, a noção de **voz em literatura** vem ganhando força enquanto lugar social em que é produzida a própria representação, isto é, na perspectiva de Regina Dalcastagnè, “os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao *lugar de fala*: quem fala e em nome de quem” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17). Esse aspecto pode ser evidenciado no modo como termos ligados ao campo semântico da produção da voz permeiam os discursos políticos. Ao se referir às feministas negras dos anos 60 e 70, por exemplo, Djamila Ribeiro afirma que elas expressavam o desejo de “não se calar” (RIBEIRO, 2018, p. 125) como forma de se constituírem como um “sujeito político” (RIBEIRO, 2018, p. 125) e desenvolverem “políticas de enfrentamento da violência contra a mulher negra” (RIBEIRO, 2018, p. 125). Ao se estabelecer uma vinculação entre o verbo **calar**, a formação do corpo **político** e o **enfrentamento** como modo de ação, as feministas negras parecem colocar em evidência a importância da relação entre voz e política, a necessidade, como salienta bell hooks (2019), de **erguer a voz**.

Essa relação entre representação e representatividade tem sido crucial nos estudos literários contemporâneos, pois, ainda segundo Dalcastagnè, o que se coloca “não é mais simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas, sim, que essas representações não são representativas do conjunto de perspectivas sociais” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17). É dentro dessa perspectiva que, contemporaneamente, determinadas expressões literárias, como a poesia produzida por indivíduos lançados à condição de subalternidade, nos oferecem uma contranarrativa que repensa e reescreve a própria formação histórica nacional. São vozes – agora, não só sociais, mas também acústicas – que ecoam por meio de saraus e *slams*. É, justamente, a esse coro que,

por meio da performance, clama por visibilidade que a voz de Conceição Evaristo deve ser associada. Nos romances, contos e poemas da autora, a noção de **lugar de fala** pode ser pensada sob duas perspectivas convergentes: por um lado, como **representatividade**, isto é, como o lugar social onde se deu a própria trajetória de vida da escritora e que funciona como *leitmotiv* de sua obra; por outro, enquanto **representação**, ou seja, como o lugar social constituído no nível da representação, isto é, aquele em que os seus personagens circulam.

Sob a perspectiva da representatividade, o estabelecimento do **lugar de fala**, em Evaristo, envolve, fundamentalmente, a compreensão de como o lugar social de vivência da escritora influi sobre a sua própria escrita. Nesse sentido, é oportuno lembrar que Evaristo é uma mulher negra que cresceu em uma favela e que, cumprindo, em parte, a sina de um país cujas marcas da escravatura permanecem indelévels, trabalhou como empregada doméstica. Ao longo de sua ficção, perfilam-se, justamente, mulheres negras que são empurradas para a condição de subalternidade. A essa espécie de amálgama indissociável entre vida e obra, Evaristo cunhou um termo: **escrevivência**. Por meio dele, a autora coloca em relevo a importância da relação entre representação e experiência subjetiva em sua obra.

No que diz respeito à representação propriamente dita, Evaristo busca, no plano ficcional, constituir histórias fortemente voltadas à revelação da condição de subalternidade vivida por mulheres negras. Nesse sentido, o **lugar de fala** deve ser pensado como o lugar social de onde suas próprias personagens enunciam. Ao longo de suas narrativas, Evaristo perfila as agruras vividas por um conjunto de personagens femininas inseridas nesse universo: a da mulher de um traficante (Ana Davenga), a de uma mendiga (Duzu-Querença), a vítima do preconceito racial (Maria) e da trajetória de uma descendente de escravos que migra do campo para a cidade (Ponciá Vicêncio). Nesse sentido, é importante assinalar como as vozes das personagens de Evaristo destoam de todas aquelas vozes que atravessam a história da literatura brasileira; vozes que eram mediadas pela escrita masculina branca: seja a voz inconformada do discurso humanitário do “poeta dos escravos”, Castro Alves; sejam as vozes do sinhô e da sinhá que não cansam de dar ordens à Negra Fulô, de Jorge de Lima, como se constata, respectivamente, abaixo:

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs (ALVES, 2001, p. 281).

“Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama,
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!
Essa negra Fulô!”

“Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!”

“vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede,
vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!” (LIMA, 2014, p. 71).

Os fragmentos acima nos permitem evidenciar que, no que concerne à representação da mulher negra na história da literatura brasileira, desde o período colonial até o modernismo, nota-se que esta foi, preponderantemente, apresentada por meio de uma voz que não a sua própria, tanto no sentido da identidade do **eu lírico** que enuncia quanto na perspectiva do lugar social daquele que escreve. Como contraponto a esses cânones da literatura brasileira, em Conceição Evaristo, é o ponto de vista da mulher negra que ganha força, fazendo com que, por meio dessa voz, o peso da condição existencial da mesma emergja em suas histórias a fim de reivindicar, justamente, o seu **lugar de fala**.

3. PELOS CANTOS DO MUNDO: REPRESENTAÇÃO DO PESO DA EXISTÊNCIA DA MULHER NEGRA

Ao longo do romance **Ponciá Vicêncio** e dos contos coligidos em **Olhos d'Água**, são representadas as diversas formas de violência através das quais o sistema político, econômico e social brasileiro regula, historicamente, os modos em

que a mulher negra pode existir. Nesse sentido, interessa-nos tomar como exemplo para a análise uma dessas representações: Maria. Ao conferir voz a essa mulher, isto é, possibilidade de enunciação a partir de um lugar de fala determinado, Conceição Evaristo realiza, efetivamente, um gesto de natureza política, tendo em vista que lhe dá reconhecimento social. É importante salientar que, a despeito dos contos e do romance em questão serem narrados em terceira pessoa onisciente, é possível falar nas **vozes** das personagens de Evaristo, tendo em vista que recursos como discursos em forma direta, indireta ou indireta-livre nos permitem ter acesso ao pensamento das mesmas. Portanto, mesmo quando silenciadas, há, como afirma Patricia Hill Collins (2019), uma consciência que permanece como a única esfera de liberdade possível – e que tomamos conhecimento por meio das estratégias narrativas empregadas por Conceição Evaristo.

No conto **Maria**, a protagonista homônima é uma mãe solteira que trabalha como empregada doméstica e é vítima da exploração exercida pela patroa. Nesse sentido, a primeira forma de violência infligida à protagonista é a própria condição profissional, a de empregada doméstica, tendo em vista o modo como a mesma enseja um conjunto de práticas fortemente arraigadas ao passado escravocrata brasileiro, como se pode evidenciar na seguinte passagem:

O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os dois filhos estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remédio de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy (EVARISTO, 2015, p. 39).

O ato de levar “os restos” para casa, de dar valor àquilo que só servia como enfeite para a mesa da patroa, e o aumento da jornada de trabalho visando à compra de medicamentos e alimentos para os filhos, ecoam um passado escravocrata marcado por execução de trabalhos braçais, jornadas de trabalhos extenuantes e humilhações diversas. Esse tipo de representação, na qual as relações de poder envolvem duas mulheres, a patroa, branca; e a empregada, negra, nos permite refletir sobre a razão da busca do feminismo negro por uma

agenda própria, que permita acolher não só os problemas relativos às diferenças de gênero, mas também às diferenças raciais.

Para além da violência que media a relação entre patroa e empregada, o conto tem como ponto crucial, uma violência de escala e crueldade ainda maiores, quando o ônibus que a protagonista toma para retornar do trabalho é assaltado por seu ex-companheiro, pai de um de seus filhos. Ao perceberem que Maria não fora assaltada, os passageiros levantam a hipótese de que a empregada fora copartícipe do crime. Embora fosse uma inferência equivocada, a empregada é agredida fisicamente até a morte apenas pelo fato de ser mulher negra e pobre. O momento do linchamento é, particularmente, marcado pela relação entre voz e silenciamento. Os passageiros vociferam, insultando-a: “aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes” (EVARISTO, 2014, p. 41), “Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois” (EVARISTO, 2014, p. 41, “Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!...” (EVARISTO, 2014, p. 42). A Maria, cabe, apenas, aguardar, em silêncio e sem direito à defesa, a trágica consequência da sentença autoritariamente proferida pelos passageiros.

As condições de violência às quais estão sujeitas mulheres negras como Maria são reflexo da estrutura socioeconômica que fundou e que se perpetua em nosso próprio país. Nesse sentido, como observa a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz,

A misoginia se manifesta de muitas formas, que vão desde a exclusão social até a violência de gênero. Ela aparece retratada igualmente na antiga formação patriarcal de nossa sociedade, a qual carrega, até a atualidade, a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra a mulher e a tentativa de objetificação sexual. Essas são raízes compactas de nosso autoritarismo, que sempre trouxe consigo uma notória correlação com a questão de gênero (SCHWARCZ, 2019, p. 186).

Os apontamentos da antropóloga são corroborados pelas estatísticas. De acordo com o Mapa da Violência de 2018, nos últimos 10 anos a taxa de homicídios de mulheres não negras diminuiu 8% e no mesmo período a taxa de homicídio de mulheres negras aumentou 15%³.

³ Dados disponíveis em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/em-10-anos-assassinatos-de-mulheres-negras-aumentaram-154>>. Acesso em 14 mar. 2019.

À voz de Maria, somam-se outras, como a de Ponciá Vicêncio. No romance homônimo, conta-se a história dos caminhos e descaminhos de uma jovem negra que, após imigrar do interior do estado do Rio de Janeiro para a capital, vive as agruras de uma vida marcada pela violência doméstica, pelo desejo de reencontrar a família, pelo preconceito social, pela pobreza e por um distúrbio psíquico que carrega como herança do avô.

No início de **Ponciá Vicêncio**, a violência emerge a partir da humilhação que é imposta ao pai de Ponciá:

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhó-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto de urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? (EVARISTO, 2017, p.17)

No fragmento acima, o pai de Ponciá é submetido a uma brutal humilhação, tendo em vista que, ao urinar em sua boca, o filho do coronel o despe de qualquer humanidade, transformando-o em um objeto, um repositório de seus excrementos. A expressão de perplexidade que segue à descrição da cena (“Se eram livres por que continuavam ali?”) expõe um problema que tem sido objeto de reflexão ao longo de toda história da literatura brasileira: a continuidade da condição de submissão dos negros a situações degradantes mesmo após a escravatura. Em **Menino de engenho** (2009), José Lins do Rego já nos alertava para o problema da permanência da senzala nos engenhos pernambucanos dos anos 1930. Continuar na senzala, permanecer, ainda que liberto, vivendo sob condições humilhantes como a apresentada pelo fragmento acima implica, historicamente, compreender o modo de formação daquilo que Jessé Souza chama de **ralé brasileira**. Ao submeter o menino liberto a uma situação de grande humilhação, o filho do coronel contribui para a formação dessa classe oriunda de um processo que, segundo o sociólogo,

(...) pressupõe a animalização e a humilhação do escravo e a destruição progressiva da sua humanidade, como o direito ao reconhecimento e à autoestima, a possibilidade de ter família, interesses próprios e planejar a própria vida (SOUZA, 2017, p.75).

Esse é um problema que emerge na literatura contemporânea em função da conquista do **lugar de fala**. Como sabemos, em **Trabalhadores do Brasil** (2005), Marcelino Freire tentou uma resposta combativa a essa condição. No pequeno conto, um narrador irascível e inconformado com a situação de subalternidade dos negros hoje, impõe, de modo imperativo, um conjunto de negações e questionamentos que culminam em uma confrontação direta daquele que ocupa a condição de opressor: “Hein seu branco safado? Ninguém aqui é escravo de ninguém” (FREIRE, 2005, p. 19). A pergunta retórica que encerra o texto – “Tá me ouvindo bem”? (FREIRE, 2005, p. 19) – reforça a voz de indignação daqueles que, desde o período escravocrata, são relegados ao preconceito e aos trabalhos braçais. São aspectos como esse que conformam discursos socialmente naturalizados acerca dos modos em que os negros podem existir. É dentro dessa mesma perspectiva que as narrativas de Conceição Evaristo colocam em evidência a relação entre voz e política; tanto voz como emanção física, o grito, a vociferação; como voz enquanto metáfora que alude à possibilidade de falar, de expressar um ponto de vista, de elaborar um discurso. Contudo, diferentemente do tom irascível do protagonista de **Trabalhadores do Brasil**, a escrita de Evaristo parece temperar o peso da realidade com a transfiguração por meio da metáfora, a aspereza do discurso com a suavidade da prosódia textual. É nesse sentido que gostaríamos de nos questionar: que sentidos são produzidos por essa escrita que parece estar no limiar entre o peso e a leveza?

4 ENTRE O PESO E A LEVEZA: A RETÓRICA DA VOZ

Começemos por uma das passagens mais sensíveis e emocionantes do romance **Ponciá Vicêncio** (2017), em que se narra o momento da morte do pai da protagonista:

Em uma tarde clara, em que o sol cozinhava a terra e os homens trabalhavam na colheita, enquanto todos entoavam cantigas ritmadas com o

movimento do corpo na função do trabalho, naquela tarde, o pai de Ponciá Vicêncio foi se curvando, se curvando ao ritmo da música, mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu. Os companheiros entretidos na lida não perceberam. E só momento depois, no meio da toada, escutaram um tom, um acento diferente. Eram soluços do irmão de Ponciá deitado sobre o corpo do pai, que estava de bruço, emborcado no chão (EVARISTO, 2017, p. 28).

A passagem acima expõe um fato grave, a morte de alguém. Contudo, há algo que a torna ainda mais densa: a morte de alguém exaurido pelo trabalho. Não se trata de um trabalho qualquer, mas daquele a que gerações de descendentes de escravos vêm sendo submetidos, na lavoura, sob “o sol que cozinhava a terra”; daquele que é responsável pela produção de uma determinada epistemologia do negro. É fundamental salientar, como nos mostra Achille Mbembe, que o negro é **produzido**, e “Produzi-lo é gerar um vínculo social de sujeição e um *corpo de extração*, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor e do qual nos esforçamos para obter o máximo de rendimento” (MBEMBE, 2018, p. 42). A representação, portanto, de uma morte decorrente da extenuação de um corpo, da extração de seu potencial produtivo até sua fadiga final é, para o leitor, motivo de comiseração e revolta. Não obstante, o tom de que reveste a voz do narrador dá ênfase ao primeiro sentimento em detrimento do segundo. Não há exclamações com reflexões contra o sistema, nem perguntas retóricas envoltas pelo ódio, tanto menos descrições minuciosas e angustiantes ou imagens escatológicas do corpo humano. Em vez disso, o que Evaristo nos oferece é um conjunto de imagens que transfiguram a cena da morte.

Ao afirmar que, com a sua morte, o pai de Ponciá Vicêncio “não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu”, Evaristo evoca a célebre cena do enterro de um trabalhador de eito, em **Morte e vida Severina** (2007), de João Cabral de Melo Neto, em que aquilo que se tira da terra é devolvida à mesma⁴. É para esse mesmo sentido que parece apontar a frase de Evaristo: o pai de Ponciá, que tantas vezes colheu o fruto da terra, agora se torna o fruto que a ela se oferece. Note-se, ainda, que a frase em questão também se constitui como um modo indireto de anunciar a

⁴Referimo-nos, aqui, aos seguintes versos de **Morte e vida severina**: “–Não tens mais força contigo:/ deixas-te semear ao comprido./ –Já não levas semente viva:/ teu corpo é a própria maniva [...] –Não levas semente na mão: és agora o próprio grão” (MELO NETO, 2007, p. 110).

morte do personagem, tendo em vista que a palavra **morte** é evitada ao longo de todo o extrato acima apresentado. Ela comparece de forma indireta, por meio da metáfora em questão, dos “soluços do irmão” e do corpo de bruços, ou seja, ela é sugerida por meio de índices. É justamente nesse sentido que gostaríamos de nos questionar: como situar essa escrita em que a representação da realidade social da mulher negra é realizada por meio de uma linguagem opaca, que sugere em vez de mostrar explicitamente, que exhibe as marcas de seu próprio artifício verbal?

Em um conjunto de conferências preparadas para a Universidade de Harvard, mas que, em razão de sua morte prematura, nunca foram proferidas, o ensaísta italiano Italo Calvino reflete sobre cinco qualidades da escritura que se constituem como legado para o novo milênio, a saber: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. No que diz respeito, particularmente, à **leveza**, o ensaísta estabelece uma analogia entre o mito de Perseu e Medusa e uma determinada modalidade de escrita que privilegie a leveza do texto. Longe de conotar a ideia de superficialidade ou frivolidade, a noção de **leveza**, em Calvino indica uma escolha retórica, isto é, assim como o herói “dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho” (CALVINO, 1990, p. 16), poder-se-ia afirmar que alguns escritores optam pelo emprego da transfiguração da realidade em vez de um realismo lancinante, nos termos de Calvino, “a literatura como função existencial, a busca da leveza como reação ao peso do viver” (CALVINO, 1990, p. 39).

Em grande medida, a passagem da morte do pai de Ponciá Vicêncio pode ser pensada nessa perspectiva, tendo em vista que, como assinalamos, metáforas (“à terra se deu”) e índices (“soluços do irmão”; “corpo de bruço”) se constituem como modos de apontar, indiretamente, para o objeto da narrativa – a morte do pai. O movimento da escrita de Evaristo se coaduna perfeitamente com a perspectiva apresentada por Calvino, tendo em vista que o trágico momento nos é apresentado, apropriando-nos, aqui, do termo empregado pelo ensaísta italiano, de uma “leveza no pensamento” (CALVINO, 1990, p. 22). Mas como, sob o ponto de vista linguístico, emerge essa **leveza** nas vozes das personagens de Conceição Evaristo? Partamos de uma narrativa curta da autora.

No conto **Olhos d'Água**, uma narradora em primeira pessoa se lança em um exercício introspectivo que a faz se ver diante da seguinte inquietação: “De que cor eram os olhos de minha mãe?”. Esse mote funciona como ponto de partida para reflexões profundas acerca da construção de relações fraternas entre mãe e filha ao longo de toda a vida. Ao longo da exposição de suas reminiscências, a filha relata as estratégias empregadas pela mãe para driblar a própria miséria em que a família se encontrava, como na passagem a seguir:

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Uma viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também (EVARISTO, 2016, p. 17).

Na passagem acima, chama-nos a atenção o modo como a condição de miserabilidade vivida pelas personagens é transfigurada por meio de imagens oníricas. Como se evidencia nesse fragmento, a narradora-protagonista se recorda dos momentos em que, na infância, desfrutava com a mãe e os irmãos da beleza das nuvens. Repentinamente, as descrições bem próprias ao universo do mundo dos sonhos, como a presença de nuvens em forma de “carneirinhos”, “cachorrinhos”, “gigantes adormecidos” e “algodão doce” são acompanhadas por um gesto de caráter polissêmico: “A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartida em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós” (EVARISTO, 2016, p. 17). Às imagens que remetem ao domínio das narrativas infantis – pela presença de “carneirinhos” e pelos “gigantes adormecidos” –, soma-se uma outra escolha linguística que ratifica a remissão a tal universo: o emprego dos diminutivos (“carneirinhos”, “cachorrinhos” e “pedacinhos”). Essa passagem nos permite refletir, portanto, que o gesto da mãe, ao brincar com as nuvens, transcende o universo puramente lúdico e onírico para aludir, sutilmente, a uma questão grave: a condição de miserabilidade vivida pela família. Em outra passagem do mesmo conto, essa hipótese fica ainda mais evidente no modo como a personificação de

elementos pertencentes ao campo semântico da cozinha acabam metaforizando a própria condição de privação vivida pela protagonista:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. (EVARISTO, 2016, p. 16).

O fragmento acima coloca em relevo o modo como, ao peso da existência miserável, se impõe a riqueza das imagens poéticas que sugerem um conjunto de analogias ao leitor: a calidez da fervura da água remete ao desejo por comida; a **água solitária** da **panela cheia de fome** retrata, indiretamente, a intensidade da fome sentida pela protagonista, o vazio do estômago da mesma; as línguas brincando **a salivar sonho de comida** parece dar vida, vontade própria às línguas desesperadas pelo sabor de um alimento.

Ao analisarmos a passagem da morte do pai de Ponciá Vicêncio e das recordações da infância miserável da protagonista de **Olhos d'Água**, podemos, em consonância com os apontamentos de Italo Calvino aventar que, sob o ponto de vista linguístico, Conceição Evaristo concebe uma retórica marcada pela construção de **imagens poéticas**. São elas que, efetivamente, parecem conferir **leveza** ao seu texto. Neste ponto, parecem-nos imprescindíveis dois esclarecimentos: o que entendemos por **imagem poética** e sua relação com o termo **leveza**.

Em **O arco e a lira** (2012), Octavio Paz reflete sobre o que chamamos de imagem no domínio da poesia. De acordo com o ensaísta mexicano, além das acepções correntes de imagem como representação de algo por meio de uma escultura ou pintura, por exemplo, e da noção de imagem como aquilo que evocamos por meio da imaginação, é importante advertir que

Designamos com a palavra imagem toda forma verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta diz e que juntas compõem um poema. Essas expressões verbais foram classificadas pela retórica e se chamam comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos, fábulas etc. Quaisquer que sejam as diferenças que as separam, todas elas têm em comum a característica de preservar a pluralidade de

significados da palavra sem romper a unidade sintática da frase ou do conjunto de frases (PAZ, 2012, p. 104).

Ao empregar metáforas e personificações, nas cenas de **Ponciá Vicêncio** (2017) e **Olhos d'Água** (2016) anteriormente comentadas, Evaristo concebe uma escrita marcada pela construção de imagens poéticas em detrimento ao relato realista. Em **Quantos filhos Natalina teve**, a gravidez indesejada é descrita como “o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga” (EVARISTO, 2016, p. 44); em **Di lixão**, a morte do protagonista se dá quando o mesmo deita na calçada “retomando a posição de feto” (EVARISTO, 2016, p. 80); em **Ponciá Vicêncio**, quando Negro Climério mata Biliza, sua mulher, o narrador destaca que “A noite que ele trazia no peito haveria de se tornar mais noite ainda” (EVARISTO, 2017, p. 97). Em todos os exemplos apresentados, evidencia-se o movimento da escrita de Evaristo da tragicidade à poeticidade. Não é por acaso que Italo Calvino, em suas reflexões sobre a **leveza**, afirma que “a leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios linguísticos próprios do poeta” (CALVINO, 1990, p. 22).

Nosso segundo esclarecimento diz respeito à questão do termo **leveza**. Nesse sentido, é fundamental assinalar que reivindicar uma descrição da prosa de Conceição Evaristo a partir da imbricação entre **peso e leveza** não significa apontar para uma suposta superficialidade em seu modo de abordagem das questões sociais ou para uma perda de contundência no que diz respeito à gravidade dos fatos representados, mas, como afirma Calvino, na construção de uma “literatura com função existencial” (CALVINO, 1990, p. 39), no modo como o próprio ato de refletir implica a ação do imaginário e sua correlata transfiguração da linguagem. A escrita de Conceição Evaristo apresenta como singularidade esse modo de dizer por meio da sugestão verbal. Estamos no terreno da produção de imagens que transfiguram a simples descrição de um fato, embora mantenham a força de sua gravidade: daquele que se oferece como semente ao solo, daquele que se coloca em posição fetal, daquele cuja ação é mais noite que a noite. Em Evaristo, o peso da condição existencial é temperado pela leveza de sua retórica.

Uma outra estratégia empregada por Conceição Evaristo visando ao mesmo fim consiste na construção de substantivos compostos. Sua produção está

espraiada em vários contos de **Olhos d'Água** (2017): no beijo de Lumbiá que tinha “a leveza de uma flor-sorriso” (EVARISTO, 2017, p. 83), no jogo lexical entre mar, amar e morrer, em **A gente combinamos de não morrer**: “É lá no mar que vou ser morrente. Mar-amor, mar-amar, mar-morrente” (EVARISTO, 2017, p. 107); e, ainda no mesmo conto, a criação de substantivos compostos que chegam a transformar o corpo humano em “dedos-gatilhos” e “fumacinha-menina” (EVARISTO, 2017, p.100-101). Dentro dessa perspectiva, o conto **Luamanda** se oferece como um rico manancial de exemplos. Na narrativa, somos apresentados a diversas etapas das experiências sexuais da protagonista homônima, desde a perda da virgindade até a fase adulta, abarcando, inclusive, um trágico incidente com um de seus amantes, que resultou na “vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida” (EVARISTO, 2016, p. 62).

A iniciação sexual de Luamanda se deu aos 13 anos, em um terreno baldio, em um momento em que, de acordo com a narrativa,

A lua espiava no céu denunciando com a sua luz um corpo confuso de uma quase menina, de uma quase mulher. Corpo-coração espetado por um falo, também estreante. Um menino que se fazia homem ali, a inaugurar em Luamanda o primeiro jorro, fora de suas próprias masturbantes mãos. E ambos se lambuzavam festivamente no corpo do outro. Luamanda chorando de prazer. O gozo-dor entre as suas pernas lacrimevaginava no falo intumescido do macho menino, em sua vez primeira no corpo de uma mulher (EVARISTO, 2016, p. 60).

Ao longo do parágrafo acima, à narração de como Luamanda e o companheiro perderam, juntos, a virgindade, irrompem alguns registros vocabulares particularmente inquietantes: “Corpo-coração”, “lacrimevaginava” e “gozo-dor”. Na medida em que uma **imagem poética** implica a construção de um outro campo de percepção dos fenômenos, o emprego desses termos produz novas categorias de compreensão de como a perda da virgindade ressoava no íntimo de Luamanda. Ao se construir o substantivo composto **corpo-coração**, na frase “Corpo-coração espetado por um falo”, produz-se, linguisticamente, o efeito simultâneo de ser afetado nas dimensões física e psíquica. O que está em jogo, aqui, em termos poéticos, é um processo de construção de imagem por meio da condensação: corpo

e coração; o físico e o psíquico não estão separados, mas compõem uma só percepção por meio da analogia entre ambos. Alfredo Bosi nos lembra, a propósito, que a “Analogia não é fusão, mas enriquecimento da percepção” (BOSI, 2000, p. 39). É esse fenômeno que também se faz visível na construção de outro substantivo composto do mesmo parágrafo: “Gozo-dor”. A criação dessa imagem permite a representação de uma experiência de iniciação sexual que não se dá por sequencialidade, o que resultaria em uma relação de causalidade entre fenômenos distintos: a dor como consequência do prazer ou o prazer como causa da dor; mas ocorre por simultaneidade, o que a coloca naquele mesmo limiar do êxtase de Santa Teresa que, ao ser atravessada por um anjo com uma flecha, sentiu, ao mesmo tempo, dor e prazer. **Gozo-dor** os torna indistinguíveis.

Para além de **corpo-coração** e **gozo-dor**, o limiar entre dor e prazer, no parágrafo em questão, apresenta o seu ponto de paroxismo em **lacrimevaginava**. À primeira vista, estamos diante de um vocábulo neológico formado por meio de uma composição por aglutinação – **lacrime** deriva da flexão do verbo lacrimar, verter lágrimas, e **vaginava** resulta do processo de derivação imprópria do substantivo vagina que, aqui, se constitui como verbo flexionado do pretérito imperfeito. A construção do termo equivale a um procedimento amplamente utilizado no campo da poesia: a construção da palavra-valise (*mot-valise*), termo cunhado pelo escritor Lewis Carroll para indicar a necessidade de construção de palavras híbridas. É nesse sentido que, ao empregar **lacrimevaginava**, Conceição Evaristo consegue sugerir ao leitor, a partir de um único ato perceptivo de leitura uma fusão entre objeto e ação. Desse modo, evidencia-se como a condensação, procedimento voltado à construção de imagens poéticas, se configura como uma estratégia providencial na criação de novas formas de dizer o até então indizível; representar o supostamente irrepresentável.

Ao empregar um amplo conjunto de operações linguísticas, tais como a transfiguração pela metáfora, a substituição da descrição direta pelo índice e a construção de substantivos compostos e de palavras-valise, o texto de Conceição Evaristo ganha em leveza – segundo a perspectiva de Calvino, lembremos, aquilo que só se revela por meio de uma visão indireta. Assim, transcendemos do nível do engajamento panfletário – que passa ao largo da literatura de Evaristo – para o

regime do subjetivo, do simbólico. Na prosa de Conceição Evaristo, Perseu insiste em não olhar diretamente para Medusa, mas o faz, astuciosamente, por meio de sua representação no espelhamento de uma metáfora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos determos sobre as obras **Ponciá Vicêncio** e **Olhos d'Água**, de Conceição Evaristo, o nosso objetivo foi refletir sobre as implicações estéticas e políticas da articulação entre diferentes dimensões da voz na prosa de Conceição Evaristo. Dentro dessa perspectiva, além de uma incursão voltada a colocar em relevo as consequências da condição histórica de submissão socioeconômica e cultural às quais a população negra e feminina é relegada no Brasil, ocorreu-nos perguntar sobre o modo bastante singular como essa realidade social é apresentada em sua prosa. Nesse sentido, parece-nos ser possível afirmar que o *locus* singular que a escritora mineira ocupa no espectro da literatura contemporânea brasileira se dá no modo como busca temperar narrativas que expõem o peso da existência da mulher negra com a transfiguração da realidade por meio de uma certa **leveza retórica**. A escritora concebe, assim, um modo bastante singular de narrar o horror; o horror daqueles condenados à condição histórica de subalternidade – a chamada **ralé brasileira** –; o horror dos seus cantos lançados por aqueles cujo lugar de fala emana dos cantos do mundo, condição muito bem apresentada pela protagonista do conto **Olhos d'água**: “Já, naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue” (EVARISTO, 2016, p. 18).

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes e os escravos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita de dupla face**: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). 115p. João

Pessoa, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALVINO, Italo. Leveza. In _____. **Seis propostas para o próximo milênio**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2010.

CONRAD, Joseph. **Coração das trevas**. Tradução: Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vincêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019a.

_____. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

LIMA, Jorge de. **Antologia poética**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo e Geni Guimarães**. Tese de Doutorado. 172f. Departamento de Teoria Literária – Universidade Federal de Brasília (UNB). Brasília, 2009.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida severina**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naif, 2012.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso.** Rio de Janeiro: Leya, 2017.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

O PROTAGONISMO NEGRO NA POESIA E NA CULTURA AFRO- BRASILEIRA ✓

63

Patrícia de Paula ANICETO¹
Nícea Helena de Almeida NOGUEIRA²

✓ Artigo recebido em 14/09/2019 e aprovado em 29/10/2019.

¹ Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista PBPB da UFJF. Mestre em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Graduada em Letras: Português/Inglês pelo (CES/JF). E-mail: <patricianiceto@yahoo.com.br>.

² Professora adjunta da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) na Graduação e Pós-graduação em Letras: Estudos Literários. Doutora e Mestre em Letras: Teoria da Literatura pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de São José do Rio Preto em São Paulo. E-mail: <nicea.nogueira@ufjf.edu.br>.

**O PROTAGONISMO NEGRO NA POESIA E
NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA****RESUMO**

Essa análise busca concentrar-se nas inquietações que problematizam as noções de racismo e epistemicídio a partir da estetização étnica do corpo feminino negro, na cultura afro-brasileira e na poesia de Conceição Evaristo e de Elisa Lucinda. Pretende-se investigar a relação desequilibrada e desigual de poder na construção e na dimensão da diferença entre etnia, bem como as significações hierarquizadas que legitimam o racismo insidioso. É no corpo que ocorrem as representações da diferença que estão intimamente ligadas ao poder ou a seus efeitos. E é nesse contexto de poder que o racismo configura numa forma de dominação e de opressão. Concluímos, por meio desse percurso reflexivo, que o sujeito lírico é combativo às formas de opressão e que o seu corpo, ao escapar do terreno do corpo dócil, oferece resistência ao poder que regula e se manifesta nos níveis mais profundos das instituições democráticas. Têm-se como ponto de partida e suporte teórico os textos de Michel Foucault, Stuart Hall, Raymond Williams e Silviano Santiago. Para tanto, recorrer-se-á a outros autores sem, no entanto, esgotar todas as possibilidades de leitura.

Palavras-chave: Poesia. Autoria feminina. Racismo. Cultura.

**BLACK PROTAGONISM IN AFRICAN
BRAZILIAN POETRY AND CULTURE****ABSTRACT**

This analysis aims at focusing on misplacing the notions of racism and epistemicide from ethnic aesthetics of black female body, in african brazilian culture and in Conceição Evaristo's and Elisa Lucinda poetry. We intend to investigate the unbalanced and non-equal power in construction and dimension of difference between races as well as hierarchic meanings that legitimate insidious racism. It is in the body that occurs the representation of difference intimately linked to power and its effects. It is in this context of power, racism becomes a form of superiority and oppression. We conclude in this research that the speaker fights against oppressive forces and its body, out of the idea of docile body, offers resistance to power which regulates and expresses itself in the lowest levels of democratic institutions. As a starting point and theoretical support we refer to texts of Michel Foucault, Stuart Hall, Raymond Williams and Silviano Santiago. For this aim we use other authors without running out the possibilities of reading the analyzed poems.

Keywords: Poetry. Female Authorship. Racism. Culture.

1 INTRODUÇÃO

A presença do escritor negro no cenário da Literatura Brasileira, ainda hoje, marca a sua etnia. Adotando uma posição de resistência, de denúncia e de luta, flagrantemente, essas produções revelam as discriminações, a falta de representatividade e a dificuldade de conquistar seu lugar na sociedade com dignidade e respeito. Apesar da polêmica sobre a qualidade dessa produção literária, os enunciadores negros tencionam, através da palavra, a superação da exclusão social que os aprisiona às funções marginais e os silencia nesse embate entre a desigualdade discriminatória e a integração social.

Aqui propomos analisar o negro na cultura afro-brasileira, bem como o processo de reificação desse sujeito que resulta na sua desaparecimento nas margens da sociedade.

Partindo da subjetividade do discurso étnico-racial, buscamos promover a fundamentação dessa análise a partir do *corpus* constituído pelas poesias das escritoras afro-brasileiras Conceição Evaristo e Elisa Lucinda, bem como investigar o embate com a cultura que ainda é regulada pela sociedade brasileira e, substancialmente, filtrada pelo racismo.

Como sabemos, desde o racismo científico de Arthur Gobineau, o mulato é visto como o mulo, “animal híbrido e infértil derivado do cruzamento do jumento com a égua ou do cavalo com a jumenta” (CARONE, 2014, p. 14). Sobre as expressões pejorativas aplicadas aos negros, tais como escravo e animal, Silvano Santiago (2019) pontua que elas “configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente um desejo de conhecer” (SANTIAGO, 2019, p. 12). Isto posto, ao considerarmos as relações étnico-raciais, o sujeito de origem negra ao ser coisificado, discriminado e animalizado foi despersonalizado e percebido, genética e culturalmente, numa condição inferior ao sujeito branco. Como podemos constatar, o *status* e o valor social do negro sempre estiveram em desvantagem em relação ao branco. Por conseguinte, Santiago (2019) orienta que “é necessário inverter os valores que definem os grupos em oposição e, talvez, questionar o próprio conceito de superioridade” (SANTIAGO, 2019, p. 10). Nesse sentido, os estudos sobre a

presença e atuação do negro como escritor, na Literatura Brasileira, comprovam a emergência e o fortalecimento da atuação dos afrodescendentes no cenário cultural cuja temática privilegia a discriminação racial, o gênero e a classe social, bem como as vicissitudes do cotidiano.

Não obstante, o que percebemos é que, ainda hoje, grande parte da sociedade brasileira ainda está comprometida com esse discurso degradante proferido aos negros, ainda que seja velado ou construído através do racismo recreativo. Não nos surpreendemos que a importância dada à aparência física seja o efeito da não superação da discriminação em nossa sociedade, ainda contaminada pelos padrões rígidos difundidos pelo racismo que, de certa forma, não é facilmente justificado pela ciência, pela moral e pela teoria. Pelo contrário, ele é fruto de uma construção e de um engendramento disseminados e arraigados no bojo cultural.

Muito mais do que descolonizarmos o conhecimento, ainda se faz necessário desconstruirmos esse pensamento de que o negro, sendo estéril, não produz conhecimento. Desse modo, torna-se necessário considerarmos a interferência da ideologia escravista e patriarcal que orienta a estética da mulher negra, bem como vislumbra e potencializa a apropriação do discurso de silenciamento e de desaparecimento dessa mulher, no espaço social e cultural, cujos corpos periféricos sofrem demasiadamente o efeito do poder, como veremos adiante.

2 A CULTURA E O PODER

Os Estudos Culturais emergem como um campo de investigação e têm como vertente o pensamento dos intelectuais na Inglaterra, na década de 1960. Tiveram como pioneiros a tríade formada por Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson. O debate desses intelectuais tinha enfoque na cultura e nos grupos sociais. Conseqüentemente, eles defendiam a ideia de que, independentemente da classe social, qualquer sujeito poderia produzir cultura. Seguindo essa lógica, os Estudos Culturais têm como objeto de investigação a cultura, numa acepção marxista, em virtude do contexto político e econômico do momento. Nessa acepção, a discussão sobre as questões culturais constitui uma forma de luta e de militância por parte desses sujeitos.

Ligados à Nova Esquerda, esses intelectuais estabeleceram uma relação conflituosa com os marxistas ortodoxos. Entretanto, antes de prosseguirmos em nossa análise, não podemos nos esquecer de que o filósofo Marx não era culturalista, e sim materialista. Por conseguinte, tendo em vista essa observação, ainda que a cultura perpassasse pelo viés do pensamento marxista, ela é percebida de maneira subordinada em relação ao poder e ao controle exercido pela classe dominante. Com isso, só poderia haver subversão em relação aos mecanismos de opressão se, de fato, houvesse revolução.

Em contraposição ao marxismo clássico, os Estudos Culturais promoveram uma virada cultural, ou seja, uma revolução cultural, como caracteriza Stuart Hall (1997). Na direção ao exposto, Demetrio (2010) elucida:

Nesse sentido, questionando o marxismo ortodoxo, os primeiros intelectuais dos estudos culturais iram se posicionar fundando uma relação constante e conflituosa com o marxismo. No entanto, essa relação foi fundamental para a transformação do conceito de cultura. Seja no sentido em que Raymond Williams operou, contribuindo para uma teoria materialista da cultura, o materialismo cultural, seja no sentido de Edward Thompson, para quem a ênfase na agência humana era determinante, a partir das experiências de homens e mulheres. O objetivo central desses intelectuais – reconhecidos como a nova esquerda britânica – era analisar o pensamento teórico marxista, tentando rever a questão do economicismo, de forma a incluir neste pensamento a preocupação com a questão da cultura (DEMETRIO, 2010, p. 3).

Retomando a questão da virada cultural, a partir dos questionamentos feitos ao marxismo através dos Estudos Culturais, a cultura passou, então, a ser percebida como elemento mediador, constitutivo e determinante na sociedade. Notoriamente, ela deixa de ser monolítica para adquirir um caráter híbrido.

Tomando por base essas premissas, Hall (1997) apresenta e antecipa a percepção flexível da Modernidade, em oposição ao projeto Iluminista, mostrando o quanto ela é líquida e capaz de fluir no curso do novo milênio:

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos — e mais imprevisíveis — da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma 'política cultural' (HALL, 1997, p. 4, grifo do autor).

Partindo da noção de que a cultura é híbrida, a potência do pensamento de Stuart Hall (2018) pode ser percebida no título da seção, Que negro é esse na cultura negra?, que está inserida no capítulo Cultura popular e identidade, na obra **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Mediante algumas noções percebidas nesse texto, posicionamo-nos de forma a relacionar a representação do negro, em nosso objeto de pesquisa, em tempos de globalização cultural que, segundo Hall, está em processo.

Em face disso, é importante compreendermos o papel da representatividade do negro levando em consideração a mobilidade da cultura e o pensamento social e cultural na pós-modernidade. Evidentemente, a diferença substancial dos Estudos Culturais está na recusa em preocupar-se apenas com a alta cultura, sem levar em consideração as modificações percebidas pela média e baixa cultura. Entretanto, é Raymond Williams (2015) que nos diz que “a cultura é algo comum, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar” (WILLIAMS, 2015, p. 6). Não é surpresa, portanto, que os Estudos Culturais tenham substituído as lutas de classe do marxismo, ao ressignificar esse conflito através das lutas culturais. Nesse panorama, a cultura é, fundamentalmente, percebida como um espaço de conflito ao redor das questões sociais do nosso tempo.

Na perspectiva de Williams, a cultura apresenta-se como um elemento ativo e inclusivo. Através desse viés, torna-se inseparável da organização e da vida social. Nesse sentido, Williams propõe a desconstrução das estruturas hierárquicas que preservam a cultura apenas para uma minoria.

Ademais, é importante que salientemos o interesse de Williams na democratização da eleição dos valores culturais. Tal premissa torna mais evidente o efeito do poder também nas esferas culturais. Afinal, o poder “sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui” (FOUCAULT, 2015, p. 138).

Em oposição ao pensamento de Williams, a formação do discurso da cultura da minoria propõe a formação de uma elite conservadora responsável pela alta cultura e, conseqüentemente, pelas instituições culturais. Todavia, Williams defende o pensamento de que todos são “produtores de cultura, não apenas consumidores de uma versão escolhida por uma minoria” (WILLIAMS apud CEVASCO, 2008, p.

54). Levando em conta essa consideração, o que se percebe é que, no debate cultural, o materialismo cultural privilegia não apenas a reprodução, mas também a produção desses valores construídos por todos sem, contudo, privilegiar e apostar na produção cultural singular de uma minoria.

Não por acaso, o discurso seminal dos fundadores Williams, Hoggart e Thompson vincula-se às lutas sociais, às produções elitistas centradas na alta cultura e à revisão da cultura que deve ser comum e incluir os sujeitos ignorados e/ou excluídos pelas estruturas da diferença, tais como a classe, a etnia e o gênero que, de certa forma, modulam o poder.

Além de tangenciar os processos culturais, essas questões perpassam a prática dos Estudos Culturais, uma vez que ele é um projeto político ligado às questões sociais e à diferença na experiência cultural. De fato, os Estudos Culturais salientam o embate entre a preservação da alta literatura e a fruição da literatura não canônica, na esfera cultural. É perfeitamente possível percebermos que essas obras produzidas em “oposição ao cânone não somente assinalam como apagam as fronteiras totalizadoras – tanto reais quanto imaginárias” (TORRES, 1996, p. 183). Tendo em vista essa possibilidade diante das políticas culturais, é importante também enfatizarmos que o espaço da cultura popular é misto, contraditório e híbrido (HALL, 2018, p.382). Segundo esse ponto de vista, é perante o hibridismo cultural que ocorre a desconstrução do “sonho de unidade cultural do centro” (TORRES, 1996, p. 187). Vale lembrar que, se de um lado, o centro é fechado e excludente, do outro lado, a voz da periferia, ao tentarem violar as fronteiras imaginárias controladas pela metrópole, não se surpreendem, portanto, com o fato de na relação de alteridade, o fortalecimento da noção de igualdade e de semelhança entre esses sujeitos seja, substancialmente e culturalmente, marcados pelo repúdio das diferenças.

Desse modo, essa aceitação da diferença, bem como os esforços de reinterpretção do conceito de cultura permitem problematizar a desestabilização do cânone, no que diz respeito à arte e às diversas formas de manifestações culturais. Nesse sentido, verificamos que a estrutura do cânone é rígida, mas com a chegada dos Estudos Culturais ocorre a possibilidade de desconstrução dessa rigidez.

Dessa forma, a contribuição dos Estudos Culturais é uma estratégia que, ao promover a desestabilidade, ameaça o poder que, por mais que seja repressivo, nem sempre consegue exercer total domínio sobre as estruturas sociais.

Com efeito, o que percebemos é uma mudança nas relações culturais capaz de rasurar as fronteiras reais e imaginárias que seccionavam a literatura e a cultura numa categoria mais elevada ou mais inferior. Nesse percurso, parece-nos claro que o hibridismo cultural é um elemento fundamental que ameaça a desconstrução da unidade cultural e, ao mesmo tempo, desestabiliza o centro. Com essa consideração, através dessa fenda, torna-se evidente que a articulação do poder “pode ser *questionável*” (BHABHA, 2011, p. 91, grifo do autor). Tendo em vista essa possibilidade de descentramento do cânone, o que notamos é uma ruptura, bem como uma tentativa de intervenção e de contestação no cenário da alta cultura. Em razão disso, não podemos esquecer de que embora haja muitas vozes que não foram ouvidas, há negros e afrodescendentes que ainda almejam desafiar a estruturas do poder a fim de integrarem o centro, na tentativa de falarem e, principalmente, de serem ouvidos.

Refutando esse pensamento, na obra **Pode o subalterno falar** (2018), Gayatri Chakravorty Spivak restringe o emprego do termo subalterno baseando-se no significado atribuído por Gramsci e que se refere diretamente ao proletariado. Sobre esse aspecto, a leitura que Spivak faz do subalterno é a do sujeito silente que não pode falar e que não pode ser ouvido. De acordo com ela, “o subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido” (SPIVAK, 2018, p. 163). Ademais, Spivak (2018) pontua que “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2018, p. 85). Desse ponto de vista, ela aponta uma tensão maior nessa problemática se a mulher for pobre e negra (SPIVAK, 2018, p. 110).

Além disso, ao repensar a figura do subalterno, Spivak não deixa de questionar o lugar de onde teoriza e, de fato, o viés da crítica da autora acaba refletindo diretamente na figura do intelectual que, para ela, corre o risco de, ao re-presentar e ao falar pelo subalterno, contribuir para a limitação do espaço efetivo do discurso desse sujeito e, conseqüentemente, silenciá-lo ainda mais. Ao apontar tal dificuldade, Spivak orienta o intelectual a criar estratégias que possibilitem o

discurso do subalterno. Para tanto, é necessário que sejam criadas estratégias para que o subalterno possa ser, de fato, ouvido.

Inevitavelmente, nesse debate, precisamos começar a repensar as relações entre a diferença e o poder, bem como questionar sobre qual negro poderia, então, representar essa boa cultura diante da crítica da política cultural.

Não nos resta dúvida de que, embora a diferença possa ser culturalmente valiosa, as políticas culturais podem efetivamente exercer poder e controle sobre ela e promover, de fato, o epistemicídio. Por sua vez, os desdobramentos desse processo de aniquilamento ameaçam o sujeito negro que, na condição de detentor de um saber subalterno, torna-se invisível nas esferas sociais. Tal atitude culmina no seu silenciamento e, conseqüentemente, na negação das suas epistemologias. De acordo com a filósofa Sueli Carneiro, “o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural” (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Por essa razão, Hall (2018) sugere que a invisibilidade possa ser substituída estrategicamente por uma “espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada” (HALL, 2018, p. 377). Diante dessa tensão, Silvano Santiago (2019) explica que o sistema universitário preza pela prática binária que privilegia o estudo a partir das fontes e das influências. Dessa forma, ele aponta para os perigos desse discurso apresentar a criação do escritor latino-americano como parasita, ou seja, uma produção que “se nutre de outra sem nunca lhe acrescentar algo de próprio” (SANTIAGO, 2019, p. 19). Além disso, entre as conseqüências mais notáveis, a criação literária desses sujeitos é chancelada como menor, de assimilação e de empréstimo. Nesse caso, a diferença apresenta-se como o único aspecto valor dessa obra.

Vale lembrar que, aqui, estamos considerando vozes que vêm da margem. De certo modo, num certo sentido, a diferença cultural aproxima-se do discurso minoritário devido ao seu caráter interventivo e subversivo (SANTIAGO, 2019, p. 261). Talvez devêssemos nos lembrar também que

o objetivo da diferença cultural é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste à totalização – a repetição que não retornará como o mesmo, o menos-na-origem que resulta em estratégias políticas e discursivas nas quais

acrescentar não soma, mas serve para perturbar o cálculo de poder e saber, produzindo outros espaços de significação subalterna (BHABHA, 2014, p. 261).

Nas palavras de Foucault (2015), “onde há poder, ele se exerce” (FOUCAULT, 2015, p. 138). Ao ser exercido, ele pode ser repressivo e, como seu efeito, é capaz de constituir sujeitos periféricos.

Torna-se interessante mencionarmos Bell Hooks (1992) quando ela afirma que “o campo da representação permanece um espaço de luta mais evidente quando nós examinamos criticamente representações contemporâneas de pessoas negras” (HOOKS, 1992, p. 3). Hooks (1992) tem razão, mas talvez seja mais convincente considerarmos que seja, primeiramente, um lugar de luta, e também de resistência.

Nessa mesma direção, a noção da origem e os interesses da resistência são fornecidos por Stuart Hall (2018) quando ele explica que a resistência “não vem somente dos que têm muito a perder – os especuladores atuantes –, mas também dos que têm tudo a ganhar” (HALL, 2018, p. 46). Diante desse embate conflitivo que polariza os sujeitos, a resistência efetiva o encorajamento que culmina com a militância e com o engajamento social.

Retomando a noção de cultura, Raymond Williams (2015) argumenta que “é impossível discutir comunicação ou cultura em nossa sociedade sem chegar, em última instância, a uma discussão sobre poder” (WILLIAMS, 2015, p. 29). Cremos ser possível pensar nos efeitos desse poder. Afinal, por mais que as políticas públicas tenham flexibilizado alguns acessos democraticamente para os negros, a diferença e o poder, como resultado, ainda controlam e demarcam nitidamente esses espaços através do racismo insidioso que pode ser percebido, ao serem reproduzidos e denunciados, em algumas produções literárias afro-brasileiras.

Grada Kilomba (2016) nos permite ver que “o racismo [...] está sempre se adaptando ao contemporâneo” (KILOMBA, 2016, p. 12). Coadunando com esse pensamento, Heloisa Buarque de Hollanda (2005) admite que “emergem, sem aviso prévio, novos e ferozes racismos” (HOLLANDA, 2005, p. 13). Curiosamente, em 2018, ano em que se completaram 40 anos do Movimento Negro Unificado (MNU), a escritora Conceição Evaristo pleiteou uma vaga, na Academia Brasileira de Letras, cujo processo tem como regras ser brasileiro e ter um livro publicado. Vale lembrar

que as produções literárias de Conceição Evaristo tiveram início em antologias literárias. Mesmo sendo romancista, contista e poeta, bem como autora de obras publicadas no Brasil e no exterior, Evaristo não obteve sucesso no resultado da eleição. Não é à toa que em entrevista à BBC Brasil, no Rio de Janeiro, a escritora fez o seguinte apelo: “É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos” (EVARISTO, 2018, não paginado). Ora, diante dessa cultura silenciada, é bastante claro que o debate da invisibilidade concentrase e estrutura-se na questão da política cultural. Contudo, sem entrarmos nos pormenores dessa discussão, retomemos o texto de Hall (2018), cuja reflexão converge para acentuar o efeito dessa diferença nas vozes da margem e

[...] também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e ao aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural (HALL, 2018, p. 376).

De fato, embora haja resistência por parte desses novos sujeitos, observamos que nas relações de poder há uma exclusão intelectual advinda do processo de epistemicídio que recusa aceitar o negro, principalmente a mulher negra, como produtora de cultura. O resultado da eleição para novo integrante da Academia Brasileira de Letras gerou mobilização e provocou discussões acerca da representatividade, da (in)visibilidade da mulher negra na sociedade brasileira e do racismo institucional. Por vezes, observamos que ainda há uma regulação e uma subjugação do corpo negro, ou seja, um biopoder que requer uma submissão dócil desses corpos. Como foi proposto por Michel Foucault (2010), em se tratando da noção de epistemicídio, não é surpresa que ele constitua a hierarquia racial, isto é, que justifique o poder nas mãos dos homens brancos. Embora esse termo tenha sido utilizado também por Foucault, ressaltamos que o conceito de epistemicídio, abordado em nossa análise, aproxima-se de Boaventura Sousa Santos, pois ao considerar o epistemicídio, Sousa Santos (1995) encena o embate que envolve o negro: o genocídio. Vejamos, a esse respeito, que

[...] o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre

que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais) (SANTOS, 1995, p. 328).

Constatamos que o epistemicídio silencia o negro na sociedade e nega o seu direito à democracia. Lembremos que o conceito de democracia racial é sistematizado na obra **Casa-grande & senzala**, de Gilberto Freyre (1996). Embora o termo não tenha sido expresso na obra, ele é proposto pelo sociólogo na tentativa de romper com o racismo científico. É importante esclarecermos que “o mito da democracia racial não nasceu em 1933, com a publicação de *Casa-grande & senzala*, mas ganhou através dessa obra, sistematização e *status* científico” (BERNARDINO, 2002, p.251, grifo do autor).

Para compreendermos melhor o racismo, é necessário acessarmos a obra **Racismo, sexismo e desigualdade** (2011), da filósofa Sueli Carneiro. Chamemos a atenção para o fato dela considerar que o racismo aprisiona o Outro aos estereótipos e ao fenotípico. Dessa forma, tais situações comprometem a individualidade do sujeito negro. Num tom que demarca precisamente seu lugar de fala, a filósofa permeia discussões sobre a representatividade e a necessidade desse sujeito de ser escutado. Desse modo, a defesa da cor não deixa de passar pelo crivo da diferença que faz com que o negro passe necessariamente também pela dor. Ou porque se tenha deixado ou permitido que, socialmente, o negro fosse visto historicamente como o detentor de uma herança da escravidão que trouxe em sua bagagem histórica o racismo científico, o racismo institucional, a desigualdade de direitos e o suposto *status* de um grupo étnico inferior.

Em sua minuciosa análise, a filósofa não deixa de levantar a questão ilusória e os entraves ideológicos da democracia racial no Brasil quando apresenta os elementos estruturantes e enraizados que promovem não apenas o racismo, mas também o sexismo e o genocídio que, de certa forma, potencializam a inação do governo no que diz respeito aos negros.

É possível percebermos que existe uma polaridade problemática de privilégios entre o branco e o negro. Visto dessa maneira, o que observamos é que, ao longo dos anos, o negro passou a contestar e a questionar o *status* de subalterno. Doravante, ele tem desafiado o discurso de mérito, de competência e de privilégio centralizado na figura do branco. Destarte, o negro tem contribuído para sua inserção e ascensão na sociedade e, de certa forma, tem abalado as estruturas que legitimam o poder e orientam as situações discriminatórias que definem e delimitam seu espaço na sociedade.

Dentre muitos problemas notáveis, a respeito da integridade da identidade do negro, Sueli Carneiro (2011) identifica a intolerância racial e a relação de alteridade, ou seja, a relação do negro com o Outro. A filósofa destaca ainda que o negro além de ser desterrado, escravizado, separado de seus ancestrais, além de ter sofrido as omissões do passado, ainda hoje, convive com a intolerância e as ofensas do Outro. Não se trata de uma descrição história que culmina numa defesa e vitimização do sujeito negro. Trata-se, ao contrário, de oferecer um relato das diferenças estabelecidas para o negro na sociedade e que culminam numa desigualdade social. Aqui, então, há uma discussão da invisibilidade do gênero e da etnia velada pelo mito da democracia racial que omite as desigualdades discriminatórias capazes de subjugar o negro como um sujeito inferior e incapaz de ocupar quaisquer posições que o projetem ou o igualem no mesmo patamar social do homem branco.

O trabalho de Sueli Carneiro (2011) revela a visão do desprestígio do *ethos* do negro, pois esse sujeito representa a figura do subalterno desajustado, cambiante, múltiplo e deslocado. Ou melhor: que não reconhece seu lugar. Dessa forma, Conceição Evaristo, através dessa possibilidade concreta de vivenciar a experiência de ocupar seu espaço no horizonte cultural, torna possível romper o silêncio, reproduzir e fazer ecoar as vozes silenciadas pela herança histórica. E ainda, testemunhar; ser porta-voz da esperança; empoderar o corpo da negrura e desafiar assumidamente a dor do preconceito, em sua produção literária.

Observamos, entretanto, na vida e na produção literária de Conceição Evaristo e de Elisa Lucinda é um enfrentamento que desmantela o mito da democracia racial. Com efeito, as referidas autoras não deixam de desvelar e de cancelar o problema da etnia e do discurso conservador então corrente, no que diz respeito às questões

contemporâneas e ao enfrentamento do negro diante da política cultural e social sustentada pelo domínio do poder.

Tendo em mente essa intervenção estratégica no discurso da mulher negra, Elisa Lucinda endossa que a mulher rompe com o silêncio, sedimenta sua voz e, a partir da subjetividade, adquire também uma consciência coletiva que visa uma tentativa de igualdade de direitos, de escolhas, de resistência e de autonomia sobre o próprio corpo, mas que também a impulsiona, através da autoestima, a sair do *status quo*. Frente à invisibilidade, Lucinda rejeita a introjeção do racismo e o estereótipo de subalterna ao recriar espaços e condições de autorrepresentação, bem como demarca seu lugar de fala a partir do *locus* social que independe da etnia ou do gênero.

Nesse processo, a ironia intervém para sublinhar a condição do sujeito lírico que não se encoberta por táticas ideológicas capazes de velarem a sua condição de marginalizada, quando, de fato, prevalece o discurso discriminatório. Eis o porquê de o sujeito lírico reiterar, em seu discurso, a preponderância do racismo ao advertir, no poema *Mulata exportação*: “Porque deixar de ser racista, meu amor, / não é comer uma mulata!” (LUCINDA, 1994, p. 181).

Como percebemos, Elisa Lucinda (1994) compreende que a luta social da mulher parte da tentativa de um resgate à dignidade da sua identidade que é marcada a partir da diferença. Em suas poesias, Elisa Lucinda fortalece e aglutina as reivindicações sociais que apelam para a dignidade desse sujeito lírico. Nesse sentido, a poesia de Elisa Lucinda não se rende ao pensamento colonial, nem representa uma descrição histórica da mulher que culmina em sua defesa e numa consequente vitimização do sujeito negro. Trata-se, ao contrário, de oferecer um relato das diferenças estabelecidas no corpo da mulher negra na sociedade e que, por fim, resultam na desigualdade social

Devemos considerar que a experiência de apagamento e desaparecimento do negro só é experimentada na relação de alteridade com o branco e com as malhas do tecido social. Superficialmente, o negro é livre. Todavia, atravessar as barreiras profissionais e culturais implica em resistência às injunções e ao poder.

3 UMA QUESTÃO DE DIFERENÇA E DE RESISTÊNCIA

Em se tratando da questão da resistência, na perspectiva de Foucault (2015), o poder apresenta aspectos negativos, mas também positivos. Ora, nessa linha de análise, ele propõe que “o poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2015, p. 239). Mais adiante, em sua análise profícua sobre o poder, Foucault (2015) delinea o saber dominado como sendo aquele que é inferior e que está, de certa forma, abaixo do cânone.

Além disso, o que percebemos é que o saber dominado diverge do saber institucional e hegemônico. Acrescentamos enfim que um dos aspectos desse reconhecimento, e não o menos importante, é que esse saber constitui, hoje, o material essencial da crítica.

Ademais, a existência desse saber soterrado torna-se mais evidente quando analisamos a literatura produzida por sujeitos negros. Todavia, Foucault (2015) nos chama a atenção para os perigos de, ao serem desenterrados, esses saberes serem recodificados e “recolonizados pelo discurso unitário” (FOUCAULT, 2015, p. 270). Eduardo Assis Duarte (2011) inicia sua extensa obra sobre literatura e afrodescendência indagando: “Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir em prosa ou verso? Publicar?” (DUARTE, 2011, p. 14). Logo em seguida, refutando o pensamento de Spivak, ele responde que “nem sempre” (DUARTE, 2011, p. 14). Todavia, mais adiante, Duarte (2011) elucida que, na literatura canônica, “encontramos o negro não só como raro tema da escrita do branco, mas como voz/vozes voltadas para a expressão do seu ser e existir. Mesmo quando fazem do branco o objeto de sua fala” (DUARTE, 2011, p.14).

Na produção literária afro-brasileira, Conceição Evaristo e Elisa Lucinda emprestam suas experiências, suas vivências e lutas ao sujeito lírico da sua criação. Sendo ativistas e feministas, o foco dessas autoras é o feminismo negro. Não há como não considerar, em suas obras, o lugar de fala, de escuta e de alteridade. Evidenciamos que essa marcação favorece a diferença de experiências entre o corpo da mulher branca e o corpo da mulher negra a partir da articulação do poder colonizador que oprime e transforma a identidade desse corpo em objeto. Aqui, o *locus* da enunciação não se refere à localização geopolítica, mas às relações hierárquicas, no que diz respeito à etnia e ao gênero, incididas no corpo feminino

negro. Para elucidarmos essa análise, devemos considerar que Conceição Evaristo e Elisa Lucinda criam estratégias de resistência a essa dominação, a partir desse *locus* epistêmico. Convém, porém, refletirmos antes sobre a contribuição e sobre a influência do feminismo negro, na produção literária, das referidas autoras.

É importante compreendermos que o feminismo negro surgiu em razão de demandas específicas, uma vez que o feminismo por si só não abarca em sua plenitude as necessidades e os interesses das mulheres negras que vão além das lutas individuais de classe, de gênero, do sexismo e da opressão.

Em entrevista a Djamila Ribeiro, em **Carta capital**, Conceição Evaristo pontua que “nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Penso nos feminismos negros como sendo esse estilhaçar, romper, desestabilizar, falar pelos orifícios da máscara” (EVARISTO, 2017, p. 19). Coadunando com essas mesmas ideias, Patricia Hill Collins afirma a importância do feminismo negro para a mulher: “ao devolverem a subjetividade às mulheres negras, as feministas negras lhes devolvem também o ativismo” (COLLINS, 2016, p. 114). Em vista disso, refutando o pensamento de Spivak (2010), em **Pode o subalterno falar?**, compreendemos que, ao demarcar seu lugar de fala e de escuta, o subalterno, mais do que ser representado e invisibilizado pela figura do intelectual, ao se tornar um sujeito empoderado e engendrado politicamente pode, sim, falar.

Em suma, as evidências apresentadas no presente artigo, ressaltam que o feminismo negro encontrou apoio significativo e, fortalecido por experiências e representações, possibilitou a visibilidade e o alcance da inserção dessas manifestações culturais no mercado literário nacional e internacional.

Diante do exposto, o que observamos é que a partir dessa escrita de si, das impressões que a vida confere ao sujeito autoral e da violência epistêmica, resta ao intelectual negro o compromisso com seus descendentes colocados à margem da teia social e, no âmbito da literatura, à margem canônica. Essa postura diante da vida e da escrita denota a urgência e a esperança, através dessa escrevivência, ou seja, dessa “escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20). Silvano Santiago (2019) revela grande preocupação com o escritor latino-americano. Falar demasiadamente da sua experiência de vida pode contribuir para que seu texto seja ignorado por seus

contemporâneos. Em outras palavras, “é preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida” (SANTIAGO, 2019, p. 22).

Nesse contexto, não é surpresa que Conceição Evaristo manifeste a violência epistêmica, as pedras e as maneiras de conviver com elas, em seus poemas, como podemos verificar nos versos a seguir: “não haverá pedra / a nos entupir o caminho. [...] há de nos apumar a coragem. / Murros em ponta de faca (valem) / afiam os nossos desejos / neutralizando o corte da lâmina” (EVARISTO, 2017, p.119).

No que concerne à questão da diferença, a fenotípicia e a suposta ideia da incapacidade do negro de produzir intelectualmente para a sociedade contribuem sistematicamente para a manutenção e a reprodução do racismo em suas mais variadas categorias: os racismos cultural, estrutural, institucional e recreativo. Numa análise mais profunda, o racismo se apresenta como um indicativo dos aspectos relevantes para a compreensão das correlações de poder na sociedade. Para comprovar isso, podemos nos apoiar em Conceição Evaristo (2018) quando critica veementemente essa realidade ao afirmar que “a literatura está nas mãos de homens brancos” (EVARISTO, 2018, não paginado). Evidentemente, ao estabelecermos uma aproximação entre Conceição Evaristo e Elisa Lucinda, percebemos que ela não está sozinha em sua indignação, pois Lucinda coaduna com o mesmo pensamento de Evaristo quando revela que até mesmo “nossa produção intelectual é branca” (LUCINDA, 2018, não paginado). Nessa perspectiva, a discussão de Hall (2018), responde a essa crítica quando elucida que “os espaços ‘conquistados’ para a diferença são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados e regulados. Acredito que sejam limitados” (HALL, 2018, p. 377, grifos do autor). Diante dessa observação, torna-se impossível não considerarmos, nesse momento, as relações de poder e de subalternidade que, ainda hoje, tentam estereotipar e regular o corpo feminino negro nas esferas sociais.

Notadamente, em nossa literatura afro-brasileira, a imagem do negro foi construída sobre a égide da ausência, do silêncio e da violência, comprometendo diretamente a representatividade e a subjetividade desse sujeito. Com essa compreensão, acreditamos que o ativismo seja inerente a essas escritoras que valorizam em suas obras esses corpos e essas vidas. No entanto, convém notar que é evidente a existência desse preconceito atrelado, ainda hoje, à recepção dessas

produções culturais. É importante não nos esquecermos de que, conforme assinala Regina Dalcastagnè (2014):

[...] o preconceito pode continuar sendo veiculado porque a sociedade se mantém preconceituosa, e ela se mantém preconceituosa porque vê seus preconceitos se 'confirmarem' todos os dias nas diferentes representações sociais (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 324, grifo da autora).

Evidentemente, apesar da polêmica sobre a qualidade dessa produção literária, as enunciantoras afro-brasileiras tencionam através da palavra a superação da exclusão social que as aprisionam às funções marginais e as silenciam nesse embate entre a exclusão e a integração social.

Em se tratando da produção da literatura afro-brasileira, é a partir daí que identificamos as subjetividades negras, desconstruímos a imagem do negro como um bloco homogêneo, como apontou Edith Piza (2014), e percebemos rupturas nas estruturas discursivas dessas poetisas. A leitura das poesias de Elisa Lucinda e de Conceição Evaristo revela que o negro não é mais visto numa posição secundária, mas numa posição que centraliza sua figura. Com isso, esse fato acentua a mudança na temática que opera, muitas vezes através da memória afetiva, da dor coletiva ou de situações do cotidiano, propondo uma crítica contundente à violência e à vulnerabilidade do corpo feminino negro, bem como a abjeção e a reificação desse mesmo corpo, ao racismo, ao sexismo e às questões de gênero sem, contudo, privilegiar temáticas que expõem o negro à condição de inferioridade e de subalternidade. Por trás de uma postura subversiva, há uma constante preocupação ativista de não apagar a História, mas através da sua potencialidade, reescrever a resistência e a resiliência, mostrando que a literatura e a produção artística afro-brasileira também são formas de arte, cultura e não somente artesanato e folclore.

Retomando a possibilidade de abertura para a diferença na pós-modernidade, é oportuno destacarmos a observação da Regina Dalcastagnè sobre a presença de personagens negros na literatura: “talvez ajude leitores brancos a entenderem melhor o que é ser negro no Brasil – e o que significa ser branco em uma sociedade racista” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 334). Além disso, Regina Dalcastagnè (2014) defende a ideia de que a literatura é um espaço privilegiado para a manifestação da diferença. Isso se deve à “legitimidade social que ela ainda retém. Ao ingressarem

nela, os grupos subalternos também estão exigindo o reconhecimento do valor de sua experiência na sociedade” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 334). Parece, de fato, que, se por um lado, socialmente e culturalmente, é construída a imagem da mulher negra como o Outro, por outro lado, a resistência legítima o discurso dessas escritoras que é reconstruído e/ou reescrito tendo como base a emergência dessa desconstrução. Entre a zona do ser e do não ser, ademais, é importante salientarmos que, nas figurações e nas relações de alteridade, o sujeito lírico feminino negro contesta e reverte essa tensão provocada pelo *status* que o subordina à condição de Outro, na relação imbricada de alteridade.

4 CONCLUSÃO

As considerações apresentadas nesse artigo ressaltam que a produção literária de Conceição Evaristo e de Elisa Lucinda utiliza um discurso de autoridade que demarca com precisão o lugar de fala, contempla os interesses coletivos da mulher negra e amplia a potencialidade do corpo-escrita, em suas poesias, resignificando-o, recodificando-o e engendrando-o crítica e politicamente.

Reconhecidamente, o negro, na cultura afro-brasileira e híbrida, está em processo de construção, de libertação e de desconstrução de estigmas que o desvalorizam ao torná-lo uma figura supostamente degradada. Não nos surpreende que tal sujeito tenda a encarar esse momento valendo-se da resistência, pois, se antes as máscaras amordaçavam e silenciavam os corpos negros reificados e considerados abjetos, suas vozes potentes evocam a liberdade e a esperança através da palavra escrita, reescrita e insurgente.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos afro-asiáticos**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2002.

BHABHA, Homi. O entrelugar das culturas. *In*: COUTINHO, Eduardo F. **O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses**: textos seletos. Tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lima Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo negro, 2011.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2008.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e estado**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 99-127, dez. 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira. *In*: DUARTE, Eduardo Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2014, v.4, p. 309-338.

DEMETRIO, E. Da Diáspora: a formação dos estudos culturais e o deslocamento da questão cultural. **Cadernos imbondeiro**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/13520/7679>. Acesso em: 2 ago. 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011, v. 1.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. A literatura está nas mãos de homens brancos. **Correio Braziliense**, 15 jul. 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/07/15/interna_diversao_arte,694873/entrevista-conceicao-evaristo.shtml. Acesso em: 02 ago. 2019.

EVARISTO, Conceição. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora. **BBC Brasil**, 09 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso: 09 abr. 2018.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. **Carta capital**, 13 maio 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>. Acesso em: 01 de jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1996.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 05 ago. 2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Os estudos de gênero e a mágica da globalização. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. Joao Pessoa: UFPB, 2005.

HOOKS, Bell. **Black looks**: race and representation. Boston: South End Press, 1992.

KILOMBA, Grada. O racismo está sempre se adaptando ao contemporâneo. **Revista Cult**, 7 abr. 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/grada-kilomba/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LUCINDA, Elisa. **O semelhante**. São Paulo: Massao Ohno, 1994.

LUCINDA, Elisa. Nossa produção intelectual é branca. **Uai**, Belo Horizonte, 04 abr. 2018. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2018/04/04/noticias-artes-e-livros,224921/nossa-producao-intelectual-e-branca-diz-a-atriz-elisa-lucinda.shtml>. Acesso em: 05 jun. 2019.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. *In*: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 59-90.

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**. Recife: Cepe, 2019.

SANTOS, Boaventura Souza dos. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

TORRES, Sonia. Desestabilizando o Discurso competente: o discurso hegemônico e as culturas híbridas. **Gragoatá**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 179-189, dez. 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**: cultura, democracia, socialismo. Tradução Nair Fonseca, Joao Alexandre Peschanski. São Paulo: Unesp, 2015.

MANUSCRITO LITERÁRIO: UMA REDE DE POSSIBILIDADES ✓

85

Moema Rodrigues Brandão MENDES¹
Emânia Aparecida Rodrigues GONÇALVES²

✓ Artigo recebido em 13/09/2019 e aprovado em 29/09/2019.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), Pós-Doutoranda na Linha de Pesquisa Resgate pela Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB/RJ), Professora titular do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <moemarbmenDES@gmail.com>.

² Mestra em Letras (Literatura Brasileira), pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/JF). E-mail: <emaniarodrigues@yahoo.com.br>.

**MANUSCRITO LITERÁRIO:
UMA REDE DE POSSIBILIDADES****RESUMO**

Este artigo propõe uma breve reflexão sobre as possibilidades de pesquisa concedidas pelo manuscrito de uma obra literária sob três direções: a primeira envolve a localização do manuscrito a ser estudado, sua atual situação de preservação; condições de acessibilidade a esta documentação e responsabilidade da custódia do inventário documental, seja ela de caráter pública ou privada. A segunda considera as perspectivas de reconhecer o trabalho do pesquisador genético como apaixonante e paciente ao identificar as variantes registradas nas versões de um mesmo texto e o que elas representam como elementos significativos para uma boa leitura da obra; ação que permite acompanhar parte do projeto de escrita do autor em estado de prototexto. A terceira direção evidencia o aspecto interdisciplinar advindo do texto em estado de manuscrito na medida em que o objeto textual eleito pode requerer o diálogo entre duas ou mais disciplinas que intencionalmente estabelecem vínculos entre si, buscando alcançar uma construção do conhecimento mais abrangente. Esta reflexão desenvolve-se a partir de uma integração de conceitos operatórios que utilizam as teorias de Arquivos pessoais, Crítica genética e entre as relações do texto produzido com quaisquer outras áreas do conhecimento a fim de esclarecer os conceitos necessários voltados para as fontes reunidas em um arquivo, entendido, aqui, como um lugar de memória.

Palavras-chave: Arquivo. Manuscrito literário. Possibilidades de pesquisa

**LITERARY MANUSCRIPT:
A NETWORK OF POSSIBILITIES****ABSTRACT**

This article proposes a brief reflection on the research possibilities granted by the manuscript of a literary work in three directions: the first involves the location of the manuscript to be studied, its current preservation situation; conditions of accessibility to this documentation and responsibility for custody of the documentary inventory, whether public or private. The second considers the prospects of recognizing the work of the genetic researcher as passionate and patient in identifying the variants recorded in the versions of the same text and what they represent as significant elements for a good reading of the work; action that allows to follow part of the author's writing project in a prototext state. The third direction highlights the interdisciplinary aspect arising from the manuscript text as the elected textual object may require the dialogue between two or more disciplines that intentionally establish links with each other, seeking to achieve a broader knowledge construction. It is based on an integration of operative concepts that use the theories of Personal Archives, Genetic Criticism and between the relations of the text produced with any other areas of knowledge in order to clarify the necessary concepts directed to the sources gathered in an archive, understood here, as a place of memory.

Keywords: Archive. Literary manuscript. Search possibilities.

1 INTRODUÇÃO: ABORDAGENS DA PESQUISA EM ARQUIVOS

“O manuscrito será o futuro do texto”

Jean-Louis Lebreve

Os manuscritos literários registrados em suporte papel, ainda guardam sua importância como objeto de pesquisa sob a perspectiva de que a melhor compreensão de uma obra não deve se restringir apenas ao texto publicado, ou disponibilizado em meios digitais, como se as versões impressa e digital fossem definitivas e únicas.

É inegável que o patrimônio sobre papel está agonizando e se esvaindo diante de outras técnicas de registro de informação indiferentes à função essencial do papel (CASTRO, 2010).

Por isso, ao se abordar o arquivo como o lugar em que a obra habita, faz-se necessário retomar as políticas de preservação dos documentos no arquivo. O artigo de Aloísio Arnaldo Nunes Castro, intitulado **A preservação documental no Brasil: notas para uma reflexão histórica** (2010), elabora um panorama sobre as pesquisas e implementações relacionadas à preservação de documentos em suporte papel que fazem parte do patrimônio histórico cultural do Brasil no final século XIX e início do século XX.

De acordo com Castro (2010), se avaliarmos as produções científicas, dos últimos anos, relacionadas à preservação do patrimônio cultural do Brasil constataremos que poucos são os estudos desenvolvidos nesta área do conhecimento e que há uma necessidade de aprofundamento no campo temático relativo à memória cultural expressa no suporte papel e, acrescenta, “um estudo minucioso sobre a história da preservação documental no Brasil que ainda está por vir” (CASTRO, 2010, p.32). Diante do exposto, destaca-se a relevância de uma preocupação em pesquisas de conservação dos arquivos.

Para tanto, a captação de um acervo envolve os herdeiros de um escritor, os direitos autorais dos mesmos, fatos que exigem uma posição ética dos envolvidos

no acordo e uma preocupação com a política de preservação dos arquivos de escritores custodiados por instituições públicas.

As questões que abordam o lado complexo e dificultoso do trabalho com textos inéditos ou versões e reimpressões de textos editados envolvem, quase sempre, a teoria de Crítica Genética e Crítica textual.

É indiscutível, portanto, não reconhecer a importância do lugar ocupado pelos arquivos, uma vez que este é o lugar onde estão depositados os objetos de estudo desta teoria sobre a gênese do texto, ou seja, pesquisas desenvolvidas a partir dos manuscritos.

A obra **Indicionários do contemporâneo** - fruto de um trabalho conjunto entre ensaístas, pesquisadores e professores, que teve início em um Simpósio Internacional realizado na Universidade del Valle (Colômbia) em julho de 2012 - contempla um capítulo intitulado, Arquivo, que está dividido em cinco partes, a saber:

- 1) A coleção sem razão: arquivo moderno, arquivo contemporâneo; 2) O arquivo em disputa: controle, arconte; 3) Restos, lembranças, biografia; 4) Construção-destruição, ordem-desordem, escrita-leitura e 5) O arquivo segundo Kuitca, Aira, Orwell, Merlo (ANDRADE *et al*, 2018, p.16 - 49).

Esse texto foi escrito a várias mãos, por meio de um trabalho efetivamente coletivo que traz inúmeras contribuições para o entendimento da relevância do arquivo no estudo da literatura.

Nesse capítulo, os autores Andrade *et al* (2018) utilizam os teóricos Walter Benjamin, Jacques Derrida e Michel Foucault para sustentar uma reflexão sobre a relevância dos arquivos. Segundo os autores do texto, a partir de Walter Benjamin entende-se que “a coleção, o arquivo, não se define por aquilo que guarda, mas pela relação que o sujeito mantém com esses objetos, imagens e palavras” (Andrade *et al*, 2018, p.18). Diante dessa compreensão, os autores propõem uma reflexão de que o arquivo não deve sugerir uma linha democrática sólida entre domínio público e domínio íntimo e esclarecem, de forma mais concreta, que não se delimita divisores no que se refere a uma memória coletiva e institucional e uma memória de si (pessoal). Enfatizam que se faz necessária uma associação das duas proposições

que, segundo eles, já acontece de forma clara nas obras consideradas contemporâneas.

Os estudiosos, a partir da reflexão de Foucault em - **A arqueologia do poder** – destacam que esse teórico defendia que “o arquivo não é apenas um espaço de estocagem de dados, de conteúdos, mas algo, em certo sentido, exterior à nossa linguagem: a positividade do gesto, do enunciado, seu ‘ter lugar’, e não o que esses enunciados dizem” (ANDRADE *et al*, 2018, p.19, grifos do autor). E, a partir deste pensamento, os pesquisadores fazem a leitura de que, para Foucault, os enunciados não têm a consistência de um bem material que será conservado museologicamente, ou seja, que os enunciados não teriam representabilidade simbólica, apenas seriam acumulados sem uma lógica conservadora ou historicista. Acrescentam que Foucault se distancia da ideia de arquivo como sendo lugar de **memória** e **acumulação** e aponta a necessidade de superar a divisão exterior/interior, memória pública/memória pessoal a partir da análise do arquivo, termo utilizado pelo filósofo para nomear a forma particular de acúmulo dos enunciados, desses elementos que têm por condição apenas o seu **ter lugar**. Na voz dos ensaístas do texto teórico, “o arquivo, segundo Foucault, não guarda os significados, mas a positividade dos enunciados, eles ali se tornam acontecimentos, coisas, têm um valor em si mesmos” (ANDRADE *et al*, 2018, p.21).

Esclarecem, ainda, os teóricos, sobre as proposições de Foucault, afirmando que o funcionamento dos arquivos representa uma questão de lutas de poder, de controle da possibilidade de enunciar e não apenas de um controle dos conteúdos enunciados. Segundo eles, o que importa evidenciar é o poder que se tem sobre o arquivo, a legitimação de propriedade, posse ou assinatura. Nas palavras dos estudiosos,

O arquivo é um território de disputa, pois controlar o arquivo significa controlar a possibilidade da enunciação e, em última instância, a construção de uma realidade - não a sua conservação, como almejam os arquivos positivistas. Nesse sentido, revela-se que o arquivo não representa um passado, não dá testemunho histórico, mas o constrói. As formas de arquivamento e de seleção falam a respeito da construção desse passado, através de um exercício de memória, sempre seletivo, e que comporta uma nova escritura, um novo relato suplementar. O novo relato estrutura o conteúdo pressuposto e, ao mesmo tempo, cria um passado (ANDRADE *et al*, 2018, p. 22).

Os autores do texto **Arquivo** abordam a **Questão de reescritura**, quando apontam a relação texto/autor/leitor em uma perspectiva não definida, em que o leitor do próprio texto cria novas possibilidades interpretativas a partir das suas rasuras. Os autores discutem que uma leitura de si mesmo, por meio do seu texto, é perturbadora, ao criar novas perspectivas do texto lido. “Maneiras singulares de reinscrever essas mensagens sem mensageiros, reescrevendo-as como pegadas, vestígios, indícios” (ANDRADE *et al*, 2018, p.23). Assim,

[...] os modos de arquivar e de usar o arquivo são modos de leitura que ora podem ser os de um leitor autoritário, organizador, que procure dar um sentido fixo ao conjunto, ora os de um leitor nômade, que circule de forma desorganizada pelo material e que procure movimentá-lo estabelecendo novas redes, abrindo os sentidos.
(ANDRADE *et al*, 2018, p. 24).

Os ensaístas da obra **Indicionários do contemporâneo** também destacam a figura pública que se faz dos autores a partir de seus arquivos, ressaltando que cada arquivo possui um proprietário de direitos e que estes proprietários exercem um autoritarismo comparado à figura de um arconte - que de certa forma, segundo os autores, são responsáveis por unificar, identificar, classificar, consignar os elementos de um arquivo, ressaltando que, na verdade, nunca são totalmente unificáveis, identificáveis, classificáveis e consignáveis.

O arquivo não seria uma memória desorganizada e completa, como seria para um biógrafo tradicionalista e nem tão pouco documentaria o passado como uma verdade anterior e exterior a ele. Diferente disso, o arquivo ocupa o seu lugar, na sua própria falta de fundamento. Os autores alegam parafrasear Benjamin na seguinte reflexão “podemos dizer que sem arquivo a falta constitutiva do sujeito, a ausência de uma verdade, seria insuportável, mesmo que o arquivo e a tentativa de lê-lo nunca outorguem uma verdade definitiva” (ANDRADE *et al*, 2018, p.30),

[...] por ser a eternidade-totalidade do arquivo uma quimera, e sua pesada inexistência um fato consumado, vale insistir, resta sempre dizer algo – e há sempre algo a dizer – sobre suas cinzas, sobre os seus restos: o arquivo como monturo como cinza, como escombros, como aquilo que se guarda a sete chaves ou que se elimina com fúria e determinação. Ficam sempre, no entanto, os traços. Não é possível eliminar os traços, os

rastros, os restos, os mais mínimos que estão depois e mesmo antes do arquivo: eles pré e pós-existem a ele, preexistem à sua configuração como potência e participam ativamente de sua eliminação, impedindo-a simultaneamente. Mas traços, rastros, restos, riscos – o que eles arquivam? (ANDRADE *et al*, 2018, p. 34).

Conforme mencionado anteriormente, a proposta de reflexão sobre o arquivo pelos estudiosos e pesquisadores que escreveram o texto ora explanado tem fundamentos nos teóricos: Benjamin, Derrida e Foucault. A partir de uma leitura de Jacques Derrida (1995), os autores do texto trazem uma outra reflexão sobre o que o filósofo enuncia como um **mal** ou **febre** que arruína, desvia ou destrói o próprio princípio de arquivo estabelecido pelo desejo de uma verdade, uma origem explicativa e sua consistência fantasmática, imprecisa, espectral. Assim,

[...] a técnica arquivística, não é determinada pelo momento único do registro conservador, mas sim pela “instituição mesma do acontecimento arquivável”. O arquivo, a instituição em análise em *Mal de arquivo*, é a própria psicanálise como Nova ciência, cujo arquivo comporta documentos privados e secretos, os quais, quando se tornam públicos, o fazem sob uma forma de uma “autoarqueologiza-ção” de ordem turística de uma museificação da memória individual, como é precisamente o caso de Freud, cuja casa tornou-se ela mesma “um arquivo privado em domínio público” (ANDRADE *et al*, 2018, p. 36, grifos do autor).

Segundo os autores, pensar em arquivo é pensar nas muitas interpretações que ele possibilita a partir de leituras e traduções. Sob a ótica de um texto literário, é possível compreender que haja metamorfoses de escrita considerando os leitores de fontes primárias acompanhando o percurso da criação até a última versão de um mesmo texto: “uma fonte dita primária [...] – é desde sempre uma montagem, uma roupagem, resultante da manipulação dessas fontes por um historiador, um censor ou um arconte qualquer” (ANDRADE *et al*, 2018, p. 39). E sobre a pesquisa a partir das fontes primárias, Almuth Grésillon declara,

[...] a crítica genética definiu progressivamente seu objeto próprio: os manuscritos de trabalho dos escritores enquanto suporte material, espaço de inscrição e lugar de memória das obras [...]. Da parte do autor, há, indiscutivelmente, um desejo ambivalente e mascarado de retenção e de exibição: guardar esses fragmentos mais pessoais da escritura, conservar para uma glória póstuma incerta esses testemunhos da solidão criadora, esses sinais do risco absoluto, do erro, da rasura e dos fracassos (GRÉSILLON, 2007, p.12).

O fascínio pelo estudo da Crítica Genética está relacionado à dicotomia apresentada por Grésillon (2007) ao considerar que o estudo dos manuscritos de uma obra desperta a curiosidade que perpassa pela paixão e paciência. O trabalho com texto em estado de prototexto, portanto, pode ser definido pela paixão que, segundo a teórica, pode ser entendida como:

Paixão de estar mais perto de um texto amado uma vez que quase se assiste a seu renascimento; paixão de tocar a autenticidade que representa o autógrafo, de ver o corpo da escrita inscrever-se na página; paixão fugaz e inconfessada de se identificar, pelo tempo de uma descida e uma subida na arqueologia do texto, ao criador, de fundir-se com ele; paixão de penetrar no espaço interdito do bastidor, e paixão policial de querer revelar o segredo da fábrica: as armadilhas do psicologismo, do voyeurismo e do fetichismo não estão longe (GRÉSILLON, 2007, p. 28).

92

Além da paixão, estudar os documentos de processo de uma obra é uma ação respaldada pela paciência, pois o pesquisador desenvolve um trabalho em etapas que se inicia pela busca do objeto desejado e se concretiza com a pesquisa deste material. A teoria defendida pela referida teórica francesa é a de que é necessário:

Paciência para sair efetivamente em busca de tal manuscrito, desaparecido ao sabor da grande História com suas vicissitudes e suas pedras, ou afogados nas histórias de vendas, de heranças e de direitos de sucessão... Paciência do trabalho beneditino para decifrar, classificar e transcrever os manuscritos, humildade diante dos materiais invasores e às vezes desencorajadores pela massa de problemas inextricáveis; paciência de erudito com o documento que ele põe a saudável distância para que o objeto de paixão se torne objeto de conhecimento, paciência do editor do texto para restituir a gênese do texto (GRESILLON, 2007, p. 28-30).

O estudioso da Crítica Genética, tomado pela paixão e paciência, busca no arquivo literário a gênese textual. Moema Rodrigues Brandão Mendes (2010), afirma que o olhar de cada pesquisador descobrirá uma nova maneira de trabalhar as possibilidades de um arquivo. Esta afirmativa, de certa forma, parafraseia concordando com a premissa definida por Almuth quando se trata de paixão e paciência para que os manuscritos se tornem objeto de construção do conhecimento.

Cury (1993) em seu texto **A pesquisa em acervo e o remanejamento da crítica** discute a importância da crítica literária no estudo de arquivos envolvendo as

fontes primárias de um texto. A autora na Introdução de seu artigo utiliza um fragmento de texto de autoria de Virginia Wolf para refletir sobre o papel do leitor e a necessidade da interferência do mesmo em um texto de arquivo entendido como incompleto. E, ainda acrescenta que este mesmo fragmento de texto, por ela utilizado, serve de base para uma análise metafórica do envolvimento do crítico literário contemporâneo – não como verdade absoluta – mas como forma de fazer circular o discurso sobre a literatura.

Cury afirma que o trabalho com fontes primárias é um desafio, pois, segundo ela “desmistifica o texto final” (CURY, 1993, p.87) desvendando o que podemos entender como segredos do texto original.

O pesquisador, Adalberto de Oliveira Souza, em seu texto intitulado *Crítica Genética* (2009) – publicado na obra **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, organizado por Bonnici e Zolin - aborda aspectos teóricos relacionados ao estudo da Literatura sob a ótica da Crítica Genética, já que segundo ele “toda opção metodológica para realização de uma análise literária pressupõe certa concepção do próprio texto literário e uma concepção específica do que possa ser o homem” (SOUZA, 2009, p.287). Para o autor, o objetivo não é estabelecer uma abordagem crítica que concorra com outros métodos de análise de textos, mas, sim, inserir mais uma possibilidade interpretativa sobre a obra literária.

O objetivo do estudo apresentado por SOUZA (2009), neste capítulo do livro mencionado, foi dialogar sobre a situação e a função da Crítica Genética nos dias de hoje. Para o autor há muitas maneiras de conceber a Crítica Literária e para tal, cabe ressaltar que o fundamento deste estudo está no relacionamento entre o autor, o texto e o leitor, pois, segundo ele, para cada estudo crítico realizado um dos três pilares apontados fica evidenciado, de acordo com o enfoque do estudioso, aquele que executa a análise.

Souza esclarece que o estudo da Crítica Genética se destina ao estudo de textos inéditos, ao estudo da correspondência trocada entre escritores e a história da obra em si mesma. E, afirma “a essência de toda crítica é sempre a explicação das obras e um convite à sua leitura” (SOUZA, 2009, p.207).

Para Salles (2008), o estudo da Crítica Genética surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística de quem produz a arte seja ela

escrita, pintada, desenhada, a partir dos registros desse seu percurso deixados pelo artista de forma a caracterizar sua individualidade. Assim,

Os estudos genéticos nascem de algumas constatações básicas. Na medida em que lidamos com os registros que o artista faz ao longo do percurso de construção de sua obra, ou seja, os índices materiais do processo, estamos acompanhando seu trabalho contínuo e, assim, observando que o criador é resultado de um processo. Sob essa perspectiva, a obra não é, mas *vai se tornando* ao longo de um processo que envolve uma rede complexa de acontecimentos (SALLES, 2008, p. 25).

Segundo SOUZA (2009) muitos métodos críticos foram sendo propostos na tentativa de desvendar a essência, ou nas palavras do autor o mistério, ou ainda, a razão de ser de uma obra literária. Dentre esses métodos, o teórico cita a crítica psicanalítica, a crítica temática, a crítica formal e a crítica genética. E argumenta que esses métodos utilizados para esta análise de busca da essência da obra se entrecruzam, mas que cada um apresenta sua especificidade própria, o que nos leva a refletir sobre a interdisciplinar presente em uma análise genético - crítica.

Adalberto de Oliveira Souza ao dissertar sobre o objeto de estudo da Crítica genética, o manuscrito, esclarece para o leitor do seu texto a diferença entre Crítica Textual e Crítica Genética, apesar de ambas atuarem sobre o mesmo objeto de pesquisa. Ele começa explicando a representação do manuscrito nos estudos de Crítica Textual em um caráter mais amplo, que envolve todos os aspectos de uma edição. O autor utiliza o conceito de *Ecdótica* sob apontamentos de dois teóricos (Azevedo Filho e Spina) que divergem em alguns aspectos, mas que culminam no mesmo ponto: a necessidade de uma organização, de métodos para preparar textos legíveis, apurá-los e publicá-los. Neste sentido o autor afirma que foi a partir do Renascimento, com surgimento da imprensa, que houve uma retomada da Ecdótica, ou seja, retoma-se a busca do estudo do manuscrito com a intenção de torná-los textos acessíveis. E, no subitem do seu texto Crítica Genética (intitulado Gênese da Crítica Genética) enfatiza a diferença entre Crítica Textual e Crítica Genética, definindo:

O objeto da Crítica Genética é outro. Não é chegar ao texto único, o mais original, o mais perfeito, o mais próximo do *ânimo autoral*, a última vontade do autor, mas sim avaliar a criação do autor, os diversos momentos da criação, o como e o porquê da criação. Por isso os críticos genéticos não

falam em variantes e erros, e sim em rasuras e consistências, pois as opções do autor revelam momentos diferentes da criação e iluminam a compreensão da obra como um todo, o passado e o presente dela (SOUZA, 2009, p. 289, grifo do autor).

No que se refere à origem e reconhecimento dos estudos de Crítica Genética como uma disciplina independente, SOUZA (2009) afirma que foi a partir de 1968 que Louis Hay, na França, reuniu uma equipe de estudiosos no *Centre National de Recherches Scientifiques* (CNRS) para organizar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, que na ocasião tinham sido adquiridos pela Biblioteca Nacional Francesa. Em seguida, a equipe associou-se a outras, que se interessaram por manuscritos de autores importantes da época (Proust, Zola, Valéry, Flaubert) constituindo um laboratório específico em CNRS.

Segundo o autor, o estudo de Crítica Genética foi introduzido no Brasil por Philippe Willemert, organizador do primeiro Colóquio desse gênero e que incentivou vários pesquisadores a se dedicarem a esse assunto. É possível afirmar que hoje, no Brasil, há vários pesquisadores que se dedicam ao estudo da Crítica Genética, haja vista os inúmeros eventos acadêmicos dedicados a este assunto.

Sobre a relação entre os manuscritos e uma proposta de estudo interdisciplinar, Andrade *et al* (2018) propõem uma reflexão sobre a teoria psicanalítica ao relacionar-se com o arquivo, e apontam uma situação paradoxal, uma vez que, situando no seu centro e no centro da possibilidade de seu funcionamento - a procura de uma verdade biográfica é impossível.

Na visão dos autores o trabalho psicanalítico seria uma “tensão entre a verdade e o fantasma, entre a necessidade e a impossibilidade de decifração, entre a exumação das lembranças e a construção de presente” (Andrade *et al*, 2018, p.29, grifos do autor). Os estudiosos asseguram, inclusive, que os trabalhos desenvolvidos com arquivos - na contemporaneidade - favorecem a rasura e reformulação de ideias estatais de uma memória acumulativa e capitalista e, por conseguinte, entende-se que para lembrar é necessário lidar com fantasmas, espectros, paradoxais restos de uma totalidade nunca atingida, porém almejada, assim como construir uma nova identidade relativa àquilo que deve ser lembrado coletivamente, gerando mais espectros e menos monumentos, nas palavras dos autores.

O estudioso Philippe Willemar dialoga com esta questão em seu artigo **Como se constitui a escritura literária?** Ao sustentar que as áreas do conhecimento ligadas à linguística, à psicanálise e à filosofia não são capazes de esgotar a constituição da escritura literária, não desconsiderando, no entanto, as intervenções do sujeito inconsciente e do sujeito empírico.

De acordo com o teórico, “Precisamos de outros conceitos para entender a constituição da escritura literária e tornar inteligíveis esses processos que estão na origem de qualquer criação” (WILLEMAR, 2002, p.73). Para ele, a escritura não representa o escritor que, muitas vezes, tem o retrato na capa do livro, como representação física da pessoa que escreve. E argumenta:

A cada rasura, a escritura literária surge, o que acarreta o abandono total da crítica ou da psicografia, tão cara a muitos psicanalistas. Embora pareça que a cada supressão ou acréscimo, o escritor expõe suas pulsões, sua vida pessoal, seus problemas, sua estrutura psíquica, suas intenções primeiras, o estudo do manuscrito mostra que quando ele inicia o processo de escritura, persegue, ou melhor, é perseguido pelo que chamei um “primeiro texto” (WILLEMAR, 2002, p. 75, grifo do autor).

Portanto, o estudo do **primeiro texto**, assim chamado por Willemar, na concepção de SOUZA (2009) é interdisciplinar, uma vez que não há um instrumento teórico definido para análise da gênese de uma obra. O pesquisador, ao definir o *corpus* a ser analisado deverá, também, escolher um caminho para abordagem de sua análise que julgar adequado diante da perspectiva que pretende dedicar sua pesquisa.

Diante dessa escolha de um caminho a ser seguido para análise de uma obra literária, cabe ressaltar a importância da relação, já mencionada, do autor/leitor/texto. Sobre isso, Souza reitera, no subitem do texto **Crítica Genética** (SOUZA, 2009) – denominado **A rasura e a consistência** – um diálogo intertextual com Roland Barthes em sua obra **O prazer do texto** (2010 [1973]) quando escreve que na década de 1960, “a crítica festejou a morte do autor” (2010, p. 296) e passou a valorizar as categorias resultantes da narratologia do texto,

O autor é também leitor, e não apenas o sujeito da enunciação ou do enunciado; portanto, nessa relação de autor/leitor insinua-se um Terceiro ou Outro, que pode ser a tradição literária ou histórica, o inconsciente do

autor ou outros fatores que excedem o autor [...] a cada leitura que faz o autor, o Outro se insere e cada rasura feita pelo *scriptor* provoca uma consistência nova, onde fica marcada a insistência desse Outro, que desvia a intenção primeira do autor. No entanto, a vontade da consistência sempre permanece manifesta nos comentários do autor (SOUZA, 2009, p. 296).

A partir da reflexão proposta por Adalberto de Oliveira Souza (2009) sobre o leitor de sua própria obra, pode-se pensar na exposição filosófica de Barthes apud Souza (2009) ao apontar que o prazer que um texto proporciona em determinado momento para um leitor, pode não ser o mesmo quando este mesmo leitor retoma o mesmo texto. Desta maneira, é possível compreender que a relação (texto/autor/leitor) não é estanque, definida, fixa e, sim, flexível, mutável, baseada nas fruições do indivíduo que escreve e do indivíduo que lê.

O texto se faz objeto de desejo, é a fonte de prazer, cabendo ao autor abdicar por completo de sua obra e deixá-la sem qualquer interpretação ou imposição. O autor entrega sua obra ao leitor, permitindo ao mesmo encontrar nos seus espaços o prazer, ler em suas entrelinhas e deleitar-se com as curvas do signo, preenchendo seus espaços, ouvindo o grito incessante contido em cada espaço de silêncio de sua obra.

Diante de tais elucidações, é possível refletir que quando o leitor é o próprio autor, este é capaz de preencher esses silêncios com alterações, ou seja, com rasuras, que geram outros silêncios.

O autor/ *scriptor* mais o autor/ leitor são coagidos a dar uma nova consistência ao seu texto, devido à pulsão e ao desejo de escrever. A pulsão de escrever é o movimento repetitivo, que tanto Freud como Lacan sustentam a partir de uma zona erógena; e o desejo de escrever depende da atração e da tensão provocada pelo primeiro texto "inspirado". Não há uma semelhança entre esse primeiro texto e o texto publicado, mas há uma relação de sintomas entre eles (SOUZA, 2009, p.296, grifos do autor).

Finalizando esta reflexão, importa entender que a preservação dos documentos em suporte papel não deve se ater apenas ao suporte, mas à função social que este documento pode exercer. Há uma necessidade urgente de contribuições da ciência, da política e da sociedade a fim de proporcionar aos documentos de papel, a manutenção de sua existência e longevidade.

Segundo Sérgio Conde Albite Silva (2011), a conservação preventiva é essencial, já que implica na melhoria e controle do meio ambiente na área de guarda dos acervos. A conservação envolve o acondicionamento das peças do acervo, a armazenagem e o uso e manuseio dos documentos, objetivando retardar o início do processo de degradação dos suportes.

O arquivo é o lugar de possibilidades parciais e não muito livres e os manuscritos seus elementos de pesquisa. Os resultados perseguidos a partir de estudos que envolvem as fontes primárias, não são predominantemente objetivos o que nos permite acreditar que toda pesquisa científica, seja no seu início ou no seu final, está regulada pela ideologia do pesquisador associada à escolha do objeto pesquisado que deve ser essencialmente determinada por seu enquadramento sociocultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. *et al.* Arquivo. In: PEDROSA, C. et al (Orgs.). **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 15-55.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Ed. Perspectivas, 2010 [1973].

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. A Preservação Documental no Brasil: Notas para uma reflexão histórica. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 31-46, jul/dez 2010. Disponível em:

<http://www.arquivonacional.gov.br/br/component/tags/tag/revista-acervo.html>. Acesso em: 12 set. 2019.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Considerações sobre a interdisciplinaridade. In: **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000, p.52-70.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervo e o remanejamento da crítica. **Manuscrita**, Revista de Crítica Genética São Paulo: USP/APCG, 1993, n. 3, p. 78-93. Disponível em:

<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/853/770>. Acesso em: 20 maio. 2019.

GONÇALVES, Emânia Aparecida Rodrigues. **Antigamente, no porão: o manuscrito e o impresso – uma questão de variantes**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior, Juiz de Fora, 2014.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética**: ler os manuscritos modernos. Porto Alegre: UFRGS. 2007.

LEBREVE, Jean-Louis. O manuscrito será o futuro do texto. *In*: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. Tradução. Renato de Mello. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.83-92.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. A importância dos arquivos para a Crítica genética: um pouco de história e de manuscritos. **Verbo de Minas**. v.11, n. 19, jan.jul. 2011, p. 105-115.

Disponível em: <http://seer.cesif.br/index.php/verboDeMinas/article/view/360> Acesso em: 12 set. 2019.

SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica Genética. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá, PR: EDUEM, 2009, p. 287-297.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

SILVA. Sérgio Conde de Albite. A preservação da informação: um cenário em arquivos e bibliotecas. **Verbo de Minas**, v.11, n. 19, jan.jul. 2011, p. 241-253.

Disponível em: <http://seer.cesif.br/index.php/verboDeMinas/article/view/360> Acesso em: 12 set. 2019.

WILLEMAR, Philippe. Como se constitui a escrita literária?. *In*: ZULLAR, Roberto (Org.). **Criação em processo**: ensaios de Crítica Genética. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 73-93.

IDENTIDADE SONORA DAS MARCAS: NO RITMO DA DELIVERY MUCH[✓]

100

Alyssa Helena de Oliveira PIAZZI¹
Letícia de Sá NOGUEIRA²

✓ Artigo recebido em 30/09/2019 e aprovado em 28/10/2019.

¹ Graduada em Publicidade e Propaganda pelo CES/JF. E-mail: <alyssa.jf@hotmail.com>.

² Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Jornalista pela UFJF. Professora dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Design de Moda do CES/JF. E-mail: <leticianogueira@cesjf.br>.

IDENTIDADE SONORA DAS MARCAS:

NO RITMO DA DELIVERY MUCH

RESUMO

As marcas são muito mais do que um conjunto de elementos visuais, elas são dotadas de personalidade. Assim como as pessoas que as consomem, possuem valores e aspirações que as ajudam a estabelecer um diálogo com o público. Neste contexto, o *Branding Sensorial* pode ser definido como um conjunto de recursos relacionado à criação de um vínculo, que se pretende mais afetivo e duradouro entre marca e consumidor, ao envolver sentidos, tradicionalmente, pouco trabalhados pelo marketing, como a audição, o tato e o olfato. Este artigo tem como principal objetivo a compreensão de como o som, especificamente, pode ser utilizado para estabelecer o diálogo entre marcas e pessoas. Para isso, terá como objeto de estudo a Delivery Much, uma rede de pedidos de refeição online, que se inseriu no mercado juiz-forano no ano de 2018, tendo como público-alvo os jovens universitários. Antes de abordar esta marca, o trabalho se debruça sobre conceitos vitais às marcas na atualidade, como *branding* e posicionamento.

Palavras-chave: Marcas. Marketing. Music Branding. Publicidade. Delivery Much.

SOUND IDENTITY OF BRANDS:

IN THE RHYTHM OF THE DELIVERY MUCH

ABSTRACT

Brands are much more than visual elements amounting together, they have their own personality. Similarly to people whom own them, brands have values and aspirations that help them to engage a relationship with their public. In this sense, Sensory Branding is defined as a set of resources related to creating links between brand and consumer through meanings traditionally forgotten or less explored by marketing, such as hearing, touch, and the smell. This article aims to clarify how sound can be especially used to establish dialogue between brands and people. For this purpose, it presents the Delivery Much, an online meal ordering network, launched in 2018, in Juiz de Fora, Minas Gerais. It mainly seeks to find its impact among young university students in this city. Prior to addressing this brand, this article shows the essential and vital elements to brands sustainability in the market, such as branding and positioning.

Keywords: Brands. Marketing. Music branding. Publicity. Delivery Much.

1 INTRODUÇÃO

As boas marcas percebem que é preciso gerar reconhecimento e lembrança daquilo o que são, de forma que não sejam vistas apenas como empresas que oferecem produtos ou serviços, mas sim organizações dotadas de personalidade e valores.

Por exemplo, quando se pensa em uma marca que combine com alguém aventureiro, que gosta de usar roupas pretas e de couro, procura liberdade em seus passeios e é corajoso, a Harley-Davidson corresponde claramente a estes atributos, pois soube comunicá-los a um público, além disso, entendeu que o mesmo vive em uma sociedade saturada de informações, e que, por isso, a mente do consumidor aceita melhor aquilo o que é relevante ou que tenha uma ligação com uma experiência do que foi vivido com a marca.

Neste contexto, o *Branding Sensorial* torna-se uma ferramenta imprescindível para firmar a identidade de uma marca e melhorar as experiências relacionadas aos cinco sentidos: ver, cheirar, degustar, tocar, ouvir.

O som e a maneira como ele se relaciona com marcas e pessoas é o foco deste artigo, que aborda, de maneira geral, o *Sound Branding*, formas de sonorização de uma marca ou produto, aprofundando-se através de um estudo de caso de *Music Branding*, uma vertente do *Sound Branding*.

Ao final, o artigo apresenta e analisa algumas ferramentas utilizadas na campanha publicitária de lançamento da Delivery Much, em Juiz de Fora, que ajuda a marca a construir um posicionamento, valendo-se de atributos musicais.

2 A REGÊNCIA DAS MARCAS

Segundo a *American Marketing Association* - AMA (*apud* Keller e Machado, 2006), marca é um nome, termo, símbolo, desenho ou uma combinação desses elementos, que deve identificar bens e serviços de um fornecedor ou grupo de fornecedores e diferenciá-los da concorrência.

Já Oliveira (2006, p. 66), não muito diferente, considera que “a marca em si é o conceito, o sentido, a significação; um plano de conteúdo, ao qual correspondem,

no plano de expressão, todas as objetivações perceptíveis”. Ainda segundo esta autora, as percepções objetivas, como a melodia de um *jingle*, ou o odor de um perfume, por exemplo, também fazem parte de uma marca, já que estes são elementos de marca e conseguem transmitir uma mensagem com objetivos concretos.

Na prática, entretanto, marca hoje é muito mais do que a junção de elementos. Keller e Machado (2006, p.2) a definem “como algo que criou certo nível de conhecimento, reputação e relevância de mercado”.

Para se chegar a um nível de reconhecimento e aceitação do público, a marca precisa ser bem conduzida e, por isso, o *branding* se apresenta como um “gestor” que administra ações que dão consistência à personalidade desta, o que reafirma o pensamento de Ries e Trout (2009), de que marcas são criadas utilizando-se estratégias de posicionamento, ou seja, são capazes de construir uma percepção sólida na mente das pessoas.

Aaker (2015, p.35) acredita que a “personalidade de marca pode ser definida como um conjunto de características humanas associadas à marca”. Assim, as marcas que possuem personalidade tendem a se destacar da multidão e a comunicar uma mensagem, estabelecendo, desta forma, a sua vantagem competitiva.

2.1 BRAND EQUITY

Segundo Keller e Machado (2006, p. 30), “*branding* significa dotar produtos e serviços de brand equity”. Embora haja várias explicações para este conceito, ele deve ser definido em termos dos efeitos de marketing que são atribuíveis exclusivamente a uma marca. De acordo com os autores, o *brand equity* está relacionado ao fato de se obterem, com uma marca, resultados diferentes daqueles que se conseguiria se o mesmo produto ou serviço não fosse identificado por aquela marca. Este, que é um dos conceitos de *marketing* mais importantes e que surgiu na década de 1980, funciona como um valor adicional da marca, do ponto de vista do consumidor e da empresa, que ajuda a diferenciar produtos, serviços e até a própria organização.

A partir deste conceito, surge o *customer-based brand equity* (CBBE). Trata-se de um modelo de *brand equity* baseado no cliente, que age como uma ferramenta que interpreta e avalia o valor das marcas. Segundo Keller e Machado (2009), ele é definido como efeito diferencial que o conhecimento de marca tem sobre a atividade do consumidor em relação àquela marca.

Essa interpretação possibilita saber, por exemplo, que quando o *brand equity* é positivo, os consumidores apresentam uma boa aceitação de uma nova extensão de marca, aumento de preço ou retirada de propaganda.

O resultado, para Keller e Machado (2006), se dá através da identificação da marca e do reconhecimento desta que, ao longo do tempo, se fortaleceu através do que os clientes aprenderam, sentiram, viram e ouviram sobre ela.

Quanto mais um consumidor experimentar uma marca e tiver contato com ela, maiores serão as chances dela ficar fortemente registrada em sua memória e mais facilmente será lembrada.

Ter um alto nível de lembrança de marca é um requisito importante para o *brand equity*, para isso, são escolhidos elementos que sejam memoráveis, segundo Keller e Machado (2006), um dos critérios para escolha de elementos de marca.

2.2 POSICIONAMENTO: O TOM CERTO

Para defender-se do volume atual de mensagens, a mente filtra e rejeita muita informação que lhe é oferecida. Em geral, ela aceita apenas aquilo que coincide com o seu conhecimento e experiência anteriores. O sucesso, na atual sociedade, não está somente em inventar ou descobrir algo novo, e sim na criação de uma posição na mente do cliente. Esses pensamentos, de Ries e Trout (2009), questionam o porquê das empresas e companhias, ainda hoje, se esforçarem muito para criar produtos, em vez de marcas; estas, por sua vez, em sua concepção, necessitam usar estratégias de posicionamento.

Posicionamento de marca é o ato de planejar a oferta e a imagem da empresa de modo que ela ocupe um lugar distinto e valorizado na mente dos cliente-alvo. Implica descobrir a localização adequada na mente de um grupo de consumidores ou segmento de mercado, de modo que eles

tenham em um produto ou serviço do modo desejado (KOTLER 1996, p. 270).

Por exemplo, o nome, um dos elementos mais memoráveis de uma marca, é, de acordo com Ries e Trout (2009), a decisão de *marketing* mais importante a ser tomada, pois ele habitará a mente do consumidor.

Isso pode se tornar tão eficaz a ponto de fazer com que uma marca signifique o produto genérico. Bons exemplos são Maizena (amido de milho), Gillette (barbeador) e Bombril (palha de aço).

A era *fitness* e a mudança nos hábitos alimentares abriram margem para repensar questões como a obesidade e estilo de vida, um fator que no final de 2003, causou uma queda muito grande no faturamento da marca McDonald's.

Não ignorando isso, o restaurante decidiu incluir em seu cardápio itens mais saudáveis. A marca agregou e, de certa forma, se adaptou ao fato, mas sem perder sua essência e o seu posicionamento.

A pesquisa *Brand Sense* (apud LINDSTROM, 2003), feita nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, que possuem dois dos maiores restaurantes do McDonald's em nível mundial, revelou que mais da metade dos consumidores amam o cheiro dos restaurantes e afirmam que o mesmo os faz salivar.

Em contrapartida, um terço dos consumidores entrevistados achavam que os restaurantes cheiravam a "óleo rançoso," e que por isso a comida não era boa.

Mais pesquisas ainda descobriram que o som do McDonald's causa um sentimento negativo, semelhante ao som de crianças gritando, e em alguns casos do *bipe* eletrônico do *timer* da fritadeira.

Mesmo assim, a marca, ao longo do tempo, conseguiu se posicionar bem na mente de boa parte do público, usando a experiência no ponto de venda.

Partindo da certeza de que uma marca é feita na mente, podemos associá-la aos sentidos, fator que será imprescindível, segundo Lindstrom (2012), na escolha ao "consumir" uma marca.

2.3 SINFONIA DE SENTIDOS

O *Branding Sensorial*, segundo Lindstrom (2012), é o responsável por criar um vínculo entre marca e consumidor. *Grosso modo*, ele exerce a função de gerenciar ações que exploram os sentidos. O mesmo autor afirma que qualquer empresa pode construir uma marca sensorial, e mais, o *Branding Sensorial* é capaz de cumprir o desafio que as marcas enfrentarão nesse século: sua capacidade de proteger a identidade dos concorrentes.

O fato é que nossa sociedade está saturada de informações. Tudo se torna fácil de copiar, porém o uso dos sentidos permite que a marca seja percebida de diferentes formas.

Um exemplo é o Ferrari 3000, citado na obra de Lindstrom (2012), que por incrível que pareça, não é um carro, mas sim um *notebook*. Em parceria com a marca Acer, foi produzido o primeiro *laptop* totalmente pintado de vermelho Ferrari.

Além da cor, o notebook possui polimento e se apresenta em sincronia com o design e a navegação dos últimos modelos de carros da Ferrari, e mais, ao ligá-lo, ele ronca como um motor de carro de corrida; os consumidores o reconhecem facilmente.

Lindstrom (2012) também afirma que a identidade que o Cereal Kellogg's construiu explora de forma incontestável os sentidos. A empresa conseguiu expandir a percepção da marca para incorporar quatro sentidos (paladar, visão, audição e até o tato). O mais explorado é a audição. O som e a sensação de crocância são facilmente identificados e associados ao produto e ao tradicional café da manhã americano.

Há algumas previsões, para a próxima década, do *Branding Sensorial* em diversos setores e categorias de mercado. No varejo, conforme Lindstrom (2012), logos sonoros serão incorporados em embalagens, que vão tocar melodias da marca quando abertas. A visão atrelada à audição é muito mais eficaz e memorável do que puramente sozinha.

Na próxima seção, trataremos com mais ênfase dos estímulos sensoriais.

3 O SOM COMO ESTÍMULO SENSORIAL

Nós nos familiarizamos com o som muito cedo. Guerra (2013) assegura que a audição é o primeiro dos cinco sentidos que desenvolvemos, geralmente com doze semanas de gestação.

O som, para a física, também segundo este autor, é apenas uma vibração sonora. Para a psicologia, é observado como uma espécie de experiência que o cérebro extrai de seu ambiente, uma sensação auditiva, ou ainda:

O conjunto formado pelas orelhas e o canal do ouvido funciona como um sistema receptor-transmissor, que transforma as vibrações sonoras em impulsos nervosos, e os conduz até o cérebro – que reconhece e interpreta os estímulos. (GUERRA, 2013, p. 18).

Esses estímulos e sensações sonoras estão presentes no dia a dia e vão desde o *bipe* do micro-ondas, até o alerta de quando o trem está se aproximando. Isso confirma o pensamento de Zanna (2015), de que mais do que qualquer outra coisa, do som é bem mais difícil se esquivar.

Lindstrom (2012) menciona que até mesmo quando o cinema era mudo, as primeiras imagens dos filmes eram acompanhadas com a frequência de um pianista tocando junto com o que estava passando na tela. Se antes o som desempenhava um papel secundário, hoje ele é essencial.

É difícil prever como seriam os filmes sem o som. Provavelmente, clássicos como Indiana Jones, Titanic, Missão Impossível, A Pantera Cor de Rosa e Star Wars, não teriam tanto contexto e sentimento sem as suas trilhas, e mais, não seriam memoráveis como são hoje.

Alguns sons conseguem fazer recordar uma situação em pouco tempo. É comum associar, por exemplo, o estouro de uma champagne à emoção de se estar comemorando um ano novo; um barulho de lata abrindo a uma Coca-Cola gelada, ou sons gamificados aos botões e alavancas de uma máquina caça-níquel.

Um exemplo evidente da presença e poder do som é relatado na obra de Lindstrom (2012), a qual conta que uma vila australiana colocou música clássica para retirar delinquentes da rua após anoitecer. Em menos de uma semana, a cidade percebeu uma queda drástica na criminalidade.

Segundo o filósofo grego Platão (380 a.C. *apud* FONTES 2008), seria possível conquistar ou revolucionar uma cidade apenas pela mudança em sua

música. Seguindo esta ideia, percebemos que o som consegue dialogar criando uma linguagem capaz de comunicar e interpretar informações de acordo com as pessoas, o que segundo Zanna (2015), é um objetivo importante do *branding*.

3.1 SOUND BRANDING

Conforme Zanna (2015), dentro deste diálogo proposto pelo *branding* e construído no dia a dia, existe uma categoria destinada a traduzir em sons as características que diferenciam a marca e sua personalidade, gerando assim uma identidade reconhecível pelas pessoas onde elas estiverem.

Um exemplo que citamos anteriormente é a Harley-Davidson, marca de motocicletas conhecida pelo ronco de seu motor, que consegue desencadear fortes associações e emoções. Essa junção de sensações, segundo Lindstrom (2016), pode exercer uma influência poderosa no comportamento humano.

Aaker (2015) afirma que essa marca inevitavelmente está associada a benefícios emocionais e de auto expressão. Partindo desta análise, pode-se afirmar que pessoas que andam nesta motocicleta possuem personalidade forte, gostam de liberdade, são corajosas, amam desafios e aventuras.

Essa categoria chamada de *Sound Branding*, abrange todas as formas de sonorização de uma marca ou produto. Para Zanna (2015, p. 20), “é um recurso potente, capaz de prender a atenção das pessoas em um mundo repleto de apelos audiovisuais”.

A mesma autora assegura que cada nota musical no *Sound Branding* está a serviço da marca e não somente de um produto. Estas marcas desejam se consolidar e permanecer fortes na mente de seus consumidores, fazendo o *Sound Branding* ter vida longa.

Um bom exemplo de som memorável e que permanece na história é a melodia Intel Inside. Segundo Lindstrom (2012), ela está presente em seus equipamentos e em todas as campanhas publicitárias da Intel desde 1998 e, de certa forma, acompanha a vida da marca.

Segundo Zanna (2015), a concepção do *Sound Branding* é feita em dinâmicas de grupo e todas as decisões são tomadas a partir de muitas pesquisas, sempre olhando a personalidade da marca e do público a quem se deseja falar.

A partir disso, são feitas escolhas sobre a composição de uma música, conhecida como manifesto, que estará em todos os pontos de contato da comunicação da marca.

Desse manifesto é extraído o logo sonoro, uma síntese constituída pela sua célula melódica mais marcante, a qual tem duração de três segundos, que também aparecerá em todos os pontos de contato possíveis.

Outra ferramenta importante para a concepção do *Sound Branding* é a voz, responsável por humanizar a percepção da marca. Algumas marcas são conhecidas apenas por seu porta-voz. Um bom exemplo é a propaganda “Feliz 2016”, do banco Itaú, que Fernanda Montenegro narra. Inevitavelmente, o jeito e tom verbal dão consistência a seu discurso.

Também existem os sons incidentais (*Sound Design*), que são sons de uma marca reunidos em uma espécie de banco. Eles podem ser, por exemplo, os sons que os celulares fazem ao receber ou enviar uma mensagem.

O processo metodológico do *Sound Branding* segue algumas etapas, como a pesquisa de rotina sonora do público-alvo e valores essenciais da marca e, a partir daí, elabora-se diretrizes sonoras baseadas nos resultados aferidos, como já citado anteriormente.

Após esse processo, o *Sound Branding Book* é feito. Ele é um guia que auxilia a área de marcas da empresa a explicar e ensinar as outras áreas a usufruir os recursos do seu *Sound Branding*.

Por último, o som concebido é lançado em todos os pontos de contato e inicia-se a fase de testes e mensuração de resultados. Todo esse processo também ocorre no *Music Branding*, com a diferença de nome do guia, que é conhecido como *Audio Branding Guide* (ABG).

3.2 MUSIC BRANDING

É muito comum as pessoas ainda confundirem o *Sound Branding* com *Music Branding*. A verdade é que o *Sound Branding*, dentro do seu leque de opções, abriga o *Music Branding*, seleções de músicas e artistas que têm afinidade com a marca.

Segundo Zanna (2015, p. 35), “é uma área que se ocupa de definir o raio de abrangência de estilos musicais afinados com a personalidade da marca e da música tocada nos pontos de venda, nas lojas e espaços físicos”.

Para Guerra (2013), como regra geral, qualquer som produzido por uma ferramenta de *Music Branding* deve obedecer à sigla “MASP”, que literalmente diz que cada som deve ser memorável, adaptável, simpático e protegido.

Essa regra segue os mesmos critérios para escolher elementos de marca, que segundo Keller e Machado (2006), são: memorabilidade, para ser facilmente reconhecido e lembrado; adaptabilidade, para ser flexível e atualizável ao longo do tempo; simpatia, para ser atrativo, divertido, interessante e esteticamente agradável; e capacidade de ser protegido, para ser legal e competitivo.

O ponto de partida para qualquer projeto de *Music Branding*, não diferente do *Sound Branding*, é identificar em que estágio se encontra a marca com relação à comunicação sonora.

Guerra (2013) classifica essa relação em três estágios. O primeiro é se a marca é inconsciente quanto ao tema, se a empresa pensa o som como algo inofensivo e que não merece planejamento.

No segundo estágio aparecem aquelas marcas que enxergam valor na comunicação sonora planejada e procuram assessoramento profissional.

No terceiro e último estágio, surgem as marcas conscientes, com projetos eficazes, que implementaram programas de *Music Branding* coerentes com sua comunicação geral e alcançaram sucesso.

As ferramentas de *Sound Branding* e *Music Branding* são parecidas. Ambas apresentam logo sonoro, voz da marca, *Sound Design* nos produtos da marca e jingles, músicas e *remixes* exclusivos para marcas. Mas existem outras vertentes que são exclusivas do *Music Branding*.

A primeira delas é a associação com artistas. Segundo Guerra (2013), as marcas buscam colaborações de artistas que transferem seus atributos para elas com o objetivo de sensibilizar e reforçar os laços emocionais com o público-alvo.

Outra forma de associação bastante comum são marcas pagarem aos compositores para que seu nome seja citado nas músicas. Mas existem casos espontâneos como, por exemplo, a música “All Star”, de Nando Reis, em homenagem a Cássia Eller, que tinha um “All Star azul”, que o cantor simplesmente achava charmoso.

A Trilha sonora para desfiles de moda é outra ferramenta imprescindível, já que moda e música possuem muitas relações em comum. Ambas, segundo Guerra (2013, p.90), “compartilham elementos artísticos, criativos, aspiracionais e carregam consigo significados múltiplos e elásticos.”

A trilha sonora, neste caso, pode ser selecionada a partir de músicas compostas ou não originais. O mais importante de tudo é que ela precisa contar a história do desfile.

Em muitos sentidos, fazer uma trilha sonora para um desfile é como compor uma trilha sonora para um filme. É contar uma história, com início, meio e fim, e propor experiências sonoras que podem sugerir suspense, surpresa ou até mesmo catarse (GUERRA, 2013, p. 92).

Outra ferramenta é a sonorização nos locais virtuais, essencial, já que os mesmos oferecem um ambiente mais interativo. Essa ferramenta está presente em *podcasts*, aplicativos musicais para *smartphones* ou *tablets*, rádios online no site ou redes sociais.

Um exemplo é a Coca-Cola FM, uma das principais rádios online do Brasil. Todo som produzido é minuciosamente planejado para que todas as experiências sonoras sejam conectadas, coerentes e coesas com seu público antenado.

Por fim, a ferramenta mais comum é aquela que está presente nos locais físicos. A sonorização no ponto de venda (PDV) pode ajudar a criar um ambiente agradável, que gera experiências de consumo positivas.

A música bem planejada, segundo Guerra (2013), pode significar uma enorme vantagem competitiva para a marca e ainda ser a razão para os consumidores ficarem mais tempo e consumirem mais ou voltarem mais vezes ao ponto de venda.

Na próxima seção, vamos avaliar as ferramentas do som aliadas à marca Delivery Much, considerando seus pontos de contatos e seu público-alvo.

4 DELIVERY MUCH, “NO RITMO DA SUA FOME”

A Delivery Much surgiu em 2011, em Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul. Segundo a página oficial da marca no Facebook (DELIVERY MUCH JUIZ DE FORA, 2019), a rede atua em mais de 140 cidades em 15 estados, e conta com um sistema de pedidos de refeições online, que permite ao usuário ter acesso a várias empresas de alimentação, cardápios, formas de pagamento, entrega e promoções, através do site e aplicativo.

O mercado de *delivery* de alimentos foi um dos que mais cresceram em 2017, segundo o site Mercado & Consumo (2019). Além disso, a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel) afirma que o setor movimentou cerca R\$ 10 bilhões em 2017 e tem sido visto como o futuro do varejo.

Em 2018, a marca Delivery Much chegou em Juiz de Fora, e em sua campanha de inserção, um dos principais desafios, segundo E-dialog (2019), responsável por toda campanha em meio digital, foi “abastecer um público universitário, que tem um comportamento de uso de *delivery* bem frequente.”

Sabendo do potencial público-alvo, a campanha de inserção, em Juiz de Fora, buscou unir a música com o costume de pedir *delivery* e isso foi feito através da participação do cantor Victor Hugo (o Vitin, da Banda Onze:20).

O objetivo da análise a seguir, é entender a relação da marca com a música, e como o uso desta persona, o Vitin, pôde ajudar a marca a se aproximar do público. Para isso serão analisadas quatro peças, veiculadas entre maio e agosto de 2018, para a campanha de lançamento.

A agência responsável por todo o conceito criativo foi a Sagres Criativa, que fez parceria com a Para-raios filmes, W2B estúdio, equipe de som e Amanda Ludkte, fotógrafa, para a produção da campanha. Além de contar com a E-dialog, responsável pela campanha no digital e Zine Cultural, uma empresa que fez cobertura de eventos e ajudou na comunicação da marca e entretenimento dela com a cidade.

Para a realização desta análise, buscaremos apoio na teoria desenvolvida nas seções anteriores deste artigo.

4.1 ASSOCIAÇÃO COM O ARTISTA: E SE A MARCA FOSSE UMA PESSOA?

Uma das principais ferramentas de *Music Branding* é a associação com artistas, recurso que cada vez mais o marketing usa para se aproximar de um determinado público. Por outro lado, os artistas também se beneficiam, ganhando mais visibilidade e reconhecimento, seja cantando uma música, ou simplesmente participando de uma campanha.

Este estudo trata, especificamente, de uma participação na qual o artista se alinhou ao objetivo de campanha que, segundo E-dialog (2019), foi “juntar o mundo musical do cantor, familiarizado com a cidade, ao costume de pedir delivery.”

O desafio inicial do Delivery Much, para se inserir no mercado juiz-forano, era criar um bom posicionamento, que segundo Kotler (1996), é a imagem que ocupa um lugar diferenciado na mente do público, o que foi imprescindível para o sucesso da campanha e da marca.

Para Dalpra Júnior (2019), diretor de criação da Sagres Criativa, agência responsável pela criação da campanha, o posicionamento a ser construído foi a primeira coisa em mente a se fazer, de forma que o mesmo fosse claro para as pessoas perceberem o que é o Delivery Much em Juiz de Fora e que não era apenas mais um.

Por isso, a marca apresenta diferenciais como: variedade de opções; promoções todos os dias; satisfação, seja do consumidor ou lojista; e identificação, que foram trabalhados de forma lúdica e usados também como argumentos de venda, partindo da afirmação básica que o Delivery Much é um *delivery* de Juiz de Fora, com variedade de estabelecimentos e promoções para satisfazer cada momento da vida.

Neste contexto, mais do que dizer, foi importante saber como dizer algo que está além dos benefícios tangíveis do produto e, é neste ponto, segundo Dalpra Júnior (2019), que o Vitin se encaixa.

Atributos do cantor como carisma, sucesso, estrelato, identificação, musicalidade e ritmo deram sentido a todo conceito da campanha, já que os mesmos são identificáveis com o estilo de *delivery* e Delivery Much, especificamente.

O posicionamento foi concebido graças à transferência da musicalidade do Vitin para a marca Delivery Much e o uso de palavras que são característicos do universo musical, como “ritmo” e “batida”, que também ajudaram a descrever o estilo de vida de uma pessoa que pede comida por *delivery*.

Essa transferência de valores é tão grande, que reafirma o importante papel da música para a marca. É simples entender quando o cantor menciona, em uma das peças da campanha, a palavra “ritmo de vida”, que remete ao modo de vida de uma pessoa, e “batida frenética”, a um estilo de vida acelerado, corrido.

A agência cumpriu seus objetivos quando conseguiu relatar o dia a dia do Vitin, sem máscaras. Simplesmente falou do cantor, que sempre está viajando com sua banda, da vida corrida, mas também de momentos de descanso.

A Delivery Much se encaixa dentro dessa rotina corrida de forma tão espontânea, segundo Dalpra Júnior (2019), que Vitin não está como um garoto propaganda, e sim a marca que está ali como parte de uma rotina, às vezes frenética, às vezes mais tranquila.

Além disso, o cantor relaciona a pluralidade de sua vivência como “novos ritmos, culturas e comidas típicas” à diversidade de pratos, justamente o que a marca prega.

A linguagem usada traz o vocabulário jovem à tona, através de palavras e expressões como “batida frenética”, “*relax*”, “sanduba”, muito mais “a sua cara”, entre outros.

4.2 A VOZ

Qualquer marca, mesmo que não tenha um personagem ou garoto(a)-propaganda fixo, precisa de uma voz para humanizar sua percepção e isso se dá não apenas pela linguagem ou vocabulário, mas, também pelo jeito de falar e tom verbal usado.

O cantor Vitin, em todas as peças, traz em sua voz atributos importantes, segundo Daniel Jackson (*apud* GUERRA 2013), como: Clareza - pureza e limpidez do som, apesar de possuir uma voz um pouco rouca; Energia - o jeito de falar mostra que é conhecedor e que está envolvido com aquilo que ele fala; Comprometimento - quando menciona que o aplicativo oferece muito mais opções que os outros. Afirma que Delivery Much é muito mais “a sua cara”, dando ênfase à palavra “muito”; Ritmo - o modo de enfatizar o que é dito: “a minha fome tem só um ritmo, DELIVERY MUCH !!” e Entonação – a forma da fala do cantor com o jeito que se expressa ao perguntar sobre as promoções do *delivery*.

4.3 FUNDO MUSICAL E EFEITOS SONOROS

É importante mencionar que as trilhas de fundo das peças são bem ritmadas e dão um contexto à fala do cantor. A do começo, um *rock*, e a do final trazem certa leveza e tranquilidade através do assobio.

Além disso, aparecem alguns sons na campanha, por exemplo, quando Vitin está tentando compor uma música falando de *pizza*, hambúrguer e *hot-dog*, mas não consegue; o efeito sonoro indica que a sua ação não está boa, fazendo uma analogia à variedade que a concorrência oferece, chamando-a de “batida sem graça de opções.”

Além disso, aparecem sons análogos ao de uma colher batendo numa taça, videogame, campainhas e romantismo, entre outros, que ajudam a contextualizar as cenas e falas, pois remetem aos ambientes e tarefas realizadas.

4.4 A VINHETA E A SIGLA “MASP”

Para Dalpra Júnior (2019), se a campanha “fala de Vitin e seu universo musical”, o slogan teria que ser materializado em uma vinheta sonora, a síntese de todo o conceito que a campanha quis passar.

A vinheta teve como principal objetivo não apenas ser ouvida e mentalizada, mas também ser replicada. Por isso, as aspirações dessa criação trazem a principal regra a ser obedecida, segundo GUERRA (2013), dentro do *Music Branding*: a sigla

MASP, conforme destacamos antes, traduzida como memorável, adaptável, simpático e protegido, características que qualquer elemento de marca, como o som, deve obedecer.

Os principais atributos a serem destacados dentro desta regra nesta campanha são a memorabilidade e a simpatia da vinheta. A primeira, segundo Keller e Machado (2006), se dá por ser facilmente reconhecida e lembrada; é um som curto, um resumo do conceito e slogan cantado, o que facilita muito o processo de memorização.

Já a simpatia, baseada nestes mesmos autores, pode ser vista no fato da vinheta ser atrativa, divertida, interessante e agradável, principalmente pelo estilo musical e a forma como é cantada.

Trata-se de um ritmo dançante e popular, o *Rocking and roll*, que vem da expressão “balançar e rolar”; é marcado por instrumentos como guitarra, baixo e bateria.

No ritmo da sua fome, Muchhhh... relaciona o ritmo a momento e ocasião em que se pede comida, que por sua vez está ligada à variedade e promoção. Musicalmente falando, a vinheta consegue traduzir bem o conceito da marca, principalmente pelo **Muchhh...**, chiado no final que destaca o nome da marca, que do inglês é traduzido como muito, misturando-se ao som dos pratos de bateria, um instrumento que encerra de forma vibrante a vinheta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A voz, uma buzina, melodia, e até o simples barulho de uma colher caindo no chão, ajudam a contextualizar cenas do cotidiano e, muitas vezes, não percebemos o quanto esses sons são significativos e capazes de nos alertar, emocionar, estabelecer diálogo, entre outras possibilidades. Independentemente do que eles representam, o fato é que são imprescindíveis para a comunicação.

Uma vez que o som dialoga, também se torna capaz não só de falar e receber, mas transferir sentimentos e emoções por meio da audição, uma importante porta de entrada do *Branding Sensorial*, recurso que cada vez mais ajuda as marcas a se expressarem.

E é por isso que as ferramentas de *Sound Branding* e *Music Branding* são importantes, pois são responsáveis pela sonorização das marcas de forma a definir estilos, gostos; contar histórias, descrever personalidades, valores e atributos.

A Delivery Much, objeto de estudo neste trabalho, acertou ao se somar à imagem cheia de atributos do músico Vitin, uma estrela nacional, que na campanha conta sua história, nos bastidores, de uma vida corrida, igual à de milhares de juizes foranos. Isso, com certeza, aproxima marca e artista do público, gerando empatia, o primeiro e grande passo para se estabelecer diálogo.

Sound Branding e *Music Branding*, dentro da campanha, exerceram outro papel importante: ajudar a construir a imagem da marca, a fim de projetar na mente do público percepções e valores que almejavam passar.

O posicionamento claro e objetivo, moldados pela musicalidade do cantor, foram capazes de diferenciar a marca das outras e esse foi o ponto crucial na campanha de inserção, cumprindo assim seus objetivos com sucesso.

REFERÊNCIAS

AAKER, David. **On branding: 20 princípios que decidem o sucesso das marcas.** Tradução: Francisco Araújo da Costa. Porto Alegre: Bookman, 2015.

DALPRA JÚNIOR, Tarcízio. **Apresentação Delivery Much.** Online. 2018. (08m05s). Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/BkS86DwhTMe/>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

DELIVERY MUCH JUIZ DE FORA. **Texto de apresentação da marca [Sobre].** Juiz de Fora, 23 de abril de 2018. Facebook: [deliverymuchjf](https://www.facebook.com/pg/deliverymuchjf/about/?ref=page_internal). Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/deliverymuchjf/about/?ref=page_internal>. Acesso em 6 jun. 2019.

_____. **#NoRitmoDaSuaFome – Promoções.** Online. 2018. (43s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b0H1Jc7PMf0>>. Acesso em 06 jun. 2019.

_____. **#NoRitmoDaSuaFome – Momentos.** Online. 2018. (36s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ECowaARJGCI>>. Acesso em 06 jun. 2019.

_____. **#NoRitmoDaSuaFome – Variedades.** Online. 2018. (40s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b2peCIK4Mjk>>. Acesso em 06 jun. 2019.

_____. **#NoRitmoDaSuaFome – Identidade**. Online. 2018. (25s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WCQgrqLebFE>>. Acesso em 06 jun. 2019.

CASE DELIVERY MUCH. **E-Dialog**. 2018. Disponível em: <<https://www.edialog.com.br/project/marketing-digital-para-aplicativo-case-delivery-much/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

FONTES, Martins. **A República**. São Paulo: Escala Educacional São Paulo, 2006.

GUERRA, Guto. **Music Branding: qual o som da sua marca?** Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KELLER, Kevin Lane; MACHADO, Marcos. **Gestão estratégica de marcas**. São Paulo: Person Prentice Hall, 2006.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LINDSTROM, Martin. **Brand sense: segredos sensoriais por trás das coisas que compramos**. Tradução: Renan Santos. Porto Alegre: Bookman, 2012.

_____. **A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre porque compramos** Tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

MERCADO & CONSUMO, Imprensa. **Delivery de alimentos cresce e movimentou R\$10 bilhões**. 2018. Disponível em: <<https://www.mercadoeconsumo.com.br/2018/12/04/delivery-de-alimentos-cresce-e-movimentou-r-10-bilhoes/>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Sobre marcas**. In: _____. *Moda também é texto*. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

RIES, Al & TROUT, Jack. **Posicionamento: a Batalha por sua mente**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2009.

ZANNA. **Sound Branding: a vida sonora das marcas**. São Paulo: Matrix, 2015.

FAUNA URBANA: QUEM VIVE AQUI? ✓

Caroline Almeida do VALE¹
Fábio PREZOTO²

119

✓ Artigo recebido em 03/09/2019 e aprovado em 25/10/2019.

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Mestre em Comportamento e Biologia Animal pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutoranda em Ecologia. E-mail: <carolineavale@gmail.com>.

² Doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor associado da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: <fabio.prezoto@ufff.edu.br>.

FAUNA URBANA:

QUEM VIVE AQUI?

URBAN FAUNA:

WHO LIVES HERE?

RESUMO

Com o crescimento demográfico, áreas florestais foram suprimidas para dar lugar a centros urbanos, e as espécies animais que antes existiam nesses locais, foram extintas ou se adaptaram a novas condições e passaram a utilizar os recursos oferecidos pelas cidades e viver junto com as populações humanas. Este artigo teve como objetivo discutir a importância da conservação das espécies da fauna encontrada nos centros urbanos, os problemas e danos mais comuns associados a esta fauna e a necessidade da criação de políticas públicas que visem o bem-estar e a convivência harmoniosa entre animais não humanos e humanos. Uma extensa revisão literária foi realizada sobre o tema. Foram apresentadas as principais espécies que compõem a fauna urbana comumente encontradas em nossas cidades dentro dos grupos dos mamíferos, aves, anfíbios, répteis e invertebrados. E discutido os problemas e danos mais comuns associados a fauna e as populações humanas residentes das cidades. Ressaltamos que são necessárias medidas como a conservação de áreas verdes, com a criação de espaços adequados e a implementação de ações informativas e educativas que visem promover o desenvolvimento urbano, a melhoria das condições de vida da população e a conservação da fauna.

Palavras-chave: Animais domésticos. Animais silvestres. Conservação. Pragas sinantrópicas. Urbanização.

ABSTRACT

With demographic growth, forested areas have been suppressed to make way for urban centers, and the animal species that once existed in these locations have become extinct or adapted to new conditions and have begun to utilize the resources offered by cities and live together with human populations. This article aims to discuss the importance of the conservation of fauna found in urban centers and the importance of creating public policies aimed at welfare and harmonious coexistence between animals and humans. An extensive literary review was conducted on the topic. We present the main species that make up the urban fauna commonly found in our cities within the groups of mammals, birds, amphibians, reptiles and invertebrates. And we discuss the main problems and damages that are normally associated with wildlife and resident human populations in cities. We emphasize that measures such as the preservation of green areas are necessary, with the creation of adequate spaces and the implementation of informative and educational actions aimed at promoting urban development, improving the living conditions of the population and the conservation of fauna.

Keywords: Conservation. Domestic animals. Synanthropic pests. Urbanization. Wild animals.

1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento da população humana, as cidades precisaram expandir para acompanhar a demanda populacional, e passaram a invadir cada vez mais áreas florestadas que antes eram isentas; ou possuíam mínima presença, de pessoas. A ocupação desses habitats forçou muitas espécies de animais não humanos, a se adaptarem as novas condições e sobreviveram juntamente com as pessoas nos centros urbanos (SMASP, 2014).

Ao contrário do que se poderia esperar muitas espécies ao invés de desaparecerem prosperam nas cidades. Abundância de alimentos, fruto do descarte humano, a quase ausência de predadores e grande oferta de abrigos (oferecidos pelos substratos feitos pelo homem); bem como a maior tolerância dos humanos a essas populações foram fatores que contribuíram para a expansão e sobrevivência de algumas espécies em ambiente urbano (REES, 2003; SMASP, 2014).

Desta forma, estabeleceu-se a denominada Fauna Urbana, que é composta por espécies animais (não sendo aqui considerado a espécie humana), que se adaptaram às condições urbanas (REES, 2003). Esses animais passaram a fazer parte do cotidiano das cidades e problemas resultantes desse convívio, nem sempre harmonioso começaram a surgir para ambas as partes.

Diante disso este artigo teve como objetivo discutir a importância da conservação das espécies da fauna encontrada nos centros urbanos, apresentando as espécies que compõe a fauna urbana de forma geral, os problemas e danos mais comuns associados a esta fauna e a necessidade da criação de políticas públicas que visem o bem-estar e um convívio mais harmonioso na medida do possível para todos, animais não humanos e humanos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Inicialmente para a construção desse artigo foi feita uma extensa pesquisa bibliográfica com o levantamento de dados baseados em variadas fontes: artigos, livros, cartilhas, documentos e reportagens. Foram realizadas buscas nas bases de dados científicos, do portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Web of Science, Scielo (Scientific Electronic Library

Online) e Scholar Google. Foram selecionados artigos publicados do ano 2000 até a data atual, com o intuito de trazer informações mais atualizadas sobre a temática e que refletissem melhor contexto atual.

Na busca as palavras utilizadas foram **urbanização, fauna urbana, aves urbanas, mamíferos urbanos, pragas sinantrópicas, animais domésticos, parques urbanos, alimentação artificial da fauna, espécies invasoras em ambientes urbanos, animais peçonhentos e tráfico de animais silvestres.**

Para complementar a busca bibliográfica e obter dados atualizados foram realizadas pesquisas nos portais governamentais do Ministério da Saúde, do Ministério do Meio Ambiente (MMA), do Instituto Vital Brasil. E nos portais dos órgãos ambientais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), além dos portais de notícias. Também foram consultados livros e trabalhos acadêmicos, como dissertações e teses. Para critério de exclusão não foram considerados os trabalhos, que após a leitura, não abordavam o tema central proposto neste artigo. Ao todo foram utilizadas 69 referências para a confecção desse artigo.

Como forma de ilustrar, exemplificar e complementar a discussão foram inseridas fotos realizadas de diferentes espécies de animais em ambientes urbanos, as fotografias foram tiradas com câmera digital em praças, casas, ruas e outras áreas verdes dentro de cidades.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NO BRASIL

No Brasil as migrações do campo para a cidade começaram a ganhar expressividade a partir da década de 30, com o desenvolvimento da indústria e rapidamente se tornaram parte o processo de expansão urbana. Na década de 60 uma nova onda de migrações ocorreu e desde então a população urbana supera a rural (BRAGA, 2006).

Atualmente o Brasil possui 5.570 municípios e mais de 200 milhões de habitantes em todo o território nacional, com a maior parte da população (84%) residindo em área urbana e apenas 16% residindo em área rural. As maiores concentrações demográficas estão localizadas nas regiões sudeste, nordeste e sul respectivamente (IBGE, 2010; 2017). São cerca de 180 milhões de pessoas que vivem nos centros urbanos e convivem diariamente, mesmo que sem perceber, com inúmeros espécimes da fauna.

No Brasil a intensa urbanização deve levar em conta não apenas os processos migratórios como também o fenômeno da peri-urbanização tanto pela difusão do modo de vida urbano quanto pela construção de novas zonas residenciais (IBGE, 2017). As definições de áreas urbanas e peri-urbanas podem variar muito mas levam geralmente em consideração a densidade populacional, edificações e ocupação do solo. Nas grandes metrópoles, normalmente há alta densidade populacional e uma rápida alteração do uso da terra, especialmente com a expansão das moradias e áreas industriais. Nas pequenas cidades do interior a densidade populacional é menor, e ocorre no entorno atividades agrícolas e pecuárias tradicionais (IBGE, 2017).

O avanço urbano principalmente na direção de áreas com cobertura florestal remanescente impõe aos animais não humanos, naturais dessas áreas, uma convivência direta com as pessoas, esses ao perderem seus habitats parcialmente ou totalmente são forçados a viver ou utilizar os recursos oferecidos pelos fragmentos de vegetação nas áreas urbanas (ex: parques, reservas, locais utilizados para arborização).

Segundo o MMA considera-se área verde urbanas o conjunto de áreas intra-urbanas que apresentam cobertura vegetal, arbórea (nativa e introduzida), arbustiva ou rasteira (gramíneas). As áreas verdes podem ser áreas públicas; em áreas de preservação permanente (APP); canteiros centrais; praças, parques, florestas e unidades de conservação (UC) urbanas; jardins institucionais, terrenos públicos não edificadas, cemitérios, jardim botânico, zoológico e parque urbano (que é uma área verde com função ecológica, estética e de lazer, no entanto, com uma extensão maior que as praças e jardins públicos). As áreas verdes urbanas contribuem de modo significativo para a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental nas cidades

além de servir de abrigo e refúgio para a fauna urbana (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2017).

Nas áreas urbanas, os fragmentos são muito mais suscetíveis aos impactos causados por incêndios, vandalismo, extração seletiva de madeira, depósito de resíduos, caça e, principalmente, pressão imobiliária. Estes remanescentes são valiosas áreas de conservação de recursos naturais, servindo de ponto de apoio e local de moradia para inúmeras espécies, além de atuarem como moderadores de temperatura, estabilizadores do solo, evitando, assim, o assoreamento dos cursos d'água (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2017).

3.2 FAUNA URBANA: CLASSIFICAÇÃO E COMPOSIÇÃO

Diversos taxos podem ser encontrados no ambiente urbano, sejam mamíferos, aves, répteis anfíbios e artrópodes. Para esse trabalho usaremos a classificação de Fauna urbana para três grupos principais: animais domésticos, pragas urbanas e exemplares da fauna silvestre que estão presentes na área urbana de forma transitória ou que se adaptaram às condições do meio e ali residem (SMASP, 2014). Neste estudo discutiremos principalmente os representantes da fauna urbana terrestre, não incluindo a ictiofauna (devido a sua extensão e especificidade).

3.2.1 Fauna silvestre encontrada nos espaços urbanos

Muitas espécies que até pouco tempo não eram relatadas em áreas urbanas, têm sido vistas e documentadas em áreas habitadas, inclusive nas cidades com alta densidade demográfica, em Itapeceira da Serra grande São Paulo uma onça preta foi encontrada dentro de um escritório de uma empresa em agosto de 2017 (ARAÚJO, 2017). Em Juiz de Fora, MG uma onça pintada (*Panthera onca*) foi capturada na cidade em maio de 2019 e reintroduzida, depois de ser filmada circulando no Jardim Botânico na Universidade Federal de Juiz de Fora e arredores (UFJF, 2019). No Brasil ocorrem cerca de 701 espécies de mamíferos, devido a sua diversidade de biomas (PAGLIA et al., 2011) mas a quantidade de espécies de

mamíferos que ocorrem nas cidades pode apresentar enorme variação, dependendo de fatores ecológicos próprios de cada cidade. Dentre os mamíferos encontrados podemos citar ratos, capivaras, gambás, quatis, primatas, morcegos, ouriços, cuícas, dentre outros (Figura 1).

Figura 1: Mamíferos encontrados na área urbana da cidade de Juiz de Fora, MG A) Cuíca (*Caluromys philander*); B) Mico estrela (*Callithrix penicillata*); C) Ouriço Cacheiro (*Coendou spinosus*).



Fonte: Arquivo pessoal.

Nos ambientes naturais estes animais possuem importância ecológica atuam como polinizadores, dispersores e predadores contribuindo para a manutenção das florestas e do equilíbrio ecológico nas teias tróficas (FONSECA, 2003; ROCHA, 2006; PACHECO et al., 2010; VALE; PREZOTO, 2016). Alguns mamíferos como os primatas e felinos de grande porte (onças, por exemplo) são animais conhecidos e muito populares, outros, no entanto, como os marsupiais (gambás, por exemplo), morcegos e roedores são vítimas de preconceito e até mesmo maus tratos (FONSECA, 2003; SANTIAGO, 2007; PACHECO et al., 2010) (Figura 2).

Figura 2: Filhotes de gambá (*Didelphis sp.*) resgatados após a mãe ser morta por ter entrado no hall de um edifício na zona urbana do Rio de Janeiro, RJ.



Fonte: Zaremba, 2015

Muitos mamíferos sucumbiram as pressões exercidas pela urbanização, outros, no entanto, devido à ausência de predadores, hábitos generalistas e maior disponibilidade de abrigos aumentaram suas populações, como os gambás, morcegos e capivaras (FONSECA, 2003; PACHECO et al., 2010). Os morcegos independentemente do seu hábito alimentar, podem morder se perturbados e transmitir a raiva para qualquer mamífero, caso estejam contaminados (JARDIM, 2012; PACHECO et al., 2010). Estudos têm demonstrado a circulação de *Trypanosoma cruzi* em gambás (*Didelphis sp.*) e a participação deles no ciclo da leishmaniose (FONSECA, 2003; SANTIAGO, 2007). Surtos epidemiológicos de febre maculosa tem sido atribuído ao descontrole populacional de capivaras em áreas urbanas (Figura 3), uma vez que ela é hospedeira do carrapato (*Amblyomma caejennense*) que transmite *Rickettsia rickettsiae* causadora da doença (ROCHA, 2006).

Figura 3: Capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*) as margens do Rio Paraibuna no centro de Juiz de Fora, MG.



Fonte: Jorge A. Ferreira JR.

Animais que causam empatia e curiosidade, como os primatas, muitas vezes são alimentados pelas pessoas, hábito que auxilia o aumento populacional descontrolado destas espécies e contribui para um desequilíbrio ambiental. Além de causar riscos à saúde dos animais, que muitas vezes são alimentados com comida industrializada, esta atitude pode trazer risco as pessoas que podem ser vítimas de ataques e mordidas, e gerar consequências desagradáveis como a invasão de residências e lixeiras para obtenção de alimentos (VALE; PREZOTO, 2015; G1 DF, 2016; RIBEIRO et al., 2018) (Figura 4).

Figura 4: A) Macaco prego flagrado invadindo cozinha de residência e roubando comida no Rio de Janeiro, RJ; B) Saguí (*Callithrix penicillata*) consumindo um pedaço de pão deixado em uma plataforma destinada a alimentação dos animais por pessoas em Juiz de Fora, MG.



Fonte: A) O Globo, 2011; B) Arquivo Pessoal.

As aves, na natureza, têm a função de controlar os insetos e dispersar as sementes das plantas que comem. Cerca de 90% da fauna urbana é constituída de aves que se adaptam melhor aos desafios do ambiente das cidades, principalmente pelo fato dos pássaros se deslocarem mais facilmente pelo ar e usarem a estrutura das edificações para fazer ninhos (SILVEIRA; UEZO, 2011; SUAREZ-RODRIGUEZ et al., 2013). Algumas espécies de aves podem ser favorecidas pela disponibilidade de recursos, com destaque para os restos alimentares encontrados em áreas antrópicas. A urbanização pode provocar uma homogeneização na comunidade de aves presentes nessas áreas (SILVEIRA; UEZO, 2011).

No Brasil, algumas espécies têm se tornado comum em ambientes modificados, sob o efeito das alterações antrópicas, por apresentarem grande tolerância às modificações ambientais, como o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), o periquito-rico (*Brotogeris tirica*) e o João-de-Barro (*Furnarius rufus*). Sendo também comuns o pardal (*Passer domesticus*), pombos (*Columba livia*), gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*) e o urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*), quero-quero (*Vanellus chilensis*) e a maritaca (*Pionus maximiliani*) (SIGRIST, 2009).

As aves apresentam o comportamento de nidificação como parte da reprodução, essa pode ocorrer em diversos locais e utilizar vários materiais, em ambientes urbanos o uso de lixo na confecção dos ninhos tem sido cada vez mais notificado (Figura 5), como consequência pode acontecer a intoxicação do filhote ou até mesmo da ave adulta, ao ser ingerido o lixo pode obstruir o bico das aves e matar por asfixia (STROCHLIC, 2017). Algumas espécies como sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventri*), tem modificado seu comportamento também de outras formas, em São Paulo eles tem passaram a cantar de madrugada período onde o som dos carros não encobre a comunicação (G1 SÃO PAULO, 2015).

Figura 5: Ninho de *Carpodacus mexicanus* confeccionado em ambiente urbano utilizando bitucas de cigarro



Fonte: Suarez-Rodriguez et al., 2013

Devido a esta plasticidade, muitas espécies estão sendo consideradas como pragas urbanas, causando grandes prejuízos à economia, agindo como disseminadores e ou reservatórios de várias doenças de grande importância nos programas de saúde pública (SIGRIST, 2009) (Figura 6).

Figura 6: A) Aglomerado de pombos (*Columba livia*) na fiação elétrica dentro da cidade em Natal, RN; B) Maritaca que ficou presa após se abrigar no forro do telhado de uma residência em Itajubá, MG



Fonte: A) Ribeiro, 2015; B) G1 Sul de Minas, 2016.

Répteis e anfíbios ocupam diversos ambientes (possuindo hábitos variados como arborícolas, terrestres, fossoriais e aquáticos, desempenham um papel ecológico essencial nas comunidades biológicas, atuando como predadores, servindo de alimento a vários animais e auxiliando no controle ecológico de insetos e outras populações (ICMBIO, 2017 a b). Porém na maioria das vezes, são tratados como invasores nas áreas urbanas (SMASP, 2014), e devido à falta de informação algumas espécies mesmo sendo inofensivas acabam sendo vítimas de agressão. Como a *Amphisbaenia* um réptil fossorial que é comumente morto por ser confundido com as serpentes peçonhentas (BAPTISTA et al., 2008).

Algumas espécies apresentam maior tolerância às alterações decorrentes da urbanização, podendo ocorrer mesmo em áreas povoadas, como os sapos gênero *Rhinella* (possui as espécies popularmente conhecidas como sapo cururu e sapo-boi), possuem hábitos alimentares generalistas e muitas são oportunistas para obter alimentos, abundantes nas áreas urbanas concentram-se próximos a postes de iluminação e das janelas das casas para capturar os insetos atraídos pela luz, durante o período noturno (SMASP, 2014).

Répteis, principalmente cágados e jabutis muitas vezes são mantidos como animais de companhia em residências, porém eles podem transmitir algumas doenças para as pessoas, pelas suas fezes, sendo que a mais frequente e conhecida é a salmonela, por isso sempre que houver contato com répteis, deve-se lavar as mãos com sabão de forma eficiente (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012; 2013). Outra preocupação é com as serpentes peçonhentas (cuja a peçonha ocasiona diversos sintomas podem conduzir à morte caso não haja tratamento específico adequado), no Brasil acidentes com *Bothrops* (jararacas) são responsáveis por cerca de 80 a 90% dos envenenamentos registrados pelo Ministério da Saúde e seu veneno possui ação hemorrágica, uma vez que ela se adapta muito bem as áreas urbanas e próximas à cidade (VITAL BRASIL, 2017) (Figura 7).

Figura 7: A) Sapo (*Rhinella sp.*) encontrado em residência, Muriaé, MG; B) Jibóia encontrada no telhado de uma casa em Goiânia, GO



Fonte: A) Arquivo Pessoal, B) Carvalho, 2012.

Artrópodes são animais invertebrados, muitas espécies ocorrem na fauna urbana e são de grande importância para a manutenção dos ecossistemas e relações ecológicas, como as abelhas, que tem perdido cada vez mais seu habitat em função das queimadas, práticas agrícolas, urbanização e industrialização. Estudos conduzidos em ambientes urbanos têm demonstrado a capacidade de sobrevivência das abelhas em ambientes urbanos, porém apenas poucas espécies conseguem se adaptar e essas são na maioria são poliléticas.

Na saúde pública, os artrópodes podem ser vetores de agentes causadores de doenças, além de atuarem como fatores estressantes ou espoliantes de nutrientes (p.ex. moscas e mosquitos) (POTENZA, 2005).

3.2.2 Pragas urbanas

Pragas sinantrópicas, mais conhecidas como pragas urbanas são aquelas que vivem juntamente com o homem no meio urbano, podemos citar algumas espécies de insetos e aracnídeos, ratos e pombos. Esses animais devido a sua alta adaptabilidade, capacidade reprodutiva proliferam nesse ambiente, utilizando da água, abrigo e alimento disponibilizados pelo homem. Invadindo e colonizando locais habitados, danificando construções, transmitindo doenças a animais, inclusive aos

próprios humanos, causando grande incômodo e desconforto em todos os níveis sociais (ZORZENON, 2002; RIBEIRO; SANTOS, 2015).

Gêneros de cupins como *Coptotermes* e *Syntermes* são considerados pragas no agroecossistema e em áreas urbanizadas, causando elevados prejuízos, atacando árvores vivas (reflorestamentos e ornamentação), que podem cair e provocar vítimas e grandes danos materiais (Figura 8), além de plantas cultivadas e residenciais (podendo nidificar em estruturas dentro de edificações, paredes caixas de força e no solo) (AMARAL, 2002; ZORZENON, 2002).

Figura 8: Árvore que estava sendo consumida por cupins, em Belo Horizonte no Parque Municipal Américo Renê Giannetti, e caiu em cima de uma mulher que acabou não resistindo aos ferimentos



Fonte: G1 MG, 2011.

As baratas possuem enorme capacidade de proliferação e de veiculação de micro-organismos patogênicos (doenças), mecanicamente e biologicamente, por isso sua presença em hospitais, clínicas, escolas, restaurantes, supermercados e outros locais comerciais e residenciais é preocupante (ZORZENON, 2002). Uma consequência preocupante diretamente ligada a quantidade de baratas no ambiente urbana, é a atração de escorpiões que é predador natural destes insetos. O período do verão com temperaturas elevadas e grande incidência de chuvas, favorece a ocorrência das baratas e que como efeito direto provoca um aumento na quantidade de escorpiões (PINTO et al, 2007). Dados do Ministério da Saúde, indicam um

preocupante aumento na incidência de acidentes com escorpiões com incríveis 141 mil casos registrados em 2018 (SBMT, 2019). Apesar da maioria dos acidentes (87%) serem considerados como leves, o número de mortes causadas por acidentes fatais preocupa. Na cidade de Juiz de Fora, foram registrados 91 acidentes com escorpiões em 2018 (G1 ZONA DA MATA b, 2019).

Algumas espécies de formigas podem nidificar em residências e dentro de aparelhos eletrônicos causando danos aos circuitos, nos hospitais sua presença é extremamente importante, pois elas carregam bactérias contribuindo para as infecções hospitalares (CASTRO et al., 2014; 2015), formigas do gênero *Solenopsis*, conhecidas como lava-pés, ocorrem em ambientes urbanos são peçonhentas e agressivas quando perturbadas e são responsáveis por acidentes com pessoas em áreas urbanas (FERNANDES et al., 2016). Os mosquitos podem ser vetores de doenças em áreas urbanas, a espécie *Aedes aegypti* é a principal transmissora da dengue, febre amarela, chikungunya e zika vírus (ZORZENON, 2002; PREZOTO, 2016; VALE et al., 2018). Segundo dados do Ministério da Saúde, em 2019 o número de casos de dengue aumento 149 % no país em comparação com 2018 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

As abelhas e vespas, apesar de benéficos para a polinização e controle biológico de lagartas desfolhadoras, também podem ser consideradas como pragas urbanas quando suas colônias se estabelecem nas edificações humanas (PINTO et al., 2007). A movimentação de pessoas nas proximidades dos ninhos de abelhas e vespas pode acarretar em um acidente com múltiplas ferroadas. O comportamento agressivo exibido por estes insetos é uma resposta de defesa das colônias, e envolve uma ferroadada na vítima com a injeção de pequenas quantidades de veneno. Por vezes a vítima pode ser atacada por centenas destes insetos e sofrer múltiplas ferroadas, resultando em um grave acidente, que pode até levar a vítima ao óbito. No dia 19 de agosto de 2019, uma mulher de 58 anos morreu após ser atacada por centenas de abelhas próximo a linha férrea na cidade de Juiz de Fora (G1 ZONA DA MATA a, 2019).

Entre os aracnídeos podemos citar as aranhas, principalmente as consideradas peçonhentas aranha-marrom (*Loxosceles sp*) e a aranha-armadeira (*Phoneutria nigriventer*) e por isso com importância médica, os escorpiões, também

peçonhentos, e os carrapatos que podem parasitar diversos animais e transmitir doenças (RIBEIRO; SANTOS, 2015).

Os caramujos da espécie *Acatina fulica*, que são invasoras no Brasil, causam inúmeros problemas ambientais econômicos e a saúde pública nos ambientes onde foram introduzidas. O molusco é hospedeiro intermediário de *Angiostrongylus cantonensis*, nematódeo parasita que causa meningite eosinofílica, e de *Angiostrongylus costaricensis* causador de angiostrongilíase abdominal (OLIVEIRA et al., 2013).

Dentre os roedores pode-se destacar três espécies de importância sanitária *Rattus norvegicus*, *Rattus rattus* e *Mus musculus domesticus*, pelo menos quarenta e cinco doenças humanas envolvem esses roedores urbanos em sua epidemiologia (sendo transmitidas direta e indiretamente e por intermédio de vetores), entre as doenças mais preocupante podemos citar a leptospirose e o hantavírus (DUARTE, 2008). Os pombos (*Columba livia domestica*) estão entre os animais de maior adaptação nos centros urbanos, são responsáveis por uma série de incômodos (transmissão de doenças, depreciação de: prédios, casas, equipamentos e monumentos devido ao acúmulo de fezes) (Figura 9), e representam um potencial risco para saúde pública, devido à possibilidade de transmissão de zoonoses como a criptococose, a clamidiose, a salmonelose e a histoplasmose (MIRANDA et al., 2014).

Figura 9: Fezes de pombos viraram um problema de saúde pública no parque municipal Maria Angélica, em São Pedro no estado de São Paulo.



Fonte: G1, Piracicaba e região, 2015.

3.2.3 Animais domésticos

Nas áreas urbanas a superpopulação de cães e gatos é um problema mundial que gera sérios transtornos, pois agravam os problemas de condições sanitárias e segurança, os animais tendem a ser agressivos na disputa por parceiras, alimento e em defesa de seus filhotes, além das alterações comportamentais decorrentes de traumas causados por maus-tratos (BORTOLOTTI; D'AGOSTINO, 2007; TORRES, 2008).

Cães e gatos são comumente mantidos nas residências como animais de estimação, muitas vezes esses terminam sendo soltos ou escapando. Alguns acabam se abrigoando em áreas próximas a remanescentes florestados, como parques, nesses locais acabam desenvolvendo comportamentos ferais, sobrevivendo da caça e restos encontrados no lixo, e representam um risco ainda maior para as populações silvestres e para a saúde pública. Entre as consequências provocadas pela falta de um manejo adequado desses animais, estão doenças que podem ser transmitidas ao homem como a raiva, a leishmaniose e a toxoplasmose, a proliferação de parasitas como pulgas, carrapatos e sarna, agressões, acidentes de trânsito, poluição por dejetos, poluição sonora e outras perturbações (BORTOLOTTI; D'AGOSTINO, 2007) (Figura 10).

Figura 10: Cachorro que vive nas ruas de Marechal Deodoro, AL e estava revirando o lixo na procura de comida.



Fonte: Mutis, 2013.

Outro grupo que merece atenção são os animais usados como força de trabalho, em várias cidades brasileiras, muitas famílias utilizam carroça tracionada por equinos como seu meio de sustento ou complemento da renda, muitas vezes ocorre um manejo inadequado dos cavalos que são mal alimentados e passam o dia todo trabalhando em carroças precárias mesmo estando machucados; em São Lourenço Minas Gerais, em 2013 um cavalo morreu de exaustão enquanto puxava uma charrete com turistas na cidade. A melhoria dessas condições depende da fiscalização e apreensão desses animais quando estiverem sofrendo maus tratos, aliado a educação e melhoria nas condições de vida da população carente, bem como a proibição do uso dentro dos centros urbanos desses, para o trabalho dentro das cidades (DELABARY, 2012; G1 SUL DE MINAS, 2013; PAZ et al., 2013).

Os animais de companhia não convencionais, como lagartos, cobras, aves ornamentais, roedores, porcos, furões, etc., de espécies nativas ou exóticas, representam uma ameaça ainda maior ao meio ambiente pois muitas vezes fogem, ou são abandonados pelos seus proprietários em áreas urbanas, onde passam a competir por alimento, abrigo, podendo introduzir e ou disseminar sérias doenças às populações animais naturais ali existentes.

Em se tratando de espécies nativas a maior parte é mantida de forma ilegal como animais de companhia, geralmente oriunda do tráfico, eles vivem em condições inadequadas e são vítimas de maus tratos (SERRA, 2003; SMASP, 2014; OLIVEIRA et al., 2015). As espécies mais comumente traficadas no país, segundo a Renctas (Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres), são as aves, principalmente os passeriformes e psitaciforme, essas são muito procuradas para servir de animais domésticos em residências, e suas penas também são comercializadas (PRADO; MALHEIROS, 2012). Atrás das aves estão os répteis, anfíbios e aracnídeos, comercializados principalmente para biopirataria, e também para animais domésticos como os quelônios terrestres e água doce (BOSSLE, 2010; PRADO; MALHEIROS, 2012).

3.3 FAUNA URBANA E A POPULAÇÃO: AÇÕES PARA UMA CONVIVÊNCIA MAIS HARMONIOSA

O desequilíbrio ambiental nos centros urbanos gerado por lixões, falta de saneamento básico, tratamento inadequado da água, desmatamento entre outros, dizimou boa parte da fauna original, no entanto alguns animais se sobressaíram e encontraram condições favoráveis para o aumento populacional: água, abrigo, alimento e ausência de predadores (ZORZENON, 2002; SMASP, 2014).

Nas cidades passou a ocorrer um processo diferente de seleção, com a pressão sendo exercida por carros, alimentos contaminados, pesticidas e condições de urbanização (Figura 11), ao invés de predadores como nos ambientes naturais, provocando um desequilíbrio nas cadeias alimentares com aumento descontrolado de algumas populações como ratos, pombos e capivaras (GANEN, 2011). Soma-se a isso a introdução de espécies invasoras por seres humanos, acidentalmente ou não, para áreas naturalmente nunca acessíveis para estes animais, espécies nativas ou não, as invasoras quando bem-sucedidas nas áreas urbanas, levam a um desequilíbrio ecológico e sérios danos ao meio ambiente (SMASP, 2014; VALE; PREZOTO, 2015).

Figura 11: Pombo atropelado em área urbana, Juiz de Fora, MG.



Fonte: Prezoto, 2017

Com isso faz-se necessário melhorias nas condições sanitárias das cidades (saneamento básico, tratamento de água e esgoto e destinação correta do lixo), melhoria dos espaços verdes urbanos conservação e proteção das áreas nativas remanescentes. A informação da população sobre a transmissão das doenças, por vetores e pragas sinantrópicas, e os problemas gerados pelo acúmulo de água, lixo entulho e o descarte inadequado dos mesmos.

A lei nº 9.605/98, torna crime maus tratos e abandono de animais, em áreas públicas ou privadas, com pena de até quatro anos de prisão e multa. O tráfico de animais silvestres também é crime ambiental, de acordo com a Lei: 1605/98, Art 29 matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade. Por isso ações educativas devem esclarecer os habitantes das cidades sobre condutas que causam prejuízos ecológicos e favorecem o desequilíbrio ambiental, devendo abranger a posse responsável dos animais domésticos e o não abandono, a não compra de animais silvestres e a denúncia sobre o comércio ilegal de animais nativos, abandono e maus tratos (Figura 12). Conscientizações acerca da soltura indevida de espécies, que pode causar a introdução de espécies exóticas (VALE; PREZOTO, 2015), e os problemas causados pela alimentação da fauna nos espaços urbanos (RIBEIRO et al., 2018). Em Goiânia, no parque do Areião, macacos atacaram pessoas, inclusive crianças, durante interações onde pessoas ofereciam comida aos macacos presos (Souza, 2011) Em Ourinhos, SP e Curitiba bugios atacaram crianças em locais onde eles estavam habituados a serem alimentados por pessoas (ESTADO DE MINAS, 2018; TRIBUNAPR, 2018).

Figura 12: Campanhas de conscientização sobre o tráfico de animais silvestres e o abandono de animais domésticos



Fonte: IBAMA, 2012; USP, 2011

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além dos humanos, diversas espécies animais de inúmeros grupos habitam as cidades e assim como as pessoas, utilizam os recursos disponíveis nela para sobreviver. Essa convivência aliada a uma falta de planejamento urbano traz vários danos e problemas para ambas as partes animais não humanos e humanos.

Por isso cada vez mais aumenta a necessidade de um melhor planejamento urbano que priorize a conservação, manutenção e criação das áreas verdes, com espaços para a difusão de conhecimentos e aproximação das pessoas com o modo de vida do animal, e das condutas corretas no trato desses animais, além de funcionários treinados para atuar nesses locais. Essas medidas visam melhorar as condições de vida dos habitantes das cidades, tanto pessoas como as espécies de que compõe a fauna urbana, esta última por sua vez necessita de maiores estudos que visem estabelecer seu status atual de conservação e como corre a

sobrevivência nesses locais, para que ações de conservação e conscientização possam ocorrer.

As campanhas informativas e educativas sobre: maus tratos a animais, abandono, tráfico de fauna silvestre, espécies exóticas, alimentação indevida descarte inadequado de lixo e resíduos devem ser desenvolvidas e implantadas de maneira contínua, de forma a promover o desenvolvimento urbano, a melhoria das condições de vida da população e da fauna, e sua conservação.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. D. Diagnóstico da ocorrência de cupins xilófagos em árvores urbanas do bairro de Higienópolis, na Cidade de São Paulo. 2002. 84 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) –Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-02082002-151740/pt-br.php>>. Acesso em: 29 de jun. 2019.
- ARAÚJO, G. **Onça encontrada em empresa em SP é solta em reserva ambiental em Cotia** - G1 São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/onca-encontrada-em-empresa-em-sp-e-solta-em-reserva-ambiental-em-cotia.ghtml>>. Acesso em: 02 out. 2018.
- BAPTISTA, G. C. S.; COSTA-NETO, E. M.; VALVERDE, M. C. C. Diálogo entre concepções prévias dos estudantes e conhecimento científico escolar: relações sobre os Amphisbaenia. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 47, n. 2, p. 1-16, 2008.
- BOSSLE, C. M. B. Caracterização demográfica de tartaruga tigre-d’água *Trachemys dorbigni* (testudines, emydidae) em um ambiente urbano de Porto Alegre, RS, Brasil. 2010. 40 f. Dissertação (Mestrado em Biologia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2329>>. Acesso em: 03 jul. 2019.
- BORTOLOTTI, R.; D'AGOSTINO, R. G. Ações pelo controle reprodutivo e posse responsável de animais domésticos interpretadas à luz do conceito de metacontingência. **Revista brasileira de análise do comportamento**, v. 3, n. 1, p. 17-28, 2012.
- BRAGA, F. G. Migração Interna e Urbanização no Brasil Contemporâneo: Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000). In: XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2006, Caxambú. **Resumos...** Caxambú: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2006.

CARVALHO, H. Corpo de Bombeiros captura cobras em loja e residências de Goiânia. G1 Goiânia, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/01/corpo-de-bombeiros-captura-cobras-em-loja-e-residencias-de-goiania.html>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

CASTRO, M. M.; FERNANDES, E. F.; SANTOS-PREZOTO, H. H.; PREZOTO, F. Formigas em ambientes urbanos: importância e risco à saúde pública. *Ces Revista*, n. 28, v.1, p. 103-117, 2014.

CASTRO, M. M.; FERNANDES, E. F.; SANTOS-PREZOTO, H. H.; BUENO, O. C.; PREZOTO, F. The ant fauna of hospitals: advancements in public health and research priorities in Brazil. *Revista Brasileira de entomologia*, v. 59, n. 1, p. 77-83, 2015.

DELABARY, F. B. Aspectos que influenciam os maus tratos contra animais no meio urbano. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, v. 5, n. 5, p. 835 – 840, 2012.

DUARTE, J. R. Ratos urbanos, resíduos sólidos, saúde pública, educação sanitária e controle. *Biológico*, v. 70, n. 2, p. 29-30, 2008

ESTADO DE MINAS. **Macaco bugio ataca criança de 1 ano em Ourinhos interior de São Paulo**. 2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/12/29/interna_nacional,1017146/macaco-bugio-ataca-crianca-de-1-ano-em-ourinhos-interior-de-sp.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FERNANDES, E. F.; SANTOS-PREZOTO, H. H.; PREZOTO, F. Formigas lava-pés em ambientes urbanos: bioecologia e risco de acidentes. *Ces Revista*, v. 30, n. 1, p. 25-42, 2016.

FONSECA, L. E. A. Adaptações de *Didelphis albiventris* lund. para o ambiente urbano. 2003. 16 p. Monografia (Graduação em Biologia) - Centro Universitário de Brasília Faculdade de Ciência da Saúde, Brasília, 2003.

GANEM, R. S (org.). **Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 437 p.

G1 – DISTRITO FEDERAL. **Macaco morde cabeça de mulher no Parque Água Mineral, em Brasília**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/09/macaco-morde-cabeca-de-mulher-no-parque-agua-mineral-em-brasilia.html>>. Acesso em: 04 out. 2018.

G1- MINAS GERAIS. Árvore de grande porte cai e mata mulher no Parque Municipal de BH. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/01/arvore-de-grande-porte-cai-e-mata-mulher-no-parque-municipal-de-bh.html>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

G1- PIRACICABA E REGIÃO. **Parque turístico de São Pedro tem fezes de pombos e médico faz alerta.** Piracicaba, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/08/parque-turistico-de-sao-pedro-tem-fezes-de-pombos-e-medico-faz-alerta.html>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

G1 –SÃO PAULO. **Barulho em São Paulo faz sabiás passarem a cantar de madrugada.** São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/barulho-em-sao-paulo-faz-sabias-passarem-cantar-de-madrugada.html>>. Acesso em: 04 out. 2017.

G1 –SUL DE MINAS. **Filhote de maritaca é resgatado após ficar de cabeça para baixo em telhado.** Itajubá, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2016/02/filhote-de-maritaca-e-resgatado-apos-ficar-de-cabeca-para-baixo-em-telhado.html>>. Acesso em: 15 set. 2018.

G1 –SUL DE MINAS. **Cavalo morre enquanto puxava charrete em São Lourenço, MG.** São Lourenço, 2013 Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/06/exaustao-pode-ter-motivado-morte-de-cavalo-que-puxava-charrete.html>>. Acesso em: 04 out. 2018.

G1- ZONA DA MATA a. **Mulher morre após ser picada por abelhas em Juiz de Fora.** Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/08/19/mulher-morre-apos-ser-picada-por-abelhas-em-juiz-de-fora.ghtml>> Acesso em: 29 ago. 2019.

G1- ZONA DA MATA b. **Juiz de Fora registra aumento no número de acidentes com animais peçonhentos.** Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/01/08/juiz-de-fora-registra-aumento-no-numero-de-acidentes-com-animais-peconhentos.ghtml>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

IBGE, Instituto brasileiro de geografia e estatística. **O Brasil em síntese- IBGE.** 2010. Disponível em: <<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/>> Acesso em: 13 jun. 2019.

IBGE, Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 84p.

ICMBIO, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade a. **Répteis - ICMBIO.** 2017. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/ran/repteis.html>>. Acesso em: 12 set. 2018.

ICMBIO, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade b. **Anfíbios - ICMBIO.** 2017. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/ran/anfibios.html>>. Acesso em: 12 set. 2018.

JARDIM, M. M. A. **Morcegos Urbanos: Sugestões para o controle em escolas públicas de Porto Alegre.** Porto Alegre: Museu de Ciências Naturais – Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2012. 21p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Vigilância: Acidentes com animais peçonhentos crescem 157%.** Portal Saúde, 2012. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/8045/162/acidentes-com-animais-peconhentos-crescem-157.html>> Acesso em: 15 set. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Informações para os Profissionais de Saúde.** Portal Saúde, 2013. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br>>. Acesso em: 15 set. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ministério da Saúde alerta para aumento de 149% dos casos de dengue no país.** 2019. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45257-ministerio-da-saude-alerta-para-aumento-de-149-dos-casos-de-dengue-no-pais>> Acesso em: 28 ago. 2019.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Áreas Verdes Urbanas – MMA.** 2017. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas>>. Acesso em: 12 set. 2018.

MIRANDA, C.; LADENDORFF, N.; KNÖBL, T. Percepção da população sobre a participação dos pombos (*Columba livia domestica*) na transmissão de zoonoses. **Atas de Saúde Ambiental**, v. 2, n. 1, p. 23-28. 2014.

MUTIS, F. **Abandono de cães e gatos se torna problema de saúde pública em AL.** G1 Alagoas, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/09/abandono-de-caes-e-gatos-se-torna-problema-de-saude-publica-em-al.html>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

O GLOBO. **Depois dos micos, macacos-prego invadem cozinhas atrás de comida.** O Globo, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/depois-dos-micos-macacos-prego-invadem-cozinhas-atras-de-comida-2955727>> Acesso em: 07 set. 2018.

OLIVEIRA, J. C. S.; CORRÊA, K. J. G.; VASCONCELOS, H. C. G. Ocorrência de *Achatina fulica* (Mollusca: Pulmonata: Achatinidae) em três bairros da cidade de Santana, Amapá. **Biota Amazônia**, v. 3, n. 1, p. 9-12, 2013.

OLIVEIRA, G. S.; BORDIGNON, M. O.; REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; ROSA, G. L. M. Gênero *Callithrix*. In: REIS, N. R. et al. (Eds.). **Primates do Brasil: Guia de Campo.** Rio de Janeiro: Technical Books, 2015. P. 260-277.

PACHECO, S. M.; GAMA, M. S.; BREDT, A. R.A.; CAVALLINI, E; M.; SANCHES, R. V.; GUIMARÃES, M. M.; BIANCONI, G. Morcegos Urbanos: Status do Conhecimento

e Plano de Ação para a Conservação no Brasil. **Chiroptera Neotropical**, v. 16, n. 1, p. 629-647, 2010.

PAGLIA, A. P., et al. **Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil**. 2. ed. Arlington: Conservation International, 2011. 76p.

PAZ, C. F. R.; PAGANELA, J. C.; OLIVEIRA, D. P.; FEIJÓ, L. S.; NOGUEIRA, C. E. W. Padrão biométrico dos cavalos de tração da cidade de pelotas no rio grande do sul. **Ciência Animal Brasileira**, v. 14, n. 2, p. 159-163, 2013.

PINTO, A. S.; ROSSI, M. M.; SALMERON, E. **Manejo de Pragas Urbanas**. Piracicaba: CP 2, 2007. 208 p.

POTENZA, M. R. Aspectos Bioecológicos das Baratas Sinantrópicas. In: XII REUNIÃO ITINERANTE DE FITOSSANIDADE DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE PRAGAS AGROINDUSTRIAIS, 2005, São Paulo. **Resumos...** São Paulo: Instituto Biológico de pragas agroindustriais. 2005.

PRADO, L. A.; MALHEIROS, R. A. Perda da biodiversidade do cerrado goiano mediante o tráfico ilegal de fauna silvestre. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 19 a. 2012, Goiânia. **Resumos...** Goiânia: Instituto Brasileiro de Ciências Ambientais. p. 12, 2012.

PREZOTO, F. *Aedes aegypti*: aspectos científicos e diálogo com universitários. **Ces Revista**, v. 30, n. 1, p. 267-271, 2016.

REES, W.E. Understanding Urban Ecosystems: An Ecological Economics Perspective. In: BERKOWITZ, A. et al. (Eds.) **Understanding Urban Ecosystems**. New York: Springer-Verlag, 2003. p. 115-131.

RIBEIRO, V. C. P.; SANTOS, R. M. N. Ocorrência de pragas urbanas nos bairros Urbanova, Jardim Aquáriu e Jardim Satélite no Município de São José dos Campos/SP. **Janus**, v. 21, n. 1, p. 113-129, 2015.

RIBEIRO, I. **Pombos: ratos com asas?** Tribuna do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/pombos-ratos-de-asas/306653>>. Acesso em: 06 set. 2018.

RIBEIRO, C. V.; VALE, C. A.; ANDRIOLO, A.; PREZOTO, F. Caracterização das interações entre saguis (*Callithrix penicillata*) e humanos. **Neotropical Primates**, v. 24, n. 1, p. 17-21, 2018.

ROCHA, D. **Degradação ambiental facilita a invasão de capivaras em áreas urbanas**. 2006. Disponível em: <<http://www.faunabrasil.com.br/sistema/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

SANTIAGO, M. E. Investigação de *Leishmania* sp. em *Didelphis* sp. (Linnaeus, 1756) na cidade de Bauru - São Paulo. 2007. 62 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araçatuba, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94690/santiago_meb_me_araca.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 jul. 2019.

SBMT, Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. **Acidentes com escorpiões: aumento expressivo preocupa autoridades e população.** Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, 2019. Disponível em: <<https://www.sbmt.org.br/portal/accidents-with-scorpions-significant-increase-worries-authorities-and-population/>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

145

SERRA, C. R. O empreendedorismo na gestão ambiental: o caso do combate ao tráfico de animais silvestres. 2003. 115 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/1740/1/dissertacao.pdf>> Acesso em 17 jul. 2019.

SIGRIST, T. Guia de Campo Avifauna Brasileira: Descrição das espécies. **São Paulo: Avis brasiliis, 2009. 600 p.**

SILVEIRA, L. F.; UEZU, A. Checklist das aves do Estado de São Paulo, Brasil. Biota Neotropica, v. 11, n.1, p. 1-28, 2012. **SMASP; SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DE SÃO PAULO (ESTADO).** Fauna Urbana: Cadernos de Educação Ambiental 17, I. São Paulo: **SMASP, 2014. 216 p.**

SMASP; SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DE SÃO PAULO (ESTADO). 2014. **Fauna Urbana: Cadernos de Educação Ambiental 17, II.** São Paulo: SMASP, 2014. 176 p.

SOUZA, L. **Macacos atacam e mordem crianças em parques de Goiânia.** Uol, Goiânia, 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/19/macacos-atacam-e-mordem-criancas-em-parques-degoiania.htm>

STROCHILIC, N. **Estas aves decoram seus ninhos com lixo.** National Geographic, Brasil, 2017. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2017/12/estas-aves-decoram-seus-ninhos-com-lixo-veja-por-que>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

SUÁREZ-RODRÍGUEZ, M.; LÓPEZ-RULL, I.; MACIAS G., Constantino. Incorporation of cigarette butts into nests reduces nest ectoparasite load in urban birds: new ingredients for an old recipe? **Biology Letters**, v. 9, n. 1, p. 1-3, 2013.

TRIBUNA PR. **Incidente com bugio expõe riscos do contato entre humanos e animais silvestres.** Tribuna pr, Curitiba, 2018. Disponível em: <

tribunapr.com.br/cacadores-de-noticias/curitiba/riscos-contato-humanos-animais-silvestres-incidente-bugio-grande-curitiba/>. Acesso em 29 jul. 2019.

TORRES, P. C.; PRADO, P. I. Domestic dogs in a fragmented landscape in the Brazilian Atlantic Forest: abundance, habitat use and caring by owners. **Brazilian Journal of Biology**, v. 70, n. 4, p. 987-994, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/bjb/v70n4/a10v70n4.pdf> >. Acesso em: 25 ago. 2019.

USP. COCESP REFORÇA CAMPANHA CONTRA ABANDONO DE ANIMAIS NO CAMPUS. USP, SÃO PAULO, 2011.

Disponível em: < <https://www.usp.br/imprensa/?p=6590> >. Acesso em: 31 ago. 2019.

UFJF, Universidade Feral de Juiz de Fora. **Jardim botânico UFJF: Onça Pintada.** UFJF, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: < ufjf.br/jardimbotanico/onca-pintada/ >. Acesso em: 29 ago. 2019.

VALE, C. A.; PREZOTO, F. Invasões biológicas: o caso do mico estrela (*Callithrix penicillata*). **Ces Revista**, v. 29, n. 1, p. 58-76, 2015.
_____. Papel dos primatas do gênero *Callithrix* na manutenção das relações ecológicas em áreas defaunadas na Floresta Atlântica. **Ces Revista**, v. 30, n. 2, p. 19-33, 2016.

VALE, C. A.; JUNIOR, V. S.; PREZOTO, F. Febre amarela: o mosquito, o macaco e o ser humano. **Ces Revista**, v. 32, n. 2, 2018.

VITAL BRASIL. **Cobras peçonhentas.** Vital Brasil, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.vitalbrazil.rj.gov.br/cobras_venenosas.html>. Acesso em: 07 set. 2018.

ZAREMBA, J. **Denúncias de maus-tratos a gambás geram comoção na web; animais estão em época vulnerável.** Jornal Extra, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:<<https://extra.globo.com/noticias/animais/denuncias-de-maus-tratos-gambas-geram-comocao-na-web-animais-estao-em-epoca-vulneravel17848710.html>>Acesso em: 07 set. 2017.

ZORZENON, F. J. Noções sobre as principais pragas urbanas. **Biológico**, v. 64, n. 2, p. 231-234. 2002.

REFLEXÕES SOBRE OS BENEFÍCIOS DA TRISTEZA SEGUNDO A NEUROCIÊNCIA E A ARTE FÍLMICA DIVERTIDA MENTE ✓

147

Eliane Ferreira Carvalho BANHATO¹

✓ Artigo recebido em 25/03/2019 e aprovado em 10/05/2019.

¹ Doutora em Saúde pelo programa de doutorado em Saúde - Área de Concentração Saúde Brasileira pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Docente do CES/JF. E-mail: <ebanhato@yahoo.com.br>.

**REFLEXÕES SOBRE OS BENEFÍCIOS DA
TRISTEZA SEGUNDO A NEUROCIÊNCIA E
A ARTE FÍLMICA DIVERTIDA MENTE****REFLECTIONS ON THE BENEFITS OF
SADNESS ACCORDING TO
NEUROSCIENCE AND INSIDE OUT MOVIE
ANALYSIS****RESUMO**

A Neurociência tem procurado compreender a relação existente entre emoção, estados fisiológicos e cognição. Definida como emoção negativa, a tristeza é, tradicionalmente, considerada um desprazer e está associada ao choro, desânimo e desmotivação. A hipótese de que ela traz benefícios ao desenvolvimento psíquico é recente e ainda há uma lacuna nessa área de conhecimento. O presente artigo revisa os conceitos e principais grupos de teorias das emoções, bem como as evidências empíricas do papel positivo da tristeza. Estudos mostram associação positiva significativa entre tristeza e melhor desempenho da memória, menor propensão a erros de julgamento, maior resistência a distorções em testemunhas oculares, melhor produção de mensagens persuasivas eficazes e de alta qualidade, mais alta motivação e promoção de comportamentos sociais. A análise de algumas cenas do filme intitulado *Divertida Mente* corrobora esses achados neurocientíficos. Mais estudos que ampliem o conhecimento sobre os benefícios da tristeza são necessários, particularmente em uma sociedade que não a considera como processo natural de resposta cerebral à frustração. A resignificação de eventos tristes pode ser forma de integração da personalidade humana e a possibilidade de aproximar o homem à sua própria condição de homem.

Palavras-chave: Emoções. Tristeza. Desenvolvimento humano.

ABSTRACT

Neuroscience has sought to understand the relationship between emotion, physiological states, and cognition. Defined as a negative emotion, sadness has traditionally been considered a displeasure and is associated with crying, dismay, and demotivation. The hypothesis that it brings benefits to psychic development has been raised in recent years, but there is still a gap in this area of knowledge. This article reviews the concepts and main groups of theories of emotions, as well as the empirical evidence of the positive role of sadness. Studies show a significant positive association between sadness and better memory performance, lower propensity for judgment errors, greater resistance to distortions in eyewitnesses, better production of effective and high-quality persuasive messages, higher motivation and promotion of social behaviours. The analysis of some scenes from the movie *Inside Out* corroborates these neuroscientific findings. More studies that broaden knowledge about the benefits of sadness are needed, particularly in a society that does not consider it as a natural process of brain response to frustration. The re-signification of sad events can be a form of integration of the human personality and the possibility of bringing man closer to his own condition as a human being.

Keywords: Emotions. Sadness. Human Development.

1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos atuais acenam com sofisticados bens materiais e prometem sucesso e bem-estar plenos para os que lograrem alcançá-los. Quando um indivíduo fracassa nessa busca experimenta grande frustração, além do desagrado de uma sociedade que o culpa. Passa assim a esconder, até mesmo de si, as emoções negativas que surgem, como a tristeza, a raiva e o medo. No entanto, isso não significa que essas emoções não estejam ocorrendo. Ao contrário, ao serem ignoradas, podem aflorar de forma mais intensa originando angústia, ansiedade e depressão, distúrbios cada vez mais prevalentes na atualidade.

Estudos recentes evidenciam aspectos benéficos das emoções negativas na cognição social e em comportamentos interpessoais estratégicos do dia a dia (FRIJDA, 1986; FORGAS, 2007). Assim, decifrar as emoções pode ser uma chave para o tratamento de diferentes distúrbios.

Há múltiplas formas de reconhecer as emoções. Uma delas é pelo referencial teórico da Neurociência que, recentemente, incluiu as emoções como objeto de estudo – a Neurociência Afetiva. Outra forma é pela via da Arte, devido à capacidade que o homem tem de projetar para o exterior as ocorrências do seu interno traduzindo-as em imagens e, a partir daí, construir novos e mais saudáveis padrões de atribuições de sentidos ao que vive (JUNG, 2014). Um exemplo de produção artística é o longa-metragem americano *Divertida Mente* (*Inside Out*, 2015) que, de modo inédito, conta a história de uma adolescente que busca superar uma perda, enfatizando os mecanismos emocionais que fundamentam o processo de tomada de decisões racionais e lógicas da personagem.

O presente artigo desenvolve uma breve revisão do conceito e características das emoções segundo as bases teóricas da Neurociência destacando a tristeza e a sua contribuição no desenvolvimento do psiquismo e discute os principais grupos de teorias sobre o tema. Finalmente, avalia a tristeza a partir de algumas cenas do filme *Divertida Mente*.

2 AS EMOÇÕES

Emoção provém do latim *emotione* que, por sua vez, é derivada de *ex* (fora, para fora) *motio* (movimento, ação, comoção, gesto). É um movimento de dentro para fora, um modo de comunicar as necessidades e estados internos, resultado da ativação de uma rede neural complexa e elaborada (RATEY, 2002). Apesar de parecer óbvio, definir emoção é desafiador, pois podem ser encontrados vários conceitos, dependendo do enfoque ou da escola de pensamento do autor.

Do ponto de vista biológico, refere-se a um conjunto de reações químicas e neurais presente na organização de certas respostas comportamentais básicas e necessárias à sobrevivência (GOLEMAN, 2012). Em Psicologia, emoção é definida como uma experiência subjetiva, acompanhada de ativação fisiológica e de motivação para agir. É uma resposta a estímulos externos e internos que resulta em reações fisiológicas cognitivas, comportamentais e afetivas (SENN, 2011). Quando o cérebro é induzido por lembranças, cenas ou uma situação real, responde provocando uma alteração no corpo – taquicardia, suor, queda da pressão arterial – e isso é a emoção. O passo seguinte seria sentir a emoção ou ter um sentimento que é experimentado quando o cérebro registra essas alterações no corpo (LENT, 2008).

São seis as emoções básicas: raiva, tristeza, medo, nojo, surpresa e alegria. A alegria é uma emoção positiva, prazerosa e, por essa razão, as pessoas vivem em busca dela. A surpresa é a reação causada por algo inédito ou estranho. A vivência subjetiva que a acompanha é a sensação de incerteza. As demais emoções são chamadas de negativas, porém, também possuem função fisiológica positiva. A raiva é uma emoção com diversos graus de intensidade e com característica destrutiva. No entanto, quando bem canalizada pode ser utilizada para a conquista de um objetivo. O medo tem função de proteção e, nesse sentido, pode impedir, bloquear realizações. Superar o medo, por meio de aprendizagem e treinamento, pode ser estratégia útil para se obter segurança e se arriscar em um novo empreendimento. A tristeza é um mecanismo de alerta, aponta que algo não vai bem. Ficar triste não resolve o que não está bom, mas induz o indivíduo a identificar e buscar formas de solucionar uma questão (LENT, 2008).

Estudar as emoções, entender seus mecanismos e bases biológicas é importante como forma de auxiliar na compreensão e no desenvolvimento psíquico

saudável. A tristeza, em particular, deve ser mais explorada, principalmente em uma sociedade que exalta a necessidade imperiosa de se ser feliz e onde o tristonho não tem espaço.

2.1 PRINCIPAIS TEORIAS SOBRE EMOÇÃO

Até meados do século XIX, as emoções foram consideradas irrelevantes e disfuncionais, um instinto básico do homem que influenciava negativamente sua racionalidade e, por isso, deviam ser controladas. A prioridade era a razão e a lógica e as emoções não eram valorizadas enquanto um fenômeno científico. Novos métodos de pesquisa em neurofisiologia a partir do final do século XIX e, mais recentemente, as técnicas de neuroimagem, despertaram o interesse pelo estudo das bases neurais das emoções e seu envolvimento com os processos cognitivos relacionados à aquisição de conhecimentos (ESPERIDIÃO-ANTONIO et al., 2008).

Diversas teorias abordam um ou alguns aspectos das emoções. O primeiro a estudar as emoções foi Charles Darwin (1872), que propôs que elas eram geneticamente programadas e evoluíram por serem adaptativas, permitindo que os indivíduos sobrevivessem e se reproduzissem (DARWIN, 2009). Coube a William James (1884) e Carl Lange (1887), a criação da primeira teoria das emoções de base fisiológica. De forma independente, ambos postularam que a característica central das experiências subjetivas (emoções), estava vinculada aos processos fisiológicos. Para a teoria James-Lange os sentimentos resultariam da percepção que o indivíduo tem do estado de seu corpo. Desse modo, primeiramente os estímulos emocionais são processados pelo encéfalo, que promove as ativações corporais e as respostas motoras denominadas emoções. Sob essa ótica e, contrariamente ao que se costuma pensar, não choramos porque estamos tristes, mas ficamos tristes porque choramos (LENT, 2008).

Walter Cannon e Phillip Bard, em 1931, propuseram a primeira teoria dos mecanismos cerebrais das emoções – Teoria Talâmica – que atribuía ao hipotálamo a responsabilidade pela resposta emocional aos estímulos e às regiões neocorticais a tarefa de inibi-los, após uma avaliação cognitiva. Seus experimentos com gatos

decorticados mostraram que esses não deixavam de expressar ataques de raiva súbitos, o que seria contrário à teoria de James-Lange (CAIXETA, 2006).

Papez, em 1937, propôs o fluxograma e a base anatômica das emoções. Segundo o neuroanatomista, o afluxo de informações sensoriais que chegam ao tálamo divide-se em duas vias diferenciadas, uma ascendente ou do pensamento e outra descendente, ou do sentimento. A primeira levaria os estímulos sensoriais do tálamo para o córtex sensitivo (região do cíngulo) onde seriam transformadas em percepções, pensamentos e memórias. Daí, os estímulos seguiriam para o hipocampo e, através do fórnix, até os corpúsculos mamilares do hipotálamo de onde voltaria, pela via do trato mamilar-talâmico, ao tálamo anterior. Pela segunda via, as sensações do tálamo iriam diretamente aos corpos mamilares permitindo a geração de emoções com projeções descendentes para os sistemas corporais e, pela via tálamo anterior, ascendente para o córtex do cíngulo. Logo, segundo Papez, as experiências emocionais são função da atividade no córtex do cíngulo e podem ser geradas por meio de qualquer uma das duas vias (CAIXETA, 2006).

Paul MacLean, em 1949, propôs o modelo anatômico de emoções baseado no cérebro triuno, onde a primeira parte seria representada pelo cérebro reptiliano, formado pelos gânglios da base e o estriado ventral e responsável pelas emoções primitivas como medo e agressividade; a segunda, formada pelo cérebro mamífero mais antigo – cérebro visceral, é responsável por aumentar as respostas emocionais reptilianas primitivas e elaborar as emoções sociais e; a terceira parte, relacionada com o cérebro mamífero novo, o neocórtex, responsável pela intermediação entre emoção e cognição. Caberia a este último exercer o controle sobre as respostas emocionais que são direcionadas para os outros sistemas. Em resumo, as emoções resultariam da integração entre as sensações decorrentes de estímulos do meio ambiente e de sensações viscerais intrínsecas do corpo e seriam essenciais para a sobrevivência (MACLEAN, 1949; LENT, 2008).

Concordando com a teoria de Cannon-Bard, em 1962, Schachter e Singer, descreveram experimentos indicando a importância dos fatores cognitivos na experiência emocional. A Teoria dos Dois Fatores afirmava que, quando o cérebro recebe a informação de que o corpo está fisiologicamente excitado, avalia o mundo à volta e decide que emoção pode sentir. Assim, os pensamentos desempenham

papel importante ao que é cognitivamente interpretado e rotulado (SCHACTER; SINGER, 1962).

Hanna e Antônio Damasio, assim como Antoine Bechara, demonstraram que o planejamento de longo prazo, a decisão e a consequente concretização de planos estão atreladas ao sistema de avaliação emocional. A teoria dos Marcadores Somáticos propõe que a memória emocional é crucial no processo de tomada de decisões, apesar da sofisticação que o córtex pré-frontal tem na capacidade executiva. Sem a memória emocional, as decisões podem ser insensatas (PORTO, 2006; DAMASIO, 1996).

LeDoux (1996), combinando os paradigmas de centro *versus* sistemas de emoção, postulou que a amígdala é o órgão responsável pelo controle cerebral devido à sua localização privilegiada na arquitetura do cérebro. Segundo o autor, os sinais sensoriais viajam para o tálamo e daí alguns se dirigem para a amígdala por uma única sinapse (rota direta), enquanto outros são encaminhados para o neocórtex (rota indireta), que elabora a informação. Essa ramificação permite que a amígdala comece a responder antes que o neocórtex. Assim, a rota direta (tálamo-amigdalár) revela-se como um circuito que capta os sinais mais primitivos. Essa descoberta permitiu estabelecer caminhos neurais de sentimentos que independem do neocórtex e explicam o poder que a emoção tem de superar a razão (GOLEMAN, 2012, LEDOUX, 1996). Para LeDoux, a emoção é anterior ao processo cognitivo, que só teria início após a amígdala ter sido acionada. No entanto, por ser um processo rápido, esse circuito nem sempre fornece respostas precisas (BORINE, 2005). Cabe ao lobo pré-frontal avaliar e decidir o tratamento a ser dado ao estímulo. Assim, emoção e cognição seriam funções mentais interativas, porém distintas (BORINE, 2005; LE DOUX, 1996).

Outros autores propuseram modelos de sistemas duais, ou seja, uma combinação de dois sistemas encefálicos na elaboração de uma teoria emocional. Richard Davidson propôs um modelo de valência assimétrica de ambos os hemisférios cerebrais – emoções positivas e negativas (DAVIDSON, 2003). Usando técnica de eletroencefalografia (EEG), o pesquisador identificou que uma maior ativação do hemisfério esquerdo estava associada ao afeto positivo, enquanto a maior ativação do hemisfério direito estava relacionada com os afetos negativos.

Jules Bernard Luys identificou que pacientes com “hemiplegia direita e, portanto, lesão no hemisfério esquerdo, são mais passivos e apáticos daqueles que têm hemiplegia esquerda (lesão no hemisfério direito), os quais sofrem de instabilidade emocional”, concluindo que o hemisfério direito possui atividade visceral maior do que o hemisfério esquerdo (BELZUNG, 2007).

A partir do descrito, verifica-se a existência de modelos de emoções com vários componentes, desde as típicas alterações fisiológicas, a vivência subjetiva de perceber como é estar em um determinado estado emocional e os pensamentos associados a essa experiência e; a existência de um objeto intencional ao qual a emoção se refere. Diante de tão diversas teorias, constata-se que a emoção representa um conceito significativo e necessário para a interação e a ação interpessoal (FRIJDA, 2008). Dito de outra forma, nossos sentimentos definem essencialmente quem somos e o que fazemos.

2.2 FUNÇÕES DAS EMOÇÕES

Formada por três componentes principais: a) subjetivo, a forma como se experimenta a emoção; b) fisiológico, o modo como o corpo reage a uma emoção e; c) expressivo, o comportamento manifesto frente a uma emoção produzida, as emoções estão presentes em todos os momentos da vida e desempenham papel fundamental servindo a múltiplos propósitos em nível interpessoal, intrapessoal, social e cultural (HWANG; MATSUMOTO, 2016). São elas que permitem que o homem aja de forma rápida frente às situações perigosas e estressantes e com baixa dependência de sua capacidade racional. Também controlam funções cognitivas como a percepção, memória, funções executivas, além de ativarem e desativarem sistemas de modo a não atuarem ao mesmo tempo provocando pane no sistema nervoso (TOOBY; COSMIDES, 2008).

Segundo Damasio (1994), as emoções têm a capacidade de motivar as pessoas a exercerem ações decisivas para a sobrevivência. Em seu estudo com Phineas Gage, que teve lesão no lobo pré-frontal orbitotemporal, Damasio concluiu que as emoções são também decisivas para o pensamento racional. Segundo o autor, necessitamos ter a habilidade de expressar emoções para conseguirmos ser

racionais e compreendermos o mundo à nossa volta (DAMÁSIO, 1994). Darwin em 1872, já afirmara que as emoções tinham um propósito e se desenvolveram com a finalidade de ajudar o indivíduo a resolver seus problemas e se adaptar (DARWIN, 2009).

Dentre os benefícios obtidos pelas emoções positivas ressalta-se alguns como: o aumento da capacidade atenta, da felicidade, a diminuição dos níveis de cortisol presente nas respostas ao estresse, o aumento do nível de criatividade (BAPTISTA, 2012; FREDRICKSON; BRANIGAN, 2005). Os benefícios de emoções negativas estiveram, tradicionalmente, relacionados à capacidade de adaptação às situações de risco. Porém, estudos mais recentes têm encontrado correlação de emoções negativas com a melhoria da memória, a redução de erros de julgamentos e a promoção de comportamentos sociais mais eficazes (FORGAS, 2013 a). Das quatro emoções básicas negativas – medo, raiva, nojo e tristeza, as três primeiras são consideradas adaptativas porque preparam o organismo para lutar ou fugir (EKMAN, 1992). No entanto, apesar de ser amplamente sentida por indivíduos de todas as idades, ainda há uma lacuna na compreensão da tristeza (BARATA, 2016; FORGAS, 2013 a).

3 TRISTEZA: UMA EMOÇÃO BÁSICA

A tristeza é uma condição natural dos humanos com um substrato neural inato, universal. Além disso, um estado afetivo está associado a ela sendo denominado de sentimento. É caracterizada pela falta de energia, desânimo, indisposição e insatisfação. Segundo Leite (2010),

do ponto de vista da Psicologia, tristeza é uma emoção primária considerada um desprazer e usualmente relacionada a uma perda. Tende a manifestar-se pelo encolhimento introspectivo que pode estar relacionado ao choro, à diminuição de ânimo, vigor e prazer, bem como a redução dos apetites e interesses (LEITE, 2010, p. 13).

Acredita-se que a tristeza possua três características: 1) ser específica ao contexto; 2) ter intensidade mais ou menos proporcional e; 3) tender a desaparecer

quando a situação de perda termina ou diminui progressivamente permitindo que o indivíduo se adapte às novas circunstâncias (HORWITZ; WAKEFIELD, 2010). Os sintomas principais da tristeza são: perda de apetite, fadiga global que não melhora por repouso, insônia e vontade de chorar. Acredita-se que o choro tenha a função de balancear os níveis hormonais alterados em situações adversas ou tensas, além de remover substâncias tóxicas do corpo. Também pode ter o benefício psicológico de melhorar o humor e ajudar a lidar com situações dolorosas.

Um componente importante do choro é a lágrima. São identificados três tipos de lágrimas: basais, reflexivas e sentimentais. As basais servem para lubrificar os olhos devido à presença de lisozima que é um potente agente antibacteriano e antiviral; as reflexivas estimulam as glândulas lacrimais em resposta a uma irritação ocular, como quando se descasca uma cebola, pó ou fumo e têm função de limpar e proteger os olhos. As lágrimas sentimentais (choro propriamente dito) são quimicamente diferentes das demais, pois contêm 25% mais proteínas, quatro vezes mais potássio e trinta vezes mais manganês. Além disso, são carregadas de hormônios, como prolactina e adrenocorticotropina, produzidos em altas quantidades frente ao estresse.

A tristeza normal ou tristeza com causa evidente é uma reação não patológica e está associada a experiências de perda ou a outras circunstâncias dolorosas. No entanto, outros sintomas podem estar presentes na tristeza como a tendência à melancolia, o desejo de retiro e isolamento, a diminuição das faculdades intelectuais, infecções severas de evolução rápida e recidivantes com falta de resposta ao tratamento, envelhecimento global, desenvolvimento de câncer e outros tipos de doença degenerativa. Tristeza e depressão são vistas como dois extremos de um mesmo processo emocional. A primeira é considerada fisiológica e a segunda, patológica.

Em geral, os estudos sobre a tristeza costumam relacioná-la apenas com uma manifestação patológica, ou seja, o transtorno depressivo. Contudo, mais recentemente novas formas de se avaliar a tristeza foram desenvolvidas de modo a considerar os eventuais benefícios que sua mobilização provoca. A constatação de que o repertório emocional dos humanos é fortemente inclinado para sentimentos negativos fez com que vários autores levantassem hipóteses de que a tristeza

oferece alguma vantagem evolutiva (FORGAS, 2007, DARWIN, 2009). Para Forgas (2007), desde cedo os sentimentos melancólicos serviram como um alerta de situações perigosas fazendo o indivíduo observar mais detalhadamente os fatos e os seus pensamentos. O retraimento introspectivo cria oportunidade para que a frustração ou perda seja lamentada e que se possa refletir sobre suas consequências, bem como planejar um recomeço quando a energia retornar (FORGAS, 2007). Compreender os mecanismos cerebrais ativados nessa emoção é tarefa de fundamental importância.

3.1 NEUROBIOLOGIA DA TRISTEZA

Estudos de tomografia por emissão de pósitrons (TEP) em pessoas normais submetidas a estados artificiais de tristeza, mostraram ativação de regiões límbicas – porção subgenua do giro do cíngulo e ínsula anterior – e desativação de áreas do córtex pré-frontal direito e parietal inferior (GOLEMAN, 2012; ESPIRIDIÃO-ANTÔNIO, *et al.*, 2008). Phan e colaboradores (2002), identificaram ativação importante do córtex cingulado subcaloso em pacientes induzidos à tristeza, enquanto os deprimidos apresentaram baixo metabolismo dessa mesma região (PHAN *et al.*, 2002).

Quanto aos sistemas neuroquímicos envolvidos na tristeza, Zubieta e colaboradores (2003) identificaram a inativação da neurotransmissão no giro cingulado anterior, no globo pálido ventral, na amígdala e no córtex temporal inferior. Esse resultado correlacionou com o aumento das taxas de sentimentos negativos e redução nas taxas de sentimentos positivos, confirmando o papel dos receptores opioides na regulação fisiológica das experiências afetivas em humanos (ZUBIETA *et al.*, 2003).

O hemisfério direito tem maior atuação sobre as emoções positivas enquanto o esquerdo nas negativas e ambos se conectam aos sistemas simpático e parassimpático para desempenhar ações fisiológicas frente a eventos que causam sensações emocionais. A troca sináptica da emoção apresenta maior incidência de neurotransmissores de dopamina, serotonina e epinefrina/norepinefrina.

As alterações oriundas da tristeza são denominadas de alterações de reatividade emocional e estão ligadas a lesões ou estimulações do núcleo dorsomedial e dos núcleos anteriores do tálamo. São essas áreas que promovem a regulação do comportamento emocional decorrente de uma atividade não própria destes locais, mas com conexões com outras estruturas do sistema límbico.

3.2 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DOS BENEFÍCIOS DA TRISTEZA

158

Na cultura ocidental, a tristeza é considerada desnecessária e indesejável. No entanto, experimentos atuais têm sugerido que a tristeza moderada tem consequências cognitivas e sociais adaptativas podendo promover um estilo de pensamento mais atento e resultados superiores sempre que um pensamento indutivo detalhado e orientado seja necessário (FORGAS, 2013). Vários experimentos exploraram as vantagens de se sentir mal em uma variedade de domínios sociais e cognitivos.

No que se refere à memória, Forgas, Goldenberg e Unkelbach (2009), quando pediram para as pessoas relatarem os objetos que viram sobre um balcão de uma loja de revistas identificaram que as que tinham humor negativo (tristeza) lembraram-se significativamente de mais objetos que as de humor positivo (alegria). Na mesma direção, Bauml e Kulbandner (2007) constataram que pessoas com humor negativo tiveram reduzida interferência em tarefas de memória de um item específico comparadas às alegres. Storbeck e Clore (2011), relataram que o humor triste reduziu a criação de falsas memórias devido à redução da ativação de distratores. A investigação sobre a incorporação de falsas informações a um evento (falsas memórias) foi realizada por Forgas; Laham; Vargas (2005) que pediram aos participantes que relembressem eventos felizes ou tristes de seu passado após observarem fotos de uma cena de acidente de carro (evento negativo) e uma cena de festa de casamento (evento positivo). Após um intervalo de 45 minutos, testaram a precisão de memória de testemunha ocular para as cenas. Os resultados mostraram que os de humor positivo tiveram maior tendência a falsas memórias que os de humor negativo.

Também foi verificada a influência das emoções negativas na redução de erros de julgamento, no aumento da motivação (FORGAS, 2013) e na promoção de comportamentos sociais mais eficazes (FORGAS, 2013). Quanto à precisão de julgamentos, Forgas e East (2008) pediram a participantes felizes ou tristes de um experimento que julgassem a provável veracidade de várias afirmações. Em seguida foram informados se os itens eram realmente verdadeiros. Duas semanas depois, foram induzidos a um estado de humor positivo ou negativo. Somente os participantes tristes foram capazes de distinguir corretamente as afirmativas vistas anteriormente. Os autores concluíram que o humor negativo tem uma vantagem adaptativa por promover um estilo de processamento mais acomodatório e sistemático. A tarefa de ler dois parágrafos sobre uma pessoa da qual tiveram informações prévias de sua personalidade e depois fazerem julgamentos da mesma foi mais bem realizada por pessoas tristes (FORGAS, 2013). Na mesma direção, foram os estudos de Fiedler, Asbeck e Nickel (1991), que encontraram menor presença de preconceitos em pessoas com humor negativo.

Quanto à credulidade, os participantes tristes submetidos a diversas experiências laboratoriais se mostraram significativamente menos propensos a aceitar expressões faciais como genuínas quando comparados aos mais felizes. Esse resultado foi atribuído ao processamento mais atencioso e o estilo acomodativo foi mais associado a humores negativos. Atenção mais concentrada às informações externas pode melhorar a eficácia interpessoal, assim como a capacidade de persuasão (FORGAS; EAST, 2008).

Outros experimentos mostraram que o bom humor aumenta a assertividade e o egoísmo enquanto o negativo desencadeia respostas mais pessimistas e cautelosas, sensíveis às demandas externas, o que pode ter implicações importantes nos comportamentos de conflitos interpessoais, decisões organizacionais e outras situações em que as decisões de uma pessoa podem ter consequências para outras (FIEDLER; ASBECK; NICKEL, 1991; FORGAS, 2002). Um estudo interessante desenvolvido por Forgas (2002) mostrou que a tristeza pode ajudar os candidatos a um emprego, ao contrário daquelas que esbanjam alegria. Ele justifica esse achado no fato de os bem-humorados costumarem focar mais em

si mesmos do que no ambiente, avaliem a situação como segura e isenta de riscos, o que pode prejudicar seu desempenho (FORGAS, 2002; FORGAS, 2007).

As lágrimas têm papel muito importante na tristeza. Em um experimento simples, Ekman (2011) pegou inúmeras fotos de pessoas tristes e mostrou para dois grupos. No grupo de controle, as fotos foram editadas sem as lágrimas e, no experimental, com lágrimas. Foi constatado que a maioria do grupo controle não soube distinguir a emoção, enquanto no grupo experimental todos os testados souberam responder.

3.3 TRISTEZA NO FILME DIVERTIDA MENTE

Ainda que seja dirigido ao público infantil, o filme *Divertida Mente* aborda o desenvolvimento psíquico de uma menina de 11 anos, Riley, mostrando os mecanismos de inscrição de suas memórias a partir das experiências vividas desde seu nascimento. A mente da menina é caracterizada como uma sala de comando, uma boa metáfora sobre o controle dos processos fisiológicos e psicológicos internos (inatos ou hereditários) do organismo frente aos estímulos emocionais. No entanto, o controle ocorre até um certo limite, pois as ações frente a sentimentos e emoções são parcialmente involuntárias.

Cinco emoções primárias estão presentes como personagens – Alegria, Tristeza, Raiva, Medo e Nojo, ativando e desativando inúmeros botões e influenciando significativamente a formação das memórias de Riley, a partir das situações novas que experimenta. A Alegria é a primeira emoção a surgir e lidera todo o trabalho esforçando-se muito para garantir que Riley esteja sempre adaptada ao meio, ou seja, que se sinta bem e feliz. Com o desenvolvimento da menina, outros personagens aparecem na sala de comando: Tristeza, Medo, Nojinho e Raiva. Alegria aceita o trabalho desenvolvido pelo Medo, por entender que ele promove a segurança da menina em situações perigosas e a de Nojinho, pela proteção que ela promove contra a ingestão de alimentos nocivos ou estragados. Por outro lado, vigia atentamente os movimentos da Raiva e da Tristeza impedindo-os de tocar nos comandos por acreditar que possam interferir negativamente nas

memórias de longo prazo de Riley. O controle exercido por Alegria tem relativo sucesso durante a infância da menina.

Mas, o desenvolvimento contínuo de Riley e as novas situações experimentadas provocam desestabilização e mudanças. Um dos eventos novos que Riley experimenta é a transferência de sua família para uma outra cidade (São Francisco, EUA) por questões de trabalho do pai. Essa mudança não é bem vista pela garota, uma vez que significa perder os amigos, abandonar a casa em que sempre viveu, deixar de praticar seu esporte favorito. Mas, como ainda é dependente, Riley não tem muita escolha.

As novas experiências vividas no processo de mudança são percebidas como negativas: a casa nova é feia e malcheirosa. Um atraso no transporte dos móveis, faz com tenha que dormir no chão. Por não fazerem parte do repertório de memórias já armazenados pela menina, esses eventos trazem insegurança e causam estresse. Verifica-se aqui que as novas experiências de Riley são diferentes das memórias já anteriormente armazenadas causando estranheza e desequilíbrio cognitivo. Neste momento, a personagem Tristeza se destaca na sala de comando, interferindo externamente no comportamento da pequena Riley, que se apresenta apática, disfórica, com baixa autoestima e baixa autoeficácia. Sempre chorosa, a Tristeza reproduz a sensação de abandono e angústia. Também os personagens Raiva, Medo e Nojo se apropriam do comando e o comportamento de raiva dos pais, de mal-estar frente aos amigos e a escola são mais evidenciados, apesar do grande esforço de Alegria em minimizar todos esses sentimentos.

Há necessidade de que os novos acontecimentos sejam significados, acomodados no aparato cognitivo da menina de modo a permitir a volta do equilíbrio perdido. Enquanto isso não ocorrer, seus comportamentos ficam alterados gerando dor, choro ou, dependendo da intensidade, patologias. E Riley chora. Seu choro produz reações que aliviam a tensão do SNC permitindo a descarga de substâncias tóxicas do corpo e a retomada da homeostase, mas também tem o benefício psicológico de levantar o humor e ajudar a lidar com situações dolorosas, além de favorecer que outras pessoas percebam o desamparo vivenciado e possam oferecer suporte.

As lágrimas de Riley são emocionais e expressam sua tristeza acessando as memórias que lhe causavam dor. Ao perceberem o choro, os pais de Riley a apoiam, o que foi fundamental para a modificação do comportamento da menina. Agora há elementos que possibilitam a modificação das ações de Riley frente à sua mudança para São Francisco. Em Psicologia, denomina-se ressignificação de eventos a possibilidade de, através de estímulos internos (comportamento privado) e externos (comportamento público) dar novos sentidos à concepção psicológica atribuída a um evento estressante.

No momento em que esse comportamento ocorre, na sala de comando, Alegria compreende que a Tristeza é uma emoção fundamental no restabelecimento do equilíbrio emocional de Riley e agora unidas, acompanham o processo de desenvolvimento da menina. De acordo com Ekman (2011 p. 103), “a tristeza e a angústia podem ajudar a remediar uma perda, sem esses sentimentos, o sofrimento pode durar mais tempo”. Uma nova memória é criada, a menina amadureceu, tornou-se mais forte frente aos problemas da vida. A reequilibração emocional de Riley após todas as experiências estressantes permitiu que entendesse o quão importante foi a tristeza em seu crescimento psicológico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dias atuais exaltam a felicidade e a sociedade a persegue de forma obsessiva, excluindo ou marginalizando aquele que se declara triste. Não há tempo para a tristeza, é preciso aparentar que tudo é perfeito e isso pode levar a comportamentos artificiais, tais como o uso de drogas lícitas e ilícitas para se sentir feliz. O homem se esqueceu que a dor e a tristeza são naturais, que fazem parte da vida, que não é errado se sentir triste.

As hipóteses do valor benéfico da tristeza vêm sendo evidenciadas pela Neurociência e o filme *Divertida Mente* aponta, de forma leve, mas inequívoca, que só se pode ser pleno assumindo a tristeza que nos constitui. É preciso ouvi-la, senti-la, compreendê-la como uma resposta cerebral natural às situações de perda ou frustração. A personagem Alegria inicialmente acreditava que só a felicidade poderia ser responsável pelo bem-estar, mas reconheceu finalmente que o processo de

amadurecimento de Riley ocorreu quando ela abraçou a tristeza que sentia. Mesmo se tratando de um filme de animação, importantes ensinamentos são passados. A partir de agora julga-se que a garota estará preparada para enfrentar circunstâncias parecidas ou talvez mais difíceis no futuro (talvez em uma continuação de *Divertida Mente*, por exemplo).

Diante de emoções tristes, o que se deve buscar é ressignificar os eventos que a desencadearam de modo que ela apareça em menor intensidade e com objetivos de promover a integração da personalidade humana. Para tanto, pode-se evocar o fenômeno da neuroplasticidade que nos convida a entender que o processo de desenvolvimento humano é dinâmico e flexível. Prestar atenção à tristeza traz vantagens no enfrentamento de perdas colocando-as no lugar adequado diante das experiências na vida. Só assim é possível desenvolver o psiquismo e, em última instância, a personalidade.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, A. **O poder das emoções positivas**. Lisboa: Lidel, 2012.

BARATA, A.F.S.T. **Tristeza positiva? O efeito das emoções induzidas por excertos musicais na resposta comportamental e pupilar numa tarefas de memória de reconhecimento**. 2016. 102f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016.

BAUML, K. H.; KUH BANDNER, C. Remembering can cause forgetting- But not in negative moods. **Psychological Science**, v.18, n.2, p.111–115, 2007.

BELZUNG, C. **Biologia das emoções**. Lisboa: De Boeck & Larcier S.A., 2007.

BORINE, M.S. Como as emoções influenciam nossa vida: o cérebro emocional. In: LEDOUX, Joseph. **Cérebro Emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 431-438.

CAIXETA, L. Desenvolvimento Histórico das Neurociências das emoções. In: PORTO, Weyler G. **Emoção e Memória**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p.1-21.

DAMÁSIO, A.R. **O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Edição de Bolso. São Paulo: Editora Schwarcz, S.A., 2009.

DAVIDSON, R. J. Affective neuroscience and psychophysiology: toward a synthesis. **Psychophysiology**, Wisconsin, v.40, p. 655-665, 2003.

EKMAN, P.A. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Editora Lua de Papel, 2011.

_____. An argument for basic emotions. **Cognition and Emotion**, v. 6 n.3-4, p. 169-200, 1992.

ESPERIDIÃO-ANTONIO, V. *et al.* Neurobiologia das emoções. **Rev. Psiq. Clín.**, Rio de Janeiro, v. 35, n.2, p.55-65, 2008.

FIEDLER, K.; ASBECK, J.; NICKEL, S. Mood and constructive memory effects on social judgement. **Cognition and Emotion**, v.5 n.5-6 p. 363-378,1991.

FORGAS, J. Don't worry, be sad! On the cognitive, motivational, and interpersonal benefits of negative mood. **Current Directions in Psychological Science**, v. 22, n.3, p. 225-232, 2013.

_____. The upside of feeling down: The benefits of negative mood for social cognition and social behaviour. In: FORGAS, J.; FIEDLER, K.; SEDIKIDES, C. (Eds.) **Social thinking and interpersonal behaviour**. New York: Psychology Press, p. 221–238, 2013 a.

_____. Feeling and doing: affective influences on interpersonal behaviour. **Psychological Inquiry**, v.13, p.1-28, 2002.

FORGAS, J. P.; GOLDENBERG, L.; UNKELBACH, C. Can bad weather improve your memory? A field study of mood effects on memory in a real-life setting. **Journal of Experimental Social Psychology**, v.54, p. 254–257, 2009.

FORGAS, J. When sad is better than happy: Negative affect can improve the quality and effectiveness of persuasive messages and social influence strategies. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 43, n.4, p. 513-528, 2007.

_____, EAST, R. On being happy and gullible: Mood effects on skepticism and the detection of deception. **Journal of Experimental Social Psychology**, v.44, p. 1362–1367, 2008.

_____; LAHAM, S. M.; VARGAS, P. T. Mood effects on eyewitness memory: Affective influences on susceptibility to misinformation. **Journal of Experimental Social Psychology**, v.41, n.6, p. 574- 588, 2005.

FREDRICKSON, B.; BRANIGAN, C. A. Positive emotions broaden the scope of attention and thought - action repertoires. **Cognition and Emotion**, v.19, 313-332, 2005.

FRIJDA, N.H. The Psychologists' Point of View. In: MICHAEL, Lewis, JEANNETTE M. Haviland-Jones and LISA Feldman Barrett (Eds.), **Handbook of Emotions**. New York: The Guilford Press, 2008.

_____. **The emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HORWITZ, A. V.; WAKEFIELD J. C. **A tristeza perdida: como a psiquiatria transformou a depressão em moda**. São Paulo: Summus, 2010.

HWANG, H.; MATSUMOTO, D. **Functions of Emotions**. 2016. Disponível em: https://www.humintell.com/wp-content/uploads/2019/08/Functions-of-Emotions_-_Noba.pdf. Acesso em: março, 2019.

INSIDE OUT (*Divertida Mente*). Direção: Pete Doctor, Produção: Jonas Rivera. Estados Unidos, Pixar Animation Studios, 2015, 1 DVD (102 min).

JAMES, W. What is an Emotion? **Mind**, Oxford, v. 9, p.188-205, 1884.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LANGE, C.G. **The mechanism of the Emotions**. 1885. Classics in the History of Psychology. An internet resource developed by Christopher D. Green York University, Toronto, Ontario. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ps000132.pdf> Acesso em: Jul. 2018.

LE DOUX, J. **The emotional brain**. New York: Simon & Schuster, 1996.

LEITE, E.A. F. **Emoções: tristeza**. São Paulo: Segmento, 2010.

LENT, R. **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MACLEAN, P.D. Psychosomatic Disease and the "Visceral Brain": Recent Developments Bearing on the Papez Theory of Emotion. **Psychosomatic Medicine**, v.11, p. 338-353, 1949.

PHAN KL, WAGER T, TAYLOR SF, LIBERZON I. Functional neuroanatomy of emotion: a meta-analysis of emotion activation studies in PET and fMRI. **Neuroimage**, v.16, p.331-48, 2002.

PORTO, W. G. **Emoção e memória**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

RATEY, J. J. **O cérebro: um guia para o usuário - Como aumentar a saúde, agilidade e**

longevidade de nossos cérebros através das mais recentes descobertas científicas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SCHACHTER, S.; SINGER, J. (1962). Cognitive, Social, and Physiological Determinants of Emotional State. **Psychological Review**. New York, v. 69, p. 379–399, 1962.

SENNA, S. Existem emoções básicas? Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal (2006). Disponível em <https://ibralc.com.br/existem-emocoes-basicas/> Acesso em: 10 ago 2018.

STORBECK, J., CLORE, G.L. Affect Influences False Memories at Encoding: Evidence from Recognition. **Emotion**, v. 11 n.4, p. 981-989, 2011.

TOOBY, J.; COSMIDES, L. The evolutionary psychology of the emotions and their relationship to internal regulatory variables. In: LEWIS, M. *et al.* **Handbook of Emotions**. New York, NY: The Guilford Press, p. 114–137, 2008.

ZUBIETA, J. K, KETTER, T. A., BUELLER, J.A. *et al.* Regulation of human affective responses by anterior cingulate and limbic mu-opioid neurotransmission. **Arch Gen Psychiatry**, v. 60 n.11, p.1145-53, 2003.

A IMPLANTAÇÃO DE FALSAS MEMÓRIAS NA SÍNDROME DA ALIENAÇÃO PARENTAL ✓

167

Marisy de Souza Alves SOTTO-MAIOR¹
Andreia Monteiro FELIPPE²

✓ Artigo recebido em 22/04/2019 e aprovado em 10/05/2019.

¹ Graduada em Psicologia pelo CES/JF. E-mail: <marisyalves@bol.com.br>.

² Mestre em Psicologia pela UFJF. Docente do CES/JF. E-mail: <andreiafelippe@pucminas.cesjf.br>.

**A IMPLANTAÇÃO DE FALSAS MEMÓRIAS
NA SÍNDROME DA ALIENAÇÃO
PARENTAL****THE IMPLANTATION OF FALSE
MEMORIES IN THE SYNDROME OF
PARENTAL ALIENATION****RESUMO**

A Síndrome da Alienação Parental (SAP) é um fenômeno que foi descrito pelo psiquiatra norte-americano Richard Gardner, em 1985, para a situação em que um dos genitores programa os filhos para desfazerem os laços afetivos com o outro genitor. Neste sentido, o presente artigo, de base bibliográfica, procura fazer uma análise entre a Síndrome de Alienação Parental (SAP) e as falsas memórias (FM), especialmente no contexto de falsas acusações de abuso sexual, e identificar suas influências e implicações sobre a formação da criança ou adolescente vítima da SAP. Além disso, também tem como objetivo compreender as explicações para o fenômeno das falsas memórias, mecanismo muitas vezes utilizado pelo alienante para explorar o estado emocional dos filhos e alcançar seu objetivo de afastá-los do não guardião, prejudicando o desenvolvimento saudável de crianças e/ou adolescentes. Dada a importância social do tema, e porque esse é um assunto muito polêmico e pouco abordado, é essencial fazer essa comparação para o entendimento do funcionamento de falsas memórias em crianças e adolescentes vítimas da SAP, fenômeno que muito vem sendo praticado por aqueles que detêm a guarda dos filhos.

Palavras-chave: Síndrome da Alienação Parental. Falsas Memórias. Abuso Sexual.

ABSTRACT

This work, by bibliographic database, seeks to make an analysis between the Parental Alienation Syndrome (PAS) and false memories (FM), especially in the context of false accusations of sexual abuse, and identify their influences and implications regarding the formation of the child or adolescent victim of PAS. Furthermore also aims to understand the explanations for the phenomenon of false memories, which are often mechanisms used by the alienator that exploit the emotional state of the children, to achieve his purpose of distance them from the no guardian, harming the healthy development of children and or adolescent. Given the social importance of the topic and because it is a subject very controversial and rarely addressed, it is essential make this comparison to try to understand the functioning of false memories in children and adolescents victims of PAS, phenomenon that very comes been practiced for who has custody of the children.

Keywords: Parental Alienation Syndrome. False Memories. Sexual Abuse.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome de Alienação Parental (SAP) é um fenômeno que foi descrito pelo psiquiatra norte-americano Richard Gardner, em 1985, para a situação em que um dos genitores programa os filhos para desfazerem os laços afetivos com o outro genitor (DIAS, 2007). Os genitores alienadores, geralmente, fazem falsas acusações contra o outro genitor, afirmando condutas que não aconteceram, convencendo os filhos, principalmente os pequenos, que são mais facilmente manipulados, a acreditarem nesses fatos inverídicos. Como as crianças confiam naquilo que os adultos dizem, principalmente os pais, acabam por participar de qualquer distorção atribuída pelo genitor alienador (MOTTA, 2012).

Diante disso, é comum que os filhos apresentem um discurso pronto, com termos inadequados para a sua faixa etária, e ainda afirmam que ninguém os influenciou e que chegaram sozinhos às suas próprias conclusões (PAULO, 2010). Essas lembranças e situações que nunca aconteceram, ou que se aconteceram foram de outra forma, não condizem com a verdade, gerando, assim, as falsas memórias (NEUFELD et al., 2013).

Diante do exposto, o presente artigo busca fazer uma análise entre a Síndrome da Alienação Parental (SAP) e as Falsas Memórias (FM), principalmente no contexto das falsas acusações de abuso sexual, além de identificar suas influências e implicações no que tange à formação da criança ou do adolescente vítima da SAP.

Nestes pressupostos, cabe um estudo aprofundado a respeito das influências e implicações das implantações de FM, visto que se trata de um assunto ainda recente e que muito vem sendo praticado por um dos genitores que mantém a guarda dos filhos.

Para tanto, o artigo é dividido em três partes. A primeira aborda os conceitos relacionados à SAP, sendo tratados assuntos referentes ao comportamento do alienador e as consequências para os filhos. Em seguida, são estudados os aspectos legais, tratando das questões relacionadas ao fenômeno da SAP nas legislações vigentes no Brasil, bem como as falsas acusações de abuso sexual. Por fim, são analisados os conceitos de falsas memórias e sua relação com a SAP.

2 SÍNDROME DA ALIENAÇÃO PARENTAL (SAP)

De acordo com Paulo (2010), os casos mais frequentes da SAP estão associados a situações em que a ruptura da vida conjugal gera em um dos genitores uma tendência vingativa muito grande, quando este não consegue aceitar adequadamente o luto da separação, desenvolvendo um processo de destruição, vingança, desmoralização e descrédito do ex-cônjuge.

Alienação Parental (AP) e SAP são denominações que estão ligadas, uma complementando a outra, porém há de se distinguir os conceitos, pois a AP é a desqualificação da figura parental de um dos genitores apresentada à criança. É uma campanha de desmoralização, descrédito e marginalização desse genitor, no intuito de transformá-lo numa pessoa estranha. Existem casos em que a AP é causada pelos avós, tios, ou qualquer outra pessoa que tenha relação parental com a criança. A SAP diz respeito aos efeitos emocionais, psicológicos e comportamentais desencadeados na criança que é ou foi vítima desse processo. De um modo geral, são as consequências deixadas pela Alienação Parental (XAXÁ, 2008).

De acordo com Motta (2012), a síndrome manifesta-se, em geral, no ambiente das mães das crianças, notadamente porque a instalação necessita de tempo e porque é a mãe quem detém a guarda da criança, na maior parte das vezes.

Motta (2012) observa que a alienação parental se resume em privar o direito ao convívio com ambos os genitores e/ou familiares, ao mesmo tempo em que a criança ou o adolescente se sente pressionado a ter que escolher entre um e outro. Na verdade, não se trata de uma escolha, mas sim de uma imposição determinada inconsequentemente por um dos genitores.

Motta (2012) descreve algumas observações quanto ao comportamento dos alienadores nos inúmeros identificadores que caracterizam a SAP, entre elas estão: a recusa em transferir as chamadas telefônicas direcionadas aos filhos; programar atividades com os filhos no período em que o outro genitor irá visitá-los; apresentar o novo cônjuge como substituto do pai ou mãe insistindo para que as crianças se acostumem com esse tratamento; desvalorizar e criticar o outro na frente dos filhos;

esconder informações sobre os filhos, tais como as atividades escolares, consultas ao médico ou qualquer outra atividade; impedir que o outro genitor exerça o direito de visita; não avisar os compromissos importantes em relação aos filhos; envolver parentes para ajudá-los a fazer a “lavagem cerebral”; tomar decisões importantes sem o consentimento do outro genitor; decidir-se a mudar de cidade sem avisar o outro genitor; atribuir culpa ao outro genitor pelo comportamento dos filhos; os filhos têm argumentos em relação ao outro genitor que não condizem com a idade (repetem o que o genitor alienador fala), entre outras.

As crianças surpreendem os profissionais com discursos impróprios atrelados ao discurso impositivo do alienador. Nesse discurso, o alienador costuma confidenciar com riqueza de detalhes todas as más experiências com o ex-cônjuge, compartilhando-as com os filhos (PAULO, 2010).

Paulo (2010) atribui, ainda, outras características ao guardião alienador, que tenta, de todas as formas, não colaborar com os profissionais, tendo grande resistência ao acompanhamento psicológico por temer ser descoberto em suas manipulações. Do mesmo modo, impede ou dificulta que seus filhos sejam examinados ou tenham acompanhamento psicológico. Não respeita regras e tampouco cumpre sentenças judiciais, considerando-as válidas somente para os outros, faz declarações inverídicas acerca de sua situação atual colocando-se como vítima, demonstrando ser bastante hábil no convencimento das pessoas sobre seu desamparo.

Muitos autores acreditam que esses comportamentos descontrolados podem aparecer por causa da separação do casal, mas, de acordo com os psicólogos Silva e Resende (2012, p. 27), esses comportamentos são devido a uma estrutura psíquica já constituída e só vieram à tona porque algo saiu do controle, são sintomas que se manifestam de forma patológica.

As sequelas causadas pela implantação da SAP podem ser: depressão crônica, dificuldade de adaptação social, transtornos de identidade, de imagem, sentimento de culpa, isolamento, hostilidade, desorganização, dupla personalidade, e, em alguns casos, podem levar ao suicídio (MOTTA, 2012).

Paulo (2010) cita, de acordo com o psiquiatra Gardner, os três estágios da síndrome da alienação parental, que se dividem em leve, médio e grave. No estágio

leve ainda há certa dificuldade quando do momento da visita, mas a entrega do filho ao outro genitor ainda acontece com tranquilidade, os laços entre os genitores continuam sadios.

No estágio médio, o alienador usa de várias estratégias para excluir o outro genitor da vida dos filhos, e os filhos, por sua vez, começam a colaborar veementemente com o genitor alienador na campanha de desmoralização, tendo um dos pais como do bem e o outro como do mal. Contudo, é mais cooperativo quando está distante do genitor alienador e os laços afetivos entre os genitores continuam consistentes, embora já com indícios patológicos (PAULO, 2010).

No terceiro estágio, considerado como grave, a criança e/ou o adolescente apresenta um tipo de pânico só de pensar na aproximação do genitor alienado nas visitas, por conta das fantasiosas e paranóicas experiências que o alienador compartilhou com o filho, intensificando ainda mais a simbiose com o genitor guardião e, assim, tenta se evadir de qualquer contato. Os laços com o alienador permanecem fortes, a cumplicidade é patológica e a relação com o alienado parece destruída em consequência desta patologia (PAULO, 2010).

Em maio de 2013 foi publicada a nova edição do Manual de Diagnóstico referente aos transtornos mentais, o DSM-V (APA, 2014). Nesta quinta edição esperava-se que a SAP fosse incluída na lista dos transtornos mentais, porém, o que ficou constatado é que a expressão “Síndrome da Alienação Parental” não foi mencionada, pelo menos não com estas palavras. Para tanto, foram criadas novas categorias, como "Abuso psicológico da criança" e "Problemas de relacionamento pai-filho", as quais podem abranger os atos de alienação parental e suas consequências para os filhos (KAY, 2013).

Silva (2015) aponta que a atual versão do DSM-V trouxe também a seguinte classificação: V61. 29 (Z62. 898) – “Criança afetada por sofrimento na relação dos pais”, e, de acordo com o DSM-V, “esta categoria deve ser usada quando o foco da atenção clínica inclui efeitos negativos de discórdia na relação dos pais”.

3 LEGISLAÇÕES RELACIONADAS À SAP E FALSAS ACUSAÇÕES DE ABUSO SEXUAL

Diante de uma separação conflituosa, em que os pais não conseguem chegar a um acordo acerca da guarda, cabe ao juiz assegurar o direito contínuo do contato dos filhos com os pais, entendendo como necessário o melhor interesse da criança (GRISARD FILHO, 2010).

Com o propósito de garantir os direitos da criança e viabilizar a convivência entre os genitores, o surgimento da guarda compartilhada (Lei nº 11.698, de 13 de junho de 2008) se tornou um dos instrumentos mais eficazes na prevenção da alienação parental.

Nesse sentido, o Código Civil Brasileiro (Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002), atualizado pela Lei nº 13.058 de 22 de dezembro de 2014, estabelece no § 2º a seguir que:

Quando não houver acordo entre a mãe e o pai quanto à guarda do filho, encontrando-se ambos os genitores aptos a exercer o poder familiar, será aplicada a guarda compartilhada, salvo se um dos genitores declarar ao magistrado que não deseja a guarda do menor (BRASIL, 2014).

A guarda compartilhada consiste na responsabilização conjunta dos direitos e deveres dos pais para com os filhos, e permite que a autoridade parental tenha continuidade mesmo após a ruptura da sociedade conjugal, mantendo o vínculo entre pais e filhos (SOUZA, 2012).

Com esse mesmo objetivo, o de prevenir o abuso psicológico na formação da criança e/ou adolescente, em 26 de agosto de 2010 foi sancionada a Lei de nº 12.318, que dispõe sobre a alienação parental e altera o art. 236 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990). A lei permite a intervenção para impedir atos de alienação parental. Devem ser tomadas medidas dependendo de cada caso, e, na constatação da alienação, as sanções vão desde o acompanhamento psicológico e aplicação de multas até a perda da guarda, com punição do guardião alienador (SIMÃO, 2012).

Art. 6º Caracterizados atos típicos de alienação parental ou qualquer conduta que dificulte a convivência de criança ou adolescente com genitor, em ação autônoma ou incidental, o juiz poderá, cumulativamente ou não, sem prejuízo da decorrente responsabilidade civil ou criminal e da ampla utilização de instrumentos processuais aptos a inibir ou atenuar seus efeitos, segundo a gravidade do caso:

- I - Declarar a ocorrência de alienação parental e advertir o alienador;
- II - Ampliar o regime de convivência familiar em favor do genitor alienado;
- III - Estipular multa ao alienador;
- IV - Determinar acompanhamento psicológico e/ou biopsicossocial;
- V - Determinar a alteração da guarda para guarda compartilhada ou sua inversão;
- VI - Determinar a fixação cautelar do domicílio da criança ou adolescente;
- VII - Declarar a suspensão da autoridade parental (BRASIL, 2010).

A importância do amparo às crianças e adolescentes vítimas da SAP deve ter respaldo pelos princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, pelo modelo apresentado no art. 1º, inciso III da CRFB/88; da proteção ao menor e o do melhor interesse da criança, dispostos nos artigos 226 e 227 da CRFB/88, assim como o princípio da igualdade de tratamento introduzido no art. 5º caput da nossa Carta Magna, que irá cooperar para uma melhor formação do infante, especialmente a formação psicológica (PEREIRA, 2012).

No contexto da SAP, uma das maiores dificuldades está relacionada aos casos de falsas acusações de abuso sexual. Identificar uma alegação de abuso sexual praticada contra criança e/ou adolescente em um ambiente familiar é uma tarefa bastante difícil, uma vez que, na maioria dos casos, não há vestígios do ato e a palavra da vítima quase sempre é a única prova contra o abusador. Partindo de uma criança, essa afirmação acaba sendo duvidosa, devido à sua vulnerabilidade (MOCHI et al., 2011).

Quando existe uma suspeita de abuso sexual por um dos genitores, resta ao magistrado tomar providências frente à seriedade dos fatos, acabando por suspender as visitas e determinando que seja feita a realização de estudos psicológicos e sociais para conferir a veracidade das informações que lhe foram comunicadas. Como os trâmites processuais são demorados, a possibilidade de convivência com o outro genitor fica comprometida. Com isso, a providência tomada, muitas vezes de forma errônea, determina a imediata suspensão das visitas e o monitoramento dos encontros, medidas que concedem maiores poderes ao alienador na sua atuação com os filhos. Nessa situação, o alienador acaba se sentindo vitorioso ao alcançar o seu objetivo, o de romper o convívio dos filhos com o outro genitor (DIAS, 2012).

Nesse sentido, a falsa denúncia atinge também o acusado, desestabilizando-o em todos os sentidos, gerando grandes sentimentos de raiva, impotência e insegurança (CALÇADA; CAVAGGIONI; NERI, 2001). Neste contexto, a utilização de técnicas de entrevista baseadas no conhecimento científico do funcionamento da memória são instrumentos essenciais para a fidedignidade na coleta das informações que, conseqüentemente, permitem uma efetiva aplicação da lei (PHILIPPSON et al., 2007 apud PERGHER 2010, p. 112).

Sobre estudo psicológico, Brockhausen (2011, p. 213) informa que o CFP lançou a Resolução 10/2010, determinando que “O psicólogo, ao realizar o estudo psicológico decorrente da escuta de crianças e adolescentes, deverá necessariamente incluir todas as pessoas envolvidas”, e, na impossibilidade de escuta de uma das partes, “o psicólogo incluirá em seu parecer o motivo do seu impedimento e suas implicações”.

A autora ressalta ainda que essa medida é de suma importância, pois visa regularizar e melhorar a qualidade nos trabalhos apresentados, ouvindo o acusado pode-se evitar que o psicólogo se identifique com a parte vitimizada, e acabe “contaminando” a avaliação (BROCKHAUSEN, 2011). Entretanto, embora se reconheça a importância da resolução do CFP acima mencionada (10/2010), ela encontra-se suspensa, devido a decisão judicial, conforme se verifica no site oficial do CFP.

4 FALSAS MEMÓRIAS (FM) E SAP

As FM podem ser definidas como lembranças de eventos que não ocorreram, de situações não presenciadas, de lugares jamais vistos, ou, então, de lembranças distorcidas de algum evento (ROEDIGER; MCDERMONTT, 2000; STEIN; PERGHER, 2001 apud ALVES; LOPES, 2007, p. 46).

De acordo com Neufeld e outros (2013), são situações em que essas lembranças nunca aconteceram ou, se aconteceram, foram recuperadas de forma diferente daquela vivenciada. Os autores explicam que:

As FM's podem ser elaboradas pela junção de lembranças verdadeiras e de sugestões vindas de outras pessoas, sendo que durante este processo, a pessoa fica susceptível a esquecer a fonte da informação ou elas se originariam quando se é interrogado de forma evocativa (LOFTUS, 2005 apud ALVES; LOPES, 2007, p. 46.)

As primeiras pesquisas sobre falsas memórias tiveram início em 1890 por Binet, na França, e por Stern, na Alemanha, em 1910. Estes estudos revelaram que as recordações da memória em crianças poderiam ser alteradas a partir de sugestões dos adultos. Quando em condição de recuperação livre, as crianças cometiam poucos erros, mas quando o assunto envolvia sugestões nos comentários, então apresentavam muitos erros (ALVES; LOPES, 2007).

Segundo pesquisadores, ao estudar o fenômeno das falsas memórias, três modelos teóricos foram utilizados para explicar como funcionam os mecanismos responsáveis por elas. Dentre eles, o modelo construtivista e dos esquemas, a teoria do monitoramento da fonte, e a do traço difuso (NEUFELD; BRUST; STEIN, 2010).

De acordo com Neufeld, Brust e Stein (2010), o modelo construtivista compreende a memória como sendo um sistema único que vai se construindo a partir da interpretação que as pessoas fazem de um determinado evento, ou seja, aquilo que elas experimentam e entendem sobre essa experiência. Já na teoria construtivista, uma informação nova é integrada às informações previamente conhecidas pelo indivíduo, sendo passíveis de distorção, podendo sobrevir na memória original, gerando, assim, as FM. A teoria construtivista recebeu diversas críticas quanto à sua formação, de que somente o significado de uma experiência seria armazenado na memória e as informações exclusivas dessas experiências não seriam memorizadas. Essa dupla interpretação se contrapõe com o que a teoria do construtivismo apresenta, ou seja, de que seria um sistema único, com a possibilidade de ser (re)construída e recuperada (NEUFELD; BRUST; STEIN, 2010, p. 29). Já a teoria dos esquemas compartilha com a teoria construtivista os mesmos propósitos fundamentais, porém, caracteriza que a memória é fundamentalmente construída por esquemas mentais. No entanto, essa teoria também recebeu críticas relativas à concepção unitária da memória (NEUFELD; BRUST; STEIN, 2010).

Neufeld, Brust e Stein (2010, p. 30) explicam que “esse caráter construtivo da memória pressupõe que as informações específicas dos eventos não existiram mais,

apenas o entendimento e a interpretação que foi feito delas tendo por base os esquemas mentais”.

Nesse mesmo pensamento, Neufeld, Brust e Stein (2010) destacaram que os resultados de pesquisas mostraram que tanto informações literais quanto as lembranças formadas por interferência foram recuperadas separadamente, contradizendo que a teoria seria um sistema de memória unitário. Outras duas teorias buscaram explicar o fenômeno das falsas memórias. A primeira se aplica ao monitoramento da fonte de informação, que caracteriza as falhas da memória como consequência do julgamento errôneo da fonte lembrada, e a segunda, nomeada de Teoria do Traço Difuso (TTD), enfatiza que a memória não é um sistema unitário, e sim de múltiplos traços, o que caracteriza a independência do armazenamento e recuperação das representações mentais sobre uma mesma experiência, sejam elas literais ou de essência.

A fonte refere-se ao local, pessoa ou situação de onde uma informação é advinda. Segundo a teoria do monitoramento da fonte, distinguir a fonte de uma informação implica processos de monitoramento da realidade vivenciada. Portanto, as FM ocorrem quando cometemos erros no monitoramento ou quando são realizadas atribuições equivocadas de fontes que podem ser resultados da interferência de pensamentos, imagens ou sentimentos que são erroneamente atribuídos a experiência original (NEUFELD; BRUST; STEIN, 2010, p. 30).

Para Johnson e outros (1993 apud ALVES; LOPES, 2007, p. 48.) “a tarefa primeira para alguém relembrar um evento é o monitoramento da fonte, ou seja, de onde veio determinada informação”. Assim, existem três tipos de monitoramento da fonte: o interno-externo da realidade, que consiste na capacidade de discriminação entre memórias de eventos reais externos das do que de fato não foram vivenciados, mas somente imaginados. Essas memórias são reais na medida em que remetem a eventos que estão dentro da coerência de situações possíveis vivenciadas, e falsas quando são provenientes de eventos internos mal identificados. É importante dizer que este monitoramento é melhor e mais eficaz. O segundo tipo é o externo da fonte, que possui características ligadas a detalhes de percepção, com a discriminação entre dois fatores externos (visual e auditivo, voz masculina ou feminina) de onde saiu a informação. O terceiro tipo é o interno da fonte,

caracterizado pela distinção entre fontes produzidas internamente no sujeito, ou seja, o pensar, raciocinar, sonhar e imaginar. São características próprias ligadas a operações cognitivas.

Uma das teorias em busca de uma explicação para o fenômeno das falsas memórias atualmente é a do Traço Difuso (REYNA; BRAINERD, 1995 apud NEUFELD et al., 2008, p. 540), na qual existem dois sistemas que são processados paralelamente. São eles a memória literal e a de essência. A memória de essência é extensa, armazena apenas informações inespecíficas, aquelas que representam o significado da experiência como um todo. Já a memória literal é a codificação dos dados que armazena de forma precisa, registrando detalhes, mas que está sujeita ao esquecimento e à interferência quando comparada à memória de essência. As falsas memórias podem manifestar-se de duas maneiras: espontânea e implantada, ou sugerida. As falsas informações geradas espontaneamente são uma consequência normal do processo de compreensão, resultante de processos mnemônicos endógenos. A falsa memória, originada da sugestão, refere-se a uma informação falsa de eventos, mas que tem alguma coerência com a experiência vivida (NEUFELD et al., 2008).

Welter e Feix (2010, p. 169), baseados em pesquisas, apontam que a vulnerabilidade das crianças pequenas está associada aos efeitos da sugestibilidade em três fatores. Desta forma, crianças pequenas têm dificuldades em se recordar livremente de um evento quando solicitadas sem que haja estímulo ou pista; são condizentes com os adultos e tendem a respeitar e submeter-se a suas vontades, e têm dificuldade em distinguir de onde se originou a fonte de informação.

[...] é possível identificar alguns fatores individuais que têm sido relacionados à sugestibilidade da memória das crianças, tais como a inteligência verbal e as habilidades linguísticas, o autoconceito e a autoconfiança, o temperamento, o tipo de vínculo afetivo estabelecido entre a criança e seus pais e o estilo de *coping* (WELTER; FEIX, 2010, p. 171).

As implantações de FM na SAP são comportamentos resultantes da conduta doentia do genitor alienador, que narra para a criança as más lembranças de atitudes do outro genitor que jamais aconteceram, com o único objetivo de denegrir

a imagem do alienado em relação ao filho, produzindo, assim, uma “lavagem cerebral” (GUAZZELLI, 2010).

Trindade (2009), ao referir-se ao fenômeno das FM na área judicial, comenta que suas denominações são de memórias fabricadas ou forjadas e explica que esses relatos de fatos inverídicos são geralmente recordados sem a intenção de mentir, podendo ser originados por implantação ou sugestão. Diante disso, o autor alerta para a distinção entre as FM e as memórias recobradas, que são aquelas que realmente ficam inacessíveis por algum tempo, mas são recuperadas posteriormente.

Welter e Feix (2010) ilustram que a memória das crianças é confiável, desde que sejam usados métodos adequados naquelas situações em que se deseja ter acesso às recordações sobre determinada situação, pois as memórias das crianças apresentam características que as diferem das dos adultos. Esses aspectos devem ser levados em conta desde em situações habituais do dia a dia até em situações de maior importância, como em depoimentos judiciais.

A presença cada vez mais frequente de crianças nos tribunais, em virtude de casos de denúncias de abusos sexuais, foi um dos fatores que impulsionou a pesquisa científica sobre a memória das crianças nos anos de 1980 e 1990, especialmente nos Estados Unidos e nos países europeus [...]. Buscando responder a questões advindas de outros campos, particularmente do campo jurídico, os pesquisadores têm buscado entender o funcionamento da memória infantil, bem como os tipos de erros de memória aos quais as crianças se mostram particularmente mais suscetíveis, uma vez que a precisão das recordações é uma qualidade indispensável para que um relato seja considerado como uma evidência em contextos forenses (WELTER, 2010, p. 187).

Silva e outros (2010) mencionam que não é por acaso que as FM ganharam destaque no âmbito jurídico e clínico, diante de uma grande demanda pela busca de fatos e verdades na falsa acusação de abuso sexual. A esse fato, os autores citam a pesquisadora Elizabeth Loftus, que se dedicou a estudar testemunhas em casos de julgamentos e de relatos de abuso sexual que surgiam em terapias. Loftus esteve empenhada em examinar com cuidado a verdade ou falsidade dos depoimentos a fim de proporcionar dados relevantes para sustentar uma decisão judicial.

Welter e Feix (2010, p. 180) observam que “do ponto de vista da psicologia, o testemunho de crianças é possível, mas exige das pessoas incumbidas de

entrevistar conhecimento sobre o funcionamento da memória e treinamento técnico especializado em técnicas de entrevista investigativa”. Ressalta-se, assim, que no âmbito forense importa saber o que as crianças recordam sobre determinado evento, mas é imprescindível saber também se essas recordações são confiáveis e se correspondem aos episódios vivenciados por elas, pois diversos fatores podem interferir e serem determinantes na qualidade da memória e de seus relatos (WELTER; FEIX, 2010, p.159).

Frente ao fenômeno das FM, pesquisadores buscaram entender como as fases do desenvolvimento humano são influenciadas pelas falsas memórias em relação às diferenças individuais. As FM em crianças têm demonstrado particularidades em relação às distorções mnemônicas, e é observado que estas ocorrem pelo fato delas confundirem fantasia com realidade (BARBOSA et al., 2010).

Ainda segundo Welter e Feix (2010), a problemática ocorre quando uma sugestão se transforma em FM e, sob o ponto de vista subjetivo e ético, pode levar a criança a acreditar que tal fato ocorreu (violência sexual), gerando um imenso sofrimento psíquico para a criança.

Verificar os efeitos da repetição na qualidade da memória são relevantes uma vez que se sabe, que a repetição da experiência é uma das formas de se adquirir familiaridade com um evento. [...] O grande problema, entretanto tem sido detectar se a familiaridade com o evento, exibida pela criança, teve como fonte a experiência [...] outras fontes de conhecimentos como conversas, programas televisivos, etc. (WELTER, 2010, p.196).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que o fenômeno da SAP, como estudado, vem sendo alvo de crianças e adolescentes dentro do âmbito jurídico em situações que envolvem litígio nas disputas de guarda dos filhos. Além disso, em se tratando das falsas acusações de abuso sexual, pôde-se constatar que é alarmante a quantidade de acusações apresentadas pelos alienadores. As pesquisas sobre FM revelam que a informação implantada ou sugerida pelo alienador afeta o desenvolvimento dos filhos, uma vez que eles acreditam na palavra dos adultos, principalmente nas percepções dos pais, por quem as crianças se sentem protegidas. Tendo em vista essas questões, e

considerando a criança e o adolescente em pleno desenvolvimento, a literatura tem alertado para o cuidado nas interrogações de filhos em situações de litígio na esfera judicial.

A guarda compartilhada tem sido a melhor solução nos casos de disputas da guarda dos filhos e também como prevenção para uma possível tentativa de manipulação e implantação das falsas memórias. Observou-se, no entanto, que o tempo também é um fator determinante para que se implantem essas falsas lembranças, e, sendo ajustada a guarda em conjunto, essa possibilidade diminui consideravelmente. Embora a legislação brasileira não contemple uma responsabilização criminal, a Lei da AP nº 12.318/10 já trouxe muitos avanços no tratamento jurídico dado aos alienadores, com a possibilidade inclusive de alteração da guarda do filho.

Como visto, psicólogos indicam que o comportamento do alienante pode estar relacionado a sintomas pré-existentes mantidos em latência, que se manifestam no ápice dos conflitos conjugais. Em paralelo a esse comportamento apresentado por alguns genitores, esperava-se que no novo DSM-V fosse incluída, no rol dos transtornos mentais, a Síndrome da Alienação Parental. Contudo, nesta quinta edição, o que foi exposto foram apenas novas categorias que remetem ao comportamento do alienante e suas consequências, quais sejam: “abuso psicológico da criança”, “problemas de relacionamento pai-filho” e “criança afetada pelo sofrimento na relação dos pais”.

Diante das circunstâncias, o que se espera é que os profissionais das diversas áreas (jurídica, social e psicológica) estejam engajados e preparados para detectar o quanto antes esses abusos que há muito vêm sendo usados como forma de ataque ao outro genitor, e que, conseqüentemente, atingem os filhos. Sabemos que os processos judiciais são em sua maioria demasiadamente demorados, e, nesse caso, em se tratando de lidar com crianças em formação e de sentimentos que estão em risco, isso pode acarretar um afastamento definitivo que pode ser de difícil reparação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cíntia Marques; LOPES, Ederaldo José. Falsas Memórias: questões teórico-metodológicas. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 45-56, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a05.pdf>> Acessado em: 21 mar. 2014.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **DSM V. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Artmed, 2014.

BARBOSA, M. E. et al. Falsas memórias e diferenças individuais. In: STEIN, Lílian et al., **Falsas memórias: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas**, 2010, p. 133-156.

BRASIL. Lei nº. 12.318, de 26 de agosto de 2010. Dispõe sobre alienação parental e altera o art. 236 da lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Diário Oficial da União**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12318.htm > Acesso em: 21 mar. 2014

BRASIL. Lei nº 13058, de 22 de dezembro de 2014. Altera os arts. 1.583, 1.584, 1.585 e 1.634 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil). **Diário Oficial da União**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/Lei/L13058.htm> Acesso em: 19 Jan.2017

BROCKHAUSEN, Tamara. Falsas alegações de abuso sexual infantil: o contexto do trabalho do psicólogo brasileiro. **Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. ISSN 1413-4063**, v. 20, n. 2, p. 199-219, 2011.

CALÇADA, Andréia; CAVAGGIONI, A.; NERI, L. **Falsas acusações de abuso sexual** - o outro lado da história. ONG APASE. 2001. Disponível em: < <http://www.apase.org.br/93001-andreacalcada.htm> > Acesso em: 30 mar. 2014.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias**. 4. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.

DIAS, Maria Berenice. Síndrome da Alienação Parental: O que é isso? In: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MÃES SEPARADOS (Org.). **Síndrome da Alienação parental e a tirania do guardião: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos**. Porto Alegre: Equilíbrio, 2012, p.11-13.

GRISARD FILHO, Waldyr. **Guarda compartilhada: um novo modelo de responsabilidade parental**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

GUAZZELLI, Mônica. A falsa denúncia de abuso sexual. In: DIAS, Maria Berenice. **Incesto e Alienação Parental: Realidades que a Justiça Insiste em não ver**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2010.

KAY, Barbara. Teaching children to hate the ex. **National Post**, 23 de maio de 2013. Disponível em: <<http://fullcomment.nationalpost.com/2013/05/23/barbara-kay->

teaching-children-to-hate-the-ex/ > acesso em: 24 fev. 2014.

MOCHI, Tatiana de Freitas Giovanini; BANNACH, Rodrigo; CARDIN, Valéria Silva Galdino. Do Abuso Sexual Intrafamiliar: Uma Violação aos Direitos da Personalidade da Criança e do Adolescente. **Revista Jurídica Cesumar-Mestrado**, v. 11, n. 2, p.401-432, 2011.

MOTTA, Maria Antonieta Pisano, A síndrome da Alienação Parental. In: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MÃES SEPARADOS (Org.). **Síndrome da Alienação parental e a tirania do guardião: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos**. Porto Alegre: Equilíbrio, 2012, p.35-62.

NEUFELD, Carmen Beatriz; BRUST, Priscila Goergen.; STEIN, Lilian Milnitsky. O efeito da sugestão de falsa informação para eventos emocionais: quão susceptíveis são nossas memórias. **Psicologia em estudo**, v. 13, n. 3, p. 539-547, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a15.pdf> >. Acesso em: 21 mar. 2014.

NEUFELD Carmen Beatriz; BRUST Priscila Goergen; STEIN Lilian Milnistisk. Compreendendo o fenômeno das Falsas memórias. In: **Falsas memórias: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas**. Artmed, 2010.p.21-41.

NEUFELD, Carmem Beatriz et al. Falsas Memórias e Diferenças Individuais: Um Estudo sobre Fatores de Personalidade e Qualidade da Memória. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 2, p. 319-326, 2013. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n2/12.pdf> >. Acesso em: 21 mar. 2014.

PAULO, Beatrice Marinho. Alienação Parental: Identificação, Tratamento e Prevenção. **Revista Brasileira de Direito das Famílias e Sucessões (IBDFAM)**, n. 19, 2010, p. 05-26. Disponível em:< http://www.rkladvocacia.com/arquivos/artigos/art_srt_arquivo20130422220535.pdf> Acesso em: 21 mar.2014.

PEREIRA, Geni Paulina. Síndrome da Alienação Parental: uma Análise Constitucional. **Conteúdo Jurídico**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,sindrome-da-alienacao-parental-uma-analise-constitucional,36031.html>> acesso em: 21 mar. de 2014.

PERGHER, Giovanni Kuckartz. Falsas Memórias Autobiográficas. In: STEIN, Lílian et al. (Org.) **Falsas memórias: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas**. Artmed, 2010.101-116.

SILVA, André et al. Estratégias de pesquisa no estudo da cognição: o caso das falsas lembranças. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 84-94, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a11.pdf> > Acesso em: 21 mar.2014

SILVA, Evandro Luiz; RESENDE, Mário. SAP: A exclusão de um terceiro. In: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MÃES SEPARADOS (Org.). **Síndrome da Alienação parental e a tirania do guardião: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos**. Porto Alegre: Equilíbrio, 2012, p.26-34.

SILVA, Denise Maria Perissini. Alienação Parental no DSM-5. Junho de 2015. Disponível em: < <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-juridica/alienacao-parental-no-dsm-5> > acesso em: 19 Jan. 2017

SIMÃO, Rosana Barbosa Cipriano. Soluções Judiciais Concretas Contra a Perniciosa Prática da Alienação Parental. In: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MÃES SEPARADOS (Org.). **Síndrome da Alienação parental e a tirania do guardião: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos**. Porto Alegre: Equilíbrio, 2012, p.14-25.

SOUZA, Raquel Pacheco Ribeiro de. A Tirania do Guardião. In: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MÃES SEPARADOS (Org.). **Síndrome da Alienação parental e a tirania do guardião: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos**. Porto Alegre: Equilíbrio, 2012, p.7-10.

TRINDADE, Jorge. **Manual de Psicologia Jurídica para operadores do Direito**. 3 ed. rev.e ampl. Porto Alegre: Livraria do advogado, 2009.

XAXÁ, Igor Nazarovicz. **A Síndrome de Alienação Parental e o Poder Judiciário**. Monografia Curso de Direito. Instituto de Ciências Jurídicas, Universidade Paulista. São Paulo, 2008. Disponível em <https://sites.google.com/site/alienacaoparental/textos-sobre-sap/Disserta%C3%A7%C3%A3o-A_SAP_E_O_PODER_JUDICI.pdf>, acesso em 10 jan. 2014.

WELTER; Carmen Lisbôa Weingärther; FEIX Leonardo da Fonte. Falsas Memórias, sugestionabilidade e testemunho infantil. In: STEIN, Lílian et al. (Org.) **Falsas memórias: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas**. Artmed, 2010. p. 157-185.

WELTER; Carmen Lisbôa Weingärther. Recordação de eventos emocionais repetitivos: Memória, sugestionabilidade e falsas memórias. In: STEIN, Lílian et al. (Org.) **Falsas memórias: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas**. Artmed, 2010. p.186-208.

PSICOLOGIA E DIREITOS HUMANOS NO SISTEMA PRISIONAL FEMININO: UM OLHAR SOBRE A MATERNIDADE ✓

185

Juliana Pereira de Oliveira TOSTES¹
Conrado Pável de OLIVEIRA²

✓ Artigo recebido em 22/04/2019 e aprovado em 10/05/2019.

¹ Graduada em Psicologia. E-mail: <juliana.oliveiratostes@gmail.com>.

² Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência - UFMG. Professor no Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: <conradopavel@cesjf.br>.

**PSICOLOGIA E DIREITOS HUMANOS NO
 SISTEMA PRISIONAL FEMININO:**

UM OLHAR SOBRE A MATERNIDADE

RESUMO

O sistema prisional brasileiro foi construído para a população masculina, conseqüentemente não atende as necessidades específicas femininas, o que aumenta a reprodução das desigualdades de gênero. Nesta perspectiva, compreende-se que a população feminina está mais suscetível a uma série de violações de direitos, que interfere em sua subjetividade e no que diz respeito à sua inclusão social. Assim, é necessário um novo olhar para a realidade das mulheres encarceradas, promovendo cidadania para esta população invisível, especialmente para as mães, gestantes e lactantes, que estão presas, uma vez que o exercício da maternidade é fundamental para o desenvolvimento pleno da criança. A pesquisa a partir das argumentações com base na bibliografia tem como objetivo mostrar como a Psicologia pode promover cidadania e trabalhar para contribuir e assegurar os Direitos Humanos no sistema prisional na questão da maternidade, refletindo sobre as peculiaridades atuais existentes neste contexto. O presente artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso em Psicologia. Trata-se de uma pesquisa executada a partir de levantamento bibliográfico de diversas áreas do conhecimento sobre o tema proposto, no período de abril a novembro de 2017, elaborada com base em materiais já publicados em livros, artigos científicos, cartilhas, leis, decretos, tratados, resoluções e portarias, com análise feita através da Psicologia Sócio-Histórica. Portanto, entende-se que a Psicologia pode ser aplicada na prevenção de violação de direitos e no fortalecimento dos laços sociais, assim como na perspectiva da transformação social, fundamentada nos Direitos Humanos, contribuindo para assegurar os direitos desta população invisibilizada na sociedade.

Palavras-chave: Maternidade. Mulheres. Psicologia. Direitos Humanos. Prisão.

**PSYCHOLOGY AND HUMAN RIGHTS IN
 THE FEMALE PRISON SYSTEM:**

A GLANCE ABOUT MATERNITY

ABSTRACT

The Brazilian prison system was built for the male population, consequently it does not attend the female necessities, which increases the gender inequality. Among this aspects, it compreses the female population that is more susceptible to rights violations, which interfer in their subjectivity and which is regard to their reintegration into the society. For this reason it's necessary a new way of approach reality of imprisoned women, promoting citizenship for this invisible population, especially for mother, pregnant and breast feeding women, that are in jail, is fundamental for child development. The research based on the arguments based on the bibliography aims to show how Psychology can promotes citizenship and ensures human right inside the prison system, on the peculiarities on that context. This article is the result of the monograph, it is a research based on a bibliographical survey of several areas of knowledge about the proposed theme, with no period from april to november 2017, based on materials already published in books, scientific articles, booklets, colleges, decrees, treaties, resolutions and ordinances, with analysis made through Socio-Historical Psychology. In this way understand that psychology, can be applied in prevention of Human Rights well as in perspective in Human Rights, contributing to the insure the right of this invisible population with in society.

Keywords: Maternity. Women, Psychology. Human Right. Prison.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a invisibilidade das mulheres encarceradas está relacionada às graves circunstâncias de vulnerabilidade e violação de direitos que são observadas de diversas maneiras, contribuindo para a reprodução de desigualdade e insegurança. As mulheres condenadas pela justiça no Brasil cumprem suas penas de privação de liberdade em instituições inapropriadas, uma vez que foram planejadas pelos e para os homens, não atendendo as necessidades específicas da população feminina (ESPINOZA, 2002; ANGOTTI, 2012).

Neste contexto, refletir sobre os Direitos Humanos e pensar na atuação do profissional psicólogo neste âmbito é indispensável para a garantia dos direitos desta população estigmatizada e marginalizada: a população prisional feminina, especificamente as mães, lactantes e gestantes. Desse modo, torna-se uma necessidade para a Psicologia rever suas práticas e intervenções a partir da crescente demanda social e política nestas circunstâncias, promovendo cidadania e direitos, embasada nos princípios que norteiam a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e no compromisso social da Psicologia enquanto ciência e profissão (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012).

O presente artigo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso, que teve como finalidade compreender como o sistema penitenciário pode influenciar na construção das subjetividades das mulheres mães, lactantes e grávidas. Refletindo sobre as peculiaridades do atual sistema prisional feminino brasileiro e na influência do cárcere na violação de direitos, ressaltando como a Psicologia fundamentada nos Direitos Humanos pode contribuir para assegurar os direitos desta população invisível socialmente.

Dessa forma, o trabalho em questão se configurou em uma pesquisa executada a partir de levantamento bibliográfico de diversas áreas de conhecimento, no período de abril a novembro de 2017, elaborada com base em materiais já publicados em livros, artigos científicos, cartilhas, leis, decretos, tratados e portarias ligados a temática proposta. A análise foi realizada na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica com o objetivo de propiciar maior

compreensão e conhecimento a respeito da temática da maternidade no sistema penitenciário.

2 O LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE E O SURGIMENTO DO SISTEMA PRISIONAL FEMININO NO BRASIL

Desde o período colonial, de acordo com os padrões sociais vigentes, a mulher deveria se resguardar em casa, dedicando cuidado aos filhos e marido, se ocupando com os afazeres domésticos, enquanto os homens assegurava o sustento da família com seu trabalho no espaço da rua (FONSECA, 2004). A maternidade começa a ser construída com uma imagem de missão natural e divina, um dom que deveria ser exercido por todas as mulheres, especialmente após o matrimônio. Era uma maneira de manter as mulheres em ambientes domésticos, contribuindo para a perpetuação das normas estabelecidas socialmente, distanciando o ambiente público do privado pois, apenas os homens deveriam exercer seus papéis profissionais fora de casa (BESSE, 1999; RAGO, 1997 apud ANGOTTI, 2012).

Segundo Angotti (2012), o papel da mulher foi elaborado dentro de uma lógica de cuidado, com funções e características específicas como: bondosa, generosa, piedosa, dentre outras. A mulher que não correspondia a estas normas, desviava todas as expectativas que foram produzidas frente o molde imposto socialmente, com isso ela era marginalizada, assim como aquelas que não se encaixavam no padrão exigido.

Tais concepções impostas pelo âmbito social justificam e estabelecem o modelo de encarceramento feminino, e as maneiras em que as punições foram estabelecidas historicamente. Portanto, para melhor compreensão a respeito de como as prisões femininas foram construídas no Brasil, é importante mencionar o lugar em que a mulher brasileira ocupou e ainda ocupa na sociedade.

2.1 BREVE HISTÓRICO DO SISTEMA PRISIONAL FEMININO NO BRASIL

No período colonial consolidaram-se instituições, valores, representações e simbolismo que nos tempos atuais direcionam muitas lógicas e pensamentos

naturalizados, que dão sentido às organizações e instituições como: familiares, sociais, políticas, jurídicas, econômicas e penais (NEDER, 1994 apud BRAUNSTEIN, 2007). O discurso moral religioso estava presente nas narrativas dos estudos a respeito do encarceramento feminino, em que as suas práticas criminosas eram relacionadas com a bruxaria e prostituição, comportamentos não aceitos perante à sociedade, uma vez que estavam fora dos padrões estabelecidos para o gênero feminino (BRAUNSTEIN, 2007).

Braunstein (2007) salienta que no período colonial, o Livro V das Ordenações Filipinas basicamente regia as normas de punibilidade no Brasil, embasada na moral religiosa Católica Apostólica Romana, com o objetivo de manter o controle e ordem social. Sendo assim, a prisão não possuía como finalidade principal a punição, mas era utilizada como uma forma de ameaça, como um instrumento para disciplinar e manter o controle da sociedade a partir da administração da Igreja (SALLA, 1997). Em 1830 é promulgado o Código Penal do Império, as Ordenações Filipinas foram extintas, contudo, não ocorreram mudanças significativas nos mecanismos de autoridade e dominação sobre o gênero feminino (BRAUNSTEIN, 2007).

O papel social do encarceramento estava refletido nas prisões, voltadas para vigilância dos corpos, controle, identificação dos indivíduos e enquadramento de seus comportamentos, ou seja, foram criadas para disciplinar (FOUCAULT, 2012). No início da década de 30, com o Código Penal do Império surgiram novos estabelecimentos para o cumprimento do conjunto das novas penas, com isso em 1850 entraram em funcionamento as Casas de Correção do Rio de Janeiro e em 1852 na cidade de São Paulo (SALLA, 1997).

As Casas de Correção foram criadas com a finalidade de romper com o padrão de prisão que existia, foram concebidas para o cumprimento das penas vigentes, com a privação de liberdade dos indivíduos em celas. Assim, voltadas para reeducá-los e regenerá-los para o retorno à sociedade e também reaproxima-los de Deus, uma vez que eram coordenadas pela Igreja Católica (SALLA, 197).

Assim, Michel Foucault (1979), afirma que a prisão, no que lhe concerne, fora projetada como instrumento para normatizar e aperfeiçoar o comportamento do ser humano, assim como a escola, as fábricas, etc. A mecânica do poder encontra o nível dos indivíduos, atingindo seus corpos e se inserindo na vida cotidiana da

população através de atitudes, gestos, discursos e aprendizagem. À vista disso, a punição encarada pelas mulheres encarceradas tinha um caráter disciplinador, pensado pela Igreja Católica, lhe eram atribuídas a reflexão e a disciplina em questões relacionadas ao pudor, a maternidade, a benevolência, a submissão e ao matrimônio (BRAUNSTEIN, 2007).

Dessa forma, o exercício da autoridade, era inserido no contexto social através de normas e regras que atingem a sociedade, limitando suas atitudes, gestos e desejos, visto que o poder normatizador está introduzido na vida cotidiana da população (FOUCAULT, 1979).

De acordo com Salla (1997), a partir da promulgação do Código Criminal Brasileiro de 1940 iniciou uma discussão sobre o tratamento das mulheres encarceradas, pensando em políticas públicas que alcançasse este público. Sendo assim, nos últimos anos da década de 30 e no início da década de 40 foram criadas as instituições penitenciárias femininas no Brasil (ANGOTTI, 2012). Em 1937 na cidade de Porto Alegre, foi elaborado o Reformatório de Mulheres Criminosas, que depois foi intitulado Instituto Feminino de Readaptação Social. Em 1941 foram criados o Presídio de Mulheres em São Paulo e o Instituto do Rio Grande do Sul. Em 1942 no Rio de Janeiro, foi criado a Penitenciária de Mulheres do Distrito Federal, ainda sobre administração da Igreja (ANGOTTI, 2012).

Angotti (2012) destaca em sua pesquisa que, as mulheres grávidas ou lactantes em privação de liberdade necessitavam da atenção da administração da instituição. Para o Estado, a maternidade era uma questão a ser defendida, por se tratar de um assunto relacionado à família, sendo esta considerada como uma célula social essencial. Portanto, aqueles que defendiam a proteção da maternidade das detentas, argumentavam que esta fase poderia salvar as mulheres criminosas pois, manifestariam os sentimentos puros, de benevolência e generosidade, tidos como naturais para o gênero feminino (ANGOTTI, 2012).

Para a mulher lhe é atribuído o papel de submissão, conseqüentemente estas sofrem com a criminalização e vitimização que surgem em forma de vigilância (SPÍNDOLA, 2016). Desse modo, veremos na próxima seção como as violações de direitos atingem não só as mulheres encarceradas, mas também suas

famílias, atraindo graves consequências para o desenvolvimento psicossocial de todos envolvidos neste contexto.

3 AS CONDIÇÕES DAS MULHERES ENCARCERADAS NO TOCANTE À MATERNIDADE

Segundo Buglione (2002), ao adentrar-se na dinâmica da criminalidade a mulher é julgada como uma dupla transgressora, primeiro por inserir-se em um ambiente que é visto como totalmente masculino, e segundo pelo crime que cometeu, rompendo com o papel social a elas atribuído. Assim, a maneira como a mulher encara a questão do encarceramento, interfere diretamente em sua condição de gênero feminino, posto que, o estigma, a discriminação e o preconceito, tende a surgir como uma dupla condenação pois, além de transgredir a lei da ordem social se tornando uma criminosa, também infringe o seu papel na ordem familiar: de mãe, esposa e dona-de-casa.

Neste contexto, a prisão pode ser compreendida como uma construção social, que reproduz as perspectivas tradicionais dos papéis femininos e masculinos exercidos na sociedade (ESPINOZA, 2002). No entanto, a mulher que está em privação de liberdade é estigmatizada, devido o não cumprimento de seu papel estabelecido socialmente.

Braunstein (2007), pontua que o termo mulher encarcerada está associado a uma representação individual, que remete a esta população diversos estereótipos. Se trata de um fenômeno que está intrinsecamente relacionado com o contexto sócio-histórico e cultural vinculados a atos de violência

Freitas (2012) pontua que, as penas privativas de liberdade possuem um prazo determinado, de acordo com o ato infracional cometido. Portanto, se faz necessário o cumprimento da mesma de forma digna e com a finalidade de ressocializar o indivíduo para retornar ao convívio em sociedade.

Assim, atualmente o reconhecimento dos direitos humanos e os direitos fundamentais para a vivência saudável e respeitosa do indivíduo em sociedade, contribuiu para a elaboração de documentos e tratados nacionais e internacionais, com a finalidade de garantir e proteger a população, no que se refere a dignidade

humana. Destacando a importância dos valores sociais, políticos e singulares do indivíduo que vive em privação de liberdade, conseqüentemente, sofrem uma série de limitações (SPÍNDOLA, 2016).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 aponta que, todos são iguais perante a lei, e que todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação, e que nenhum indivíduo será sujeito a intervenções em sua vida privada, em sua família e nem no que diz respeito a sua reputação e honra (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1998). São direitos que abrangem toda a população, inclusive as pessoas em privação de liberdade, contudo, estas pessoas são marginalizadas, discriminadas e não se reconhecem como indivíduos que têm direitos e que devem ser respeitadas como cidadãs.

No tocante a maternidade é importante ressaltar que existem leis, portarias, decretos e tratados específicos que garante as mulheres mães, lactantes e gestantes os seus direitos enquanto cidadãs. Neste contexto, um conjunto de marcos legais, tais como as Regras de Bangkok aprovadas no ano 2010 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, a Lei de Execução Penal, que assegura às mães presas e aos recém-nascidos condições mínimas de assistência e a Lei da Primeira Infância, asseveram que as penitenciárias devem proporcionar instalações adequadas para o tratamento das mulheres grávidas, com filhos e lactantes. Estas devem ser acomodadas em ambientes salubres, de acordo com as normas sanitárias vigentes para o cuidado da criança de maneira integral, não interferindo negativamente em seu desenvolvimento. Deve ser respeitado o período de amamentação como uma fase importante para o fortalecimento do vínculo materno, como prioridade na relação entre mãe e filho em todas as circunstâncias (BRASIL, 2016b; BRASIL, 2009b; BRASIL, 2016a).

No entanto, a realidade do sistema prisional brasileiro é bem diferente. Mães são separadas de seus filhos devido à escassez de locais adequados que favoreçam o cuidado e o vínculo nos primeiros meses de vida da criança, locais insalubres, superlotação, alimentação inadequada, saúde precária, dentre outros problemas que agravam a questão do encarceramento brasileiro.

No que tange a interação entre mãe e filho, está deve ser propiciada nos estabelecimentos penais, conforme a Resolução nº 04 do Conselho Nacional de

Política Criminal e Penitenciária, estabelecendo que a mãe permaneça com o seu filho até completar um ano e seis meses de vida, uma vez que este período é essencial para o desenvolvimento da criança (BRASIL, 2009a). Vale ressaltar que, a mãe que comete crime é banalizada e estigmatizada socialmente, no entanto na maioria das vezes são as provedoras de seus lares, responsáveis pela educação e sustento dos filhos.

Nesta perspectiva, as instituições deverão possibilitar oportunidades reais para manter o contato entre mãe e filho, quando este for separado e entregue ao responsável, visando o melhor interesse da criança, sem prejudicar a questão da segurança de ambos (BRASIL, 2016b).

O processo de separação entre mãe e filho nas unidades prisionais deve ser feito gradualmente, podendo perdurar por até seis meses, sendo necessário elaboração de estágios, de acordo com o quadro psicossocial da família. Ainda nesta perspectiva, o lugar para onde a criança será abrigada é de livre decisão dos pais, contudo os profissionais de Serviço Social e Psicologia devem ficar de prontidão para auxiliar na melhor escolha que atenda a demanda da criança, conforme as possibilidades de família ampliada, substituta ou abrigo (BRASIL, 2009a).

É importante ressaltar o papel dos pais e cuidadores na vida da criança pois, o foco da atenção às mães encarceradas são seus filhos. Desse modo, as instalações apropriadas para estas mulheres deveram ser próximas ao seu ambiente familiar, levando em consideração os serviços e programas apropriados disponíveis para atendê-las, visando o fortalecimento de laços sociais e familiares (BRASIL, 2016b).

À vista disso, cabe destacar que a privação de liberdade além de penalizar a mulher, também atinge sua família visto que, os filhos nascidos no cárcere são inseridos no sistema penal. Consequentemente, são submetidos aos julgamentos, vivenciando o cumprimento da pena junto com sua mãe, assim, como aqueles que são afastados do convívio materno, rompendo com este vínculo fundamental no desenvolvimento humano (SPÍNDOLA, 2016).

Dessa forma, é necessário conhecer o processo de constituição dos Direitos Humanos, para pensar em alternativas e mudanças que garantam esses direitos e

contribua na crítica ao modelo moral de comportamento feminino ideal, que afetam de maneira direta e indiretamente as vidas das mulheres apenadas (BUGLIONE, 2002). Sendo assim, Bicalho (et al., 2009) aponta para a necessidade de humanização, para adequar melhores condições de vida com o objetivo de promover a cidadania e ressignificar a diferença vista como negativa, que pode possibilitar novas formas de vivenciar as experiências e as relações que estão sempre em transformações.

Nesta perspectiva, o Conselho Federal de Psicologia (2013) pondera que, para que ocorra um atendimento psicossocial eficaz à mulher grávida em situação de violência e vulnerabilidade, é de grande importância que a atuação do psicólogo esteja voltada para a compreensão do contexto em que esta violência acontece e seu significado para o sujeito que está envolvido nesta situação.

4 PSICOLOGIA, DIREITOS HUMANOS E PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: PONTOS SOBRE A SUBJETIVIDADE DAS MÃES ENCARCERADAS

A Psicologia Sócio-Histórica compreende que as relações sociais implicam no desenvolvimento do ser humano, no seu modo de viver, em sua história e constituição enquanto sujeito, que transforma sua natureza no meio social a partir de sua existência. O ser humano é um ser histórico, que produz bens materiais e espirituais, isto é, objetos e ideias que podem ser entendidas como suas crenças, valores, e sabedoria adquiridas de diversas maneiras (GONÇALVES, 2007).

Portanto, a subjetividade pode ser entendida como uma experiência humana, que através do seu significado mostra a relação entre o objeto e a construção de ideias no movimento histórico do homem e da mulher. Esta por sua vez, é uma construção a partir das mediações sociais, ou seja, o sujeito é compreendido através de suas relações sociais e produções históricas que o constituem em sua interação com a realidade objetiva (GONÇALVES, 2007).

Jacques (2013) pondera que, a identidade do sujeito é constituída a partir do meio histórico e social em que este está inserido. Ela se configura através da construção social e pessoal, propiciando a constituição de sua história de maneira ativa.

Portanto, é de grande importância compreender o processo de constituição do sujeito enquanto ser social e histórico, que se constitui a partir do meio em que está inserido, construindo novas identidades através da experiência no decorrer de sua história. Diante disso, o exercício da Psicologia fundamentada no compromisso social de promover cidadania e dignidade, em especial para as mães, lactantes e gestantes que estão em privação de liberdade, é relevante para contribuir na garantia dos Direitos Humanos desta população invisível socialmente.

Minzon; Danner; Barreto (2010) acreditam que, a mulher inserida no contexto prisional, passa a internalizar uma nova identidade, que pode ser identificada em seu papel de presidiária, que marcará sua vida não apenas no contexto prisional, mas também para além dos muros da prisão, na vida em liberdade. Consequentemente, acarretando mudanças em sua identidade, em sua subjetividade e na maneira de enxergar a realidade conforme as suas individualidades, devido a introjeção do seu novo modo de viver. A partir dessa lógica, as mulheres encarceradas vivem isoladas, invisíveis e vulneráveis, com suas identidades deterioradas e estigmatizadas por não se enquadrarem no padrão aceitável pela sociedade.

Assim, a atuação do psicólogo no contexto prisional precisa ser direcionada para a compreensão do sujeito de modo integral, buscando possibilitar o bem-estar psicossocial, dando – lhe voz para entender a sua trajetória de vida como cidadãos com direitos a ter direitos (MINZON; DANNER; BARRETO, 2010). O profissional inserido neste contexto deve abster-se de julgamentos e preconceitos, promovendo conscientização, inclusão e visibilidade social as mulheres encarceradas, em específico no âmbito da maternidade.

Nesta perspectiva, o CFP (2013) aponta que a violência experienciada pelas mulheres afeta diversas áreas de sua vida, trazendo consequências para sua saúde física, psicológica e emocional. Os sofrimentos psíquicos especificamente, podem ser identificados através do uso abusivo de álcool e outras drogas, traumas, levando em consideração que toda a família, em especial os filhos, também são afetados com esta vivência em que a mulher é submetida.

À vista disso, é de grande importância que as reflexões, as críticas, as práticas, os questionamentos dos psicólogos estejam voltados para traçar novas rotas, de acordo com o compromisso social de respeito aos direitos humanos e fundamentos éticos que norteiam a Psicologia Brasileira (CFP, 2012). A Psicologia como ciência e profissão, pode ser aplicada na promoção de cidadania, dos direitos humanos, sociais, políticos e civis, na prevenção de violação de direitos e no fortalecimento dos laços sociais, assim, como na perspectiva da transformação social (BICALHO et al., 2009).

O Conselho Federal de Psicologia (2012) no que diz respeito a atuação do psicólogo no sistema prisional, aponta a necessidade de investir no atendimento voltado para a saúde de maneira integral, possibilitando recursos que promova a consolidação dos laços sociais, respeitando a singularidade de cada indivíduo. A participação dos profissionais psicólogos no sistema penal é de grande importância para afirmação das práticas não excludentes, visando a constituição de autonomia e promoção da cidadania (BICALHO et al., 2009).

As estratégias de atuação do profissional da Psicologia, devem ser pensadas para possibilitar a fala livre e a escuta sem julgamento, a fim de promover o acolhimento, a atenção e o cuidado para esta população segregada. Além de propiciar a visibilidade para aquelas que não são consideradas importantes para a sociedade, uma vez que o meio social tende a rotular e excluir as pessoas que já passaram pelo sistema penal (SILVA, 2010).

Assim, o CFP (2012) aponta que é essencial a participação do psicólogo para formação de laço social, articulando com uma rede intersetorial formada por uma equipe multiprofissional, que promovam uma atenção psicossocial voltado para a reinserção social através de acesso a outros serviços. Dessa maneira, é possível executar de maneira efetiva a ressocialização, a partir de uma atenção integral que possa colaborar para a garantia da sua prática fundamentada nos princípios que regem a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Para que ocorram as mudanças necessárias nas intervenções e práticas dos profissionais psicólogos, é imprescindível a compreensão de que as

prisões reproduzem um padrão de exclusão, disciplina, controle, estigma, preconceito, discriminação e de criminalização que se estende para a sociedade, e interfere na maneira como o sujeito vai encarar as regras sociais e as transgressões das leis (BOCK, 2007). Assim, Bock (2007) aponta a necessidade de entender que, o encarceramento e a segregação não são soluções para a criminalidade e a violência, mas sim fatores que contribuem para o aumento destas situações. Dessa forma, é importante a atuação visando a liberdade das pessoas encarceradas, pensando além da institucionalização, propiciando a descontinuidade do discurso de preconceito e discriminação destas mulheres mães, lactantes e grávidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento do encarceramento feminino exige uma reflexão específica, especialmente quando se trata da temática da maternidade. A mulher mãe, lactante e gestante inserida neste contexto recebe um olhar diferenciado devido a incompatibilidade e papéis sociais exercidos: a maternidade e o crime.

Dessa forma, a partir da pesquisa realizada conclui-se que o sistema penitenciário não atende de maneira adequada as necessidades das mãe e filhos que residem nos presídios, assim, não promove o fortalecimento do vínculo, conseqüentemente não favorecendo a ressocialização de maneira assertiva. Posto isto, compreender a mulher mãe institucionalizada, as influências do encarceramento em suas vidas e de suas famílias, até mesmo quando egressas do sistema penal, requer um olhar crítico sobre o aprisionamento e suas conseqüências na subjetividade, identidade e na história de vida deste sujeito e de toda sociedade.

Dentro desta perspectiva, o exercício profissional do psicólogo, deve estar fundamentado no compromisso social de promover direitos, favorecendo a criação e fortalecimento de laços sociais na vida do sujeito, inclusive após sua saída do sistema prisional, possibilitando que o mesmo possa ser reinserido na sociedade consciente dos seus deveres e direitos para efetivação da ressocialização.

À vista disso, Gonçalves (2010) destaca que as ferramentas que devem ser utilizadas pelos profissionais psicólogos são: a compreensão da subjetividade que permeiam as atividades dos indivíduos, na forma de experienciar diversas circunstâncias em sua vida vinculada ao meio social e o entendimento que o ser humano é um ser histórico, e esta historicidade está presente em toda sua trajetória de vida.

O posicionamento do psicólogo precisa estar vinculado à compreensão sobre a produção de políticas que devam atender ao ser humano de maneira integral. (GONÇALVES, 2010). Portanto, todas as pessoas têm direitos de serem assistidas pelas políticas, e o psicólogo pode contribuir em diversos processos para alcançar esse objetivo, como: trabalhar para favorecer a democratização para políticas que atendam a todos e promovam os direitos, colaborar para garantia de direitos de forma universal, tornar a sociedade protagonista na produção de políticas, promovendo transformações através de intervenções associadas a nossa principal ferramenta, a subjetividade, dentro do contexto histórico-social disponibilizando a Psicologia para mudanças reais em direção ao outro e à sociedade.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Bruna. **Entre as leis da ciência, do estado e de Deus: o surgimento dos presídios femininos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: IBCCRIM, 2012.

BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. et al. Formação em psicologia, direitos humanos e compromisso social: a produção micropolítica de novos sentidos. **Boletim Interfaces da Psicologia da UFRRJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 20-35, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrrj.br/seminariopsi/2009/boletim2009-2/bicalho.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Apresentação. In: BRASIL. **Diretrizes para atuação e formação dos psicólogos do sistema prisional brasileiro**. Brasília, 2007. p. 11-12. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/depen_cartilha.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. Resolução nº - 04, de 15 de julho de 2009. **D.O.U**, Brasília, DF, 16 jul. 2009a. Seção 1, p. 34-35. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/politicas->

2/mulheres-1/anexos-projeto-mulheres/resolucao-no-04-de-15-de-julho-de-2009.pdf/view >. Acesso em: 23 set. 2017.

_____. Lei nº 11.942, de 28 de maio de 2009. Dá nova redação aos arts. 14, 83 e 89 da Lei no 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, para assegurar às mães presas e aos recém-nascidos condições mínimas de assistência. **D.O.U.**, Brasília, DF, 28 maio 2009b. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11942.htm >. Acesso em: 29 ago. 2017.

_____. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei no 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, a Lei no 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei no 12.662, de 5 de junho de 2012. **D.O.U.**, Brasília, DF, 8 mar. 2016a. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm >. Acesso em: 15 set. 2017.

_____. Regras das Nações Unidas para o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras - **Regras de Bangkok**. Brasília, 2016b. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2016/03/a858777191da58180724ad5caafa6086.pdf> >. Acesso em: 06 abr. 2017.

BRAUNSTEIN, Hélio Roberto. **Mulher encarcerada**: trajetória entre a indignação e o sofrimento por atos de humilhação e violência. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação na Área Temática Estado, Sociedade e Educação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19042007-163930/pt-br.php>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

BUGLIONE, Samantha. O dividir da Execução Penal: olhando mulheres, olhando diferenças. In: CARVALHO, Salo de (Org.). **Crítica à Execução Penal – Doutrina, Jurisprudência e Projetos Legislativos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2002, p. 123–144.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação das (os) psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência**. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: < <http://crepop.pol.org.br/wp-content/uploads/2013/05/2013-05-02b-MULHER.pdf> >. Acesso em: 18 abr. 2017.

_____. **Referências técnicas para atuação das (os) psicólogas (os) no Sistema Prisional**. Brasília: CFP, 2012. Disponível em: < http://crepop.pol.org.br/wp-content/uploads/2012/11/AF_Sistema_Prisional-1.pdf >. Acesso em: 21 abr. 2017.

ESPINOZA, Olga. A Prisão feminina desde um olhar da criminologia feminista. **Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 35-59,

jan.-dez., 2002. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/98749865/A-Prisao-Feminina-Desde-Um-Olhar-Criminologia-Feminista> >. Acesso em: 13 abr. 2017.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 510-553.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, o llegalismo e a Arte de Punir. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Segurança, penalidade, prisão/ Michel Foucault**. Tradução por Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2012, p. 53–56.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, Cláudia Regina Miranda De. O cárcere feminino: do surgimento às recentes modificações introduzidas pela lei de execução penal. **Revista da Faculdade de Direito Padre Arnaldo Janssen**, Belo Horizonte, v. 4, n. 4, p. 125-145, jan.-dez., 2012. Disponível em: <<http://revistaarnaldo.costatecs.com.br/index.php/faculdadedireitoarnaldo/article/view/44/40>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 37-52.

_____. **Psicologia, subjetividade e políticas públicas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

JACQUES, Maria da Graça. Identidade. In: STREY, Marlene Neves et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Brasília, 1998. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf> >. Acesso em: 14 set. 2017. Não paginado.

MINZON, Camila Valéria; DANNER, Glaucia Karina; BARRETO, Danielle Jardim. Sistema prisional: conhecendo as vivências da mulher inserida neste contexto. **Akrópolis**, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 71-81, jan.-mar., 2010. Disponível em: < <http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/3118> >. Acesso em: 13 abr. 2017.

SALLA, Fernando Afonso. **O encarceramento em São Paulo: das enxovias à Penitenciária do Estado**. 1997. 292 f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Universidade

de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: < https://massacrearandiru.s3-sa-east-1.amazonaws.com/upload/NpwRqrv9tdhjQ2SwA__tese-de-doutoramento-fernando-salla.pdf#viewer.action=download >. Acesso em: 31 ago. 2017.

SILVA, Ana Carla Souza Silveira da. Painel – Cenários e desafios da práxis psicológica no sistema prisional: ética e compromisso social. In: Conselho Federal de Psicologia. **Atuação do psicólogo no sistema prisional**. Brasília: CFP, 2010, p. 45-53. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2010/09/Atuacao_dos_Psicologos_no_Sistema_Prisional.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

SPÍNDOLA, Luciana Soares. **A mulher encarcerada no sistema penal brasileiro: a busca de soluções para as especificidades do gênero feminino no tocante à maternidade**. 2016. 29 f. Artigo (Especialização em Direito Penal e Processo Penal)- Instituto Brasiliense de Direito Público, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://dspace.idp.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2274>>. Acesso em: 12 set. 2017.

OS ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA MULHER: DA GRAVIDEZ AO PUERPÉRIO ✓

202

Adriana Sperandio Ventura Pereira de CASTRO¹

Isabela de Lima GERMANO²

Thais Helena FERREIRA³

✓ Artigo recebido em 22/04/2019 e aprovado em 10/05/2019.

¹ Mestre em Educação, Mestre em Letras, Graduada em psicologia (Bacharel e Licenciatura) e Serviço Social. Docente do curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: <adrianaventura@cesjf.br>.

² Graduanda em Psicologia. E-mail: <belagermano@live.com>.

³ Graduanda em Psicologia. E-mail <thais.helenaf@hotmail.com>.

**OS ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA
MULHER:**

DA GRAVIDEZ AO PUERPÉRIO

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estudar os principais aspectos psicológicos da gravidez e do puerpério. A gravidez é um período de complexidade e riqueza de sentidos que só podem ser interpretados dentro do contexto da história particular de cada gestante. Assim, cada gestação tem uma história e cada mulher experimenta esse período de uma maneira singular. A maneira como a maternidade é vista e idealizada pela sociedade, as transformações culturais no papel da mulher, o mito do amor materno e a vivência da gravidez e do parto, influenciam diretamente no desenvolvimento dos distúrbios do puerpério. A mulher, nesse período, está exposta a maiores riscos de surgimento de transtornos mentais em comparação a outras fases da vida, porque na fase puerperal as defesas tanto físicas quanto psicossociais da mãe estão direcionadas à proteção e vulnerabilidade do bebê. Os transtornos puerperais abordados nesse trabalho são a tristeza materna ou *baby blues*, a depressão pós-parto e a psicose puerperal. Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, realizada através do levantamento de dados bibliográficos através da leitura de livros e artigos científicos sobre o tema, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre os aspectos psicológicos da mulher durante e após o período gestacional. Foi possível verificar que a gravidez e o puerpério são períodos em que a mulher está sujeita a várias alterações físico/hormonais e psicossociais. Pôde-se observar um número maior de estudos sobre a Depressão Pós-parto e uma escassez de pesquisas sobre a Síndrome da Tristeza Materna, sendo esta ainda confundida com a Depressão Pós-parto.

Palavras-chave: Gravidez. Puerpério. Transtornos puerperais.

**THE PSYCHOLOGICAL ASPECTS IN
WOMEN:**

FROM PREGNANCY TO PUERPÉRIO

ABSTRACT

The purpose of this article is to study the main psychological aspects of pregnancy and puerperium. Pregnancy is a period of complexity and abundance of meaning that only can be interpreted within the context of the particular history of each pregnant woman. Thus, each gestation has a history and every woman experiences this period in a unique way. The way motherhood is seen and idealized by society, cultural transformations in the role of women, the myth of maternal love and the experience of pregnancy and childbirth, directly influence the development of puerperal disorders. Women in this period are exposed to a greater risk of developing mental disorders compared to other phases of life, because in the puerperal phase both the physical and psychosocial defenses of the mother are aimed to the protection and vulnerability of the baby. The puerperal disorders addressed in this study are "maternal sadness" or "baby blues", postpartum depression and puerperal psychosis. This work consists of a qualitative research, carried out through the collection of bibliographical data through the reading of books and scientific articles about the subject, in order to deepen the knowledge about the psychological aspects of the woman during and after the gestational period. It was possible to verify that the pregnancy and the puerperium are periods in which the woman is subject to several physical/hormonal and psychosocial changes. A larger number of studies on Postpartum Depression and a shortage of research on Maternal Sadness Syndrome were found, and this was still confused with Postpartum Depression.

Keywords: Pregnancy. Puerperium. Puerperal disorders.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez e o parto representam momentos marcantes para a mulher, já que são períodos de grandes modificações físicas, hormonais e psíquicas, que podem refletir diretamente na saúde mental. Dessa forma, a gestação e o puerpério podem ser considerados momentos na vida da mulher que precisam ser avaliados com especial atenção, uma vez que o nascimento de um bebê (principalmente do primeiro filho) é um evento favorável ao surgimento de problemas emocionais, especialmente na mãe. As transformações culturais no papel da mulher, o mito do amor materno e o desenvolvimento da gravidez e do parto, podem ser entendidos como possíveis etiologias para os distúrbios puerperais, conforme será visto a seguir.

Os transtornos emocionais do pós-parto que serão discutidos no presente estudo são a tristeza materna (*baby blues*), a depressão pós-parto e a psicose puerperal. A metodologia utilizada será uma revisão bibliográfica realizada através da leitura de artigos científicos e livros sobre os temas.

2 GRAVIDEZ

Na vida da mulher, do casal e da família, a gravidez consiste em um período de complexidade e riqueza de sentidos que só podem ser interpretados dentro do contexto da história particular de cada gestante. Dessa forma, cada gestação tem uma história e cada mulher experimenta esse período de uma maneira singular. O momento de poder dar a vida e senti-la evoluir, é extremamente privilegiado pela sociedade. No entanto, esse período é repleto de sentidos variados e contraditórios que teceram a história familiar até o nascimento do bebê (SZEJER; STEWART, 2002).

Atualmente, a Psicologia do Desenvolvimento tem concebido o desenvolvimento psicológico como um processo contínuo que se prolonga por muito tempo depois da adolescência, marcado por vários períodos de crise, que são verdadeiros pontos decisivos no crescimento emocional e que podem determinar o estado de saúde ou doença mental. Ou seja, a pessoa nunca deixa de evoluir

psicologicamente e existe sempre a possibilidade de reestruturação, transformação e reintegração da personalidade (MALDONADO, 1976).

A gestação é um período complexo, onde inúmeras modificações ocorrem na vida da mulher. Esta experiência é repleta de diversos sentimentos intensos e ambivalentes que podem dar vazão a conteúdos inconscientes na mãe. (RAPHAEL-LEFF, 1997). Esse período reflete toda a vida da mulher anterior à concepção, suas experiências com os próprios pais, sua vivência do Complexo de Édipo, as forças que a levaram a se adequar com maior ou menor sucesso a essa circunstância e, finalmente, a se separar de seus pais. Tudo isso influencia sua adaptação ao novo papel. As mães têm, durante a gravidez, a oportunidade de elaborarem antigos conflitos de separação, promovendo uma nova etapa em seu processo de individuação das relações simbióticas originais. Dessa forma, a gestação não é só um período de ensaios e expectativas, mas é também uma fase em que antigos relacionamentos podem ser mentalmente reelaborados, podendo ser entendida como um processo de constante confronto entre a satisfação de desejos e o reconhecimento da realidade (BRAZELTON; CRAMER, 2002).

Dessa forma, de acordo com Raphael-Leff (1997) a mulher, ao descobrir-se grávida, é levada às profundezas de seu psiquismo e suas fantasias, sonhos e vida emocional passam a ser permeados por imagens inconscientes de sua história. O significado da concepção muda de mulher para mulher e, seja como for que esta ocorra, a gestação é uma experiência essencialmente feminina, que compromete todas as esferas de sua experiência corporal e psíquica. Fisicamente, a criança é implantada em seu corpo, que sofrerá mudanças; psiquicamente, a criança é colocada em seu mundo interior inconsciente, significando suas fantasias.

Maldonado (1976) considera que é a partir do momento da percepção (consciente ou inconsciente) da gravidez que a formação da relação mãe-filho e das modificações da intercomunicação familiar se inicia, começando, também, a instalação de um sentimento básico desse período: a ambivalência afetiva. Esta é gerada pela perspectiva de grandes mudanças envolvendo perdas e ganhos, no período gestacional. De acordo com Szejer e Stewart (2002) este sentimento de ambivalência está inscrito na estrutura do inconsciente e na linguagem de cada

indivíduo, mas, como esse saber não é divulgado, muitas mulheres se culpam por estarem com esse sentimento.

A gestante, principalmente a que espera o primeiro bebê, possui uma ansiedade característica desse período. No entanto, por mais que essa ansiedade faça parte do processo normal de adaptação à gravidez, se aliada às situações de estresse, pode afetar a forma como a mulher se sente em relação a si própria e à criança, e liberar hormônios do estresse. Isso pode criar sintomas que assustem a mulher, interferindo na gestação (KLAUS; KENNEL; KLAUS, 2000).

De acordo com os autores supracitados, alguns fatores influenciam a maneira como a mulher se sente em relação às mudanças deste período, tais como: se a gravidez foi planejada, se a mulher mora com o pai do bebê, se tem outros filhos ou se recebe apoio da família, entre outros. Qualquer estresse que faça com que a grávida se sinta pouco apoiada ou desperte nela preocupações quanto à saúde e sobrevivência do feto e de si própria, poderá interferir na preparação para a chegada do bebê ou na formação do vínculo. Os sintomas físicos envolvidos na gravidez e no trabalho de parto podem ser afetados pelo medo e o estresse, assim como por emoções conscientes e inconscientes.

Finalmente, muitas vezes, ao invés de sentir apenas alegria com a confirmação da gravidez ou ao ver seu bebê pela primeira vez, a reação da mulher não corresponde ao que é idealizado no mito da maternidade feliz. É muito comum que a mãe experimente sentimentos em que se misturam contentamento, surpresa e desagrado, o que por vezes, faz com que ela se recrimine (MALDONADO; DICKSTEIN; NAHOUM, 1997).

3 O MITO DO AMOR MATERNO

Afirma-se, com muita naturalidade, que o amor materno é um sentimento inato à natureza da mulher. Portanto, todas as mulheres deveriam vivenciar esse sentimento, independentemente da cultura, condições objetivas e subjetivas vivenciadas, ou de quaisquer contingências. Dessa forma, se o amor materno é algo inerente a todas as mulheres, aquelas que abandonam seus filhos, ou os colocam para adoção, possuem algum desvio ou patologia, pois uma mulher “normal”

passaria por privações, dificuldades e inúmeros riscos, mas não cometeria tal ato. Esse pensamento é repetido e reproduzido no senso comum, lançando nas mulheres que não podem ou não desejam ter filhos o sentimento de culpa e do dever de manter a criança sob seus cuidados a qualquer custo (SANTOS, 1998).

O amor materno, de acordo com Badinter (1985), não é um sentimento inerente à condição de mulher, portanto, deve ser adquirido. Pode-se afirmar que o amor materno, tal como é visto hoje, é produto da evolução social desde o princípio do século XIX, uma vez que nos séculos XVII e XVIII o próprio conceito do amor da mãe aos filhos era outro. Nessa época, as crianças geralmente eram entregues às amas desde tenra idade para serem criadas por elas, e só voltavam ao lar depois dos cinco anos. Assim, como todos os sentimentos humanos, o amor materno varia de acordo com as variações sócioeconômicas da História, uma vez que, a forma como ele é visto atualmente é diferente da forma como era visto no século passado, que é diferente da forma como será visto futuramente, e assim por diante. A maternidade segundo os antropólogos e sociólogos, é um constructo social e cultural, que dita não só a maneira de criar os filhos, mas também, quem irá fazê-lo (FORNA, 1999).

Dessa forma, apesar do crescente questionamento sobre o amor materno inato e incondicional, a visão da mãe ideal ainda é bastante presente na literatura e no senso comum (BADINTER, 1985). Essa insistência em que o amor materno é algo “natural” entra em choque com a vivência de muitas mães, o que gera nessas mulheres muita angústia e sofrimento.

A maternidade, como vem sendo idealizada até os dias atuais, tem influência direta no surgimento de distúrbios no período pós-parto. Essas pressões culturais que as mulheres sofrem associadas ao sentimento de incapacidade de adequarem-se a uma visão romanceada desse estado, acabam deixando-as ansiosas e culpadas, provocando, dessa maneira, conflitos que predisporiam os distúrbios puerperais. Dessa forma, a mulher que sofre algum desses distúrbios estaria apenas exercendo seu choque, desapontamento e indignação por não estarem sentindo toda a emoção e felicidade mostradas nos filmes, nos livros, nas brincadeiras da infância, nas propagandas de fralda e aleitamento materno. Assim, pode-se entender que as transformações culturais no papel da mulher, o mito do amor

materno e o desenvolvimento da gravidez e do parto, possuem uma estreita relação com os distúrbios do puerpério (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

4 TRANSTORNOS MENTAIS DO PUERPÉRIO

O puerpério é uma fase de intensas mudanças no âmbito social, psicológico e físico da mulher, que se inicia após o parto e que dura aproximadamente três meses (MALDONADO, 1997). Esta fase pode se estender no caso das mulheres que vão dar à luz pela primeira vez, uma vez que a falta de experiência, a ansiedade, o medo, podem produzir um quadro de instabilidade maior do que o “normal”.

A mulher, nesse período, se encontra exposta a maiores riscos de surgimento de transtornos mentais em comparação a outras fases da vida. Isso ocorre porque na fase puerperal as defesas tanto físicas quanto psicossociais da mãe estão direcionadas à proteção e vulnerabilidade do bebê (ZANOTTI et al. apud SILVA; BOTTI, 2005).

Com o nascimento do bebê, as alterações intra e interpessoais que ocorrem se processam num ritmo acelerado e em todos os âmbitos, tanto na família quanto na mulher. De acordo com Maldonado (1976), os primeiros dias após o parto são caracterizados por inúmeras emoções e expectativas vivenciadas pela mulher. Esse turbilhão de sentimentos provoca uma instabilidade emocional que se alterna entre a euforia e a tristeza.

[...] As primeiras vinte e quatro horas constituem um período de recuperação da fadiga do parto. A puérpera sente-se em geral debilitada e confusa, principalmente quando o parto é feito sob narcose. A sensação de desconforto físico devido a náuseas, dores e ao sangramento pós-parto é particularmente intensa, lado a lado com a excitação pelo nascimento do filho (MALDONADO, 1976, p.46).

A gravidez confere à mulher um sentimento de completude e de que o bebê é parte integrante de si. O parto, por sua vez, faz com que a mãe vivencie a sensação de mutilação do próprio corpo, o que pode ocasionar uma deficiência psicológica permanente. Vários fatores são considerados como determinantes para

um desfecho saudável do puerpério. Pode-se citar como exemplo uma boa relação familiar, o desejo e planejamento da gravidez, entre outros. (MALDONADO, 1997).

Os sentimentos de ansiedade, expectativa, realizações, projeções, marcam a experiência do nascimento do bebê. O puerpério é uma fase marcada pela instabilidade emocional e vulnerabilidade feminina. Mesmo com o ritmo acelerado das mudanças na fase puerperal, surgem diversas exigências culturais, sociais, familiares e pessoais em relação à mulher, no que diz respeito ao desempenho adequado das funções maternas, ou seja, mesmo vivenciando um período de fragilidade, cabe à mulher a satisfação e o reconhecimento holístico das necessidades e demandas do bebê (ROCHA, 1999 apud SILVA; BOTTI, 2005).

Deve-se ressaltar que as condições sociais atuais favorecem situações estressantes para a saúde da mulher, uma vez que o ritmo acelerado possibilita a produção de sentimentos de ansiedade, expectativa, frustração, preocupações, tanto no âmbito pessoal e familiar quanto no de trabalho. A inserção da mulher no mercado de trabalho e o surgimento na maioria das vezes de jornadas extensas e dedicadas ao desenvolvimento profissional constituem fatores limitantes à realização de ações integralistas dos cuidados puerperais, principalmente quando se trata de famílias com condições sócio-econômicas desfavoráveis (SILVA; BOTTI, 2005).

Para os estudiosos da área os transtornos do puerpério não são considerados distúrbios mentais específicos dessa fase, mas sim associados a ela, uma vez que o parto atua como um fator desencadeante devido à fragilidade psicológica à qual a mulher se expõe. Os transtornos são classificados da seguinte maneira: Síndrome da Tristeza Pós-Parto; Depressão Puerperal ou Pós-Parto e Psicose Puerperal (ZANOTTI et al. apud SILVA; BOTTI, 2005).

De acordo com Kaplan e Sadock (1999 apud SILVA; BOTTI, 2005), a etiologia dos transtornos puerperais envolvem fatores orgânicos ou hormonais, psicossociais e a predisposição da mulher. As alterações hormonais que se processam após o nascimento do bebê, são marcadas pela queda brusca dos hormônios progesterona e estradiol, além da redução de cortisol sérico, relacionado a uma diminuição elevada das atividades secretoras da glândula pituitária imediatamente após o parto. Os fatores psicossociais, por sua vez, envolvem o estresse vivenciado nas transformações puerperais (como as mudanças na rotina

ocorridas com a chegada do bebê, por exemplo) o que contribui para a intensificação dos sintomas psíquicos. Outro fator que merece ser investigado é o histórico de infertilidade, uma vez que em muitos casos pode funcionar como potencializador de risco. Além disso, predisposição também é um fator relevante na etiologia dos transtornos psiquiátricos puerperais. Deve-se destacar que primiparidade e história familiar e pessoal de transtorno mental pós-parto são situações que expõem a puérpera ao maior risco de adoecimento.

[...] Um outro aspecto importante é que, para a mãe, a realidade do feto *in útero* não é a mesma realidade do bebê recém-nascido e para muitas mulheres é difícil fazer esta transição; especialmente as que apresentam forte dependência infantil em relação à própria mãe ou ao marido, podem facilmente gostar do filho enquanto ainda está dentro delas e amar uma imagem idealizada do bebê mas não a realidade do recém-nascido (MALDONADO, 1976, p. 47).

O confronto com o bebê real pode trazer sentimentos ambivalentes de várias intensidades após o parto. Além disso, a tensão e as dores vividas no parto, as mudanças emocionais e bioquímicas dessa fase e a responsabilidade diante da dependência e fragilidade do bebê também contribuem para que a mãe experimente sentimentos ambivalentes, oscilando entre a tristeza e a alegria (MALDONADO; DICKSTEIN; NAHOUM, 1997).

Na volta para casa, entram em questão as novas obrigações e o estado mental da mulher é de confusão, fadiga, despersonalização e pode ser acompanhado de depressão e choro, fazendo com que o apoio familiar seja indispensável. Em condições psicológicas normais, no decorrer do primeiro mês a mulher vai saindo lentamente desse estado, com o ego voltando a se integrar, embora as ansiedades, como as referentes à lactação e ao seu corpo, ainda permaneçam (SOIFER, 1992).

4.1 TRISTEZA MATERNA (*BABY BLUES*)

De acordo com Beretta et al. (2008), a tristeza materna, também conhecida como *baby blues* ou tristeza puerperal acomete de 50% a 85% das mulheres, mas, devido ao tabu mencionado anteriormente (Mito do Amor Materno), pode se

imaginar um índice ainda maior (IACONELLI, 2005). Atualmente, na Classificação Internacional de Doenças (CID – 10), o *baby blues* pode ser incluído entre os transtornos de ajustamento (CLASSIFICAÇÃO..., 1993). Surgem sintomas como irritabilidade, mudanças bruscas de humor, indisposição, tristeza, insegurança, baixa autoestima e a sensação de incapacidade de cuidar do bebê. O que a distingue da depressão pós-parto é a gravidade dos quadros.

Segundo Iaconelli (2005), a tristeza materna é um estado de humor depressivo coerente com a difícil tarefa de elaboração psíquica a qual a mulher é submetida (transformação da filha em mãe, transformação da auto-imagem corporal, administração da relação entre a sexualidade e a maternidade).

Durante a gestação, a mulher e o companheiro/família passam por uma série de mudanças em suas vidas que pode ser caracterizada como um momento de crise. Geralmente nessa fase, surge a necessidade de ser acolhido e identificado por pessoas que vivenciam as mesmas situações que as suas. A intensidade das alterações psicológicas depende de fatores familiares, conjugais, sociais, culturais e da personalidade da gestante. O envolvimento do marido, parceiro, mãe, sogra, familiares, amigos, e até mesmo dos profissionais de saúde com a nova mãe pode significar apoio ou indicar o quanto a mãe está inapta para realizar os cuidados de si e do filho (BERETTA et al., 2008).

Segundo Oliveira et al. (2004) citado por Amorim (2010), a tristeza materna gira em torno de dois pólos: o negativo, no qual predominam sentimentos de incapacidade, tristeza e melancolia e o pólo positivo, no qual estão presentes sentimentos de alegria e bem estar, caracterizando desta forma a tão frequente labilidade emocional. Normalmente é um quadro em que não há necessidade de intervenção farmacológica, e a abordagem é direcionada no sentido do suporte emocional à puérpera, compreensão e auxílio nos cuidados com o bebê (GONÇALVES, 2008 apud AMORIM, 2010).

No que se refere à etiologia, o autor supracitado sugere que a presença de problemas emocionais durante a gestação, algumas características de personalidade, como a ansiedade, reações negativas inerentes ao parto e à chegada do bebê (por exemplo, sua aparência física) e a dificuldade em cuidar dele, têm sido descritas como variáveis associadas ao desenvolvimento da tristeza pós-

parto, bem como as variações hormonais que ocorrem na mulher no momento que se segue ao parto.

De acordo com Iaconelli (2005, p. 5), o apoio da família é essencial para que a mulher se sinta acolhida e que os sintomas desse quadro seja passageiro:

[...] O que as pessoas próximas podem fazer diante do humor depressivo que comumente se apresenta no pós-parto? Primeiro, a família pode ajudar sendo compreensiva e apoiando a mãe neste momento único, sem cobrar atitudes idealizadas pela mídia. A mídia tende a glorificar o papel da mãe e tratar o humor depressivo da mulher como da ordem da patologia. Basta vermos as propagandas e matérias veiculadas nos meios de comunicação que encontraremos a mãe que amamenta sem dificuldades ou desconforto, a mãe sentindo-se realizada e completa, sentindo-se linda. No entanto, o que a mãe de um recém-nascido menos sente é completude. Uma gestante pode sentir-se assim e é o que se espera em algumas fases da gestação. Já a mãe de bebê vive exatamente o oposto, ela vive a incompletude, o vazio da barriga, a separação. Ela precisará de um tempo até que possa preencher este espaço. São necessários todo apoio e compreensão para que a mãe recém nascida saiba que não há nada de errado com ela. Ser aceita em sua natureza de mãe ajuda muito a diminuir o mal estar, encurtando o baby blues drasticamente.

A tristeza materna não se trata de uma perturbação psicopatológica, mas sim algo natural e adaptativo, que favorece inclusive a aproximação mãe-bebê (CANAVARRO, 2001 apud AMORIM, 2010). Estudos revelam que a tristeza materna deve ser diferenciada da depressão pós-parto, por ser um transtorno normal e passageiro (ROCHA, 1989 apud FELICE, 2008).

4.2 DEPRESSÃO PÓS-PARTO

A depressão pós-parto (DPP) é um quadro clínico severo que demanda acompanhamento psicológico e psiquiátrico, uma vez que, devido à gravidade dos sintomas, pode ser necessário o uso de medicação. A intensidade da experiência vivida pela mulher faz com que todo o ciclo gravídico-puerperal seja considerado como um período de risco ao psiquismo, sendo que essa experiência pode incidir sobre psiquismos mais ou menos estruturados (IACONELLI, 2005). A DPP se encontra clinicamente identificada com os Transtornos Depressivos descritos no DSM V (MANUAL..., 2014).

Geralmente, a depressão puerperal se inicia durante o primeiro ano do período pós-parto, havendo maior incidência entre o primeiro e o segundo mês após o nascimento do bebê. Irritabilidade, choro frequente, sentimentos de desamparo, falta de esperança e incapacidade de lidar com as novas solicitações, falta de energia e motivação, desinteresse sexual, transtornos alimentares e do sono e ansiedade são os sintomas mais comuns dessa doença (SCHMIDT; PICCOLOTO; MÜLLER, 2005).

A literatura indica, de maneira geral, que a depressão pós-parto tende a ser leve ao longo do primeiro ano após o nascimento do bebê. No entanto, por mais que seja leve, pode trazer muito prejuízo para a nova mãe, porque faz com que frequentemente não seja diagnosticada, podendo eventualmente tornar-se tão severa que pode ser necessária uma internação. A severidade da depressão pode estar relacionada com uma forte frustração das expectativas da maternidade, com o papel materno, com o bebê e com o tipo de vida que se estabelece com a chegada da criança (BERETTA et al., 2008).

Os principais fatores etiológicos da depressão puerperal são, geralmente, aqueles de natureza psicológica e social. Problemas com os pais, problemas nas relações interpessoais (principalmente a relação conjugal), dificuldades de tipo social, antecedentes depressivos e sentimentos de ambivalência com relação à gravidez estão entre os fatores de risco mais frequentemente associados a esse quadro (JADRESIC, 1990 apud FELICE, 2008). Husain et al. (2006, apud FELICE, 2008) constataram que altos escores de depressão pós-parto estavam relacionados com precário suporte social, eventos de vida estressantes no ano anterior à gravidez e altos níveis de sofrimento psíquico no período pré-natal.

Reck et al. (2004 apud FELICE, 2008, p.185), constataram que

[...] a interação entre mães com depressão puerperal e seus filhos é caracterizada por falta de respostas maternas, passividade ou intrusão, retração e evitação, assim como por baixo nível de expressão afetiva positiva. Dessa forma, uma capacidade prejudicada de regular o afeto da criança é demonstrada por mães deprimidas.

O diagnóstico precoce é essencial e, para isso, faz-se necessário um acompanhamento em todo ciclo gravídico-puerperal, sendo a melhor forma de evitar,

suavizar ou reduzir a depressão pós-parto. O que a difere da tristeza materna é a gravidade desse quadro e o que ela tem de incapacitante, afetando a funcionalidade da mãe e pondo em risco o seu próprio bem-estar e, conseqüentemente, o do bebê. A depressão pós-parto é fator de risco para a saúde mental do bebê e, portanto, merece toda atenção, além da evidente necessidade de cuidados à mulher (IACONELLI, 2005).

4.3 PSICOSE PUERPERAL

A psicose puerperal é um quadro psicopatológico de alta gravidade, com alteração de humor e modificação do teste de realidade, que é manifestada por meio de ideação delirante, alucinações e alterações cognitivas, cuja incidência é de apenas um a dois a cada mil partos (0,1 a 0,2%) (ROCHA, 1989 apud FELICE, 2008). Agressão materna, negligência, pensamentos e/ou comportamentos infanticidas são observados nas pacientes com sintomas psicóticos (RECK et al., 2004 apud FELICE, 2008). A psicose puerperal é o transtorno mais grave do puerpério e tem o início rápido, cujos sintomas se instalam nos primeiros dias até duas semanas após o parto. Vale ressaltar que a porcentagem de psicose pós-parto é maior no caso de mulheres bipolares (CANTILINO et al., 2009).

Para o diagnóstico precoce é fundamental a presença dos seguintes sintomas: hiperatividade, pouca necessidade de descanso, irritabilidade, alucinações, dificuldade de concentração e discurso muito rápido (FEINENMANN, 2001 apud AMORIM, 2010). De acordo com Cantilino et al. (2009, p. 290) “[...] entre os fatores de risco para psicose puerperal, estão a primiparidade, complicações obstétricas e antecedentes pessoais ou familiares de transtornos psiquiátricos, sobretudo outros transtornos psicóticos”.

Segundo Iaconelli (2005), para essas mulheres, não é recomendado o aleitamento materno. Nos transtornos psiquiátricos mais graves, faz-se necessário que a família seja acionada para que alguém se responsabilize de atender às necessidades do bebê, uma vez que, para a mulher em surto, ele não existe enquanto tal. Ele passa a ser um espaço vazio, preenchido por elementos do

psiquismo da mãe, cindidos do real. Os parentes precisam ser alertados, pois há risco de vida para a mãe e para o filho.

Muitas gestantes “normais” têm fantasias persecutórias em relação ao roubo do bebê ou a medos sem fundamento. Isto é esperado e é apenas uma projeção de suas próprias fantasias ambivalentes nos outros, não correspondendo, assim, a um quadro psicótico. No caso da psicose, a angústia é insuportável, e podem surgir rituais obsessivos e pensamento desconexo. Histórico psiquiátrico com surtos anteriores é um forte fator de risco para esse quadro (IACONELLI, 2005).

A maior frequência de infanticídio está associada a episódios psicóticos no período puerperal, com alucinações de comando ou delírios de possessão envolvendo o bebê (MANUAL..., 2014). Segundo Cantilino et al. (2009, p. 290)

[...] O infanticídio geralmente ocorre quando ideias delirantes envolvem o bebê, como ideias de que o bebê é defeituoso ou está morrendo, de que o bebê tem poderes especiais ou de que o bebê é um deus ou um demônio. Devem ser sempre investigados nos quadros de psicose pós-parto comportamento negligente nos cuidados com o bebê e ideias suicidas e infanticidas.

No que se refere ao prognóstico, observa-se que 20% das mulheres têm remissão completa e não apresentam recorrências. Alguns estudos apontam que 18% a 37% das mulheres sofrem recorrência e pode haver um episódio subsequente fora do pós-parto, e 38% a 81% podem sofrer algum transtorno psicótico ou afetivo. Como o quadro da psicose puerperal é grave, faz-se necessário, em grande parte dos casos, a internação hospitalar. No entanto, as causas orgânicas devem ser excluídas e o tratamento deve ser o mesmo que o recomendado para pacientes psicóticos agudos (CANTILINO et al., 2009).

A eletroconvulsoterapia tem sido descrita na literatura como uma opção relevante de efeito rápido e robusto no tratamento dos quadros de psicose puerperal. Essa terapia permite minimizar o período sintomático e restabelecer tão cedo quanto possível a normalidade da relação mãe-bebê, além de possibilitar a continuação da amamentação (MADEIRA et al., 2012).

6 CONCLUSÃO

A gravidez consiste em um período de complexidade e riqueza de sentidos que só podem ser interpretados dentro do contexto da história particular de cada gestante. Dessa forma, cada gravidez tem uma história e cada mulher vivencia essa experiência de uma maneira única. As transformações culturais no papel da mulher, o mito do amor materno e o desenvolvimento da gravidez e do parto, podem ser entendidas como possíveis etiologias dos distúrbios do puerpério. Após esta revisão bibliográfica sobre o assunto, foi possível verificar que a gravidez e o puerpério são períodos em que a mulher está sujeita a várias alterações físico/hormonais e psicossociais. Pode se observar um número maior de estudos sobre a Depressão Pós-parto, sendo este o mais conhecido entre as mulheres. Há ainda uma escassez de pesquisas sobre a Síndrome da Tristeza materna, sendo esta ainda confundida com a Depressão pós-parto, mesmo entre os profissionais da rede de saúde. Isso nos mostra, o quão importante são essas discussões para que se possa pensar em estratégias de intervenção buscando o esclarecimento e a sensibilização para a criação de suportes sociais (família, companheiro, profissionais da saúde) que previna estes quadros no puerpério, possibilitando que a mulher possa inaugurar a fase da maternidade com qualidade de vida afetiva para a mãe e o bebê.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, S. P. T. **Tristeza pós-parto – importância do diagnóstico precoce.** 2010. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Fernando Pessoa, Ponte Lima, 2010. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1574/1/MONO_17381.pdf> Acesso em: 27 out. 2015
- AZEVEDO, K. R; ARRAIS, A. R. O Mito da Mãe Exclusiva e seu Impacto na Depressão Pós-Parto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 2, p 269-276. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a13v19n2>> Acesso em: 27 out. 2015.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BERETTA, M. I. R. et al. Tristeza/depressão na mulher: uma abordagem no período gestacional e/ou puerperal. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 10, n. 4, p. 966-978, 2008. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/pdf/v10n4a09.pdf>> Acesso em: 27 out. 2015.

BRAZELTON, B. T.; CRAMER, B. G. **As primeiras relações**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CANTILINO, A. et al. Transtornos psiquiátricos no pós-parto. **Rev. Psiq. Clín.**, v. 37, n. 6, p. 278 – 284, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n6/a06v37n6.pdf>> Acesso em: 04 dez. 2015.

CLASSIFICAÇÃO de Transtornos mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.

FELICE, E. M. A depressão puerperal: um desafio para o profissional da saúde mental. In: LANGE, E.S.N. (org.). **Contribuições à Psicologia Hospitalar: desafios e paradigmas**. São Paulo: vetor, 2008.

FORNA, A. **Mãe de todos os mitos**: como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

IACONELLI, V. Depressão Pós-Parto, Psicose Pós-Parto e Tristeza Materna. **Revista Pediatria Moderna**, Julho-Agosto, v. 41, n. 4, 2005. Não paginado. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1927.pdf>> Acesso em: 21jun. 2018.

KLAUS, M. H.; KENNEL, J. H.; KLAUS, P. H. **Vínculo**: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MALDONADO, M. T. P. **Psicologia da gravidez**: parto e puerpério. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____.; DICKSTEIN, J.; NAHOUM, J. C. **Nós estamos grávidos**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

MADEIRA, N.; et al. Eletroconvulsoterapia no tratamento da psicose puerperal. **J. Bras. Psiquiatr.**, v. 61, n. 1, p. 45-48, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v61n1/09.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2018.

MANUAL de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. Porto alegre: Artmed, 2014.

RAPHAEL-LEFF, J. **Gravidez**: a história interior. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTOS, L. S. **Adoção**: da maternidade à maternagem uma crítica ao mito do amor materno. Revista Serviço Social & Sociedade, nº 57, Ano XIX, São Paulo, Cortez Editora, julho 1998, p. 83-109.

SCHMIDT, E. B.; PICCOLOTO, N. M.; MÜLLER, M. C. Depressão Pós-Parto: fatores de risco e repercussões no desenvolvimento infantil. **Psico-USF**, v. 10, n. 1, p. 61-68, jan./jun. 2005. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v10n1/v10n1a08.pdf>> Acesso em: 27 out. 2015.

SILVA, E. T; BOTTI, N. C. L. Depressão Puerperal: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 7, n. 2, p. 231 – 238, 2005. Disponível em:
<https://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista7_2/pdf/REVISAO_01.pdf>
Acesso em: 27 out. 2015

SOIFER, R. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher**: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.